

ACADÊMICA  
Série

# O TESTEMUNHO E O LEGADO DE PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

Francilaide de Queiroz Ronsi  
José Carlos dos Santos  
*Organizadores*



LETRACAPITAL



FRANCILAIDE DE QUEIROZ RONSI

Doutorado e Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Pós-Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2118947389116019> e

ORCID

ID: <https://orcid.org/0000-0003-4346-0472>.

E-mail:

[francilaide@puc-rio.br](mailto:francilaide@puc-rio.br).



JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto da Universidade Regional do Cariri (URCA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/1643547013261487>.

E-mail:

[josecarlos@ifce.edu.br](mailto:josecarlos@ifce.edu.br).

*Francilaide de Queiroz Ronsi*  
*José Carlos dos Santos*

ORGANIZADORES

O TESTEMUNHO E O LEGADO DE  
PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

LETRCAPITAL

Copyright © Francilaide de Queiroz Ronsi e José Carlos dos Santos (Orgs.), 2024

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,  
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização  
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Escultura: Mestre Everaldo Silva

Foto: Marcelo Fraga

Diagramação: Luiz Guimarães

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO

Luiz Guimarães

REVISÃO

Dos Autores

Esta obra foi publicada com o Apoio da CAPES/PROAP -  
Programa Apoio à Pós-Graduação  
Auxílio nº 1445/2023 – Processo nº 88881.846941/2023-01



---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

T326

O testemunho e o legado de padre Cícero Romão Batista [recurso eletrônico] / organização Francilaide de Queiroz Ronsi, José Carlos dos Santos, sob coordenação de Waldecir Gonzaga. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2026.

Recurso digital ; 2 MB

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-327-3 (recurso eletrônico)

1. Cícero, Padre, 1844-1934. 2. Juazeiro do Norte (CE) - Usos e costumes religiosos. 3. Livros eletrônicos. I. Ronsi, Francilaide de Queiroz. II. Santos, José Carlos dos.

26-105034.0

CDD: 922.21

CDU: 929:2-725 (813.1)

---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

<http://dx.doi.org/10.56257/lcbk.978-65-5252-327-3>

LETRA CAPITAL EDITORA  
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781  
[www.letracapital.com.br](http://www.letracapital.com.br)

Conselho Editorial  
*Série Letra Capital Acadêmica*

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)  
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)  
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)  
Claudio Cezar Henriques (UERJ)  
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)  
João Luiz Pereira Domingues (UFF)  
João Medeiros Filho (UCL)  
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)  
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)  
Lina Boff (PUC-Rio)  
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)  
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)  
Michela Rosa di Candia (UFRJ)  
Olavo Luppi Silva (UFABC)  
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)  
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)  
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)  
Robert Segal (UFRJ)  
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)  
Sandro Ornellas (UFBA)  
Sergio Azevedo (UENF)  
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)  
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

# Sumário

Prefácio .....	7
<i>Maria do Carmo Pagan Forti</i>	
Apresentação.....	13
<i>Francilaide de Queiroz Ronsi</i>	
<i>José Carlos dos Santos</i>	
Por ocasião dos 180 anos do nascimento do Padre Cícero: sua vida e seu legado.....	21
<i>Paulo Fernando Carneiro de Andrade</i>	
Padre Cícero: mestre da compaixão e conselheiro do sertão.....	40
<i>José Carlos dos Santos</i>	
Padre Cícero: a figura do Conselheiro no Catolicismo Popular Sertanejo do Nordeste brasileiro - final do século XIX e início do século XX .....	58
<i>João Everton da Cruz Santos</i>	
Padre Cícero e o desafio da tríplice missão: sacerdócio, profecia e poder.....	82
<i>Josineide Silveira de Oliveira</i>	
Padre Cícero Romão Batista: uma pessoa para além de seu tempo. Será mesmo? .....	99
<i>Francilaide de Queiroz Ronsi</i>	
Romarias e Padre Cícero: configurações do catolicismo.....	123
<i>Carlos Alberto Steil</i>	
O Padre Cícero entre a religião e a política: estilo de liderança e pacto sociorreligioso do Juazeiro .....	138
<i>Marcelo Ayres Camurça</i>	
Padre Cícero e a ecologia integral .....	156
<i>Cieusa Maria Calou e Pereira</i>	

Padre Cícero e a Teologia da Enxada: afirmação do Cristianismo Místico Beato.....	175
<i>Artur Peregrino</i>	
Maria de Araújo: A Santa preta violentada .....	189
<i>Carlos Alberto Tolovi</i>	
90 anos da morte do Padre Cícero Romão Batista “Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação”	
<i>Dom Magnus Henrique Lopes, OFMCap</i> .....	205
Posfácio.....	209
<i>Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros</i>	
Nominata.....	211

# Prefácio

*Maria do Carmo Pagan Forti<sup>1</sup>*

**A**inda impactada pela leitura deste livro, para cumprir a tarefa que me foi confiada de escrever um prefácio, quero pedir licença para fazer uma digressão, pois só assim, poderei (espero que consiga) demonstrar a importância do que acabo de ler.

Quero rememorar os Simpósios Internacionais patrocinados pela Universidade Regional do Cariri – URCA, através do IPESC – Instituto de Pesquisa José Marrocos, ligado à Reitoria, algumas vezes com o concurso da Diocese de Crato, outras sem ela, mas sempre com o olhar atento, crítico e solidário do Mons. Murilo de Sá Barreto, pároco da Paróquia Nossa Senhora das Dores de Juazeiro do Norte, enquanto estava vivo.

São já 6 Simpósios. A cada Simpósio elegemos um tema! Um objeto de estudo! Um espaço da realidade a ser iluminado e – esta é a grande riqueza – de diversos pontos de vista.

- I Simpósio Internacional “Padre Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte”. De 17 a 20 de abril de 1988.
- II Simpósio Internacional “Juazeiro do Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo: um contexto de milagre”. De 15 a 19 de setembro de 1989.
- III Simpósio Internacional “Padre Cícero do Juazeiro: E... quem é ele?”. De 18 a 22 de julho de 2004.
- IV Simpósio Internacional “Padre Cícero: e... onde está ele?”. De 16 a 20 de setembro de 2014.
- V Simpósio. “Padre Cícero. Reconciliação... e agora?” De 21 a 24 de maio de 2015.
- VI Simpósio Internacional Padre Cícero e I Simpósio Internacional Religiões e Espiritualidades: Pluralismo Religioso e Cosmovisões no Nordeste. De 16 a 20 de março de 2023.

---

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia da Religião pela Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa.

Algumas vezes o Simpósio enfatizava a realidade dos romeiros, outras da Beata Maria de Araújo, mas sempre o Padre Cícero era o mote principal. Esses Simpósios cumpriram uma tarefa importantíssima no âmbito dos estudos da rica realidade de Juazeiro e da questão religiosa: fizeram com que mais e mais pesquisadores estudassem esse fenômeno e aos poucos a história real dos diversos personagens foram sendo desveladas. História real? Sim, porque se hoje reclamamos e nos indignamos com as *fake news*, elas eram terríveis durante a existência do Padre Cícero e ainda muito depois dele. A deturpação da história de Juazeiro começou especialmente a partir do fenômeno do sangramento da hóstia na boca da Beata Maria de Araújo e atingiam de forma dolorosa a vida do Padre Cícero, de Mons. Monteiro, reitor do Seminário de Crato, de José Marrocos, de quantos se posicionavam a favor do milagre – padres e leigos – e, claro, também da Beata.

Portanto, a primeira tarefa dos pesquisadores era “limpar o terreno”. Até certo ponto, não era uma tarefa tão difícil porque as posições estavam claras. Identificamos os que eram a favor e os que eram contra. E aos poucos conseguimos (sim, me incluo nisso) esclarecer muitos pontos. Não, o Padre Cícero não foi um heresiarca sinistro. Não era teimoso. Não era aliciador de fanáticos. Não era embusteiro. Não era coronel que submetia as pessoas ao seu mando. Maria de Araújo não cometeu delitos contra a sagrada eucaristia, não mentiu, não fraudou... Nem José Marrocos, nem Mons. Monteiro. Não foram enganados pelas “horríveis beatas daquele lugar”.

Hoje é fácil dizer tudo isso, mas naquela época demonstrar, comprovar e asseverar tudo isso eram “outros quinhentos”. Durante os 36 anos que nos separam do primeiro Simpósio, muito trabalho foi feito. Muito foi estudado e muito foi publicado. As vozes contrárias ainda queriam se fazer ouvir, mas especialmente com a consulta aos documentos originais a argumentação dos “a favor” tornou-se inquestionável. E começamos a ouvir do lado de lá um silêncio ensurdecedor.

A história dessa documentação também é interessante. Desde que chegaram a Juazeiro as Ir. Ana Teresa e Annette se empenharam em conseguir cópias de documentos que estavam em poder dos Salesianos, e também os que estavam no célebre baú na Diocese de Crato. Neste baú estava a cópia dos inquiritos (o primeiro conduzido pelos

padres Costa Lobo e Antero e o segundo por Padre Alexandrino) encomendados pelo Bispo Dom Joaquim para avaliar a veracidade do sangramento da hóstia, além de mais cartas. Tudo o que elas conseguiam, inclusive livros sobre o assunto, conservavam no Centro de Psicologia da Religião (hoje Centro de Pesquisa em Religião Irmã Annette Dumoulin – Irmã Ana Teresa) e facilitavam o acesso a todas e todos que queriam pesquisar sobre o assunto.

Também Renato Dantas, Daniel Walker e Renato Casimiro possuíam documentos importantes e também permitiam o acesso a eles a quem quisesse pesquisar.

Desnecessário dizer que essas consultas aos arquivos eram precedidas ou permeadas de muita conversa sobre o assunto. Uma riqueza imensa!

Até que em 2000, o Cardeal Ratzinger, então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, pediu a Dom Newton Gurgel, Bispo do Crato, que abrisse o acervo da Diocese para pesquisas. O Padre Roserlândio, encarregado, viu-se com uma tarefa hercúlea. Desfazer centenas de rolos de documentos que desde 1915 estavam no Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes, intocados. Eram as cartas e documentos que Dom Joaquim tinha em seu poder, referentes aos fatos de Juazeiro e quando da criação da Diocese de Crato foram a ela encaminhados. Permaneceram por quase 100 anos da forma como chegaram. Por estarem intocados, estavam preservados.

Quando da vinda de Dom Fernando Panico à Diocese, em 2001, substituindo Dom Newton, o trabalho com os arquivos se intensificou dado seu interesse em “fazer justiça com os romeiros e romeiras” estudando tudo que dissesse respeito aos fatos de Juazeiro e adjacências e para isso criou a Comissão de Estudos para a reabilitação histórico-ecclesial do Padre Cícero. Cientistas e pesquisadores de todo Brasil (eram 17 pessoas) foram convidados a fazer parte dessa comissão e os que moravam na Diocese de Crato encarregavam-se, junto com Padre Roserlândio, de “desenrolar” os documentos do arquivo. Ir. Annette separava os documentos que diziam respeito diretamente aos fatos de Juazeiro, digitalizava-os para depois transcrevê-los, digitando. A digitalização era importante para se conseguir decifrar algumas letras quase ilegíveis. Ela e Ir. Ana Teresa, transcreveram 745 documentos

que hoje estão acessíveis a quem quiser e foram publicadas nos volumes CASIMIRO, Antônio R. S. (Org.). *Padre Cícero e os fatos do Juazeiro: a questão religiosa*. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2012.

Alguns anais desses Simpósios foram publicados e há um projeto de colocar todas as conferências de todos eles em um site na internet, o que facilitará ainda mais a consulta.

Em resumo, o trabalho dos primeiros pesquisadores foi devolver a verdadeira história das gentes de Juazeiro, dos romeiros e das romeiras e do Padre Cícero, também da Beata Maria de Araújo, ao povo.

Renato Dantas me dizia: “Hoje eu me sinto aliviado por ter certeza de que eu não nasci numa cidade que, diziam, era fruto de um embuste”.

Mas, o que tudo isto tem a ver com o impacto que este livro me causou?

Na abertura do III Simpósio Internacional sobre Padre Cícero do Juazeiro. E... quem é ele?, Dom Fernando Panico dizia, citando Merleau-Ponty:

verdade é aquilo que se desoculta da opacidade do mundo vivido, que se mostra, se evidencia. É certo que algumas vezes esse ver da evidência surge apenas depois de um suposto ver. Quantas teorias já se superaram por terem sido ainda um suposto ver. Mas sempre é tempo.... ‘Pode-se então corrigir o erro e isto em nome da verdade’. Não se trata, porém, de uma verdade única, desenraizada da existência, tal como aquela das ideias claras e distintas, ‘mas da verdade como desocultação jamais acabada, pois o desoculto vive do que está oculto, como a visibilidade depende da sombra que o circunda.’ E, ‘mais do que a clareza, o critério de verdade será o da fecundidade do diálogo com a realidade que constitui a própria existência.’ Só se pode entender a verdade que vai sendo construída como um processo.

Foi exatamente isso que me impactou neste livro. A possibilidade que vocês autores e autoras, têm, de iluminar outros aspectos da vida e obra do Padre Cícero sem agora ter a preocupação com o suposto ver. Sem a preocupação de iluminar para refazer a história, mas simplesmente ampliando o foco e desvelando aspectos importantes da sua vida e obra; ampliando nosso conhecimento e sempre mais respondendo a pergunta: E... quem é ele? Devolvendo aspectos importantes

do Padre Cícero à Igreja, à comunidade acadêmica, aos seus devotos e especialmente aos romeiros e romeiras! Um processo, longo, algumas vezes difícil, trabalhoso, multifacetado para o qual é preciso, sempre, o concurso de diversas áreas do saber!

Esse livro, fruto da parceria do Grupo de Estudos Ir. Annette: espiritualidades e religiosidades brasileiras, do Programa e Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio, com pesquisadores e pesquisadoras da URCA e de outras Instituições de Ensino, é mais um ampliar do foco. Tantas outras universidades podemos ver aqui. Sinal de novos tempos... Padre Cícero que nunca quis deixar sua terrinha, o Juazeiro, está caminhando pelo Brasil inteiro. Viva meu Padim!

Depois de quase 50 anos pesquisando sobre Maria de Araújo, sobre Padre Cícero e seu entorno, aprendi muito com este livro... e o que é isto senão a busca pela verdade, desocultando-a das sombras?

# Apresentação

*Francilaide de Queiroz Ronsi<sup>1</sup>*  
*José Carlos dos Santos<sup>2</sup>*

Nas celebrações dos 180 anos do nascimento e 90 anos da passagem para a eternidade do padre Cícero Romão Batista, alguns pesquisadores e algumas pesquisadoras do passado recente e do momento presente debruçam os seus olhares e apontam novas interpretações para a figura do *Padrinho Cícero* e o movimento das romarias de Juazeiro do Norte. Esses artesãos e essas artesãs do pensamento tecem linhas de investigação científica sobre o padre Cícero, que continua arrastando multidões e, cada vez mais, transforma-se no sacerdote mais estimado e amado das massas nordestinas. Neste trabalho de entrelaçar linhas de compreensão deste personagem histórico, conectam-se leituras variadas sobre os devotos e as devotas que lotam as ruas e praças da cidade de Juazeiro do Norte e protagonizam uma singular e autêntica expressão de religiosidade popular no Nordeste brasileiro.

Neste entrelaçar de linhas, vamos, com a ajuda de muitos artesões e artesãs, pesquisadores e pesquisadoras, que têm em suas mãos alguns fios sobre a vida de padre Cícero Romão Batista, tecer, nos capítulos que seguem, uma aproximação da imagem desse sacerdote que melhor possa traduzir quem ele foi e continua sendo para seus devotos e devotas, e assim celebrar o seu testemunho e legado.

O primeiro capítulo, intitulado *Por ocasião dos 180 anos do nas-*

---

<sup>1</sup> Doutorado e Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Pós-Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2118947389116019> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4346-0472>. E-mail: [francilaide@puc-rio.br](mailto:francilaide@puc-rio.br).

<sup>2</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto da Universidade Regional do Cariri (URCA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1643547013261487>. E-mail: [josecarlos@ifce.edu.br](mailto:josecarlos@ifce.edu.br).

*cimento do Padre Cícero: sua vida e legado*, temos a contribuição de Paulo Fernando de Andrade. O autor, em comemoração dos 180 anos de nascimento de padre Cícero Romão, lembra-nos que, nascido no Crato, ordenado sacerdote em 1870, em meio ao pleno processo de Romanização do Catolicismo no Brasil, marcado pelas missões de padre Ibiapina, desenvolveu sua ação pastoral como um agente conciliador, inclusivo, modernizante, atento às necessidades religiosas, espirituais e da vida concreta de seu povo, em especial dos desfavorecidos, pobres e sofredores. E que, em 1889 quando ocorreu o chamado Milagre da Hóstia, em sua Capela, foi rejeitado pela hierarquia católica brasileira e por Roma, perdeu o uso de ordens, mas continuou a morar em Juazeiro e, mantendo-se fiel até a morte às imposições disciplinares a ele infringidas, tornando-se uma liderança religiosa e política incontestada.

Em seguida, José Carlos dos Santos aborda um dos importantes aspectos da pessoa de padre Cícero Romão com seu capítulo *Padre Cícero: mestre da compaixão e conselheiro do sertão*. O autor apresenta a compreensão do significado de Ser Mestre na ação pastoral de padre Cícero Romão, no seu modo de proceder, nas suas estratégias para o enfrentamento das realidades de fome, seca, agudização da miséria e assolamento de diversas doenças que afetavam a camada pobre do sertão nordestino. Ele nos aponta para a atenção que é preciso ter sobre a vida de padre Cícero Romão como mestre revestido de sensibilidade e compaixão e que transformou radicalmente a realidade através do acolhimento, aconselhamento e da prática dos valores humanos como a perseverança, o amor com trabalho, o respeito à natureza, associadas a pregação das virtudes da fé cristã que repercutiam diretamente na vida dos seus devotos. Para tanto, ele realiza o percurso histórico do sacerdote para melhor entender sua missão e extrair as lições do mestre e intelectual que encontrou o sentido de sua vida e de sua vocação nos valores humanísticos que resgata a integridade humana, ergue os desprezados e marginalizados da ordem social, vive a compaixão pelos desvalidos, contagia de esperança os desanimados e devolve a dignidade dos sertanejos nordestinos, tornando-se reconhecido pelos seus admiradores como conselheiro do sertão.

Nesse sentido, João Everton da Cruz Santos, em seu texto *Padre Cícero: a figura do Conselheiro no Catolicismo Popular Sertanejo do Nordeste brasileiro - final do século XIX e início do século XX*, procura evidenciar o fenômeno religioso em torno da figura do padre Cícero Romão como conselheiro. Não resta dúvida, para o autor, que padre Cícero Romão se tornou o “Padrinho Conselheiro”. Em um tempo marcado pela inquietação por parte dos setores da hierarquia eclesiástica romanizada em moldar o catolicismo sertanejo, tido como “supersticioso, “grosseiro” e atrasado”, o autor não nos deixa esquecer que padre Cícero Romão dedica sua vida e ministério para orientar, organizar e moralizar a vida do povo, não apenas no aspecto religioso, mas também o social do lugarejo. Nessa direção, percebe-se que ele não apenas se colocou como conselheiro, pregador e moralizador dos costumes, foi assim considerado pelas inúmeras pessoas que o procuravam.

Josineide Silveira de Oliveira, em seguida, apresenta-nos o capítulo com o tema *Padre Cícero e o desafio da tríplice missão: sacerdócio, profecia e poder*. Segundo a autora, o padre Cícero viveu em profundidade as exigências da tríplice missão de sacerdote, profeta e rei circunscrita nos cânones do Catecismo da Igreja. Ora moldado pela obediência à ordem eclesiástica, ora atravessado por contradições comuns ao profeta, mas sempre consciente da prática da misericórdia diante das necessidades dos mais pobres. O capítulo se desenvolve a partir de uma observação *in loco* durante os ciclos de romarias na cidade de Juazeiro do Norte/CE, das visitas ao acervo de documentação sobre a vida do *Padim*, das consultas às fontes digitais e de entrevistas com romeiros e pesquisadores sobre o padre Cícero Romão. Destacam-se os registros da vida sacerdotal que testemunham o zelo litúrgico, a defesa da moral e o apelo constante à prática da caridade; as aspirações proféticas que marcam a utopia da convivência fraterna, no desejo do acesso de todos ao trabalho digno e do sonho de desenvolvimento para a região. Para a autora, padre Cícero Romão foi um homem dotado de um poder argumentativo invejável, um “Conselheiro dos Romeiros” que fez reverberar a esperança nos corações e mentes de muitos nordestinos até os dias atuais.

O capítulo seguinte, intitulado *Padre Cícero Romão Batista: uma pessoa para além de seu tempo. Será mesmo?*, a autora Francilaide

de Queiroz Ronsi nos faz uma provocação: será que o padre Cícero foi mesmo uma pessoa à frente de seu tempo? A sua reflexão parte da análise da ação pastoral de padre Cícero Romão, em específico diante dos desafios enfrentados pelos pobres sertanejos e os danos ambientais causados pelas secas na região do Cariri. Para tanto, o percurso escolhido para essa análise se deu sob uma perspectiva teológica, a da espiritualidade, como resposta à sua experiência de fé. A autora apresenta uma síntese de sua vida, a forma como exerceu seu pastoreio diante dos desafios que se apresentaram por meio dos clamores dos pobres sertanejos e da natureza à sua volta, tratando esse conjunto de desafios como uma questão socioambiental. E, na procura por entender que tipo de espiritualidade viveu o padre Cícero Romão e se esta contribuiu para que ele respondesse aos desafios daquela época, a autora procura entender se as escolhas e orientações do sacerdote, influenciadas por sua espiritualidade e experiência de fé, o tornaram uma pessoa para além de seu tempo ou se foram as exigências de uma fé encarnada na realidade de seu contexto socioambiental-político-religioso que forjaram o seu modo de proceder.

Na sequência, Carlos Alberto Steil nos apresenta o capítulo com o tema *Romarias e Padre Cícero: configurações do catolicismo*. O autor nos lembra que as romarias estão presentes no território brasileiro desde a ocupação colonial e que estas se tornaram um evento estruturante para a experiência católica. E, por meio delas, é possível observar as mudanças históricas pelas quais passa o catolicismo no país, contribuindo para a visibilidade do movimento dialético entre tradição e modernização. O autor analisa as romarias em três configurações do catolicismo: tradicional, romanizado e da libertação, dando especial atenção às romarias que ocorrem na cidade de Juazeiro do Norte porque nelas se articulam o projeto de romanização com a religiosidade popular, ao mesmo tempo em que aponta para o horizonte da opção preferencial pelos pobres, que demarca a experiência da Igreja que anuncia a Libertação. Carlos Alberto Steil chama a atenção para a potencialidade que têm as romarias em dar acesso a uma gramática ritual que ajuda a compreender o catolicismo como movimento que se desdobra no tempo, como um contínuo, ao mesmo tempo em que assume configurações e modos diversos de expressão em contextos políticos

e sociais específicos. E, ao focar o seu olhar sobre as romarias, ajudamos a perceber que estes estilos e modos distintos de ser católico convivem e se tensionam como forças em disputa por sentidos, símbolos, valores e crenças que conformam a textura do catolicismo atual.

Sobre algumas dessas tensões, o capítulo intitulado *O Padre Cícero entre a religião e a política: estilo de liderança e pacto sociorreligioso do Juazeiro*, cujo autor é Marcelo Ayres Camurça, procura superar enfoques unilaterais de padre Cícero Romão e seu movimento sociorreligioso para alcançar uma abordagem multifacetada desse fenômeno. O autor, a partir da interseção entre os campos da religião e da política, busca examinar na personalidade pública do padre e no seu estilo de liderança a concretização de um pacto sociorreligioso que engendrou a comunidade do Juazeiro. Segundo Marcelo Ayres Camurça, o padre foi influenciado por duas grandes matrizes culturais: a religiosidade popular sertaneja que fez dele um “beato” e um “padrinho” para o povo do sertão, aconselhando centenas de homens e mulheres em todos os aspectos de sua vida cotidiana; e formação teológica tridentina, que o forjou como um sacerdote dentro de um universo eclesiástico, intelectual e institucional. Nesta direção, o texto procura entender seu projeto de conciliação e articulação dos polos sociais e de classe do sertão nordestino: trabalhadores rurais, pequenos artesãos com grandes proprietários de terras e comércio, como uma alternativa ao esquema imperante das oligarquias e do latifúndio.

No próximo capítulo, intitulado *Padre Cícero e a ecologia integral*, a autora Cieusa Maria Calou e Pereira ressalta a adesão de padre Cícero Romão às questões relacionadas à ecologia. A autora retoma os Preceitos Ecológicos, elaborados a partir dos conselhos de padre Cícero Romão, e verifica a sua sintonia com a Carta Encíclica *Laudato Si'* - sobre o Cuidado com a casa Comum -, do Papa Francisco. Segundo Cieusa Maria, esses conselhos de padre Cícero Romão já vislumbravam uma ecologia integral. Para tanto, eles foram analisados como ensinamentos de preservação da natureza e guia para ações de aproveitamento dos recursos naturais, uma orientação para o convívio da seca enfrentada pelo povo do Nordeste; revestindo-se de uma verdadeira educação ambiental. A autora verificou os pontos comuns entre a Carta *Laudato Si'* e os Preceitos Ecológicos, com destaque para

a atenção com os pobres, a preocupação com os aspectos ambientais e sociais, e constatou que esses ensinamentos de padre Cícero Romão, no início do século passado, possuíam as características de uma ecologia integral.

Artur Peregrino, no capítulo que tem como título *Padre Cícero e a Teologia da enxada: afirmação do Cristianismo Místico Beato*, aborda o legado de padre Cícero Romão como também o protagonismo das romeiras e romeiros, a partir da relação com a Teologia da Enxada. Segundo o autor, ambas tiveram grande êxito em fazer uma pregação capaz de ser entendida pelo povo simples. Tanto as experiências vividas pelo padre Cícero Romão e, conseqüentemente, as que vivem as romeiras e os romeiros estão plasmadas por aspectos nos quais é possível serem reconhecidos traços vigorosos do rosto de uma teologia com os pés no chão, de uma “Igreja na Base”. Segundo Artur Peregrino, na leitura da Teologia contemporânea, Deus age no mundo por meio do seu povo e, tratando-se do povo do campo, pode-se falar de uma teologia que trabalha com a terra, ou seja de uma Teologia da Enxada. A partir dessa compreensão, o autor nos apresenta o que ele denomina de cristianismo místico beato, desenvolvido em Juazeiro e em suas romarias que têm como base unificadora a dimensão da comunhão solidária. Nesse sentido, a comunhão humana e a solidariedade, presentes nas romarias do Juazeiro, constituem elementos estruturantes de toda espiritualidade, um ponto de encontro com a Teologia da Enxada.

O capítulo seguinte, de autoria de Carlos Alberto Tolovi, tem como título *Maria de Araújo: a santa preta violentada*. Neste texto somos contemplados e contempladas com uma pesquisa que denuncia a forma como a mulher Maria de Araújo, uma, entre tantas outras beatas que acompanhavam o padre Cícero Romão em suas atividades, foi tratada enquanto viva e até mesmo depois de morta, com o seu túmulo violentado. O autor relembra o momento do milagre, quando a Maria de Araújo, ao receber a partícula, percebe que a hóstia sangra em sua boca. Fato que se transformou em um evento extraordinário, e que fomentou o início das romarias ao Juazeiro, e deu início a um fenômeno religioso que mudaria para sempre a sua vida, a de padre Cícero Romão e a realidade daquele povoado. Carlos Alberto destaca

que o fértil terreno da religiosidade popular recebeu como semente uma manifestação extraordinária, despertando o imaginário popular de um povo que havia recebido a teologia das missões católicas tradicionais, carregadas de simbolismos. E que a mesma igreja, constituída de forma hierárquica, com poder centralizado no masculino e no clericalismo, viu como rebeldia a organização da religiosidade popular que se caracterizava por um empoderamento daqueles que deveriam assumir apenas a simples condição de “fiéis”. Nesse sentido, o autor elabora o seu texto com destaque para a Beata, buscando, por meio de pesquisa documental, revelar as diversas formas de violência sofridas pela mesma no curso da história, datando em 125 anos do acontecimento fundante: o “milagre” da hóstia.

Por fim, na perspectiva do processo de reconciliação da igreja católica com o padre Cícero Romão Batista, contemplamos a reflexão do bispo da diocese do Crato, Dom Magnus Henrique Lopes, intitulada *90 anos da morte do Padre Cícero Romão Batista: “Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação”*. Na sua exposição, o pastor diocesano continua quebrando o silêncio oficial da igreja sobre o sacerdote Cícero e o reconhece como referencial maior da igreja dos pobres neste chão nordestino. Neste mesmo sentido, há um reconhecimento aos romeiros que continuam estabelecendo laços de intimidade com seu *Padim Ciço* e que buscam cotidianamente manter viva a memória do padrinho, patriarca, conselheiro e catequista.

Este foi o último fio de linha na construção de nosso livro. E, neste ato coletivo, no qual pesquisadores e pesquisadoras de várias partes do país ajudaram a tecer essa obra, unindo-se a tantas outras já realizadas sobre o testemunho e o legado de padre Cícero Romão Batista, convidamos você, caro leitor e cara leitora, a se unir neste tear e continuar a tecer com sua vida, devota ou não desse sacerdote, novas imagens que possam se aproximar, cada vez mais, de quem ele foi e continua sendo para uma multidão de romeiros e romeiras que cortam o país e chegam ao Juazeiro do Norte para lhe prestar homenagens, mantendo-o vivo no seu coração e no coração da igreja.



# Por ocasião dos 180 anos do nascimento do Padre Cícero: sua vida e seu legado

*Paulo Fernando Carneiro de Andrade<sup>1</sup>*

## Introdução

Há 180 anos nascia no Crato, em 24 de março de 1844, Cícero Romão Batista. Seu pai, Joaquim Romão Batista, pequeno comerciante possuía uma loja que vendia produtos diversos, inclusive peças de vestuário e ferramentas. Ele viria a falecer em 1862 quando Cícero tinha 18 anos. Cícero era o único filho homem de seus pais e tinha duas irmãs, uma dois anos mais velha e outra cinco anos mais nova. Teve junto a seu pai e sua mãe Joaquina Ferreira Gastão, conhecida como Dona Quinô, uma infância tranquila no Crato. Aprendeu as primeiras letras na Escola do Pe. Marrocos, prosseguindo depois seus estudos na Escola do padre Rolim em Cajazeiras. Com a morte de seu pai, a família de Cícero fica em uma situação financeira delicada. Cícero que havia sido destinado por seus pais para o estudo tem, neste momento, de retornar de Cajazeiras. Os caminhos se fechavam para o jovem estudante. Foi graças ao incentivo e auxílio financeiro de seu padrinho, o poderoso coronel Alves Pequeno, dado a ele e a sua família, que Cícero pode retornar à escola do Pe. Rolim, concluir ali seus estudos fundamentais e então ingressar aos 21 anos no Seminário da Prainha em Fortaleza. Sua vocação sacerdotal havia se manifestado muito antes. Aos 12 anos, ao ler a obra de São Francisco de Sales, *Introdução à vida Devota*, Cícero decide conservar a castidade e tornar-se sacerdote.<sup>2</sup>

A Diocese do Ceará fora criada não muito tempo antes, em 1854, e seu primeiro Bispo, D. Luís Antônio dos Santos, nomeado apenas

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e professor desde 1982 do Departamento de Teologia da PUC-Rio, onde coordena a Cátedra Paulo VI de Fé e Política. É membro fundador do CEFEP da CNBB e membro da Diretoria do INSeCT (Network of Societies for Catholic Theology).

<sup>2</sup> NETO, L., Padre Cícero, p. 30- 32.

em 1861. D. Luís, natural da província do Rio de Janeiro, havia sido formado no célebre Seminário de Mariana, em Minas Gerais, dirigido pelos padres da *Congregação da Missão*, mais conhecidos como Lazaristas. D. Luís assumia a recém-criada Diocese com a missão de promover uma ampla reforma do Catolicismo popular sertanejo e das instituições eclesiais, instaurando um regime ultramontano. Um dos seus maiores desafios era promover a reforma do clero e instaurar uma nova disciplina. Tendo em vista a formação de novos padres, seguindo estritamente a orientação ultramontana, D. Luís Antônio funda, em 10 de outubro de 1864, pouco depois de chegar à cidade de Fortaleza, o Seminário Episcopal do Ceará, que se tornaria conhecido como Seminário da Prainha. Para dirigi-lo, D. Luís convida a mesma Congregação religiosa que havia sido responsável por sua formação no Seminário de Mariana. O Seminário ficou então sob a direção do Lazaristas, sendo seu primeiro Reitor o Pe. francês Pierre-Auguste Chevalier.<sup>3</sup>

Fundada na França por S. Vicente de Paulo em 1625, dentro do espírito tridentino, essa Congregação, tendo como carisma específico a realização de missões (missões populares, assim como missão entre pagãos) e o encargo da formação do clero, chegou ao Brasil em 1820. São em grande número os padres e irmãos lazaristas franceses que vieram ao Brasil ao longo do século XIX, encarregando-se da direção de Colégios e Seminários como os de Caraças, Mariana, Diamantina, Salvador, Fortaleza, Cuiabá e Rio de Janeiro. Os Lazaristas são marcados por um profundo amor e sensibilidade para com a realidade dos pobres e nesta época possuíam uma espiritualidade e teologia marcadamente tridentina, antijansenista e fortemente ultramontana.

A disciplina no recém fundado Seminário da Prainha era extremamente rígida e tinha como método e princípio o afastamento radical dos jovens seminaristas do mundo. Sobre eles se exercia uma vigilância constante, mesmo nos períodos de férias. Foram inúmeros os conflitos entre a Direção do Seminário e os jovens seminaristas decorrentes tanto da rígida e inflexível disciplina quanto do desprezo que os Lazaristas, em especial o Pe. Chevalier demonstrava frente a

---

<sup>6</sup> NETO, L., Padre Cícero, p. 34-43.

Cultura nordestina e mesmo em relação aos valores pátrios nacionais.<sup>4</sup> Não obstante Cícero supera o período de rígida formação e é ordenado padre no dia 30 de novembro de 1870.

Foi destinado a retornar ao Crato, aonde chega na madrugada do dia primeiro de janeiro de 1871. Em dezembro do mesmo ano, Pe. Cícero, então com 27 anos e apenas um ano de ordenado sacerdote, é convidado a celebrar a Missa do Galo no povoado de Juazeiro, vizinho ao Crato, na capelinha ali existente de Nossa Senhora das Dores que estava sem capelão. Nesta noite, ao dormir após a Missa, tem um sonho premonitório no qual Jesus lhe ordena ali ficar para tomar conta daquela gente. Com a licença do Bispo, em 11 de abril de 1872, Cícero passa a residir em Juazeiro, para onde leva consigo sua mãe e as irmãs. Em 26 de setembro de 1872 foi nomeado Capelão da pequena Capela de Nossa Senhora das Dores. Nos anos seguintes se dedica à construção de uma Igreja no lugar da pequena capela e à organização da vida religiosa local. Construída em regime de mutirão, a Igreja de Nossa Senhora das Dores se torna uma Igreja de grande porte e beleza.<sup>5</sup>

## 1. Padre Ibiapina, Padre Cícero, a Romanização e outra Modernidade Possível

O catolicismo que foi vigente no Brasil desde o início do período Colonial até meados do século XIX tem características bem diferentes daquele que se implantará posteriormente por ação dos Bispos e do clero reformadores<sup>6</sup>. No período colonial se implantou aqui um catolicismo advindo de Portugal, de características medievais que tem seu centro mais na devoção e culto aos santos do que na frequência dos sacramentos, inclusive o sacramento eucarístico. É o catolicismo dos cruzeiros, das capelinhas de beira de estrada, das irmandades e confrarias, dos santuários, das ladainhas e festas de santos. Nos sertões e nos lugares afastados dos centros urbanos principais, o contato com o clero era esporádico, feito por ocasião das visitas de desobriga. Não que o papel do clero fosse secundário ou sem importância. Era o clero,

---

<sup>4</sup> CAVA, R. D., *Milagre em Joazeiro*, p. 58-59.

<sup>5</sup> DUMOULIN, A., *Padre Cícero, Santo dos Pobres, Santo da Igreja*, p. 83-103.

<sup>6</sup> AZZI, R., *O Catolicismo Popular no Brasil*, p. 153-156.

mesmo que só através das visitas de desobriga, quem dava unidade e confirmava a fé, possibilitava o acesso aos sacramentos, batizava e casava. Deve-se destacar, também, a importância que teve o clero religioso para a evangelização do Brasil. Padres jesuítas, franciscanos, carmelitas, beneditinos entre outros, tiveram um importante papel na constituição do catolicismo brasileiro<sup>7</sup>. Na sua dinâmica cotidiana este Catolicismo era, entretanto, mantido vivo, sendo produzido e reproduzido, por um enorme contingente de agentes religiosos que exerciam diferentes ministérios, mesmo não tendo recebido uma delegação eclesiástica para o exercício de suas funções. Eram os rezadores e rezadoras, benzedores e benzedoras, beatos e beatas, pregadores itinerantes, muitos dos quais fundaram importantes santuários que existem até os dias de hoje. Organizavam as festas, as orações, o culto aos santos, celebrações especiais como a Congada e a Folia de Reis. Constituíam e fundavam Confrarias e Irmandades que congregavam fiéis.

Em meados do século XIX, acompanhando o movimento de reestruturação por que passa o Catolicismo na Europa, os esforços da Igreja, no Brasil voltam-se para a organização interna da estrutura eclesiástica, criação de novas dioceses, seminários e fundações de novas associações de fiéis que concorrem com as antigas confrarias e muitas vezes as substituem. Trata-se da institucionalização de uma nova forma de Catolicismo ultramontano e tridentino. Trento finalmente chega ao Brasil, depois de cerca de 200 anos. Não apenas os Lazaristas, mas também diversas outras congregações femininas e masculinas são trazidas para o país, incentivando novas devoções e criando uma nova identidade católica, apologética. No arco de poucas décadas, o Catolicismo Tradicional que fora implantado com a colônia foi substituído por outra forma de catolicismo centrado não mais nos santos e nas rezas, mas nos sacramentos e nas devoções que têm por base a prática sacramental frequente, tais como a devoção ao Sagrado Coração. As novas associações de fiéis são menos leigas e mais clericais; ocorre uma progressiva e rápida verticalização eclesiástica; do clero é exigida uma nova disciplina.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> AZZI, R., A Instituição Eclesiástica durante a primeira época colonial, p. 211-233.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, P. R., Religião e Dominação de Classe, p. 275-315.

Não obstante os conflitos entre Modernidade e Catolicismo que marcam o século XIX, sem dúvida deve-se compreender este processo de Romanização, com seus pontos positivos e negativos, como um processo de Modernização do Catolicismo que o atualiza e o torna apto para o enfrentamento dos novos desafios que a Cultura Moderna apresenta. Além dos ataques que a razão moderna traz muitas vezes à religião, reduzida pela Modernidade à simples superstição, abriu-se a partir, sobretudo, da Revolução Francesa em 1789, uma nova forma de relação conflituosa entre muitos dos novos Estados Nacionais em formação e a Igreja. A influência de ideias liberais marcadas pelo iluminismo, ou mesmo pelo positivismo no caso latino-americano, com posições tantas vezes acompanhadas de um ateísmo militante e um forte anticlericalismo, opunha o Estado à Igreja, promovendo não só a separação das duas esferas, mas também chegando-se, em muitos casos, à tentativa de se exercer, unilateralmente, um forte controle do Estado laico sobre a Igreja. As correntes liberais e nacionalistas quando não advogavam o ateísmo militante, constituíram movimentos teológicos particulares como o Galicanismo, o Richeísmo e o Febro-nianismo, que incentivam a formação de uma religião nacional, traduzida em formas de cristianismos autônomos, aos moldes das Igrejas Anglicana e Luterana Sueca. Em 1870, com a unificação italiana, a Igreja Católica perdia os Estados Pontifícios e o Papa se confinava no Vaticano, declarando-se prisioneiro.<sup>9</sup>

A reação Romana se dá com o estabelecimento de um modelo de organização eclesiástica muito mais uniforme, fortemente centralizado e cada vez mais dependente administrativamente do Papado. Nessa nova configuração do Catolicismo, o eixo devocional inclina-se fortemente para os sacramentos, sobretudo o eucarístico. Consequentemente cresce a importância da presença sacerdotal para a manutenção da vida espiritual cotidiana, o que se faz acompanhar de uma crescente clericalização. A eclesiologia do século XIX reflete essa situação. Em particular, a obra de J. De Maistre, escrita na passagem do século XVIII para o XIX, conquista a opinião eclesiástica romana entre os anos de 1820 e 1840, tendo recepção nos manuais usados

---

<sup>9</sup> MARTINA, G., *La Iglesia de Lutero a Nuestros Días*, p. 173-201.

para o ensino teológico da época. Nessa eclesiologia, a compreensão da Igreja, enquanto *congregatio fidelium*, é obscurecida em favor de uma interpretação jurídicista-reducionista que identifica o catolicismo exclusivamente com uma forma de autoridade monárquica absolutista papal, que chega no seu extremo a enfraquecer até mesmo o conceito de Colegialidade Episcopal.<sup>10</sup> Tudo isto se fazia presente no processo de Romanização Ultramontana do Catolicismo no Brasil. Este processo de Romanização que, alinhado aos acontecimentos europeus, havia se iniciado no meio do Segundo Reinado se agudiza depois da Proclamação da República. Após a Proclamação da República em 1889, liderada por grupos positivistas muitas vezes hostis a Igreja, extingue-se o Padroado Régio. O Estado não mais reconhece o Catolicismo como Religião Oficial e não mais financia suas atividades. A Igreja aprofunda o movimento de reorganização do Catolicismo e de suas Instituições. A separação Igreja-Estado não significa, entretanto, o afastamento da Igreja da vida pública e cívica. Além de incentivarem a participação política do laicato sob a direção eclesiástica, alguns membros da Hierarquia continuam também a participar da vida política, incentivados pela própria Igreja, candidatando-se a cargos eletivos com o objetivo de defender os interesses católicos e eclesiásticos.

Observe-se ainda que o processo de substituição do Catolicismo Tradicional, embora tenha ocorrido com relativa eficácia, não se fez sem resistência. Fenômenos como o de Canudos e Contestado são exemplos de alguns conflitos agudos que resultaram desse processo. A formação de um Catolicismo Privado, centrado na devoção particular e não público-social aos santos, também pode ser compreendida como uma forma de resistência e adaptação às abruptas mudanças por que passou o Catolicismo nessas décadas.

Entretanto, a Romanização não seria o único percurso que poderia ser percorrido em direção a uma modernização do Catolicismo no Brasil. Pode-se interpretar a ação pastoral de Pe. Ibiapina como a tecedura de uma alternativa possível de modernização Catolicismo Tradicional em uma direção diversa daquela representada pela Romanização. Pe. Ibiapina oferecia a possibilidade de se estabelecer uma

---

<sup>10</sup> CONGAR, Y., *Eclesiología*, p. 258-260.

nova prática Católica que de um lado colocava-se em linha de continuidade com as devoções tradicionais e de outro permitia superá-las na direção de um processo de modernização autóctone. José Antônio de Maria Ibiapina nasceu em Sobral no Ceará em 5 de agosto de 1806. Em 1832 se formou em Direito na primeira turma da então recém-criada Faculdade de Direito de Olinda. Exerceu a profissão de advogado até 1850, tendo sido também Professor de Direito Natural, Juiz, Deputado Geral (Legislatura 1834-1837). Após um período de três anos de recolhimento é ordenado em 1853, aos 47 anos, sacerdote por D. João da Purificação, Arcebispo de Olinda, Diocese que na época abrangia os Estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas e Rio Grande do Norte. Exerceu seu ministério presbiteral como missionário nos sertões do Nordeste, e entre 1862 e 1870 esteve, sobretudo, no Ceará, notadamente no Cariri e em Sobral. Faleceu em 1883 depois de um longo período de enfermidade iniciado com um derrame cerebral em 1873, que se agravou em 1875 não permitindo mais que se ausentasse da Casa de Santa Fé de Arara, na Paraíba.

As atividades pastorais, que exerceu como Missionário nos Sertões do Nordeste durante mais de 20 anos, foram caracterizadas por uma forma singular de nova vivência do Catolicismo. Viveu de modo simples, distribuindo continuamente o que recebia. Organizou a vida do povo pobre dos sertões, na catequese unia fé e vida. Construiu e incentivou a construção comunitária de poços e açudes para enfrentar a seca, construiu hospitais populares, organizou hortas comunitárias, ensinou técnicas agrícolas aos sertanejos difundindo noções básicas das ciências agrícolas, ensinava também noções jurídicas para os pobres, de tal modo que esses pudessem reivindicar seus direitos. Fundou mais de vinte casas de caridade para moças órfãs, onde recebiam cuidados de saúde, aprendiam a ler e escrever. Instituiu congregações leigas, masculinas e femininas. Seus membros eram reconhecidos como Beatos e Beatas e estes, além de terem uma vida religiosa regrada, cuidavam das Casas de Misericórdia. Já doente instituiu para cada casa um pedinte oficial, encarregado de pedir doações para prover as casas.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> POEL, F. V. D., Dicionário da Religiosidade Popular, p. 491.

Seu ministério representava algo muito novo neste momento de Romanização pelo qual passava o Catolicismo no Brasil. Frente ao passado, sem negar as devoções populares, abria a vivência religiosa a um outro modo de organizar a relação fé e vida. A ação de Pe. Ibiapina e seu projeto pastoral-social incluía os pobres e sua cultura, não para conservá-la simplesmente, mas para com os pobres e a partir dos pobres ir adiante e construir algo novo.<sup>12</sup> A fé animada por Pe. Ibiapina movia o povo a se organizar, a receber a cultura moderna, os ensinamentos da ciência e a conhecer a organização jurídica para defender seus direitos; incentivava e auxiliava as pessoas, de modo especial às órfãs, a aprender a ler e escrever. A instituição dos Beatos e Beatas não os clericalizava. Eram leigos e leigas que viviam sua fé em modo comunitário e muitas vezes missionários, acompanhados pelo Pe. Ibiapina, mas não tutelados pela Instituição Eclesiástica. Não tardou para que o processo de Romanização entrasse em choque com a instituição dos Beatos e Beatas do Pe. Ibiapina. Desde 1869 o Bispo da nova Diocese do Ceará entra em choque com o Pe. Ibiapina e, em ofício ao Pároco do Crato datado de julho de 1871, afirma que as Casas de Caridades e os Beatos e Beatas agem “em detrimento da disciplina eclesiástica” e da paz e harmonia, que devem existir entre súditos e pastores.<sup>13</sup>

Cícero conheceu Pe. Ibiapina pessoalmente em fevereiro de 1865, mesmo ano em que passa a fazer parte do Seminário da Praia. Ficou fascinado pelo carisma e modo de atuar do Missionário<sup>14</sup>. Quando Cícero chega já ordenado ao Crato, encontra, de um lado o entusiasmo da população com as obras de Pe. Ibiapina, tanto em relação às Casas de Caridade quanto, mais notadamente, com as fontes de águas termais de Caldas, descobertas pelo Pe. Ibiapina, que tinham poderes medicinais extraordinários, e de outro a resistência do Bispo e agentes romanizadores em relação a Pe. Ibiapina<sup>15</sup>. Pode se dizer que Pe. Cícero, sem se tornar um peregrino missionário, passa paulatina-

---

<sup>12</sup> STEIL, C., *Desafios da Reconciliação entre Tradição e Modernidade na Ação Pastoral e Política do Pe. Cícero Romão Batista*, p. 59-73.

<sup>13</sup> NETO, L., *Padre Cícero*, p. 46.

<sup>14</sup> NETO, L., *Padre Cícero*, p. 28.

<sup>15</sup> NETO, L., *Padre Cícero*, p. 46; p. 52.

mente a exercer seu ministério de modo próximo ao do Pe. Ibiapina. Sua característica maior é a sua proximidade e seu amor para com os pobres, seu estilo de vida simples, seu empreendedorismo que o leva a construir já em seus primeiros anos, quase sem recursos, através de mutirões, a notável Igreja de Nossa Senhora das Dores no lugar da pequena capela que existia em Juazeiro, seu modo de organizar a vida do povo promovendo mutirões, seus conselhos técnicos que denotam sua ligação com a Modernidade e um vasto conhecimento, e seu apoio às Beatas e Beatos. Neste sentido, sua ação pastoral e sua liderança apontavam para um outro caminho de modernização do Catolicismo diferente do Processo de Romanização, inclusivo e não excludente, nos modos do Pe. Ibiapina, sem que Pe. Cícero, assim como também Pe. Ibiapina, tivesse em algum momento explicitamente contestado as ações romanizadoras. Pode se dizer que o futuro conflito entre os agentes eclesiásticos romanizadores e Pe. Cícero já estava colocado latentemente muito antes do chamado milagre da hóstia.

## 2. O Milagre da Hóstia

Em primeiro de março de 1889, ano no qual em novembro seria proclamada a República, quando Pe. Cícero tinha 44 anos de idade e 18 anos de ordenado, ocorreu pela primeira vez o chamado “Milagre da Hóstia”, que seria o estopim de uma crise que nunca se concluiria. A Beata Maria de Araújo ao receber em comunhão, a hóstia consagrada, esta se transformou em sangue na sua boca. Maria de Araújo era uma das Beatas da Comunidade de Juazeiro e morava na casa do Pe. Cícero. O fato se repetiu outras vezes e foi testemunhado por diversos padres. Apesar da discricção de Pe. Cícero, logo se espalhou a notícia. Em julho, Monsenhor Monteiro, reitor do Seminário do Crato, convencido de que se tratava de um verdadeiro milagre eucarístico, promoveu uma romaria a Juazeiro. A notícia dos supostos milagres chegou aos jornais e D. Joaquim, bispo do Ceará, solicitou então informações sobre o fato. Foi instalada em 1891 a primeira Comissão de Inquérito presidida pelos padres Clícério da Costa Lobo e Francisco Ferreira Antero. A conclusão do inquérito é a de que não existia uma explicação natural para os fatos de Juazeiro. Os dois padres, que ini-

cialmente estavam convencidos de se tratar ou de um embuste, ou de um fato natural, como o de uma hemorragia, estavam agora convencidos de que se tratava de um milagre. Esta conclusão causa grande desconforto no Bispo. Em 1892, Pe. Alexandrino toma posse como vigário de Crato e a ele é entregue a urna com os panos ensanguentados. No mesmo ano é instituída uma segunda Comissão de Inquérito; a nova Comissão não presencia os fatos extraordinários.<sup>16</sup>

Em agosto de 1892, Pe. Cícero é suspenso de ordens, acusado de propagar superstições e por ser considerado culpado pelo desaparecimento da urna com os panos ensanguentados que estava colocada em custódia no sacrário da Igreja do Crato, sob os cuidados de Pe. Alexandrino. Em 1893, D. Joaquim escreve a primeira de quatro Cartas Pastorais sobre os Fatos de Juazeiro. Nela, o Prelado proíbe qualquer culto aos panos ensanguentados e exige a retratação pública de Pe. Cícero e de todos os padres que tinham presenciado os fatos de Juazeiro e que tivessem afirmado que tais fatos constituíam algo extraordinário, não devido a causas naturais, sendo, portanto, milagrosos. D. Joaquim afirma que tais fatos são meramente fantasiosos e supersticiosos ou mesmo uma fraude. Em 1894, a Congregação do Santo Ofício, por solicitação do bispado do Ceará, pronuncia-se sobre os fatos de Juazeiro reprovando-os e condenando-os, e em 1896 uma nova portaria proíbe o Pe. Cícero de celebrar missas em toda a Diocese do Ceará.

Com permissão eclesiástica, Pe. Cícero vai a Roma em 1898 com o propósito de solicitar ao Santo Ofício um novo estudo do caso e, se possível, encontrar o Papa. Permanece em Roma de finais de junho a outubro, foi interrogado pelo Santo Ofício, tendo recebido autorização para celebrar a eucaristia na Igreja de São Carlo al Corso, vizinha do lugar onde estava hospedado. Em seu último dia em Roma teve um brevíssimo encontro com o Papa Leão XIII. Diante do Santo Ofício, solicitado por este, Pe. Cícero prometeu observar tudo o que lhe foi imposto, o que significava a proibição de falar ou escrever sobre os fatos de Juazeiro. O uso de ordens ficava também condicionado a uma especial licença do Santo Ofício. Cícero retorna ao Crato e o Bispo mantém as proibições anteriores, inclusive a suspensão do uso de or-

---

<sup>16</sup> NETO, L., Padre Cícero, p. 133-204.

dens. Cícero obedeceu até o fim de sua vida a imposição de não mais falar ou se manifestar sobre os fatos de Juazeiro, embora nunca os tenha renegado pois não podia negar o que tinha visto e presenciado.<sup>17</sup>

É na moldura do contexto do final do Século XIX e do processo de Romanização que deve ser interpretada a polêmica em torno aos “fatos extraordinários de Juazeiro”. De um modo geral, a população e o clero que compreendiam esses fatos como miraculosos, acreditavam que se tratava de uma intervenção divina em favor da salvação do povo. Em um momento de incredulidade, de avanço das forças liberais positivistas no Brasil e no mundo, Deus operava um milagre que por sua força e evidência era como que uma segunda oportunidade de salvação; para aqueles que haviam sido batizados e crido, mas tinham perdido sua fé, era como “uma nova redenção”. Assim interpretado, o chamado milagre encontrava-se em consonância com a ambiência mística católica do fim do século XIX. Historiadores eclesiásticos relatam a expectativa mística que perpassava o Pontificado de Pio IX; na cúria romana se esperava que a providência divina colocaria bom termo às agressões que a Igreja vinha sofrendo por parte do emergente estado laico.<sup>18</sup> As acirradas posições favoreciam interpretações dualistas sugerindo tratar-se de um momento extremo da luta entre o bem e o mal, tudo isso em um contexto de fim de milênio.

A primeira controvérsia teológico-pastoral em torno da possibilidade de o sangue que surgia fosse “sangue de Cristo” prestou-se a um grande equívoco. A afirmação de D. Joaquim, que negava essa possibilidade, baseava-se em S. Tomás (ST III, q76, a8).<sup>19</sup> Segundo o Aquinate, o corpo ou sangue que aparecem nos milagres eucarísticos, embora sejam verdadeira carne ou verdadeiro sangue, não são, em sentido físico, o sangue ou a carne, próprios de Jesus. Sua argumentação baseia-se no fato de que encontrando-se o Corpo de Cristo no céu, em estado glorioso, só pode aparecer na história em forma fugaz, isto é, fazendo-se ver e desaparecendo em seguida (S. Tomás cita LC 24,31). Não obstante, S. Tomás afirma que esses fatos não significam nenhum engano ou ilusão, pois nesses casos ocorre uma transformação mira-

<sup>17</sup> DUMOULIN, A., Padre Cícero, Santo dos Pobres, Santo da Igreja, p. 219.

<sup>18</sup> MARTINA, G., La Iglesia de Lutero a Nuestros Días, p. 177-178.

<sup>19</sup> NETO, L., Padre Cícero, p. 108.

culosa dos acidentes da espécie. Pão e vinho encontram-se nesses casos não só transubstanciados, mas transformados de tal modo que: de um lado continua a presença real nas espécies cujos acidentes foram milagrosamente transformados (*immutatio*) e, de outro, essa transformação é feita de forma a expressar (representar, figurar) a verdade dessa presença real (*in figuram cuiusdamveritatis*). Pode-se admitir, portanto, que em sentido não físico, mas também distinto do modo como nos referimos à presença real sob espécie de vinho e pão, cabe afirmar, sem contrariar S. Tomás, que nesse caso o Corpo e o Sangue miraculosos são o Corpo e Sangue de Cristo, enquanto são acidentes da espécie que, miraculosamente transformados, figuram (tornam visíveis) a realidade do Corpo e Sangue do Cristo presentes na espécie. Foi nesse sentido e com expressões semelhantes que a mística e a espiritualidade católica sempre se referiram e deram extraordinária importância à aparição do Sangue ou da Carne nos milagres eucarísticos reconhecidos pela Igreja. Por isso, os que acreditavam na origem milagrosa dos acontecimentos extraordinários de Juazeiro compreendiam a afirmação peremptória de que “esse sangue não é nem pode ser sangue de Cristo”, não como uma precisão teológico-dogmática que não buscava negar o milagre, mas sim como uma negação dele. De fato, as posições se acirraram e o que inicialmente era uma afirmação que buscava colocar balizas doutrinárias para evitar possíveis interpretações errôneas sobre os acontecimentos extraordinários, transformou-se em uma negação do milagre.

A teologia tomista reforça a questão do sentido do milagre eucarístico. Ao tornar visível a presença real, o milagre eucarístico sempre foi interpretado como tendo por objetivo despertar e confirmar a fé cristã. Nesse sentido, foi também sempre compreendido como uma extraordinária ocasião de conversão, tendo sido um instrumento poderoso de salvação para muitos, que ao presenciar ou reconhecer o milagre recobram a fé. Entretanto, a afirmação de alguns dos partidários do milagre de que os fatos extraordinários de Juazeiro representavam como que “uma segunda Redenção” para o povo do Cariri não foi entendida pelos que se opunham ao reconhecimento do milagre, em sentido místico (e, portanto, analógico, isto é, como evento miraculoso ocorrido para confirmar a fé e converter o povo livrando-os do perigo

do ateísmo crescente e por isso de cair em pecado mortal), mas sim em sentido próprio, sendo por isso considerada herética.

Além disso, muitos do que se opunham ao reconhecimento do milagre tinham dificuldade de aceitar a realização de um milagre dessa natureza fora do território europeu (conforme a frase atribuída ao lazarista francês Pe. Chevalier: “Nosso senhor não deixa a França para obrar milagre no Brasil”<sup>20</sup>). Observe-se que todos os 26 milagres eucarísticos, com aparição de sangue ou carne, listados por J. Ladame e R. Duvin<sup>21</sup> acontecidos entre o século VIII e XX, ocorreram na Europa: 10 na Itália, 7 na Espanha (1 em 1710, Tartanedo), 3 na França, 2 na Bélgica, 2 na Holanda, 1 na Alemanha e 1 em Portugal (Santarém, 1247). Na lógica de uma estrutura eclesiástica que sofria uma profunda e rápida transformação uniformizadora e extremamente centralizadora, tornava-se difícil reconhecer um milagre na periferia, que poderia ser interpretado a favor dos que se opunham a essa transformação. Para os que reconheciam os fatos como milagre esse era compreendido como uma ação salvadora de Deus em favor de sua Igreja ameaçada, tanto no Brasil como na Europa, pelo ateísmo e liberalismo, uma afirmação da fé eucarística feita em favor de toda a Igreja. Para seus adversários, estes eram uma perigosa superstição obscurantista, uma fraude que visava reforçar a concepção de um catolicismo nacional autônomo e atentava contra a Hierarquia e o movimento de Romanização. Esta era a posição dos Bispos brasileiros envolvidos e também foi a posição de Roma. A ideia de um milagre eucarístico envolvendo uma das Beatas das Casas de Caridade instituída por Pe. Ibiapina era absolutamente inaceitável na perspectiva dos agentes romanizadores.

Depois de seu retorno de Roma, sem o uso de ordens, Cícero mora no Crato e visita sua mãe, bastante enferma, moradora de Juazeiro, com regularidade. Impedido de batizar aceita o convite para ser padrinho de inúmeras crianças, trazidas até lá para serem batizadas na Igreja de Nossa Senhora das Dores e se tornarem suas afilhadas. Sua fama de pregador e conselheiro é cada vez maior. É enorme o reconhecimento popular. Acaba por fixar residência em Juazeiro que cresce

<sup>20</sup> NETO, L., Padre Cícero, p. 108.

<sup>21</sup> LADAME, J.; DUVIN, R., I Miracoli Eucaristici, p. 245-246.

e se desenvolve extraordinariamente. Não só a fertilidade do vale do Cariri, mas também e principalmente foram a liderança religiosa, moral e espiritual de Pe. Cícero, sua proximidade com o povo pobre e seu sentido de organização social e conhecimentos botânicos, zoológicos e técnicos os responsáveis por tal desenvolvimento.

### 3. Padre Cícero como Liderança Política

Em 1908 chega a Juazeiro o médico e empreendedor Floro Bartolomeu, ali fixando residência e tornando-se muito próximo de Pe. Cícero<sup>22</sup>. Floro passa a desenvolver intensa atividade política. No contexto da época e daquela região, praticamente todos os homens de projeção econômica ou social, inclusive membros do clero, exerciam, em grau maior ou menor, algum tipo de ação política partidária ou administrativa. Pe. Cícero, associado a Dr. Floro, defendia Juazeiro e, tendo enorme prestígio moral, exerceu muitas vezes função pacificadora, em um ambiente de extrema violência, seja produzida por milícias ligadas aos grandes proprietários, seja por grupos ou indivíduos autônomos que praticavam o roubo e a rapina sistemática, seja pelas forças oficiais, quase sempre colocadas ao serviço de um ou outro proprietário que conquistava, por vezes com o uso das milícias, o poder Municipal. Muitas vezes também as forças oficiais eram colocadas a serviço de quem era aliado ao chefe momentâneo do poder Estadual ou Federal.

Em 1910, Hermes da Fonseca assume a Presidência do Brasil, tendo como plataforma a renovação dos costumes políticos no Brasil e o fim do poder das oligarquias regionais. Pe. Cícero apoia moral e politicamente a Hermes da Fonseca. Em 1911, Pe. Cícero filia-se ao Partido Republicano Conservador, liderado nacionalmente pelo Senador gaúcho Pinheiro Machado, ao qual também pertencia Hermes da Fonseca. No contexto da época, a ação política de Pe. Cícero não pode ser vista como extraordinária ou como um abuso tendo em vista seu sacerdócio. Note-se que entre 1822 e 1930 cerca de 97 padres foram eleitos deputados, tendo sido muitos inclusive reeleitos, nas várias legislaturas pela Província do Ceará. Isto fazia com que a cada Legislatura houvesse um número significativo de padres Deputados. Dez

---

<sup>22</sup> NETO, L., Padre Cícero, p. 275.

chegaram à presidência do Poder Legislativo, sendo um já no período republicano.<sup>23</sup>

No mesmo ano de 1911, Juazeiro que até então era um distrito de Crato, depois de intensos esforços políticos e forte campanha midiática, foi elevado a Vila e Pe. Cícero foi nomeado seu prefeito pelo Comendador Acioly, Presidente (Governador) do Estado do Ceará. Assumindo a Prefeitura promoveu o chamado Pacto dos Coronéis, um grande acordo de pacificação da conflagrada região. Em 1912 Pe. Cícero foi eleito para o cargo de terceiro vice-presidente do Ceará. Este é um período de intensas lutas políticas, no qual ocorrem intensos conflitos internos no seio da oligarquia regional tradicional e entre estas e os setores urbanos modernos. Tais conflitos levarão à deposição do Governador Acioly e à tomada de poder por parte do Coronel Franco Rebelo, eleito ilegitimamente governador pela Assembleia Legislativa Estadual. Rebelo passa a perseguir Pe. Cícero e o grupo oligárquico que o apoiava. Pe. Cícero é deposto do cargo de Prefeito em 1913. São nomeados para os postos-chaves pessoas ligadas a Rebelo. A elite do Crato procura aniquilar Juazeiro.

Uma ampla defesa de Juazeiro é organizada, preparando-se para rechaçar uma anunciada invasão da cidade. Por outro lado, Dr. Floro obteve apoio do Governo federal contra Rebelo. Em 1914 ocorre a o Movimento Sedicioso de Juazeiro. Diante do movimento de invasão de Juazeiro, que se rebelara ao poder de Rebelo, a defesa da cidade é dramática e vitoriosa. Caso a invasão tivesse ocorrido a população de Juazeiro teria sido massacrada. Rechaçada a invasão, derrotada as forças organizadas para o assalto a Juazeiro, as forças de defesa partem para o ataque às cidades e aos chefes políticos que haviam formado uma coalizão contra Juazeiro. Pe. Cícero exorta as que partem para o ataque que evitem usar força desnecessária, que não matem a não ser em combate, que respeitem as famílias e moças. O ataque prossegue até Fortaleza e até a deposição de Rebelo.

A ação política de Pe. Cícero e a sua liderança evitaram em muitos momentos a violência e morte de inocentes. No caso de Pe. Cícero

---

<sup>23</sup> DIÓGENES, O., *O Padroado e os Padres na Política Provincial do Ceará*, p. 149-182; *A Igreja e a Política*, p. 27-54.

este exercício da política foi um também um modo que ele encontrou para continuar cuidando de seu povo estando privado do uso de ordens. Pe. Cícero mesmo afirmou isto em resposta a uma interpelação do Pe. Azarias Sobreira:

que havia eu de fazer para não ficar ocioso, se me tiraram o sacerdócio, privando-me do uso total de minhas ordens? Fiquei reduzido à condição de um simples leigo: não posso confessar nem tenho licença de levantar a voz na Igreja. Foi este o único caminho que encontrei para continuar fazendo algum bem.<sup>24</sup>

#### 4. Os últimos 20 anos

Em 1914, durante o cerco de Juazeiro pelas forças de Rebelo, morreu a Beata Maria de Araújo. No mesmo ano foi criada a Diocese do Crato. Entre 1915 e 1919 temos anos de extrema seca, tendo sido grande a contribuição de Pe. Cícero para minorar o sofrimento do povo. No ano de 1916, o Bispo do Crato, D. Quintino, permite que Pe. Cícero volte a celebrar missas. No dia primeiro de janeiro de 1917 Pe. Cícero celebra a missa na Igreja (ainda Capela) de Nossa Senhora das Dores. No dia 20 do mesmo mês é criada a Paróquia de Nossa Senhora das Dores.

Quando as principais questões pareciam ter se pacificado, em abril de 1917 o Santo Ofício publicou um novo decreto declarando que Pe. Cícero havia incorrido em pena de excomunhão por desobediência. Conforme o Direito Canônico, tal pena, entretanto, só teria validade a partir do momento que fosse comunicada a Pe. Cícero. O Decreto demorou nove meses para chegar a Nunciatura em Petrópolis, e mais algum tempo para chegar ao conhecimento e às mãos de D. Quintino. D. Quintino reluta em aplicar a pena e diante da debilidade física de Pe. Cícero e do receio que a aplicação da pena tivesse consequências dramáticas tenta obter de Roma a revogação da mesma. Roma exige para tanto que Pe. Cícero abandone definitivamente Juazeiro. Em 1921, Roma aceita suspender a excomunhão, mas não permite o uso das ordens. D. Quintino então suspende novamente o uso de ordens de Pe. Cícero.

---

<sup>24</sup> DUMOULIN, A., Padre Cícero, Santo dos Pobres, Santo da Igreja, p. 180.

Em 1926 morre Dr. Floro e Pe. Cícero é eleito Deputado em seu lugar, sem nunca ter tomado posse. Pouco antes havia ocorrido o célebre encontro de Pe. Cícero com Lampião, convocado a combater do lado das forças oficiais a Coluna Prestes. Foi por causa desta convocação, da qual Pe. Cícero foi fiador, que Virgulino recebeu a patente de Capitão. Nos anos seguintes, em 1927, organiza-se no Crato a Comunidade do Caldeirão, que teve como líder o Beato José Lourenço. A comunidade seria massacrada 2 anos após a morte do Pe. Cícero. Em 1934, quase cego, sem o uso de ordens, Pe. Cícero morre aos 90 anos cercado de grande respeito, prestígio e reconhecimento moral e espiritual por parte do povo.

## Conclusão: O Legado de Padre Cícero

Os estudos atuais sobre Pe. Cícero, sobretudo aqueles feitos a partir dos trabalhos iniciados pela Comissão de Estudos do Processo de Reabilitação Histórica e Eclesiástica do Pe. Cícero, criada pela Diocese do Crato em 2002, permitem hoje termos um quadro mais completo do Pe. Cícero. A análise de sua correspondência e de outros documentos, até então inéditos, nos levam a concluir que Pe. Cícero manteve até o fim da vida um intenso amor e fidelidade à Igreja<sup>25</sup>. Sua consciência não lhe permitia negar o milagre, nem deixar a Beata Maria de Araújo entregue à própria sorte. Mas, obedientemente, a partir da proibição da Igreja, cala-se sobre os supostos milagres. Os supostos milagres nunca foram por ele explorados. Sua fama, pode-se dizer com segurança, não decorre deles, mas de sua autoridade religiosa, moral e espiritual. Buscou sempre o bem do povo e da Igreja, segundo seu entendimento e sua consciência. Em seu testamento deixa a quase totalidade de seus bens para a Igreja.<sup>26</sup> Embora administrasse um grande patrimônio, frutos de doações, sempre teve vida simples, hábitos pobres. Nunca usou tal patrimônio em proveito próprio, salvo para cuidar de sua saúde. Suportou muitas provações, manteve sempre a coragem, a paciência e a resignação. Não se pode dizer dele, em nenhuma hipótese, que tenha sido um rebelde. Dentro do contexto de

<sup>25</sup> DUMOULIN, A., Padre Cícero, Santo dos Pobres, Santo da Igreja, p. 207-225.

<sup>26</sup> MACHADO, P., Padre Cícero entre os Rumores e a Verdade, p. 325-326.

violência de sua época buscou sempre que possível a pacificação e a reconciliação. Pela sua ação e pela sua liderança muitas vidas foram poupadas da morte pela violência ou da morte pela seca e epidemias. Manteve até o fim de sua vida a fé, a esperança e a confiança na Igreja, uma intensa devoção Mariana e ao Sagrado Coração de Jesus, o amor e a assistência aos pobres.

Seu legado é duradouro. Graças a ele, Juazeiro se desenvolveu e o Nordeste se transformou. As Romarias a Juazeiro nunca cessaram após o seu falecimento e mantêm-se forte até os dias de hoje. O seu modo de ser católico produziu frutos até o presente, mantendo um Catolicismo vivo no Nordeste que tem resistido às mudanças no Campo Religioso brasileiro. O povo continua a peregrinar até a Terra da Mãe de Deus, venerando Nossa Senhora das Dores, visitando sua Igreja e a terra onde viveu Pe. Cícero, padrinho de tantos homens e mulheres que nele encontram alguém que aponta para o caminho da retidão e da vivência religiosa autêntica. Um traço forte das Romarias são o da devoção Mariana e ao Sagrado Coração de Jesus. Mesmo após sua morte, Pe. Cícero continua a apontar não para si, mas para o Sagrado Coração de Jesus e para Maria, para Nossa Senhora das Dores, a quem cada romeiro venera em sua peregrinação a Juazeiro.<sup>27</sup>

## Referências bibliográficas

AZZI, R. A Instituição Eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, E. et al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio e interpretação a partir do povo, primeira época. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 211-233.

AZZI, R. **O Catolicismo Popular no Brasil**: aspectos históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.

BARRETO, F. M. S. **Padre Cícero**. São Paulo: Loyola, 2002.

CAVA, R. D. **Milagre em Joazeiro**. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CONGAR, Y. **Eclesiologia**: de San Agustín hasta nuestros días. Madrid: BAC, 1976.

DIÓGENES, O. **O Padroado e os Padres na Política Provincial do Ceará**. Instituto do Ceará, Tomo CXXVII, Ano CXXVII, 2013, Disponível em: <[https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2013/05\\_Art05-PadroadoeosPadresnapolitica.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2013/05_Art05-PadroadoeosPadresnapolitica.pdf)> Acesso em: 28 de mar. 2024.

DIÓGENES, O. **A Igreja e a Política**. Instituto do Ceará, Tomo CXXXV, Ano

---

<sup>27</sup> BARRETO, F. M. S., Padre Cícero, p. 47-67.

CXXXV, 2021, Disponível em: <[https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2021%20revista/2021\\_03\\_A\\_Igreja\\_e\\_a\\_Politica.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2021%20revista/2021_03_A_Igreja_e_a_Politica.pdf)>  
Acesso em: 28 de mar. 2024.

DUMOULIN, A. **Padre Cícero, Santo dos Pobres, Santo da Igreja**: revisões históricas e reconciliação. São Paulo: Paulinas, 2019.

GONZAGA, W.; FERREIRA, A. L. C.; ANDRADE, P. F. C. (Orgs.). **Um Padre e sua Fé**: Cícero, História e Legado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021.

LADAME, J.; DUVIN, R. **I Miracoli Eucaristici**. Roma: Dehoniane, 1995.

MACHADO, P. **Padre Cícero entre os Rumores e a Verdade**: o inventário do Padre Cícero Romão Batista. Fortaleza: ABC Editora, 2001.

MARTINA, G. **La Iglesia de Lutero a Nuestros Días**: tomo III. Madrid: Cristianidade, 1974.

NETO, L. **Padre Cícero**: poder e guerra no Sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, P. A. R. **Religião e Dominação de Classe**: gênese, estrutura e função do Catolicismo Romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

POEL, F. V. D. **Dicionário da Religiosidade Popular**: Cultura e Religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

STEIL, C., Desafios da Reconciliação entre Tradição e Modernidade na Ação Pastoral e Política do Pe. Cícero Romão Batista In: GONZAGA, W.; FERREIRA, A. L. C.; ANDRADE, P. F. C. (Orgs.). **Um Padre e sua Fé**: Cícero, História e Legado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021, p. 59-73.

# Padre Cícero: mestre da compaixão e conselheiro do sertão

*José Carlos dos Santos<sup>1</sup>*

## Introdução

**P**adre Cícero: E... Quem é ele? Essa questão inspira um debruçar, incide um olhar analítico e propõe um mergulho na complexidade da vida e dos contextos históricos e sociais da pessoa do padre Cícero Romão Batista (1844-1934). Esse personagem viveu no vale do Cariri cearense,<sup>2</sup> uma região considerada um oásis verde no coração do semiárido nordestino, formando uma rica biodiversidade caracterizada pela fertilidade do solo e abundância de fontes naturais de águas doces e cristalinas.

O objetivo deste texto diz respeito justamente ao emergir de um Mestre além do seu tempo histórico, que cria estratégias na busca de sentido a realizar a condição humana, malgrado as realidades econômicas e sociais do Nordeste brasileiro. Na compreensão de um conjunto de acontecimentos da vida do Pe. Cícero, a centralidade desta abordagem está nas suas ações e comportamentos que revelam compaixão e amorosidade. Deste modo, recorreremos, como fonte documental, às correspondências trocadas entre o padre Cícero, os romeiros e as autoridades políticas e religiosas. Nessas cartas, o capelão do Juazeiro faz uma leitura da região, quando descreve a situação de sofrimento, aflições e dramas existenciais dos sertanejos. Ele suplica e pede ajuda, sugere alternativas e também corrige, como é caso da beata que estava pedindo dinheiro em nome dele. Por isso, os registros escritos do padre Cícero são documentos que demonstram sua personalidade e possibilitam o entendimento como mestre da compaixão e conselheiro do sertão.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto da Universidade Regional do Cariri (URCA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1643547013261487>. E-mail: [josecarlos@ifce.edu.br](mailto:josecarlos@ifce.edu.br).

<sup>2</sup> CARIRY, R., Cariri.

Os efeitos da ação do sacerdote Cícero permanecem presentes no consciente dos seus admiradores de uma vida humana autêntica sobre o solo nordestino. Seu comportamento é o imperativo do agir coletivo das massas sertanejas. Na esfera das relações pessoais e comunitárias, construídas historicamente no Nordeste brasileiro, a figura do Pe. Cícero vem exercendo papel fundamental nas formas de organização da vida e, conseqüentemente, na maneira de articular os bens materiais e os valores humanos e cristãos, mobilizando significativa parcela de mentes e corações de nordestinos.

Mas afinal, que traços na personalidade, ação e comportamentos do Pe. Cícero no seu tempo histórico, podemos atribuir-lhe como a um Mestre?

O Mestre é entendido como indivíduo conhecedor da existência concreta do ser humano, no tocante à realidade cotidiana e imediata experiência fática da existência, no seu modo próprio de viver a intensidade e peculiaridade do realizar-se no mundo. Isto significa que o Mestre está ligado a todas as questões da vida, que o faz compreender as evidências e contradições dominantes no mundo circundante, advindas da própria experiência pessoal e comunitária.

## 1. Nas pegadas do Mestre

A primeira preocupação do mestre encontra-se precisamente em defender e restaurar a vida das pessoas nas suas desgraças, sofrimentos e tormentos, possibilitando caminhos de recuperação da dignidade. Assim, o mundo e a história constituem o lugar da ação efetiva do Mestre que implica o processo de transformação e humanização dos indivíduos e das relações sociais, através de estratégias de promoção de valores radicados na amorosidade, na ternura e na compaixão.

Neste sentido, o Mestre notabiliza-se pelos seus feitos realizados no mundo pela mediação no campo da educação. Compreende-se a educação como processo de humanização que possibilita a emancipação vinculada à conquista da autonomia dos seres humanos, na superação de todas as formas de escravidão, discriminação e humilhação. O mestre é educador na medida em que cria experiências de aprendizagens e redes de interações que elevam os patamares da condição

humana em direção ao mundo solidário. Ele é portador da sabedoria, enquanto integração das potências da existência humana. Isso constitui o imperativo ético que deve reger o mestre-educador na configuração do mundo que efetiva o respeito à vida humana e à vida dos outros seres vivos do planeta.

Nessa perspectiva, a complexidade do fenômeno que envolve a pessoa do padre Cícero, o contexto em que ele vive, as suas ideias e as suas práticas constituídas nos acontecimentos da sua própria existência nas terras do Juazeiro consubstanciam as marcas gravadas de intelectual contemporâneo. Propriamente, a experiência intensa do Pe. Cícero no seu tempo implicou uma profunda e integral transformação do modo de ser e de viver de si mesmo e dos outros que estavam no seu entorno. Adentrando nos escuros do tempo dos episódios da vida do padre Cícero e da sua formação humana e religiosa na esfera da estrutura da Igreja que era o lugar que se encontrava, ao mesmo tempo, com sua “cosmovisão católico-sertaneja”, foi capaz de enxergar a sua realidade no universo socioeconômico e estabelecer estratégias de resoluções concretas das tragédias humanas no Nordeste, como a seca, a fome e as doenças que afligiam os sertanejos.

Nesse horizonte de compreensão, nas teias da ação que configuraram o padre Cícero emergem um Mestre no Nordeste brasileiro. Na prática do acolhimento e do aconselhamento, ele estabeleceu estratégias de permanente diálogo e espaços de desenvolvimento e conexão com as pessoas que recorriam ao Juazeiro. O sacerdote foi tecendo mecanismos de compreensão e difusão dos diversos saberes naquela realidade. Desta forma, ele era encontrado no púlpito da Igreja, na sala e na porta da sua residência, pregando os ensinamentos da fé cristã, escutando os clamores, sofrimentos e dores dos pobres sertanejos e apontando caminhos práticos para as diversas situações de vida de toda a sua gente. Isso foi constituindo a força de sua personalidade<sup>3</sup> e o transformou em referência no passado, chegando a perpetuar sua imagem até a contemporaneidade.

As travessias existenciais do Pe. Cícero consubstanciam o movimento circular da sua condição humana e os processos históricos da

---

<sup>3</sup> DUMOULIN, A., Padre Cícero.

realidade. O sacerdote é entrelaçado pelo esforço constante de deslocamento do mundo da fé religiosa para outra margem do seu habitat no interior do Ceará. Essa realidade é o universo sertanejo marcado pela seca, a fome e as doenças. Ele vai encontrando a população desolada, despossuída e miserável. Esse contingente de famintos e esquecidos socialmente pelas classes economicamente dominantes e politicamente dirigentes recorre a Juazeiro na esperança de minorar o seu sofrimento. Esse vertiginoso crescimento populacional e as condições materiais pelas determinações sociais e históricas provocariam uma alteração substancial naquele sacerdote da aldeia.

Na verdade, a forma de Ser Mestre constitui-se pelas representações coletivas e pela estrutura de formação do pensar o mundo e a vida no terreno de fronteiras entre a imaginação e a criatividade. Essa noção sobre o Mestre aponta para os ensinamentos dos princípios e comportamentos deste ser que revestido da condição de condutor de determinada comunidade, consubstancia o processo de aprendizagem e de convivência, despertando o espírito de amizade, exprimindo suas vivências e abrindo possibilidades de inventar formas de diálogo entre os membros do seu grupo social. Esse imperativo de amizade alimentado cotidianamente e cultivado pelos pertencentes da comunidade desabrocha nos princípios da solidariedade, da confiança e da esperança frente à crueldade do mundo, como afirma Edgar Morin:

As únicas resistências estão nas forças de cooperação, comunicação, compreensão, amizade, comunidade e amor, como condição que sejam acompanhadas de perspicácia e de inteligência, cuja ausência pode favorecer as forças de crueldade [...] A pior crueldade do mundo e o melhor da bondade do mundo estão no homem. [...] A busca do esforço cósmico desesperado que, no ser humano, toma a forma de uma resistência à crueldade do mundo é o que eu chamaria de esperança.<sup>4</sup>

Deste modo, percorrendo a trajetória da história do padre Cícero, encontramos sinais fundamentais que estão na arquitetura da constituição do ser Mestre. Este deve buscar o reconhecimento dos princípios que movem, ordenam e alimentam as decisões da sua vida e propor-

---

<sup>4</sup> MORIN, E., *Meus Demônios*, p. 273-274.

cionam o desabrochar de valores, como a fraternidade e a compaixão, como formas que impulsionam ações de solidariedade no enfrentamento aos antagonismos e contradições da realidade. Esse é o propósito do Mestre que se aventura a construir uma renovada “política de civilização” como aponta Morin,<sup>5</sup> como uma força de resistência à crueldade do mundo.

De fato, a perversidade das condições econômicas e as contradições sociais existentes no interior do nordeste brasileiro, concentrando um número crescente de pessoas das mais variadas procedências em Juazeiro, exigiam uma condução e reposicionamento nas decisões do Pe. Cícero. Este vivia na angústia de escutar os dramas daqueles deserdados filhos da seca e foi, paulatinamente, buscando enfrentar essa tragédia, através da resistência às crueldades do universo sertanejo. Ele tinha consciência que as práticas de devoções religiosas eram relevantes para o “conforto da alma” e “o ânimo do espírito”, mas a realidade concreta era profundamente de exigência para assumir o enfrentamento dos antagonismos e contradições existenciais da condição humana, daqueles que fixavam ou recorriam ao Juazeiro do Pe. Cícero, atraídos por trabalho, sobrevivência, como também na busca por conselhos e orientações para suas vidas.

Neste sentido, a trajetória do Pe. Cícero foi marcada pelo sertão aterrorizado pela seca. Os flagelos se intensificaram em todos os recantos e em vários grupos de retirantes e famintos que pegaram as estradas do Nordeste, apelando pela justiça de Deus e dos homens. A situação se agravou com aglomeração de flagelados no Cariri, devido à precariedade de condições alimentares e higiênicas, provocando um surto de peste que dizimou grande contingente populacional. As pessoas morriam de fome e doenças. Juazeiro recebia, no final do século XIX e nos primórdios do século XX, inúmeros sertanejos desvalidos, que procuravam escapar daquela situação e buscavam vencer a falta de água e alimento. O desespero aumentava com as sequências de tempos de seca no Nordeste. A legião de flagelados buscava abrigo e pedia socorro ao Pe. Cícero, na esperança de alcançar o fim do tormento ou escapar da morte. As enfermidades se alastravam na região.

---

<sup>5</sup> MORIN, E., *Meus Demônios*.

Muitos, cansados e doentes, não conseguiram sobreviver. Muitos retirantes, chegando ao Juazeiro, eram acolhidos pelo padre Cícero e enviados para trabalhar na serra do Araripe. Outras vezes, a estratégia do padre foi utilizar recursos para realizar obras de caridade no intuito de reduzir o número de mortos. Em determinados momentos, o sacerdote tomou a iniciativa e criou frente de trabalho, remunerando com recursos públicos ou mesmo possibilitando o trabalho de construção do calçamento de Juazeiro.

As marcas importantes da biografia do Padre Cícero estão relacionadas com os seus comportamentos e ações, que são sincrônicos com as suas ideias, tecendo uma personalidade forte, das quais se reveste o mestre e intelectual contemporâneo. Nesse sentido, o mergulho analítico da trajetória de vida e das atitudes do padre Cícero conduz a encontrar a faceta de um “intelectual contemporâneo” que, na perspectiva do pensamento de Giorgio Agamben,<sup>6</sup> significa o ser social que elabora a leitura da realidade e responde com atitudes e ação prática aos apelos provenientes desta situação concreta. Em outras palavras, o intelectual desenvolve a capacidade de olhar as configurações dos variados contextos de vida e, na compreensão dessa realidade, cria estratégias de ação que provocam transformações significativas neste universo. De forma que o contemporâneo não se situa no tempo cronológico de um passado longínquo e nostálgico, mas a compreensão do tempo no presente em sua plenitude da vida humana em sua concretude existencial e singular relação com as circunstâncias do tempo histórico vivido coletivamente.

Assim, por exemplo, o sacerdote Cícero, nesse tempo de pavor e tragédia social, escreveu a Dom Joaquim, Bispo do Ceará, em 1889, ano de muita seca:

Temos aqui bons lugares próprios para açudes que podem ser aproveitados e este pobre povo, tendo trabalho, possa escapar. Em Constantina, na Argélia, os poços artesianos têm remediado o mesmo mal que nós sofremos, e me parece que se é verdade o resultado que dão, será um remédio mais pronto e mais eficaz. Aí está uma companhia contratada pelo Governo para este fim, nos alcance um destes poços

---

<sup>6</sup> AGAMBEM, G., O que é o contemporâneo?

para o nosso pobre Juazeiro, de proporções largas, que dê para irrigar as terras que eram irrigadas pela Batateira, nos anos precedentes.<sup>7</sup>

Em determinado momento, a gravidade da situação induz o padre Cícero a um ato de desespero com a violência do fenômeno, o despoamento do Ceará, o sofrimento inaudito do povo e a inércia e negligência das autoridades políticas. Assim, ele não cruzava os braços e chamava o povo à ação para reagir contra as situações injustas, como nesta carta ao Pe. Climério em 04/12/1900:

[...] O nosso Ceará passa por uma crise tão medonha que está ficando despovoado [...] Morre-se de pura fome e a imigração no maior desespero de escapar ainda, atirando-se os pobres, sem nenhum recurso, aos caminhos a morrer ou escapar, é contínua. É um horror e cada dia aumenta mais. Meu amigo, cada Cearense deve ser uma trombeta na Imprensa e em toda parte, gritando com toda força, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará. Pode ser que estes governos que têm dever de salvar os Estados nas calamidades públicas despertem este clamor e não queiram passar por assassinos, deixando caprichosamente morrer milhares de vidas que podiam salvar e não querem[...].<sup>8</sup>

Nas cartas escritas pelo Pe. Cícero e remetidas aos seus devotos encontram-se elementos que implicaram uma tomada de posição a respeito da produção e reprodução dos elementos materiais da vida no sentido de abrir possibilidades humanas de sobrevivência. O flagelo da seca motivava o sertanejo a procurar água, pão e trabalho no Juazeiro. O padre Cícero exercia o papel de conselheiro e o povo atribuía a ele a função de médico, professor, pai, orientador e ele buscava os meios de responder aos anseios populares. As palavras do sacerdote revelam profundo sentimento de angústia, sofrimento e compaixão frente à dramática situação como descreve desesperadamente essa situação nesse tempo de pavor e tragédia social, para o bispo dom Joaquim José Vieira em 04/06/1889:

---

<sup>7</sup> CASSIMIRO, A. R. S., Padre Cícero e os fatos do Juazeiro, p. 487.

<sup>8</sup> BARROS, L. O. C., Padre Cícero e os fatos do Juazeiro, p. 201.

Angustiado por tanta aflição, nem sei dizer o que sinto... o tremendo flagelo de fome apresenta-se diante dos meus olhos com todos os seus horrores, só um milagre nos poderá salvar, não falo do resto do Cariri que eu acho pior do que em 77, porém contudo as poucas chuvas que houve e os recursos das águas da região salvaram muita coisa. [...] Quem está sem esperança é o pobre distrito de Juazeiro, tão populoso e tão pobre, é o Jó do Cariri, planta quase exclusivamente só arroz, as chuvas não foram suficientes para esta plantação que exige mais do que as outras. [...] O que é certo é que se perdeu tudo e não vejo recurso de salvação, ou morrer ou ser retirante. Essa ideia rasga-me o coração e quase me mata não podendo dar remédio a tantos males. [...] E como posso ver este pobre povinho que amo tanto, como uma parte de minha alma, desaparecer? [...] Lembrei-me de pedir a V. Exa. que sabe chorar com os que choram, para se interessar, alcançando algum recurso do Governo, por meio de algum trabalho e que seria de garantia para prevenir outros anos.<sup>9</sup>

Nesse sentido, o Pe. Cícero tem consciência da extensão do desastre da seca. Os horrores que devastaram o Cariri cearense e todo semiárido nordestino são terríveis. O capelão experimenta a amargura de ver o povoado ser dizimado. Movido pela compaixão da população mendiga, ele vai tentando achar saídas, colocando a mão nas feridas sociais e criando estratégias para garantir a sobrevivência e permanência daquela gente sofrida. Uma das ações é intermediando junto ao governo para a construção de açude e um ramal da rede ferroviária no Juazeiro para gerar emprego e promover o desenvolvimento para a região do Cariri Cearense.

Nessa direção, o Pe. Cícero convoca os nordestinos à luta em favor da vida, através do ato de plantar mandioca, cuidar e proteger a terra e retirar os frutos para garantir a sobrevivência. Ele, com inteligência aguçada, vislumbra iniciativas de ações que pudessem ser soluções mais duradouras e sustentáveis, no tocante à permanência da população no combate e enfrentamento da seca. Na base deste projeto está a convivência com a terra, através da diversificação das plantações e da expansão da mandioca como meio de salvar muitas vítimas da fome.

---

<sup>9</sup> CASSIMIRO, A. R. S., Padre Cícero e os fatos do Juazeiro, p. 486-487.

## 2. Padre Cícero: Mestre da Compaixão

Na compreensão das ações do mestre padre Cícero, o acolhimento de gente de todas as classes sociais, moradores ou não da cidade, transformou-se numa prática constante aos seus devotos e admiradores que buscavam conselhos e orientações para suas vidas. O padre do Juazeiro desenvolveu a capacidade de escutar<sup>10</sup> e entender a situação de cada um e encaminhava a solução prática para todos.

Nessa faceta de condutor de muita gente, o Pe. Cícero utiliza estratégias que provocam um impacto gigantesco sobre as consciências e sobre a vida de seus afilhados e devotos. O padre Cícero persistia no caminho de lutar contra as consequências da seca, através das respostas de inúmeras perguntas ou pedidos de ajuda. Ele, em uma visão abrangente dos problemas, adotava o seu conhecimento para procurar as soluções apropriadas.

O que vai-se configurando em padre Cícero é a compaixão e a caridade com pulsões que atraíram os pobres e o credenciaram a receber atribuições de líder e condutor do povo Nordeste. A realidade sócio-histórica era profundamente desumana, na qual um elemento sólido se constituía pela seca, esmagando os sertanejos e tornando-os escravos. Muitos viviam de forma miserável, outros perambulavam pelas ruas e um contingente significativo de gente morria de fome. Esse quadro social trágico provocou uma atitude do sacerdote Cícero que sentiu a compaixão do sofrimento daquele povo. Ele tinha consciência que não podia ser bom cristão e bom sacerdote em um mundo de fome e miséria sem se comprometer com mudanças estruturais da sociedade, empenhando para criar fraternidade e solidariedade. Essa consciência faz emergir a compaixão do Pe. Cícero com os deserdados filhos da seca que se efetiva em criar estratégias de defender a vida humana e a natureza contra a lógica da morte.

Por isso, o olhar sobre o Pe. Cícero, a partir dessas circunstâncias, é evidenciado pelo traço forte de sua personalidade que era a compaixão. Em diferentes momentos da sua vida, marcada por profunda crueldade e consideráveis obstáculos, especialmente o abandono do povo no estado social paupérrimo e a precariedade da estrutura socioe-

---

<sup>10</sup> SOBREIRA, P. A. O patriarca de Juazeiro.

conômica, reacende no sacerdote Cícero a força da compaixão. Essa compaixão não é entendida como o sentimento piedoso do “ter pena” ou mesmo ver o sertanejo como “coitadinho”, mas o impulso interior de aproximação e comunhão com o outro ser humano. O sentir compaixão remete a experimentar o desejo seduzido e a inclinação fascinante de envolver-se com os outros seres humanos frágeis e limitados e nesse estado de comunhão cultivar novos valores de solidariedade. Assim, a compaixão do Pe. Cícero eclodiu com o sentido de dar forma de existência ao seu próprio ser, gerando a necessidade de estabelecer mecanismos que amenizassem e suprimissem os flagelos e aflições da gente sofrida daquele torrão Cearense

A relação do padre Cícero com os seus afilhados faz emergir a ética do fazer e do saber, materializada pelo movimento de diálogo entre o sacerdote e os sertanejos, tornando-os seus discípulos. Concretamente, o padre confiava e acreditava nas potencialidades das pessoas, indicava o caminho e motivava para o exercício da atividade produtiva. Essa é uma condição essencial para o mestre que, utilizando a pedagogia da conversa para promoção e valorização dos talentos, potencializa para o trabalho e garante a sustentabilidade. Outra ação está na formação de comunidades para garantir o trabalho e a convivência com o semiárido como no caso da experiência comunitária do caldeirão da Santa Cruz do Deserto.<sup>11</sup>

Esse modelo de organização das experiências comunitárias incentivadas pelo padre Cícero permite-nos encontrar as lições de um

---

<sup>11</sup> A experiência inicial destinada pelo Pe. Cícero ao beato José Lourenço foi conduzi-lo para morar e trabalhar no sítio Baixa Dantas (1894-1926), no município do Crato, em terras arrendadas do Senhor João Brito. Nesta comunidade agrícola, os membros plantavam nas terras, produziam muitos cereais e frutas e desenvolviam a pecuária na criação de animais. Os frutos da terra eram repartidos de forma igualitária entre os moradores da comunidade e, no período noturno, eles se reuniam para as rezas, novenas e ladainhas. Após um tempo, o sítio foi vendido pelo proprietário. O beato e os outros moradores foram obrigados a entregar a terra sem nenhuma indenização pelas benfeitorias realizadas naquela propriedade. Humildemente essa gente se retirou para Juazeiro ao encontro do Pe. Cícero. Este acolhe e faz a doação de uma terra pertencente a ele. O novo lugar chama-se Caldeirão dos Jesuítas por existir uma depressão natural de pedra composta no formato de um caldeirão e naquele lugar terem morrido dois jesuítas no tempo das perseguições pombalinas. A experiência do Caldeirão (1926-1936), com aproximadamente 10 anos de existência, foi destruída, após a morte do Pe. Cícero, pelas forças militares do Estado, pelos proprietários de terra, políticos e pelo clero da região do Cariri.

mestre que, na condução dos trabalhadores, procura garantir a existência digna, a sobrevivência dos sertanejos e a manutenção dos ensinamentos cristãos.<sup>12</sup> As ações de plantar valores humanos como a perseverança, o amor ao trabalho, o respeito à natureza, associadas às virtudes da fé cristã repercutem diretamente na vida dos seus devotos. Nessa maestria estava a constituição da ética da responsabilidade solidária, que implica a cooperação mútua, o reconhecimento do espírito comunitário, os cuidados com a natureza, a dignidade e o bem-estar de cada pessoa. Esse era um programa de desenvolvimento integral que, na perspectiva do padrinho Cícero, englobava a pessoa reger a vida com as possibilidades de trabalho produtivo digno e os exercícios espirituais dos princípios cristãos do catolicismo. Essa sabedoria ético-religiosa é articulada pelo sacerdote no sentido de transformar as formas de viver dos camponeses no processo de reorganização da produção agrícola, reduzindo a exploração desenfreada dos recursos naturais e conduzindo também os seus devotos a experimentarem a espiritualidade cristã.

Os métodos utilizados pelo mestre padre Cícero para semear o valor do trabalho e irrigar a fé eram simples, práticos e baseados no bom senso. Os mecanismos usados eram a capacidade de escutar o devoto, o aconselhamento para mudança de vida, a orientação prática para cura de doenças, através dos remédios naturais, as respostas às cartas e correspondências que recebia com apelos para ajuda financeira, conselhos e pedidos de socorro e a prática da caridade com alimentos, recursos financeiros e encaminhamentos para os serviços no campo aos famintos, miseráveis, desempregados e deserdados filhos da seca. Esse comportamento provocava impacto gigantesco na consciência de seus romeiros e produzia a estética do pensar de um mestre multifacetário com personalidade forte e firmeza de propósito, aliada a valores de bondade, compreensão, honestidade, paciência, sabedoria, prudência, simplicidade, amor e dedicação ao seu povo.

---

<sup>12</sup> CARIRY, R.; HOLANDA, F., O caldeirão da Santa Cruz do deserto.

### 3. Pe. Cícero: o Mestre Conselheiro do Sertão

A história e vida do padre Cícero abordadas revelam os traços da sua personalidade, compreendendo como intelectual contemporâneo por suas atitudes, crenças e opções de vida, desencadeadas no contexto histórico da região sul cearense em determinado tempo histórico, permitindo identificar e tecer as redes de um mestre com múltiplas lições perpetuadas no horizonte do mundo dos nordestinos. O ambiente socioeconômico dominante no período de secas, agudização da miséria e assolamentos de diversas doenças que afetam a camada pobre da sociedade despertaram a consciência do sacerdote Cícero para o engajamento e enfrentamento da realidade. Isso encetou a estratégia de construção de novo modelo de organização social fundamentada na oração, no trabalho e na caridade. Esse projeto se materializa nos episódios da história de Juazeiro que se encontra imbricada na personalidade do Pe. Cícero. Ele foi envolvido com as populações nordestinas e imerso na cultura sertaneja de enxergar a realidade. Buscou estabelecer mecanismos de manutenção da agricultura de subsistência, diversificação da produção agrícola, criação de formas de garantir a permanência dos sertanejos nos pedaços de terra. Também contribuiu para a formação de comunidades nos princípios da distribuição igualitária e da convivência com o semiárido, respeitando a Mãe natureza, expressa nos preceitos ecológicos.<sup>13</sup>

No tocante à relação do Pe. Cícero com o meio ambiente, há os ensinamentos aos romeiros para o cuidado com a terra. Ele difundiu os preceitos ecológicos como diretrizes de convivência dos sertanejos com a natureza. No contexto de secas periódicas, falta de estrutura hídrica e ameaças de desertificação, o Pe. Cícero defendeu a preservação ambiental na relação homem e natureza como ferramenta de convivência saudável do bem viver. De fato, a sabedoria do sacerdote Cícero era aplicada pelo aconselhamento a todos sobre a necessidade de preservação da fauna e da flora, da orientação aos agricultores

---

<sup>13</sup> Pe. Cícero ensinou aos romeiros o cuidado com a terra. Ele difundiu os preceitos ecológicos como diretrizes de convivência dos sertanejos com a natureza. Os preceitos foram organizados pelo professor da UFRPE, José Vasconcelos Sobrinhos e largamente disseminados pelo Nordeste. Esses mandamentos são encontrados no livro: WALKER, D., Padre Cícero, p. 47-48.

de como manejar corretamente o solo para torná-lo mais produtivo e eficaz. Os mandamentos ecológicos amplamente difundidos foram apresentados da seguinte forma:

Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau.  
Não toque fogo no roçado nem na Caatinga.  
Não cace mais e deixe os bichos viverem.  
Não crie o boi nem os bodes soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer.  
Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza.  
Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva.  
Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta.  
Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.  
Aprenda a tirar proveito das plantas da Caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca.  
Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer  
Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.<sup>14</sup>

Essas lições eram transmitidas em linguagem simples e direta pelo Pe. Cícero nas suas conversas e pregações diárias com os sertanejos. É importante salientar que os preceitos foram organizados pelo ecologista brasileiro, engenheiro agrônomo e professor da UFRPE, José Vasconcelos Sobrinho. De fato, os preceitos ecológicos foram largamente disseminados pelo Nordeste, que no artigo publicado no jornal O Globo em 19 de janeiro de 1994, denominado “O sermão da Caatinga”, o ex-ministro Dr. Rubens Ricúpero afirmou:

Padre Cícero antecipou em 70 anos, e em pleno coração do subdesenvolvimento e da pobreza, ensinamentos que hoje constituem conceitos básicos do desenvolvimento sustentável e da convivência harmoniosa do homem com o meio ambiente... Ele pregou em pleno sertão nordestino a palavra que hoje a consciência ambiental a duras penas

---

<sup>14</sup> WALKER, D., Padre Cícero, p. 47-48.

começa a inscrever na nossa visão de mundo. Muito antes de que se realizasse a I Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, ele teve essa percepção aguda de algo que constitui antes de tudo um interesse legítimo, identificado por quem está próximo da realidade.<sup>15</sup>

Nesse sentido, Pe. Cícero recebeu, em 2010, o título de “Padroeiro das Florestas”, denominação atribuída pelos ecologistas do Greenpeace, Organização Não Governamental (ONG) de caráter internacional. Adentrando nesse universo da imagem do Pe. Cícero ambientalista evidencia-se que ele ensinava a perfuração de poços profundos, a diversificar as plantações e a expansão da mandioca para suprir a fome e o flagelo das secas aos nordestinos. Portanto, esse conjunto de ações e atitudes do padre Cícero coloca-o como pioneiro da ecologia na região do Cariri e precursor da agroecologia sustentável.

Pode-se ainda sublinhar o papel desempenhado de mestre que está representado como protetor dos desvalidos, condutor, conselheiro e líder carismático dos pobres sertanejos. Esse reconhecimento pelos seus afilhados é oriundo da sua pregação, do seu acolhimento e aconselhamento que provocavam mudanças nas condições sociais e repercutiam na realidade concreta dos seus devotos. É um mestre que assume a radicalidade do cuidado, do afeto, da compaixão, da pacificação e da proteção que o consagra no imaginário popular como patriarca do Nordeste e autêntico apóstolo do sertão. Esse mesmo personagem que tem uma imagem impoluta conforme os valores humanos e vai tecendo na sua maestria o mentor da disciplina, exercendo o poder de mando e o controle dos comportamentos das pessoas da urbe. Em suma, o Pe. Cícero configura um misto de reprovação e medo. Pela admiração, ele continua representando na sua integridade um mestre de grande esperança e irradiador do sentido de vida para os seus romeiros diante das iniquidades sociais e, ao mesmo tempo, dos sonhos acalentados de prosperidade e felicidade.

As carências de políticas públicas no sertão nordestino obrigavam as pessoas famintas a recorrerem ao Juazeiro em busca de socorro. As

---

<sup>15</sup> BARBOSA, G. M.; CASIMIRO, A. R. S.; MARQUES, D. W. A., Sesquicentenário de nascimento do Padre Cícero Romão Batista, p. 52-53.

correspondências entre o capelão de Juazeiro e seus romeiros são reveladoras da maneira de aconselhar, julgar e exercer o poder de mando do sacerdote Cícero nas diversas situações para responder os desafios oriundos dos anseios populares. Ele era detentor de conhecimento das doenças e suas causas, sobretudo, em que suas respostas são compatíveis com os bens naturais disponíveis para a população pobre.

A prática de acolher as pessoas na sua casa era algo constante no cotidiano da vida do Pe. Cícero. Os romeiros e visitantes compartilhavam as diversas situações e buscavam um aconselhamento do seu padrinho. Na teia das relações atritos e conflitos humanos são permanentes e o perdão é a condição indispensável para a liberdade. A iniciativa do perdão é do ser humano que se reconcilia com o amor e se traduz no respeito e na tolerância ao outro. Os diálogos do padre Cícero com os seus afilhados são marcados pelo conselheiro prudente, cheio de compaixão e exigências da obediência às ordens de não ceder ao pecado e não se render aos prazeres do que acreditava ser sedução satânica.

A vida do Pe. Cícero era constituída também de firmeza, determinação e exigência no exercício da missão de ensinar os valores humanos e as virtudes cristãs. Ele adotava um tipo de estrutura nas relações, permeadas por fidelidade, respeito e reciprocidade entre ele e seus devotos. Ele não admitia comportamentos desonestos dos seus seguidores e era severo na orientação e punição aos que praticavam atos contra as leis sociais e os mandamentos cristãos. Ele vincula a sua ação pela possibilidade de aplicar o castigo, causa assombro e pode tornar-se o “padrinho da punição”. Na sua orientação, ele abre a porta do arrependimento para o pecador. Ele escreveu uma carta à Beata Luzia, que, sem a sua permissão pedia dinheiro em seu nome, mas no final invoca a bênção de Deus, agindo como pastor paciente que busca formar e educar a sua gente, transformando-se no pai da compaixão:

Eu tenho estranhado muito e, sobretudo, quando andando debaixo do meu nome, sem ter nenhum documento assinado por mim, lhe autorizando esmolar como anda, e conduzindo a imagem do Menino Deus daqui por esses lugares sem licença minha... Pois bem, ao receber esta, não admito desculpas, venha e traga a imagem, que você bem

pode considerar que isto não é correto e nem convém... A Santíssima Virgem a abençoe e guarde.<sup>16</sup>

Podemos dizer, então que nas diferentes circunstâncias da vida do Pe. Cícero, o sentir compaixão é a matriz que desabrocha da sua condição humana. Ele se relaciona com os sertanejos como alguém que está sempre pronto para protegê-los, socorrê-los e atendê-los em suas necessidades. Na mesma medida, é também o sacerdote que pune o afilhado quando este rompe os laços de confiança e se entrega às malhas do erro e do pecado. Na sua dinâmica viva e profunda de adentrar no universo do sertanejo e colocar-se no lugar do outro com humildade, um dos atributos do princípio da misericórdia, o capelão do Juazeiro descobriu a presença amorosa e solidária que abraçou os desvalidos, os flagelados e vítimas da seca, da fome e da miséria quando acolheu e amou o ser humano ferido na sua sublime dignidade.

A experiência do mestre Pe. Cícero emerge em situações de tensões e conflitos das realidades sociais de sujeitos historicamente situados. Em outras palavras, o padre Cícero foi se constituindo na sua maestria por experimentar o mundo de sofrimento e aflição cotidiana dos sertanejos e criando estratégias de laços de proteção para enfrentar as secas, as doenças, a violência e a privação das condições basilares de sobrevivência do povo. A rigor, ter compaixão significa colocar-se no lugar do que está precisando, agora, do gesto generoso e amoroso. Nesse momento, se temos algo a oferecer, temos também algo a receber daquele “moribundo”. Instala-se o processo de humanismo de forma dinâmica e dialógica, que se integra, se entrelaça e se complementa em uma evolução e crescimento recíprocos e em forma do espiral.

Nesse sentido, Edgar Morin instiga para o viver plenamente e intensamente a condição humana com a força do amor:

A fê ética é o amor. Mas é um dever ético proteger a racionalidade no coração do amor. [...]. Esse amor nos ensina a resistir à crueldade do mundo, a aceitar/recusar esse mundo. Amor é também coragem. Ele nos permite viver na incerteza e na inquietude. É remédio para

---

<sup>16</sup> GUIMARÃES, T. S.; DUMOULIN, A., Padre Cícero, líder e condutor, p. 4-5.

a angústia, resposta para a morte é o consolo. [...]. Ame o frágil e o perecível, pois o mais precioso, o melhor, inclusive a consciência, a beleza, a alma, são frágeis e perecíveis.<sup>17</sup>

Nessa direção que podemos entender a cultura do encontro e da política de civilização, em que a missão do mestre que tem compaixão significa a atitude de acolhimento e amor com os outros que vivem abandonados nas periferias do mundo. Esse encontro nasce e desenvolve no diálogo permanente de sentimentos e emoções, de alma a alma. Assim, o tipo de encontro é o lugar hermenêutico, onde o rosto do mestre Pe. Cícero aparece suavemente nos contornos da vida dos nordestinos. Nesse encontro, o padrinho e os seus admiradores e afilhados tornam-se protagonistas do processo de humanização e de regeneração da sociedade, favorecendo reservas humanas do bem viver que concentram suas forças na solidariedade, amorosidade e gratuidade.

## Conclusão

Na trajetória da história do Pe. Cícero, o acolhimento de gente de todas as classes sociais, moradores ou não da cidade transformou-se numa prática constante que os seus devotos e admiradores buscavam conselhos e orientações para suas vidas. O padre do Juazeiro desenvolveu a capacidade de escutar, entender a situação e encaminhava uma solução prática para todos.

De fato, a atitude do Pe. Cícero aponta para um ser intelectual que tem muitas estratégias de leitura da realidade e efetivava ações no sentido de proteger e jamais abandonar os pobres sertanejos. Esse é o terreno dos valores humanísticos assimilados pelo mestre que frente à perversidade de condenar o outro por supostamente ser fraco ou vulnerável na sua condição humana, opera com criatividade e sedimenta o respeito, a amorosidade, a coragem e a solidariedade.

Portanto, o Pe. Cícero cumpriu o papel de conselheiro das massas sertanejas. As qualidades de liderança do sacerdote têm as suas ressonâncias no universo do sertão, perpetuando os seus ensinamentos de um mestre que fez brotar a esperança nas glebas e corações nordestinos.

---

<sup>17</sup> MORIN, E., O método 6, p. 202-203.

## Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- BARBOSA, Geraldo M.; CASIMIRO, Antonio R. S.; MARQUES, Daniel W. A. (Orgs.). **Sesquicentenário de nascimento do Padre Cícero Romão Batista (1994)**. Fortaleza: Editora BNB, 1994.
- BARROS, Luitgarde O. C. (Org.). **Padre Cícero e os fatos do Juazeiro: autonomia político-administrativo**. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2012.
- CARIRY, Rosemberg. **Cariri: a nação das utopias**. Fortaleza, 2001. Disponível em: <<http://enapegs2018.ufca.edu.br/210-2/>>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- CARIRY, Rosemberg; HOLANDA, Firmino. **O caldeirão da Santa Cruz do deserto: apontamentos para a história**. Fortaleza: interarte, 2007.
- CASIMIRO, Antônio R. S. (Org.). **Padre Cícero e os fatos do Juazeiro: a questão religiosa**. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2012.
- DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2019.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella; DUMOULIN, Anne. **O Padre Cícero por ele mesmo**. 2. ed. Fortaleza: Ed. INESP, 2015.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella; DUMOULIN, Anne. **Padre Cícero, líder e condutor**. Juazeiro do Norte, 2009. No prelo.
- MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 6. ed. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- SOBREIRA, Azarias. **O patriarca de Juazeiro**. 3. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- WALKER, Daniel. **Padre Cícero: a sabedoria do conselheiro do sertão**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

# Padre Cícero: a figura do Conselheiro no Catolicismo Popular Sertanejo do Nordeste Brasileiro - final do século XIX e início do século XX

*João Everton da Cruz Santos<sup>1</sup>*

## Introdução

Ao estudarmos Frei Damião como Conselheiro, na tese de Doutorado<sup>2</sup> em Ciências da Religião, do Programa de Pós-Graduação da PUC Minas, impressionou-nos a complexidade dessa figura aparentemente tão simples. O sertão, de fato, é do tamanho do mundo, ou seja, como bem disse Guimarães Rosa, “o sertão é em todo lugar”. A descrição do sertão é uma paisagem que expõe a aridez das terras sertanejas, a sua vegetação rarefeita, o chão arenoso, o terreno descampado. Esse texto trata desse fenômeno religioso em torno do padre Cícero como conselheiro da população do Nordeste brasileiro, que abrange os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. A região Nordeste tem a sua diversidade geográfica, constituída de sub-regiões, bem distintas, com diversas condições climáticas.

A exemplo do semiárido, do agreste com chuvas e a região da mata; além do extenso litoral. A seca é um fenômeno natural pela escassez de água que mais afeta a vida dos nordestinos. É importante observar como a população nordestina, sobretudo da região do sertão recorre ao seu santo protetor. Como a cultura sertaneja se orienta dentro da tradição religiosa do catolicismo popular, cujas expressões se dis-

---

<sup>1</sup> Doutorado e Mestrado em Ciências da Religião pela PUC Minas. Especialização em docência no ensino superior: novas linguagens e novas abordagens pela PUC Minas. Licenciatura Plena em Filosofia pela PUC Minas. Professor Efetivo de Educação Básica da Secretaria do Estado da Educação e Cultura de Sergipe – SEDUC. Membro da SOTER. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/0579361563513488> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3613-4866>. E-mail: [joevertoncruz@yahoo.com.br](mailto:joevertoncruz@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> SANTOS, J. E. C., Frei Damião de Bozzano.

tanciam do catolicismo romanizado ou oficial. Segundo Ney Souza, o termo catolicismo popular é amplo e bastante diversificado quando se aborda este tema: a religião dos mais simples<sup>3</sup>. Dividimos o artigo em três partes e as considerações finais. Na primeira parte, o catolicismo do Nordeste e a figura do Conselheiro. Na segunda parte, os elementos biográficos do Pe. Cícero Romão Batista. Na terceira parte, Pe. Cícero como Conselheiro e a memória ética de outros grandes Conselheiros do Nordeste brasileiro. Deparamos no Catolicismo Popular Sertanejo do Nordeste brasileiro com a linhagem de grandes Conselheiros: padre Ibiapina (1806-1883), Beato Antônio Conselheiro (1830-1897), padre Cícero (1844-1934) e o derradeiro Frei Damião de Bozzano (1897-1997). O primeiro é uma figura matricial e provavelmente foi uma referência religiosa para o Beato Antônio e também para o padre Cícero. Convido a todos e todas, a caminhar conosco neste texto.

## 1. Catolicismo do Nordeste e a Figura do Conselheiro na Cultura Popular

O cenário religioso do catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro, é receptivo a um conselheiro que ocupasse o espaço deixado por Padre-Mestre Ibiapina. Frei Damião de Bozzano veio para o Brasil em 1931, por ser capuchinho, iniciando os seus primeiros ensaios missionários no meio do povo três anos depois da morte do padre Cícero Romão, em 1934. Houve uma transferência simbólica de seus conselhos. Porque muitos dos conselhos atribuídos ao frade, a cultura popular nordestina já atribuía ao padre Cícero do Juazeiro do Norte (CE). No Brasil ainda prevalece o catolicismo, aí abrange pessoas das mais diferentes etnias, origens e estratificações sociais, que ocorre no seu interior uma infinidade de linhas, crenças, correntes e práticas de variados naipes. Aqui não é o lugar de analisar a Igreja Católica, mas sim descrever sobre as “malhas do catolicismo”. Porque:

são malhas diversificadas de um catolicismo, ou poder-se-ia mesmo falar em catolicismos. Há um catolicismo “santorial”, um catolicismo “erudito ou oficial” [...]. O catolicismo santorial, para usar uma

---

<sup>3</sup> SOUZA, N., *Piedade Popular*, p. 13.

expressão de Cândido Procópio Camargo, é uma das formas mais tradicionais de catolicismo presentes no Brasil desde o período da colonização. Tem como característica central o culto aos santos. Foi este culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários<sup>4</sup>.

O catolicismo dos brasileiros não é homogêneo. O que existe são vários “estilos culturais de ser católico”. O fato é que o catolicismo é um campo religioso marcado por uma enorme gama de diversidade. Os estudiosos das Ciências da Religião vêm ratificando a complexidade do campo religioso católico. O catolicismo foi, no decorrer de muito tempo, um catolicismo de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Esse catolicismo popular sofreu colisão da denominada “romanização” do catolicismo. Na visão de Pedro Ribeiro de Oliveira: “o processo de romanização foi forte bastante para combater o catolicismo popular, mas não o suficiente para implantar a forma romana na grande massa dos católicos”<sup>5</sup>. Esse catolicismo de devoção aos santos manteve uma relativa autonomia com consideração ao catolicismo romanizado. Esse esquema do catolicismo popular sertanejo, segundo M. Isaura de Queiroz, “manteve-se assim mais próximo daquele que havia sido trazido pelos portugueses nos dois primeiros séculos da colonização, e evoluiu por assim dizer fechado sobre si mesmo”<sup>6</sup>.

Na figura do padre Cícero, o romeiro buscou a sua identidade e filiação no “cristianismo primitivo” e não se submetendo ao processo de modernização que teve início nas primeiras décadas do século XIX. Há uma espécie de recordação das origens e parece ser um fator decisivo na formação e evolução das mais diversas formas de religião. Não há dúvida de que a fidelidade às origens possibilita uma dosagem de segurança ao grupo religioso. Este sente necessidade cada vez maior de se fixar nas origens, como condição para continuar a existir ou ser fiel com a tradição. Esta fixação nostálgica desencadeou em movimentos religiosos de protesto social como foram os casos de Antônio Conselheiro, em Canudos (BA), do padre Cícero, em Juazeiro do Nor-

<sup>4</sup> TEIXEIRA, F., *Catolicismo Plural*, p. 19-20.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, P. A. R., *Religião e Dominação de Classe*, p. 263.

<sup>6</sup> QUEIROZ, M. I. P., *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, p. 107.

te (CE), do beato José Lourenço (Caldeirão da Santa Cruz), do Pedro Batista, em Santa Brígida (BA), de beatos, de beatas e de penitentes, Nordeste afora. Estes múltiplos catolicismos foram-se concretizando no processo histórico e podem ser compreendidos na organização da vida cotidiana e das ações sociais. Em cada contexto, em cada realidade e em cada cultura, o catolicismo foi sendo formatado com suas expressões e feições próprias.

### 1.1 Lugar do Conselheiro na cultura popular nordestina

José Calasans Brandão Silva define as funções desses religiosos leigos quando diz que:

Admitimos, na igreja popular sertaneja, uma hierarquia, com *beatos* e *conselheiros*. Tivemos, como foi dito, nossa atenção despertada para o assunto numa conversa com Honório Vilanova, em terras do Assaré. Disse-nos que conhecera, por volta de 1873, no Ceará, o beato Antônio, que iria encontrar, depois, na Bahia, como conselheiro. Explicou-nos que conselheiro era mais do que beato. Ao beato cabia a missão de tirar rezas, cantas ladainhas, pedir esmolas para obras da igreja. O conselheiro ia além, porque, melhor preparado sobre os temas religiosos, pregava, dava conselhos. Um conselheiro pode ter, debaixo de suas ordens, um ou vários beatos. Foi o caso de Antônio Conselheiro, ao qual estavam subordinados alguns beatos, como o Beato Paulo, José Beatinho, Antônio Beatinho, além de outros que não nos foi possível identificar<sup>7</sup>.

Nas pequenas e médias cidades do interior do Nordeste brasileiro, mesmo com os significativos avanços que a modernidade trouxe, ainda deparamos com a presença de pequenos conselheiros e conselheiras que auxiliam as pessoas da comunidade, aconselhando-as em suas dores, angústias e suavizando a vida dos que sofrem, bem como ensinando a perdoar e promovendo a reconciliação entre famílias. Walnice N. Galvão diz que:

Antônio Conselheiro é apenas um entre os vários conselheiros de que há notícias na época: havia um por nome Francisco, em Itiúba, na

---

<sup>7</sup> SILVA, J. C. B., Quase Biografia de Jagunços, p. 13.

Bahia, outro por nome Guedes, em Pernambuco, e outros mais. Assim eram designados no sertão os leigos andarilhos pregadores de sermões, chamados “conselhos” por não provirem de Padres ordenados<sup>8</sup>.

A função do conselheiro na história do catolicismo popular preenche o substrato religioso da cultura nordestina católica. A singularidade socioeconômica do sertão nordestino possibilitou uma sociedade bastante criadora, produzindo uma cultura popular de grandeza temática e histórica. O nascimento da cultura popular é resultado das lendas, da sabedoria ancestral do povo, dos conteúdos das mensagens da literatura de cordel e dentre outros. A cultura popular nordestina corresponde a uma cultura de tradição oral. Não se pode conceber o conselheirismo dissociado da cultura popular, onde confere maior existência de beatos, beatas, conselheiros e conselheiras.

Os beatos e as beatas eram capacitados nas coisas sagradas. Tiravam rezas e esmolavam para as igrejas católicas. Os conselheiros possuíam, sob seu comando, um ou mais beatos que seguiam em suas peregrinações pelas estradas empoeiradas do Nordeste. As beatas eram verdadeiras mães das órfãs. Eram educadoras, enfermeiras, escritoras, agricultoras, artesãs, zeladoras. Eram mulheres nordestinas, sertanejas matutas, costumavam ter fama de bondade e de santidade. Eram tidas como irmãs-beatas do padre Ibiapina. O conselheiro ensina as mesmas coisas que o pai ensina ao filho, os ensinamentos são passados de geração em geração. E padre Cícero segue essa mesma linha pedagógica utilizada pelo Pe. Ibiapina.

No contexto do presente ensaio, a definição de catolicismo popular brota como um dos pontos fundamentais. Buscamos dar uma razoável contribuição para o debate acadêmico, por meio da leitura crítica de autores relevantes acerca do conceito de catolicismo popular. A propósito do catolicismo popular no Brasil, citamos pesquisadores como Carlos Brandão, Eduardo Hoornaert, Pedro Ribeiro de Oliveira, Thales de Azevedo, Camargo, dentre outros. Isto configura a grandeza de reflexão em torno da questão da tipologia do catolicismo. Os autores trazem diferentes enfoques, mas podemos distinguir em

---

<sup>8</sup> GALVÃO, W. N., *O Império do Belo Monte*, p. 32.

duas grandes linhas de interpretação. O primeiro exemplo, o catolicismo “oficial” – um sistema de crenças, ritos, práticas e valores que se apresenta como uma totalidade articulada e organizada. O segundo exemplo, saltam-se aos olhos a originalidade do catolicismo popular -, uma forma de vivência do catolicismo das classes subalternas, em sua maioria.

## 1.2 Catolicismo Popular – catolicismo de autoprodução?

O termo Catolicismo Popular é conceituado algumas vezes como “religião popular”, “catolicismo rural”, “religiosidade popular”, “pie-dade popular”, “fé popular” dentre outros conceitos<sup>9</sup>. Pedro Ribeiro de Oliveira define o catolicismo popular como uma devoção aos santos e familiar, porque os santos são como os parentes mais próximos<sup>10</sup>. A expressão Catolicismo Popular pode ser entendida diversamente de acordo com cada autor. E. Hoornaert diz que:

Diante do assunto que passamos a apresentar existem três atitudes bem distintas: uns negam simplesmente a existência de um Catolicismo Popular distinto do catolicismo estabelecido ou patriarcal: no Brasil só há **um** [*sic*] catolicismo que constitui o “cimento da unidade nacional”. Outros aceitam o Catolicismo Popular, mas lhe negam toda originalidade e todo valor: o catolicismo vivido pelo povo é simplesmente a interiorização dos temas apresentados pela religião dominante. A nossa posição é a seguinte: existe um Catolicismo Popular distinto do catolicismo patriarcal. O povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o Catolicismo Popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu<sup>11</sup>.

Esse fenômeno da diversidade do catolicismo brasileiro constitui um dado fundamental da antropologia religiosa e geográfica. Fizemos a opção pela definição sociológica de Pedro Ribeiro de Oliveira sobre catolicismo popular: “é um conjunto de representações e práticas religiosas ligando o ser humano ao sobrenatural pela mediação dos santos e santas independentemente da intercessão dos religiosos ins-

<sup>9</sup> SILVA, K. M., Catolicismo Popular entre o Amor e a Cobiça, p. 20.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, P. A. R., Religião e Dominação de Classe, p. 133.

<sup>11</sup> HOORNAERT, E., Formação do Catolicismo Brasileiro, p. 98-99.

titucionais”<sup>12</sup>. No Catolicismo Popular a autonomia dos seus rituais é relativa porque estão vinculados a uma fonte que é o Catolicismo Oficial. Isso porque o Catolicismo Popular incorpora elementos do Catolicismo Oficial – os significantes – porém lhes dá uma significação própria, que pode sobretudo opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas. O Catolicismo Popular se caracteriza pela devoção aos santos, dos quais se espera proteção para superar as dificuldades e resolver problemas desta vida, bem como para obter a salvação eterna. As suas práticas são de âmbito familiar. As vivências e práticas religiosas, ao longo da tradição do cristianismo, foram socialmente incorporadas como “católicas”.

O conceito popular tem o sentido de distinção cultural e social de um povo e também de um comportamento religioso que se distancia do erudito, do oficial. Não se pode afirmar que seja um catolicismo autônomo do catolicismo oficial, mas se trata de uma retratação do mesmo. Assim, em outro nível de análise, o catolicismo popular exprime as condições de existência das classes dominadas, fazendo uso dos códigos religiosos oficiais. Na ótica de Pedro Ribeiro de Oliveira, “a produção e reprodução de significações religiosas não se faz num vazio, mas dentro de condições sociológicas determinadas e determinantes”<sup>13</sup>. O autor aponta para o elemento criativo do catolicismo popular, ressaltando o modo de produção social da religião popular. Sobrepondo, segundo o autor, que o catolicismo é sempre reinterpretado por seus destinatários e vivido a seu modo, em decorrências de influências históricas determinadas, pelas condições concretas de produção da sua sobrevivência, no choque entre as forças econômicas, culturais, sociais e políticas historicamente situadas.

### 1.3 Catolicismo Popular Sertanejo – singularidades de uma devoção

A deficiência de padres no Brasil é caso que pode ser datado do período colonial. Os sacerdotes estrangeiros eram em pequena quantidade. As populações interioranas, sobretudo, nordestina com toda sua extensão ficaram sem padres. Ali se conservou um catolicismo

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA, P. A. R., *Religião e Dominação de Classe*, p. 133-138.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, P. A. R., *Religião e Dominação de Classe*, p. 12.

popular sertanejo, com suas formas de crer e de agir especificamente, cultivada por leigos e leigas que se arvoravam nos temas religiosos, a fim de orientar o povo. Com a Proclamação da República, as Ordens Religiosas estrangeiras passaram a enviar sacerdotes em maior quantidade para o Brasil. Muitos dos sacerdotes estrangeiros nas missões procuraram implantar entre o povo, práticas e crenças ligadas ao catolicismo oficial, mas, o sertanejo dava mais ouvidos aos beatos e beatas, que aos sacerdotes ordenados, preferindo seus conselhos às missas e demais sacramentos.

Esse foi o catolicismo difundido no sertão do Nordeste pelos missionários por meio das missões, em especial pelos capuchinhos franceses e italianos. A devoção sertaneja nordestina corresponde a uma cultura de tradição baseada na oralidade. Nesse tipo de catolicismo, o sertanejo se organiza para expressar a sua devoção, centrado no culto aos santos, nas procissões e nas promessas ex-votos. No catolicismo popular sertanejo é o devoto que “arranja” o seu santo a partir das suas dores, aflições, sonhos e problemas. Esse catolicismo permite que o devoto expresse a sua fé dentro de valores e símbolos inteligíveis e de combinação com sua formação familiar e comunitária, pois a ética do catolicismo popular sertanejo é relacional e dirige-se à salvação da pessoa; além disso, a realização de sua felicidade terrena. Nisto o catolicismo popular sertanejo se distancia dos movimentos messiânicos e milenaristas.

### 1.3.1 Catolicismo Romanizado ou Oficial – estrutura e função do aparelho religioso

O Catolicismo Romanizado ou Oficial pode ser datado a partir de 1858. A inquietação do catolicismo oficial era afugentar os fiéis do catolicismo popular e orientá-los para a prática do Catolicismo Romano, com ênfase nos Sacramentos. A pastoral sacramental é disciplinada e incentivada; em contrapartida, as práticas tradicionais do catolicismo popular sertanejo são desprezadas. A função do aparelho religioso romanizado é descartar as antigas devoções populares, substituindo-se por novos modelos religiosos centrados na Santa Sé a ser implantado aqui no Brasil. Os sacramentos assumem caráter obrigatório no catoli-

cismo romanizado. Coloca-se em relevo o fato da reforma do aparelho eclesiástico. Ralph Della Cava cita Roger Bastide referente ao que tem sido chamado de “romanização” – apesar de Bastide usar a expressão “Igreja romanizada” – significa: a) afirmação da autoridade de uma Igreja institucional e hierarquia (episcopal) estendendo-se sobre todas as variações populares de catolicismo *folk*; b) no levante reformista do episcopado, em meados do século XIX, para controlar a doutrina da fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; c) na dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros – europeus -, sobretudo das congregações e ordens missionárias, para realizar “a transição do catolicismo colonial ao catolicismo universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral”; d) na busca desses objetivos, independentemente e mesmo contra os interesses políticos locais. Ainda vale acrescentar que o processo de “romanização” é a integração da Igreja brasileira: no plano institucional e no plano ideológico; nas estruturas centralizadas da Igreja Católica Romana<sup>14</sup>. Os agentes religiosos romanizados têm o catolicismo romano como única forma legítima de Cristianismo, pois para eles o catolicismo popular é um desvio de percurso. Sobre o tema da “romanização” do catolicismo brasileiro, Oliveira diz que:

Um documento confidencial de D. Macedo Costa, intitulado “Pontos de reforma na Igreja do Brasil”, apresenta as grandes linhas de reforma por ele propostas ao conjunto do episcopado brasileiro. Redigido em 1890, ele tem cerca de 20 páginas e é dividido em 9 capítulos. Analisando suas propostas, teremos um panorama do projeto de reformas do líder do episcopado brasileiro no início do período republicano<sup>15</sup>.

A romanização do catolicismo brasileiro aparece como um processo de repressão clerical do catolicismo do povo. Na era colonial, o catolicismo era a única religião permitida em todo território. O catolicismo no Brasil colônia têm especialidades bem distintas do catolicismo que se implantará no século XIX devido aos bispos e ao clero reformadores. As características de reavivamento espiritual que

<sup>14</sup> CAVA, R. D., Milagre em Juazeiro, p. 359-360.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, P. A. R., Religião e Dominação de Classe, p. 279-280.

acompanharam a romanização teriam um aspecto próprio nos sertões nordestino. O católico português colonizador trouxe para o Brasil o padroado, a evangelização pela cruz e pela espada; impondo sua cultura aos povos originários e afrodescendentes.

## 2. Padre Cícero Romão Batista: os elementos biográficos

O menino Cícero Romão Batista<sup>16</sup> nasceu na cidade do Crato, “na rua Grande, atualmente Miguel Limaverde, oito a dez casas acima da igreja de São Vicente Ferrer, lado do sol, no dia 24 de março de 1844”<sup>17</sup>, filho de Joaquim Romão Batista, um pequeno comerciante de tecidos e ferragens. Sua mãe, Joaquina Vicência Romana, conhecida como Dona Quinô, era dona de casa. O núcleo familiar incluía duas irmãs. Cícero foi o primogênito e único filho homem desta família de poucas posses. Cícero nasceu na região conhecida como Vale do Cariri e visitada pelos povos originários, porque, para eles, o lugar era sagrado. Era o espaço onde os seus rituais eram realizados. É um lugar cercado por montanhas – a Chapada do Araripe - onde encontra-se água em abundância, com cerca de 348 fontes naturais<sup>18</sup>. O que não elimina que essa região não seja atingida pelas secas.

Dividimos as principais influências na vida e na obra de padre Cícero. Na adolescência, por volta dos seis anos de idade, Cícero recebeu ajuda do professor Rufino de Alcântara nos seus estudos primários. Aos doze anos, têm aulas com o seu parente, José Marrocos, um padre casado, que lhe ensina latim. A sua mãe, D. Quinô, uma religiosa fervorosa, incentivou o seu filho para as práticas religiosas, marcando definitivamente a sua formação. O seu primeiro mestre-escola Cícero foi o professor Rufino, natural de Icó (CE), que morava na vizinhança. Nessa escola ele se matriculou aos seis anos de idade. Logo depois, estudou com os professores Jesuíno e Laureno Brizeno, a seguir com o padre José Marrocos. Somente na

---

<sup>16</sup> Na elaboração desta biografia consultamos os seguintes autores: Sobreira (1969), Anselmo (1968), Guimarães (1983), Cava (1985) Barros (1988), Braga (2008), Lira (2009), cujas obras estão citadas nas referências.

<sup>17</sup> SOBREIRA, P. Z., *O Patriarca de Juazeiro*, p. 24.

<sup>18</sup> DUMOULIN, A., *Padre Cícero, santo dos pobres, santo da Igreja*, p. 43-44.

juventude, aos dezesseis anos de idade é que Cícero foi para Cajazeiras (PB), onde ficou sob a batuta do renomado educador padre Inácio de Souza Rolim<sup>19</sup>, cuja ocasião teve por colega de estudos o futuro Cardeal Dom Joaquim Arcoverde. Daí por diante, os únicos mestres que teve foram os padres Lazaristas, de origem francesa, que em 1864 tinham assumido a direção do Seminário Provincial de Fortaleza. E assim prosseguiu os seus estudos, por sete anos ininterruptos. Cícero Romão Batista foi ordenado subdiácono no dia 20 de novembro e no dia 27 de novembro foi ordenado diácono, sagrando-se sacerdote no dia 30 de novembro de 1870, em Fortaleza, e retorna ao Crato, sua terra natal, no dia 8 de janeiro de 1871; celebra sua primeira missa no altar de Nossa Senhora da Penha.

Nessa época, recebe um convite para celebrar e atender os fiéis da Capela de Nossa Senhora das Dores, no povoado “Tabuleiro Grande”<sup>20</sup>, atual Juazeiro do Norte. Padre Cícero pretendia voltar a Fortaleza (CE) atendendo o convite para ser professor no Seminário, onde havia realizado seus estudos eclesiais. Entretanto, padre Cícero Romão, aos 11 de abril de 1872, chega ao povoado com sua família e pouca bagagem. Os relatos conhecidos são de que padre Cícero foi morar nesse povoado em decorrência de um sonho, cujo fato marcou a sua vida porque assumiu a função de conselheiro das massas nordestinas. Em 1872 o pequeno arraial era um aglomerado de casas de taipa, convergindo para uma Capela dedicada à Nossa Senhora das Dores, dona do lugar; erigida pelo primeiro Capelão, padre Pedro Ribeiro de Carvalho. Paulatinamente o povoado passou a ser um modelo de ordem social e de virtude.

---

<sup>19</sup> O Pe. Inácio Rolim se destacou como grande educador e foi considerado, por D. Pedro II, o “Anchieta do Nordeste” [...]. Foi o Pe. Rolim quem impulsionou e inspirou a construção de uma cidade ao redor de uma árvore, Cajazeiras, a partir do método fazer, do construir; do outro lado teremos o Pe. Cícero, seu ex-aluno, que à sombra de outra frondosa árvore, o Juazeiro, colaborou com a fundação de mais uma cidade, partindo do desenvolvimento sustentável, “uma cidade do saber fazer”. Os dois acreditaram, confiaram na juventude e no povo nordestino e não mediram esforços para que a aprendizagem acontecesse na prática, no concreto da vida (RONSI, F. de Q. Ronsi. Facetas de uma “santidade pecadora no sertão” nordestino, p. 78-79).

<sup>20</sup> Segundo Padre Azarias Sobreira (O patriarca de Juazeiro, p. 19.), no povoado propriamente dito, havia umas cinquenta a sessenta casas, quase todas cobertas de palha e de humílima aparência, disseminadas nas imediações da capelinha, dedicada à Virgem Santíssima, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores.

Durante muito tempo padre Cícero permaneceu na pobreza. Não quis receber nada pelos sacramentos que administrava. Adquiriu fama de um sacerdote dedicado inteiramente ao povo do sertão, sempre disponível, atento, um excelente conselheiro do povo, aceitando trabalhar na capelinha mais empobrecida da diocese. Bem antes de acontecer o milagre da hóstia consagrada que teria vertido sangue na boca da Beata Maria de Araújo, padre Cícero já tinha fama de santo, de profeta e de milagreiro pelo povo do sertão nordestino. No período da seca de 1888, padre Cícero fez a promessa de levantar uma grande igreja, em honra do Sagrado Coração, no alto da serra do Catolé. Com as chuvas as obras tiveram início, cumprindo, assim, a promessa recebida do retorno das chuvas nos sertões.

Juazeiro era, de fato, uma “cidade santa” presidida por um santo Patriarca, que era padrinho dos doentes, dos desabrigados, dos oprimidos, dos que tinham fome, dos criminosos e pecadores. Tachados de fanáticos pela sociedade culta do litoral, tais romeiros, pelo contrário, consideravam-se apenas afilhados do padre Cícero<sup>21</sup>. “Não toquem no alheio, não bebam cachaça, não bulam nos pertences dos outros”, são conselhos reveladores desta distinção do padre Cícero diante dos dois combatentes, o jagunço José Pedro e o romeiro Quintino Feitosa, porque representam seu compromisso com a não-violência em tempos de guerra que sacudiu o Ceará em 1914. Diante das necessidades humanas e pastorais que encontra em Juazeiro, decide ali permanecer, onde passa a residir com seus familiares. A seu pedido, em setembro de 1872, o bispo o nomeia capelão de Nossa Senhora das Dores.

## 2.1 Os acontecimentos extraordinários de Juazeiro do Norte (CE)

Após estar estabelecido há dezessete anos em Juazeiro, durante uma missa, em março de 1889, padre Cícero dava a comunhão aos fiéis e, quando ministrou o sacramento à beata Maria de Araújo, a hóstia se transformou em sangue. O fenômeno se repetiu diversas vezes durante dois anos, sendo considerado milagre pelo povo. O episódio do “milagre em Juazeiro” despertou na população um movimento mi-

<sup>21</sup> CAVA, R. D., *Milagre em Juazeiro*, p. 141.

gratório. Multidões de fiéis chegavam a Juazeiro do Norte (CE) em busca dos conselhos do “Padim Ciço”. Sobre o episódio do milagre protagonizado pela Beata Maria de Araújo<sup>22</sup>, Lima sugere:

quatro hipóteses para o fenômeno da “comunhão ensanguentada”. A primeira é apoiada pelo “Padrim” e pelos médicos que fizeram o primeiro exame concluindo como evento de natureza miraculosa. A segunda é defendida pela igreja oficial que aponta o acontecido como fruto de superstição, fanatismo e abuso à “Santa Eucaristia.” A terceira foi apresentada pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo, e classifica o fato como um embuste patrocinado pelo Prof. José Marrocos em conivência com a beata; e finalmente levantada pelo Dr. Júlio César da Fonseca, qualificando o caso como fruto da influência do psiquismo sobre o organismo e, posteriormente, pela parapsicologia como caso de “aporte”<sup>23</sup>.

Os documentos existentes e os estudos realizados admitem não ser cabível que padre Cícero estivesse envolvido em alguma falcatrua relacionada aos fatos extraordinários, nem tão pouco que a beata, se estivesse, não participasse ao sacerdote, seu confessor, que se tratava de uma mentira. Plácido C. Nuvens faz a seguinte observação:

Padre Cícero, impedido de exercer uma ação pastoral meramente sacramentaria, uma vez que estava suspenso do uso das suas ordens sacras, teve que realizar um trabalho que identificou com a ação de Ibiapina, realizando uma ação de conselheiro e padrinho lá onde se estrangulavam os angustiantes problemas da população. Há necessidade de solucionar os conflitos, de apaziguar os ânimos, de acolher tantos retirantes, de colocar jovens e adultos no campo do trabalho. Tudo isto é problema do cotidiano e as soluções devem começar aqui e não apenas na eternidade ditosa. E a estratégia de fazer de Juazeiro um lugar de oração e trabalho, fez de Juazeiro um lugar sa-

---

<sup>22</sup> Uma referência importante é o livro “Maria de Araújo: uma santa saindo da penumbra” de Ercília Maria Braga de Olinda (2021), cuja obra foi fruto de uma pesquisa qualitativa realizada entre março de 2016 e junho de 2018. A autora elaborou uma tese “Uma santa na penumbra: razões entrecruzadas para o isolamento da beata Maria de Araújo na história e na prática pedagógica do ensino fundamental. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018. A pesquisa foi parte do pós-doutorado realizado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a supervisão do Prof. Dr. Renato Kirchner.

<sup>23</sup> LIMA, A. C. F., Permanência do ciclo místico-religioso na literatura de cordel e sua correção com os níveis de construção textual, p. 138.

grado, onde se manifesta o poder de Deus não apenas nos fatos miraculosos, então, proibidos e censurados. Mas através de uma ação de aconselhamento que vê no trabalho a possibilidade de encaminhamento de muitas e muitas pessoas para uma vida mais decente, base futura de uma realidade mais abrangente. A palavra do Padre Cícero era a palavra da misericórdia de Deus: “quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais, quem pecou não pegue mais”<sup>24</sup>.

Há um depoimento em E. Hoornaert que evidencia sua função de conselheiro no seguinte diálogo entre o romeiro e o padre:

Quando cheguei a Juazeiro com toda família, fui ao padrinho e disse: ‘Meu padrinho, cheguei aqui para pedir um meio de vivência aqui’. O padrinho disse: ‘Escolha um dos dois: ou trabalho ou negócio; tem que ficar com trabalho ou com negócio’. Eu achava ótimo o negócio. E pronto fui para o negócio. E fiquei no negócio e me dei bem<sup>25</sup>.

Outro aspecto que já chamava a atenção, era a abertura de pequenos negócios que traziam novas perspectivas de vida ao povo nordestino que se instalava no Juazeiro.

## 2.2 Padre Cícero e sua atuação na política local

De tal modo, como dizia o padre Cícero, “cada casa foi se tornando um recanto de oração e uma oficina de trabalho”. A sua atuação política exige especial apreço. A sua inserção na política consistia em resguardar seu projeto sociorreligioso do “Joaseiro Celeste”, a partir dos fenômenos de 1889. A maneira de ver o mundo do padre Cícero insere-se no estilo de uma espiritualidade mística. A sua imersão na política se deu numa época concreta, do final do século XIX e início do século XX. O padre Cícero em seu testamento disse, “nunca fui político”. Porém, para alguns, isto representou uma contradição. No contexto de seu tempo, era comum que alguns sacerdotes estivessem metidos na política. Exerceu os cargos de Prefeito do Juazeiro do Nor-

<sup>24</sup> NUVENS, P. C., Tentativas de Caracterização da Romaria de Juazeiro do Norte, p. 29-30.

<sup>25</sup> HOORNAERT, E., A Distinção entre “Lei” e “Religião” no Nordeste, p. 592-593.

te (CE), Vice-Governador do Estado do Ceará e Deputado Federal, ainda que nunca tenha tomado posse nesta função. A centralidade da figura paternalista-social do padre Cícero compôs os primeiros canais da política formal do Cariri, elevando o Juazeiro do Norte (CE) à categoria de cidade, comarca de primeira instância, em 10 de julho de 1914. Por meio de sua liderança, o padre Cícero gerou o que Marcelo Camurça<sup>26</sup> chamou de “pacto social do Juazeiro” entre os grandes latifundiários e os trabalhadores rurais: posseiros e meeiros. O sacerdote tinha diálogo nos dois polos da sociedade sertaneja. Com os “coronéis” proprietários de terra e comerciantes. Do outro lado, com as populações empobrecidas. A caridade e a pacificação foram os dois eixos constitutivos de atuação política do padre Cícero. Relaciona-se com os mais diversos grupos que constituíam a estrutura social de sua época, sem se identificar com nenhum deles e agindo mediante os princípios da caridade cristã.

### 2.3 Padre Cícero e o pajé na função de conselheiro em assuntos religiosos

Nos documentos deixados por padre Cícero, existem inúmeras cartas que lhe foram enviadas pelos romeiros do sertão nordestino, abordando o padre Cícero como uma divindade. O jornalista Lira Neto assinala o parentesco do padre Cícero com os antigos pajés das nações cariris, “cujo sangue lhe corria nas veias misturado aos dos ancestrais portugueses, Cícero passara a acumular as funções de conselheiro, benzedor e curandeiro”<sup>27</sup>. A literatura existente admite que o padre Cícero receitava remédios caseiros para quem os procuravam, pessoalmente ou por escrito, aconselhando os romeiros para o conforto da alma e do corpo. A figura do conselheiro está entranhada na memória dos líderes dos quilombos e dos povos indígenas. Outras tradições religiosas também têm grande consideração por guias espirituais como o *guru*, o *pajé*, o *xamã* e outras pessoas que fazem alguma forma de direção espiritual e aconselhamento psicológico. Seja como for, a figura do conselheiro ou

<sup>26</sup> CAMURÇA, M., Breve História Política do Juazeiro, p. 52.

<sup>27</sup> NETO, L., Padre Cícero, p. 281.

da conselheira parece ser típica do catolicismo popular sertanejo. Padre Cícero exerceu uma autoridade paternal-religiosa. Tendo superado a lógica das facções, que regia as relações sociais naquele contexto, analisa Cava:

Juazeiro era, de fato, uma “cidade santa” presidida por um santo Patriarca, que era padrinho dos doentes, dos desabrigados, dos oprimidos, dos que tinham fome, dos criminosos e pecadores. Tachados de fanáticos pela sociedade culta do litoral, tais romeiros, pelo contrário, consideravam-se apenas afilhados do Padre Cícero<sup>28</sup>.

É inteligível que o apadrinhamento ainda permanece como uma das principais instituições da estrutura social nordestina, de acordo com Oliveira, pois:

Quando alguém usa a expressão “meu padrinho”, é porque identifica nesta pessoa a capacidade muito pronunciada de se responsabilizar por seus afilhados. [...] Quando alguém se dirige a outro com a expressão “meu padrinho”, está-lhe rendendo ao mesmo tempo gratidão, oferecendo-lhe fidelidade, tudo isso com o significado de um título que é também de orientador, aquele que merece respeito, enfim, é um símbolo de prestação de obediência, é a escolha espontânea de alguém que merece, por sua conduta, a confiança de dirigir e **aconselhar** suas próprias opções de vida (grifo nosso)<sup>29</sup>.

A convivência de padre Cícero com a população do sertão não se constituiu pelo mandonismo e sujeição, porque era uma prática dos coronéis diante dos seus agregados, na época. Padre Cícero, é o conselheiro da memória nordestina, que se envolve com todos os aspectos do cotidiano dessa sociedade, tais como métodos de higiene, noções de agricultura, conselhos matrimoniais, conciliação de conflitos familiares e de vizinhança. Um aspecto central na figura do conselheiro é o próprio aconselhamento. Por que, seguindo uma tradição ancestral, os romeiros procuram aconselhar-se com o padre Cícero? A sua dedicação pastoral o induz a uma ação que visava orientar, organizar, sempre em mutirão e moralizar com energia e

<sup>28</sup> CAVA, R. D., Milagre em Juazeiro, p. 141.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, P. A. R., Religião e Dominação de Classe, p. 248-254.

rigor não apenas a vida religiosa, mas também social do lugar. Dedicando-se a corrigir os vícios do povo e os abusos morais, chegando a proibir as danças, conseguiu que os homens parassem de bater nas mulheres e obrigou as prostitutas a confessarem seus pecados. No caso dos sertanejos nordestinos, existe um patrimônio cultural que foi ensinado pelos antigos e passado de pai para filho, por meio da oralidade. Dentre seus inúmeros conselhos, destacamos alguns que fazem ecos na atualidade, a Encíclica do Papa Francisco, “*Laudato Si*” – sobre o cuidado da casa comum (2015). Hoje, compartilhamos os conselhos de padre Cícero abordando temas da questão ecológica. Ele se dedicou à preservação da fertilidade da região do Cariri ou Cariris Novos, sul do Ceará. Na atualidade, reconhecemos os 10 Mandamentos do padre Cícero abordando sobre a questão ecológica. Não sabemos com precisão se foi ele que escreveu. Porém, pouco importa quem registrou.

1. Não derrube o mato. Nem mesmo um só pé de pau.
2. Não toque fogo no roçado. Nem na caatinga.
3. Não cace mais. Deixe os bichos viverem em paz.
4. Não crie o boi nem o bode solto. Faça cercados. Deixe o pasto descansar para se refazer.
5. Não plante de serra acima. Nem faça roçado em ladeira muito em pé. Deixe o mato protegendo a terra, para que a água não arraste a sua riqueza.
6. Faça uma cisterna no oitão de sua casa, para guardar a água da chuva.
7. Represe os riachos, de 100 em 100 metros, ainda que seja com pedra solta.
8. Plante cada dia pelo menos uma árvore. Um pé de caju, de sabiá, ou qualquer outra. Até que o sertão todo seja uma mata só.
9. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, tais como a maniçoba, a favela, a jurema, e tantas outras. Elas podem ajudar a conviver com a seca.
10. Se obedecer a esses preceitos, a seca vai se acabando aos poucos. O gado vai melhorando e o povo terá sempre o que comer. Se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só<sup>30</sup>.

Os Dez Conselhos do padre Cícero refletem com precisão a realidade atual. Na pegada ecológica, a mudança começa na própria pessoa. Nota-se que o desequilíbrio ecológico que ameaça a vida na Terra despertou uma “consciência planetária” no âmbito mundial. Seus con-

---

<sup>30</sup> BARRETO, F. M. S., Padre Cícero, p. 44.

selhos não perderam a validade com a distância no tempo. Por volta do final do século XIX e início do século XX, padre Cícero já aconselhava o povo no sentido de se preservar o meio ambiente para a sobrevivência de todos. Também em suas cartas ele aconselhava os fiéis: “não vá morar em terra de senhor de engenho. Não venda suas terras. Não queiram morar em terra alheia. Compre sua terra”<sup>31</sup>.

O padre Cícero Romão Batista faleceu no dia 20 de julho de 1934, com 90 anos de idade, depois de ter recebido os últimos sacramentos. Foi um acontecimento de grande comoção popular no Nordeste brasileiro. O prestígio de padre Cícero como conselheiro e como santo não diminuiu em nada com o passar dos tempos, e sua memória permanece viva no catolicismo popular sertanejo. O movimento de romeiros de padre Cícero atrai, a cada ano, milhares de devotos ao Juazeiro do Norte (CE), em busca de renovação da fé e enfrentamento das dificuldades da vida, embora não tenha sido canonizado pela hierarquia eclesiástica.

Em 2014, porém, por ocasião da Festa do Centenário da Diocese do Crato (CE), o Cardeal João Braz de Aviz participou das festividades em nome do Papa Francisco e, no ano seguinte, no mês de dezembro, foi anunciado o parecer de reconciliação com a memória espiritual de padre Cícero, assinado pelo secretário de Estado, Cardeal Pietro Parolini, que reconhece a grandeza e originalidade dessas manifestações do catolicismo popular sertanejo, das romarias e da devoção ao padre Cícero, possibilitando um maior estreitamento dos romeiros com a hierarquia da Igreja Católica. E, na manhã de sábado, no dia 20 de agosto de 2020, em missa campal, o Bispo da Diocese do Crato (CE), Dom Magnus Henrique Lopes, anunciou, por ocasião de uma grande romaria que se realiza todo dia 20 de cada mês em Juazeiro do Norte (CE), que a Santa Sé autorizava a abertura do processo de beatificação do padre Cícero Romão Batista – já na condição de Servo de Deus.

---

<sup>31</sup> BARRETO, F. M. S., Padre Cícero, p. 43.

### 3. Padre Cícero e a memória de outros grandes Conselheiros do Nordeste brasileiro

“Esses conselhos que sempre dei em minha vida não me canso de repeti-los aqui para que, depois de minha morte, fiquem bem gravados na lembrança deste povo, cuja felicidade e salvação sempre foram o objeto da minha preocupação”<sup>32</sup>.

Não resta dúvida de que o padre Cícero fixou a imagem do “Padrinho Conselheiro”. Observa-se que o estudo do conselheiro no catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro vem crescendo e ligando novos caminhos para a Sociologia e História da Religião. O fenômeno religioso do conselheiro da cultura nordestina tem suas raízes mais profundas na cultura africana e indígena; daí o nascedouro onde o conselho é de extrema importância na vida das pessoas; mesmo com as dependências que pode causar; ainda assim o conselho é considerado um grande valor que impulsiona a vida das pessoas para o ajustamento de conduta moral e espiritual.

A extensão que nos separa da época dos grandes conselheiros da memória nordestina nos permite assimilar com mais exatidão a importância das suas vidas e de suas obras materiais e espirituais para a população empobrecida do Nordeste brasileiro. Os conselheiros são reconhecidos pelo povo por suas qualidades que os caracterizam: virtudes pessoais, força da palavra, capacidade de ouvir, intimidade com os santos. Os estudos realizados até os dias de hoje contêm documentos históricos referentes a padre José Antônio de Maria Ibiapina (1806-1883), Beato Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro (1830-1897), padre Cícero Romão Batista (1844-1934) e Frei Damião de Bozzano (1898-1997), que demonstram serem eles conselheiros do povo nordestino. A sua mensagem de salvação é dirigida ao povo, e é ao povo que o conselheiro é correspondente, com o desígnio de lembrar aos seres humanos as exigências do Reino de Deus e guiá-los a seguir o caminho correto que pode levá-los à salvação. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, pergunta:

---

<sup>32</sup> SILVEIRA, I., Resumo do Testamento de 1923, p. 234.

Mas quem foi Ibiapina, essa matriz geradora de uma estirpe de conselheiros do povo (Antônio Vicente Mendes Maciel, Padre Cícero, Beato Lourenço etc.), instituindo nos sertões nordestinos da segunda metade do século XIX uma grande escuta dos anseios e aflições de larga massa de excluídos, e inaugurando uma forma de organização que a nossa civilização litorânea dominante teimará em não aceitar e até em hostilizar ou destruir sistematicamente em quase todas as suas manifestações?<sup>33</sup>

A citação acima demonstra que padre Ibiapina tem proximidade com os outros três fenômenos da memória nordestina como conselheiros. Embora a experiência de um possa se assemelhar ou não com a experiência do outro, configurando semelhanças e dessemelhanças entre eles. São todos nascidos em anos mais ou menos subsequentes, foram contemporâneos. Até mesmo chegaram a se cruzar pelos mesmos caminhos de suas vidas e missões populares pelos estados nordestinos. Houve momentos em que aconteceram encontros de padre Ibiapina com Antônio e com Cícero Romão Batista. Com Antônio Conselheiro, certamente, ocorreu um primeiro encontro quando foi Juiz de Direito em Quixeramobim (CE). Ali, ainda menino, Antônio Vicente Mendes Maciel, deve ter observado por diversas vezes aquele famoso magistrado que pretendeu pacificar o conflito entre a família dos Maciéis e a dos Araújo. Houve um tempo em que Antônio Maciel chegou a acompanhar padre Ibiapina em suas missões populares. Já o encontro de padre Ibiapina com Cícero Romão Batista se deu por volta de 1865, na missão popular do Cariri. O jovem Cícero Romão Batista se fez presente na inauguração da primeira Casa de Caridade da região. Certamente as pregações e o exemplo de Pe. Ibiapina também tenham influenciado na atuação pastoral do padre Cícero.

O panorama religioso do sertão nordestino era receptivo a um conselheiro que ocupasse o caminho trilhado por Padre-Mestre Ibiapina. Um cearense, nascido em 5 de agosto de 1806, na Serra da Ibiapaba, em Sobral (CE). Foi advogado, deputado, delegado e juiz; porém jamais ficara satisfeito com o que fazia. Em 1850 um homem

---

<sup>33</sup> MENEZES, E. D. B., Pe. Ibiapina, p. 2.

chamado de frei Ibiapina, montou num lombo de um burro e começou a peregrinar pelo sertão nordestino. Ele formou o seu próprio método de trabalho missionário: humanitário, social e político. No seu trabalho missionário, padre Ibiapina perambulou pelo sertão; quando chegava em algum lugar do Nordeste, observava as necessidades do povo e, com a participação de todos e todas, ia construindo em mutirão o que era necessário para a comunidade (açude, cemitério, igreja, casa para hospedar as vítimas da cólera etc.). Edificou 22 Casas de Caridade para atender a carentes e órfãos, que eram entregues as irmãs de caridade ou tidas como beatas. Ali elas aprendiam a ler, a escrever e contar, tinham uma educação religiosa e moral, preparação para o matrimônio e assistência à saúde. Também realizavam artes como: cozinhar, fiar, costurar, tecer, chapéu de palha, fazer flores, tinturaria doméstica com algodão, crochê, labirinto e renda. Suas pregações e conselhos revelam homens letrados e inteligentes – dando prosseguimento à tradição brasileira de liderança leiga – atraindo milhares de agricultores pobres para viver em comunidade e em regime de trabalho comunitário. São três conselheiros míticos cearenses da crença do povo do Nordeste – o padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e padre Cícero. Este último manteve preso à terra e ao povo, até nos enfrentamentos com as autoridades eclesiásticas católicas.

Padre Cícero foi um conselheiro que, representando a figura paterna e afetuosa, conseguiu muito bem alimentar a fé do romeiro dentro de uma realidade muito específica. Os romeiros sertanejos, mergulhados no catolicismo popular, recebiam uma mediação pela figura paterna do conselheiro padre Cícero e experimentavam a liberdade de suas crenças religiosas, fugindo do esquema político-social dominante vivenciando a esperança. No contexto de pobreza do Nordeste, o padre Cícero aconselhava aos seus conterrâneos a reclamar e a reivindicar, fazendo valer seus direitos para fortalecer sua terra e sua identidade como povo. Nesse ponto diverge frontalmente Frei Damião que ignorava os movimentos sociais do Nordeste. Uma característica da missão de padre Cícero é que ele não viajava, os devotos é que iam até ele.

## Considerações finais

Ao encerrar este texto, cumpre apontar algumas considerações a modo de conclusão. Em primeiro lugar, o contato com as pesquisas (seminários, grupos de estudos e palestras), com os livros e com os documentos confiáveis, tornam-se valorosos na elaboração de uma teoria do conselheiro no catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro – final do século XIX e início do século XX. Dessa forma, valorizamos os ensinamentos e os conselhos do padre Cícero colhidos na literatura disponível.

O catolicismo nordestino foi marcado por uma linhagem de conselheiros inaugurada pelo padre Ibiapina e seguida por Antônio Conselheiro, padre Cícero, o beato Zé Lourenço e Frei Damião. Padre Cícero, pois, “suspenso de ordens, limita-se a pregar, a dar bênção e a aconselhar os romeiros. Ora, é isso mesmo – e não os sacramentos – que os romeiros e sertanejos vêm buscar em Juazeiro”<sup>34</sup>. No limite, espera-se que o conselheiro dê sinais de santidade porque nela reside o valor do conselho, daí o fenômeno da Santidade e do culto aos santos como um modelo antropológico, porque ultrapassa tempos, lugares e estruturas religiosas<sup>35</sup>. Isso não quer dizer que essa pessoa seja isenta de defeitos, mas que ela tenha tal intimidade com o divino – Nhá Chica perguntava a Nossa Senhora qual conselho devia dar a quem a procurava – que sua palavra seja percebida como vinda de Deus.

É possível pensar se existe na contemporaneidade a figura do conselheiro? Ariscamos, dessa forma, a nomear o monge beneditino Marcelo Barros, como legítimo membro dessa estirpe de conselheiros religiosos incompreendidos – e até perseguidos – pelas instâncias eclesiásticas, mas profundamente estimados pelas pessoas que neles encontram um guia para a vida – e não somente vida espiritual. Essa sintonia de velhas práticas (a confissão auricular) com as necessidades mais modernas, que foram acentuadas mais ainda no século XX, com Freud e Jung, é um problema a ser levantado na figura ímpar do padre Cícero - que gostava de atender às pessoas

<sup>34</sup> OLIVEIRA, P. A. R., *Religião e Dominação de Classe*, p. 250-251.

<sup>35</sup> VAUCHEZ, A., *Santidade*, p. 292-5.

de modo individual, personalizado, num cara-a-cara, olho no olho (o povo sabia até mesmo a cor dos olhos azuis do padre Cícero).

## Referências bibliográficas

- BARRETO, Francisco Murilo de Sá. **Padre Cícero**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- CAMURÇA, M. A. Do processo de autonomia municipal ao protagonismo regional-nacional a partir de 1914. In: BARROS, L.O.C. (Org.). **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Juazeiro: autonomia política-administrativa**. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012, p. 36-62
- CAVA, Ralph Della. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero, santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação**, São Paulo: Paulinas, 2017.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império do Belo Monte: vida e morte de Canudos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- HOORNAERT, Eduardo. A distinção entre “Lei” e “Religião” no Nordeste. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 29, n. 3, p. 580-606, set. 1969.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LIMA, Antônio Carlos Ferreira. **Permanência do ciclo místico-religioso na literatura de cordel e sua correção com os níveis de construção textual**. 2008. 206 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.
- MENEZES, Eduardo Diatáhy B. de. Pe. Ibiapina: figura matricial do catolicismo rústico do Nordeste do século XIX. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20, 1996, Caxambu. **Anais [...]**, Caxambu, 1996.
- NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NUVENS, Plácido Cidade. Tentativas de Caracterização da Romaria de Juazeiro do Norte. In: SEMINÁRIO DE 150 ANOS DE PADRE CÍCERO, 1994, Fortaleza/Juazeiro do Norte. **Anais [...]** Fortaleza/ Juazeiro do Norte: Editora RCV, 1994, p.25-30.
- OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus, 1968.
- RONSI, Francilaide de Q. Facetas de uma “santidade pecadora no sertão” nordestino In: GONZAGA, Waldecir; FERREIRA, Antonio L.; ANDRADE, Paulo F. **Um padre e sua Fé: Cícero, História e Legado**. Editora PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2021.
- SANTOS, João Everton da Cruz. **Frei Damião de Bozzano: o conselheiro tridentino no catolicismo popular do nordeste brasileiro do século XX**. Belo Horizonte, 2023. 287 p.

SILVA, José Calasans Brandão. **Quase biografia de jagunços**: o séquito de Antônio Conselheiro. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986.

SILVA, Karine Monteiro da. **Catolicismo popular entre o amor e a cobiça**: inter-relações entre catolicismo popular, igreja católica oficial e poder público em Trindade. 2005. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

SILVEIRA, Ildfonso. Estado atual da pesquisa sobre o Padre Cícero. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, n. 141, p.189-201, mar. 1976.

SOBREIRA, Padre Azarias. **O patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: Vozes, 1969.

SOUZA, Ney de. **Piedade popular**. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção teologia do Papa Francisco).

TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural**: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009. p.17-30. Cap. 2.

VAUCHEZ, André. Santidade. *In*: **Enciclopédia Einaudi**, v. 12 Mytos/logos. Sagrado/profano. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987, p. 287-300.

# Padre Cícero e o desafio da tríplice missão: sacerdócio, profecia e poder

*Josineide Silveira de Oliveira<sup>1</sup>*

## Introdução

A ssegura o Catecismo da Igreja Católica (CIC) que todo cristão recebe no ato de administração do batismo os atributos do Cristo para ser sacerdote, profeta e rei, os quais devem ser arados durante a vida por uma conduta ética e irrigados constantemente pelos ensinamentos do mestre da cruz e ressurreição<sup>2</sup>. Entretanto, àqueles que são chamados ao ministério presbiteral, o cultivo de tais atributos implica numa sementeira por vezes árdua já que as fronteiras demarcatórias entre tais atributos são bem definidas e o trânsito entre elas supõe consonâncias e antagonismos. Relembrando Max Weber (1864-1920) as posturas do sacerdote e do profeta, embora tenham convergência no tocante à dominação, posto que cada uma dessas figuras exerce poder sobre seus seguidores ou súditos, os encargos do sacerdote e do profeta, para o citado autor, são inconciliáveis. O sacerdote se constitui na fidelidade aos princípios corporativos, e, portanto, um sujeito moldado pela obediência, logo, mantenedor da ordem institucional. Já o profeta é alguém apto à promoção das rupturas e, por conseguinte, afeito às denúncias, anúncios e proposições de novas estruturas sociais, mesmo que para tanto tenha que abrir novas veredas no campo religioso.<sup>3</sup>

O texto que se segue espelha a figura do padre Cícero Romão Batista (1844-1934), religioso do cariri cearense que viveu em profundidade as exigências da tripla missão, ora moldado pela obediência à ordem eclesial na condição de sacerdote, ora atravessado por contradições comuns ao profeta, e sempre no exercício do poder amoroso

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora aposentada da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5439210347544379>.

<sup>2</sup> CIC 1268.

<sup>3</sup> WEBER, Max. Economia e Sociedade.

do serviço aos necessitados nordestinos, motivação pela qual desenvolveu suas potencialidades carismáticas. Dotado de um poder argumentativo invejável, foi capaz de umedecer imaginários com a seiva da fé que se mantém, mesmo na sucessão dos anos, reverberante nas narrativas racionais e míticas de muitas gentes.

A pesquisa desenvolveu-se por meio de observação *in loco* durante os ciclos de romarias na cidade do Juazeiro do Norte/CE, das visitas ao acervo de documentação sobre a vida do padre Cícero, das consultas às fontes disponibilizadas nas mídias digitais e das entrevistas com romeiros e pesquisadores que se ocupam de estudos sobre o santo do horto.

## 1. Desafios sacerdotais

Os registros da vida do sacerdote Cícero legendam o território do Juazeiro pelas narrativas, monumentos e eventos que atualizam seu pastoreio na memória dos romeiros e dos filhos da terra. A lembrança do “Padim Ciço” preside, na quimera popular, os rituais de sacrifícios espirituais, louvores e ação de graças, unindo o ontem e o hoje numa celebração permanente. As romarias são momentos fortes da fé nos quais pessoas de todas as idades e das várias partes do Nordeste, fiéis às tradições, acorrem ao Juazeiro em diferentes datas do ano como que para compor um rosário de festas sagradas. Cada romaria, mesmo dotada da especificidade própria do tempo litúrgico, encontra-se interligada às demais pelo fio da fé no sacerdote aclamado santo pelo povo. Seja pela repetição dos cânticos, seja pela fidelidade de visitas aos lugares com referências consideradas sagradas, o romeiro mantém uma constância de hábitos e linguagens característicos da singularidade juazeira. Observando tal contexto pode-se bem entender o que afirma o crítico literário George Steiner (1929-2020) a respeito da força mitológica.

Uma verdadeira mitologia desenvolve a sua própria linguagem, seu próprio idioma característico, o seu próprio conjunto de imagens emblemáticas, insígnias, metáforas, cenários dramáticos. Gera um conjunto de mitos próprio. Representa o mundo por meio de gestos, rituais e símbolos fundamentais<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> STEINER, George. *Nostalgia do Absoluto*, p. 14.

Quase um século depois de sua morte, o sacerdote Cícero Romão Batista ainda reúne em torno de seus ensinamentos milhares de romeiros para oferecerem sacrifícios e louvores aos céus pela intercessão de Nossa Senhora das Dores e do Sagrado Coração de Jesus. O chamado do sacerdote é respondido pelas romarias que ocorrem à Igreja do Juazeiro do Norte/CE nos diferentes tempos litúrgicos. Durante o ano estão dispostos dois grandes ciclos de romarias: o ciclo “tradicional” e o ciclo “dos novos tempos.” O primeiro é composto por três romarias: de Nossa Senhora das Dores realizada do 10 ao 15 do mês de setembro, de Finados que vai de 29 de outubro a 02 de novembro e a Romaria das Candeias de 29 de janeiro a 02 de fevereiro. Já no segundo ciclo são vivenciadas quatro romarias: de aniversário de nascimento do Pe. Cícero de 20 a 24 de março e do aniversário da morte deste servo de Deus. No período natalino de 18 a 25 de dezembro, seguido da romaria de Reis entre 02 e 06 de janeiro com Festa dos Santos Reis. Ainda se inclui no segundo ciclo as romarias de passagem dos devotos de São Francisco de Assis. No período de 17 a 20 de julho os romeiros que se destinam à cidade de Canindé/CE para venerar o “santo das chagas”, passam em Juazeiro. Esse mesmo itinerário se repete no final de setembro e início de outubro que popularmente chama-se “a romaria dos marrons”, já que grande parte dos peregrinos estão vestidos do hábito de São Francisco.

Durante os períodos de romarias a cidade de Juazeiro do Norte assemelha-se a um imenso templo a céu aberto cujos altares dos sacrifícios e louvores situam-se no alto da colina do Horto e na Matriz de Nossa Senhora das Dores. Do Horto contempla-se o Vale do Cariri e a chapada do Araripe, territórios para os quais o padre Cícero encaminhou muitos dos romeiros que iam ao Juazeiro em busca de guarida, posto que já não tinham motivos para voltar aos seus lugares de origem. Eram bandos de retirantes fugindo da miséria da fome que buscavam no padre Cícero consolo do corpo e da alma. Lembra a pesquisadora Francisca Eugênia Duarte<sup>5</sup>, que muitos desses migrantes eram acolhidos pelo “Padim” que lhes oferecia um lote de terra

---

<sup>5</sup> DUARTE, Francisca E. G. Educação e Devoção: lições da memória e aprendizagens da Renovação no Sítio Miguiriba.

para plantar, colher e ainda lhes assegurava instruções para o cultivo da agricultura e pecuária. Naqueles tempos, início do século XX quando as noções de ecologia e preservação ambiental ainda não eram discutidas, a sabedoria sacerdotal do “Padim” já pregava o amor por todas as formas de vida e o cuidado para com a Natureza. Muitos dos seus conselhos sobre essa temática foram assim compilados:

Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau.  
Não toque fogo no roçado nem na caatinga.  
Não cace mais do que precisa e deixe os bichos viverem.  
Não crie o boi nem os bodes soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer.  
Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato proteger a terra e a água não a arraste e não perca sua riqueza.  
Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva.  
Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta.  
Plante cada dia um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.  
Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca.  
Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer.  
Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.<sup>6</sup>

A respeito da paisagem vista da colina do horto, o pesquisador José Carlos dos Santos afirma que “naquele ‘monte sagrado’ foi construído um casarão para o sacerdote realizar os retiros espirituais. Ele passava os dias rezando e contemplando a beleza da colina, mas também lá recebia os pobres sertanejos, orientando-os para viver uma vida de penitência, oração e trabalho”. Acredita o estudioso, que o vale e a chapada eram fontes inspiradoras quando a vida se confrontava com as forças degenerativas. Nas palavras de Santos<sup>7</sup>

<sup>6</sup> SANTOS, José C. Um Santo sob o Sol, Uma Formação Permanente, p. 44.

<sup>7</sup> SANTOS, José C. Entrevista concedida em 03/02/2024.

Do horto pode-se observar como a vida se impõe em ciclos regenerativos permanentes como que para atenuar as forças da morte. Talvez tenha sido na contemplação da natureza estendida no vale e chapada que nosso padrinho introjetou a convicção proclamada pelo salmo 125, 1-3: ‘Os que confiam no Senhor são como o monte Sião: nunca se abala, está firme sempre. Como em redor de Jerusalém estão os montes, assim o Senhor, envolve o seu povo, desde agora e para sempre’. Foi confiando na proteção divina e fazendo-se protetor de seu povo que o ‘santo do horto’ nunca se cansou de socorrer aos que a ele recorriam.

Para o citado pesquisador, ainda hoje o romeiro, ao contemplar aquele cenário, também move seu pensar por itinerários de possibilidades desenhados por traços de viva esperança. Nas entrevistas feitas aos devotos do padre Cícero pode-se entender que as visitas ao horto se constituem um revigorar de forças, um sustento nas labutas diárias. Não obstante as intempéries expostas nas grotas do cotidiano que os aguarda depois das romarias, os viandantes abastecidos pela fé, fortalecida durante a estadia nas terras do “Padim”, encontram coragem para suportar o peso da vida até a próxima visita. Lá no horto, aos pés da estátua, os romeiros podem tomar por seus os versos do poeta Luiz Gonzaga e entoá-los num solfejo de esperança:

Olha lá do alto do horto/  
Ele tá vivo/  
O padim não tá morto...  
Eu todos os anos vou ao Juazeiro  
(...)  
Alegre e contente/  
Cantando na frente/  
Sou mais um romeiro/  
Vou ver meu padim/  
De bucho cheio/  
Ou barriga vazia/  
Ele é o meu pai/  
Ele é o meu Santo/  
É minha alegria”<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> GONZAGA, Luiz, Viva Meu Padim.

Quantas oferendas e louvores proclamam-se naquele lugar! Em torno da grande estátua do padre Cícero, que mede 30 metros de altura e foi inaugurada em 01/11/1969, os fiéis, num movimento de 3 voltas, reverenciam a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Cada volta é intencionada de súplica pelo perdão dos pecados e ação graças pelas vitórias obtidas. Uma observação atenta deste ritual concede-nos a compreensão de que a repetição circular permite a supressão da distância entre o humano e o divino, mediada pela intercessão do “Padim” que, para os romeiros habita, simultaneamente, céu e terra.

Ao lado da estátua ergue-se o santuário dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Relata Santos<sup>9</sup> que a construção do templo se deveu às súplicas do clero e do povo caririense acometidos pelos efeitos da seca nos anos 1877 a 1890. Os votos de construção de um gigantesco Santuário dedicado ao Sagrado Coração, caso fosse cessada a aridez do lugar, imediatamente foram cumpridos mediante o retorno das chuvas. O padre Cícero teria se apressado no cumprimento da promessa e mobilizado todo o povo da cidade e adjacências para iniciar a construção da capela do horto no ano de 1890.

A crença de que o milagre das chuvas teria acontecido em atenção divina às súplicas do sacerdote Cícero atravessou o tempo e essa história passou a ser recontada entre os romeiros para que todos continuassem comprometidos permanentemente com a construção da obra afim de serem agraciados com chuvas de bênçãos ao longo de suas vidas. Deste modo, sob a vigilância do “Padim”, cada romeiro, ainda hoje também se crê um operário permanente da obra, seja pela doação de “esmolos” em expressão de gratidão, seja pela amplificação da narrativa mítica de modo a alcançar outros operários perpetuando a crença nas gerações vindouras.

Não obstante a beleza artística do complexo arquitetônico, o recinto é alicerçado pelas narrativas míticas argamassadas pelos testemunhos e orações de cada visitante. Nesse sentido, os devotos acreditam na advertência mítica do efeito negativo caso a construção chegue ao seu término, propiciando a celeridade do fim do mundo. A fecundidade narrativa que sustém o templo sagrado, pela

---

<sup>9</sup> SANTOS, José C. Um Santo sob o Sol, Uma Formação Permanente, p. 44.

qual outros mitos são incorporados à exegese do “fim do mundo”, converge para um apelo ao inacabamento. Mesmo que nossa racionalização diante de tal relato prefira apontar para a explicação objetiva de que o padre Cícero tinha ciência das dificuldades financeiras a serem enfrentadas para construção de um santuário com tamanha proporção, visto que o Projeto por ele sonhado só poderia ser desenvolvido no vagar das futuras décadas, o ouvido romeiro afeito à lógica mítica capta a riqueza da incompletude como substrato de preenchimento da lacuna existencial. A incompletude desafia padrões, suscita reordenamento de princípios e aceita o inacabamento como “aptidão para transformação e interação com os fenômenos, matérias e sistemas”<sup>10</sup>. Padre Cícero sabia que a caminhada histórica até a completude do Santuário seria longa e poderia ser atravessada por desalentos e desgastes da fé. Por causa disso soube se utilizar do ingrediente mítico para introjetar a utopia do devir capaz de suscitar o empenho conjunto das várias gerações. Uma obra que tem por natureza a incompletude e como destino o inacabamento bem pode ser compreendida como “um profundo germinar de eternidade”.<sup>11</sup>

Outro local de forte referência para os romeiros e para os fiéis juazeirenses é a Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores. Lá eles contemplam o coração transpassado da mãe amorosa e no vai e vem da itinerância pela cidade, o templo da Senhora das Dores é lugar do descanso e da contemplação. Um recinto especial para consagração de suas vidas como lhes ensinou o “Padim”. Imensas filas arrastam-se lentamente até os confessionários como que à espera de um remendar da vida. A maioria das pessoas repete a tradição da participação nos sacramentos da Confissão e da Comunhão numa atinência aos ensinamentos dos que lhes antecederam nas benfezejas experiências das antigas romarias. À reminiscência dos conselhos do sacerdote Cícero Romão subjaz uma atmosfera redentora do espaço propiciando paz na alma e coragem para o recomeço. No livro de “Cantos do povo de Deus” usado pelos romeiros uma frase atribuída ao padre Cícero

<sup>10</sup> ALMEIDA, Maria da C. Ciências da Complexidade e Educação: Razão Apaixonada e Politização do Pensamento, p. 65.

<sup>11</sup> WEBER, José. Sim, Eu Quero.

traduz bem esse sentimento: “Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação”.<sup>12</sup>

Ao redor da matriz os romeiros identificam-se como portadores de dores e fragilidades, mas também agraciados pela concessão de bênçãos reabilitadoras dos sonhos. Num espetáculo que une fé e vida percebe-se uma mistura de sagrado e profano pela qual festa e reza, promessas e compras tecem um hipertexto grafado por existências. No imaginário romeiro os produtos comprados no Juazeiro contêm um valor simbólico. São relíquias que materializam a proximidade com a memória do padre Cícero e amplificam o zelo devocional.

A crença na presença invisível do padrinho faz-se companheira na utopia de melhores dias, na defesa da moral e no apelo à caridade. Em cada romaria que chega ou finda romeiros com chapéus nas mãos e olhos fixos na imagem da Virgem das Dores cantam com confiança o que parece lhes indicar o “Padim”:

Virgem bendita, do céu rainha!  
Mãe amorosa dos pecadores!  
Com vosso manto rico de graça!  
Ó defendei-nos por vossas dores.  
Virgem das Dores, Santa Senhora!  
Da nossa terra, sois defensora  
Guardai do mal a nossa vida,  
Abençoai-nos ó Mãe querida.<sup>13</sup>

## 2. Exigências proféticas

O operador cognitivo da emergência profética do padre Cícero Romão Batista, do Cariri, teria sido um sonho que, de acordo com os registros documentais, foi narrado pelo próprio religioso.

Tive um sonho que me valeu como um programa para a vida toda. No sonho, eu me achava sentado à cabeça de uma grande mesa de escola antiga do povoado de Juazeiro. Vi no mesmo sonho que entram na sala os doze apóstolos de Jesus Cristo, tendo à frente o próprio coração de Jesus. Todos tinham grande estatura e se puseram

---

<sup>12</sup> Canto do Povo de Deus.

<sup>13</sup> Canto do Povo de Deus.

de pé ao lado da mesa, enquanto o Coração de Jesus colocado por detrás de mim, disse com voz forte: “eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me têm feito e me fazem diariamente. Vou fazer um esforço para a salvação de todos, mas, se não quiserem se corrigir, acabarei com o mundo.” Nesse instante, vi entrar na sala muitos sertanejos pobres e famintos. Depois, Jesus olhou para mim e disse: “e quanto a ti, Cícero, tome conta deles.” Então, eu me acordei e fiquei impressionado. Esse sonho me fez compreender a minha missão.<sup>14</sup>

Essa narrativa de natureza oral aparece no acervo documental como uma fala póstuma. Os que a ouviram do padre Cícero deram o testemunho que nos serve à compreensão de que ali inscrevem-se as prescrições de chamamento à denúncia, à consolação e o anúncio, ofícios da profecia.

Longe da pretensão de uma análise de discurso e mais próximo de um ensaio gerativo, contemplamos tal relato do sonho sob o calor das experiências adquiridas nas andanças romeiras pelas terras do cariri cearense, onde logos e *mytos* se complementam e se antagonizam. A aura do Juazeiro instiga à interpretação ensaística como um trânsito livre entre o risco e a cautela, mas sempre rumo ao terreno de uma ciência aberta capaz de pôr em diálogo tradições e mitos. Asseguram Edgar Morin, Emílio Ciurana e Raúl Motta<sup>15</sup> que “o ensaio não é um caminho improvisado ou arbitrário, mas uma estratégia de uma *démarche* aberta que não dissimula sua própria errância, mas que não renuncia a captar a verdade fugaz de sua experiência.” A narrativa do sonho do padre induz pensar a entrada dos doze apóstolos em analogia ao clero da época que, mesmo acompanhando com zelo e reverência o Sagrado Coração, ainda não conseguia realizar a plena comensalidade que iguala todos na mesa eucarística da irmandade.

No recinto sonial contrastam estaturas de grandes e pequenos, cada um aprisionado em seu lugar de pertencimento. A constatação da desigualdade seguida da escuta do imperativo: “e, quanto a ti, Cícero, toma conta deles”, acorda no sacerdote o requisito profético do incon-

<sup>14</sup> DOMOULIN, Aneette. Uma Boa Conversa com Padre Cícero. (No Prelo)

<sup>15</sup> MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio; MOTTA, Raúl. Educar na Era Planetária, p. 19.

formismo capaz de mobilizar contra as forças da injustiça e da morte. O homem novo que despertou mudou a via de sua ação sacerdotal e fez da recomendação recebida durante o estado onírico um programa de vida. Compreendeu que cuidar dos “sertanejos pobres e famintos” implicava em acompanhamento espiritual, comida, trabalho e terra, mas igualmente, denunciar a ganância e o descaso que tangiam para as margens da sociedade gente indefesa e sem posse. Foi ouvindo e vendo as carências dos deserdados do sertão que Cícero Romão compreendeu-se pastor e guia do povo rumo a um tempo de prosperidade. Para o teólogo Leonardo Boff, “o profeta faz uma constatação da situação presente em que o povo vive. Denuncia esta situação e anuncia uma mudança de conduta de cada pessoa e de todos para a construção de uma nova história dentro do tempo a partir do presente.”<sup>16</sup> Nessa perspectiva o padre Cícero assumiu com radicalidade a defesa dos humildes e sonhou acordado com “pão em todas as mesas.”. Disposto à escrita de uma nova história o profeta do cariri quis trocar morte por ressurreição: tornou-se profundo conhecedor das conjunturas política e religiosa vigentes na época e imprimiu diligências para propiciar mudanças pelas vias da participação e da concórdia. Como cantou anos depois outro cearense, o poeta Zé Vicente, as forças da morte são vencidas quando são convocados os poderes da amizade, da confiança e da solidariedade.

A mesa tão grande e vazia de amor e de paz/  
Aonde há o luxo de alguns alegria não há jamais/  
A mesa da Eucaristia nos quer ensinar/  
Que a ordem de Deus nosso Pai/  
É o pão partilhar.  
Pão em todas mesas  
Da Páscoa a nova certeza.  
A festa haverá  
E o povo a cantar, Aleluia. <sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> BOFF, Leonardo. Escatologia: o que isso tem a ver com as profecias? In BINGEMER, Maria Clara; YUNES, Eliana (Org.) Profetas e Profecias: numa visão interdisciplinar e contemporânea, p. 254.

<sup>17</sup> VICENTE, Zé. Pão em Todas as Mesas.

No contexto nordestino do início do século XX, a dignidade humana dos pobres era atacada pela fome e muitas outras injustiças. Sob condições de violência, miséria e analfabetismo abundavam vícios e desesperos, razão pela qual o padre Cícero esforçou-se por traduzir em linguagem popular preceitos bíblicos de maneira que todos pudessem compreendê-los e segui-los. Suas pregações passaram a ser mais voltadas, concomitantemente, para o combate dos vícios e à denúncia das injustiças sociais. Um bom exemplo pode ser encontrado na interpretação da carta de São Paulo aos Efésios, “o que furtava, não furtar mais; antes, trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir quando estiver com outros necessitados.”<sup>18</sup>. Esta passagem bíblica tornou-se tão bem internalizada pelos ouvintes que mais tarde passou a ser repetida entre os romeiros como um mandamento do “Padim” e logo depois proclamada na letra do cântico intitulado “Os Conselhos do Padre Cícero”.

Quem matou não mate mais/  
Quem roubou não roube mais/  
Romeiro de verdade/  
Vive na fraternidade/  
E muita paz/  
(...)  
Combate à injustiça/  
É um dever do cristão/  
Não é a violência/  
Que resolve a questão/<sup>19</sup>

O religioso passou a promulgar uma vivência cristã norteadada pelo ensinamento proverbial de que é preciso “amar o pecador, mas, rejeitar o pecado.”<sup>20</sup>. Esse investimento requer acompanhamento vigilante em vista de uma vida regrada por parte dos fiéis, o que supunha, na concepção do padre, a oferta constante do sacramento da confissão e a assunção do ofício de conselheiro de todos que o buscassem. Mesmo suspenso do “uso de ordem presbiteral” ouvia carinhosamente seu

---

<sup>18</sup> Ef 4,28.

<sup>19</sup> Canto do Povo de Deus.

<sup>20</sup> Pr 15,9

povo. Cícero sabia dos segredos guardados, dos desejos contidos, das loucuras e sanidades do seu rebanho. De acordo com Santos<sup>21</sup> a sala de sua casa transformava-se num espaço da escuta e do aconselhamento. Mesmo que numa primeira análise pudéssemos atribuir-lhe um papel panóptico de controle, sua compaixão para com todos dissolve tal argumento e legitima-o como padrinho daquela gente. Um servidor do Reino de Deus, aquele que os devotos acreditam defendê-los quando a vida se faz árida e interceder por eles junto aos poderes celestiais quando lhes pesam os pecados.

Movido pelo amor às pessoas e ao Cariri, investiu consideravelmente na união de todos em favor da dignidade humana e do desenvolvimento da região. Acreditava no potencial das pessoas atribuindo-lhes tarefas antes não concebidas, mas que, posteriormente, resultaram em empreendimentos de sucesso, como podemos ver no diálogo a seguir:

**Pe. Cícero:** Olha, Pelúcio, fico triste quando vejo essa criança crescendo sem ofício. Já estou encaminhando uns para o ofício de sapateiro, pois é uma arte que sempre dá certo, todo mundo precisa andar calçado; outros para a ourivesaria, a fim de se tornarem bons artífices, e agora, desejo montar uma fábrica de relógio.

**Pelúcio:** Meu padrinho, e onde vai ser essa fábrica?

**Pe. Cícero:** Aqui no Juazeiro.

**Pelúcio:** E onde o senhor vai mandar buscar os engenheiros para fazê-la funcionar?

**Pe. Cícero:** Aqui no Juazeiro.

**Pelúcio:** Em juazeiro?

**Pe. Cícero:** Sim, homem de Deus. O engenheiro que escolhi foi você. A fábrica vai ser dirigida pelo meu bom amigo e afilhado.

**Pelúcio:** Mas, meu padrinho, eu nunca tive a menor noção de tal coisa.

**Pe. Cícero:** Pelúcio, para você não há problema. Temos que montar essa fábrica de relógios monumentais, a fim de servir de escola para rapaziada.

**Pelúcio:** Mas, meu padrinho, como é que eu posso fazer uma coisa que eu nunca fiz?

**Pe. Cícero:** Fazendo pela primeira vez! Vou mandar comprar um despertador. Quando chegar você desmonta, veja como funcionam as

---

<sup>21</sup> SANTOS, José C. Entrevista concedida em 03/02/2024.

peças, estude-as. Depois você montará. Quando isso acontecer, já tem meio caminho andado para implantar a fábrica em Juazeiro.<sup>22</sup>

O padrinho do Juazeiro assumiu a missão do bom anúncio. Tornou-se portador das boas utopias, provedor de esperança e mensageiro do alívio. O “Padim” foi um consolador dos que batem à sua porta. Assevera Santos<sup>23</sup>

a casa do Padre era o abrigo dos pobres necessitados que ali vinham em busca de alimento, ajuda financeira e trabalho para fixar moradia em Juazeiro. O crescimento da população, aliado à produção de bens e à criação do comércio artesanal, estimulado pelo Padre Cícero, transformou a cidade em um lugar de atração econômica para muitos, alimentando a esperança de encontrar no Juazeiro a redenção e a sustentabilidade de suas vidas. Além do mais, os admiradores e devotos do padrinho atribuíam e reconheciam esse território como sagrado, projetando o sonho e desejo da salvação eterna.

A utopia de transformação do Juazeiro do Norte em “um novo céu e uma nova terra”<sup>24</sup> lhe angariou muitos desafetos entre seus colegas do clero e entre algumas autoridades<sup>25</sup> ao mesmo tempo em que lhe assegurou a liderança carismática nordeste afora. Ao redor de Juazeiro muitas comunidades foram se formando com gente deserdada da sorte em seus lugares de origem. Cada uma recebeu do “Padim” assistência

---

<sup>22</sup> DUMOULIN, Annette. Padre Cícero: Santo dos Pobres, Santo da Igreja: Revisões Históricas e Conciliação, p. 59-60.

<sup>23</sup> SANTOS, José C. Um Santo sob o Sol, Uma Formação Permanente, p. 79.

<sup>24</sup> Ap 21, 1-6.

<sup>25</sup> Alguns desafetos do Pe. Cícero: Políticos: Marcos Franco Rabelo (Presidente do Ceará); Cel. José André de Figueredo (Comerciante e interventor na prefeitura, substituindo o Pe. Cícero); Cel. João Bezerra de Menezes (Participou do processo de independência de Juazeiro, tendo sido contrariado por não ser escolhido como o primeiro prefeito da cidade nascente - 1911).

Clero: Pe. Pierre-Augusto Chevalier (Reitor do seminário da Prainha, contrário à ordenação do seminarista Cícero e autor da frase: “Nosso Senhor não iria deixar a Europa para fazer milagres em Juazeiro”); Monsenhor Antônio Alexandrino de Alencar (Vigário da Paróquia do Crato e presidente da II comissão de inquérito dos fatos de Juazeiro, nomeado para “desmascarar” as conclusões da primeira comissão); Pe. Joaquim de Alencar Peixoto (destilou muito ódio e violentas agressões ao Pe. Cícero); Pe. Antônio Tabosa Braga (proferiu pregação pela visita pastoral do bispo em Crato (26/08/1909), com a frase: “O povo de Juazeiro imundo e guiado por satanás”).

política e religiosa. No que toca à política são garantidas condições de trabalho para prover a dignidade da família. No que diz respeito a doutrina da fé reforçou a disciplina moral e os exercícios penitenciais. Numa mistura contraditória marcada pela busca do progresso e a manutenção da tradição, a cidade e suas adjacências construíram uma polifonia social desenvolvida sob a regência do padre Cícero.

### 3. A realeza do carisma

Sacerdote dos sacrifícios espirituais e profeta do novo tempo, padre Cícero quis mirar-se no exemplo de Nossa Senhora das Dores e, diante do distanciamento dos altares imposto pela cúpula eclesial, experimentou no próprio coração a coroa de espinhos. Acusado de supervalorizar a religiosidade popular e não combater credices<sup>26</sup>, foi forçado a deixar o Juazeiro, mas as notícias de sofrimentos do seu povo reacenderam as lembranças do mandato do Sagrado Coração de Jesus recebido durante o citado sonho de que deveria cuidar dos pobres e famintos sertanejos. O cumprimento de tal mandato trouxe-o de volta. A possibilidade de desobediência à ordem episcopal perdeu-se no oceano de amor à ordem do Sagrado Coração. Pelo que se sabe o padre Cícero, mesmo suspenso da “ordem sacerdotal”, nunca se insurgiu contra a Igreja, mesmo quando acompanhou o sofrimento do povo desassistido dos sacramentos e capela fechada por 25 anos (1892-1917). Por quase 40 anos conservou o encontro diário com seu povo para reza do terço ou rosário e aconselhamentos.

Alienado da condição de sacerdote buscou os benefícios da política institucional para acudir às necessidades imediatas do povo e abrir as estradas do desenvolvimento para o Juazeiro. Primeiro tornou-se uma figura importante no processo de emancipação do município sendo o primeiro prefeito. Depois valeu-se do carisma da liderança para

---

<sup>26</sup> No ano de 1889 propagou-se a narrativa de que numa das celebrações presidida pelo Pe. Cícero a Beata Maria de Araújo ao receber a comunhão a hóstia teria se transformado em sangue. A crença no suposto milagre atraiu para o Juazeiro centenas de romeiros, fato que desagradou a cúpula da igreja por considerá-lo propício a um princípio de fanatismo. Logo foi solicitado a instauração da apuração dos fatos e a retratação por parte do Padre Cícero de que tudo não passava de ilusão do povo e da citada Beata. A recusa do Padre Cícero da tal retratação o então bispo aplicou-lhes severas punições, das quais decorrem a imposição do silêncio obsequioso.

comunicar-se com coronéis, forasteiros e romeiros, no intuito de manter a concordância comunitária. Ouvimos de Santos<sup>27</sup>

a criação do município registrada no decreto de 22/07/1911, seguida depois, no dia 04/10/1911 da realização de um grande evento político, inaugurou oficialmente a sede do município do Juazeiro e a posse do Pe. Cícero como primeiro prefeito. O novo prefeito convocou todos à racionalidade em vista do bem comum.

Por essas palavras podemos observar como a ação do padre Cícero continha traços característicos da tríplice dominação apontada por Max Weber<sup>28</sup> composta por legalidade, tradição e carisma. No aspecto da legalidade o novo prefeito assume o poder com o estatuto de autoridade de quem conhece bem as carências e potencialidades do lugar. Valendo-se da habilidade cativante do diálogo, reúne em torno de si outras lideranças no intuito de fortalecer e beneficiar o território juazeirense. Muniu-se do uso da razão administrativa para captação de recursos financeiros, investimentos em frentes de trabalho e iniciativas educacionais que pudessem favorecer o progresso do município e da região.

No que diz respeito ao domínio da tradição serviu-se da trajetória religiosa vivida na doação ao serviço do Reino de Deus e fez da política uma estratégia de resistência ao silêncio obsequioso imposto pela Igreja.

Pelo artifício do carisma continuou a acolher, socorrer e indicar caminhos aos afilhados, a fim de propagar uma cultura religiosa de fidelidade aos seus conselhos. Sempre no indicativo da perseverança no trabalho, na observância da moral e na prática da caridade, tornou-se referência permanente no coração e nas mentes dos nordestinos.

## Considerações finais

Quem já foi ao Juazeiro em tempos de romaria, de algum modo sentiu-se cooptado pelo vai-e-vem dos romeiros. Caminhando sempre em grupos parecem acreditar na presença oculta do “Padim” acompa-

---

<sup>27</sup> SANTOS, José C. Entrevista concedida em 03/02/2024.

<sup>28</sup> WEBER, Max. Economia e Sociedade.

nhando-os pelos vários trajetos. O santo do horto ilumina a paisagem religando o passado e o presente, conectando gerações e clamando à continuidade da tradição romeira. Idosos(as), moços(as) e crianças reavivam, pela vivência dos rituais, a lembrança dos antepassados que por ali transitavam celebrando a mesma fé. Ali repetem-se preces e cantos, muitos deles aprendidos na infância com avós, pais e padrinhos. Cada romeiro tem uma história particular que vai se constituindo parte da narrativa romeira identitária da religiosidade nordestina.

Do alto da colina onde levantam-se a estátua do “Padim” e o inacabado Santuário do Sagrado Coração de Jesus à Matriz de Nossa Senhora das Dores, romeiros, comerciantes, religiosos e religiosas se entrecruzam por ladeiras e ruas estreitas num vozerio permeado pela alegria e sinais esperança. Para todos Juazeiro é lugar da bonança de persistência na fé. Um lugar para se pensar e sentir o que significa a radicalidade de exigência batismal de ser sacerdote, profeta e rei.

Os períodos de romarias são momentos de fortalecimento de uma Igreja com rosto popular cuja fisionomia reflete a amorosidade do Sagrado Coração de Jesus e a compreensão da Virgem das Dores. No complemento da tríade o romeiro enxerga a figura do padre Cícero. Com os olhos da fé e ouvidos da tradição os peregrinos confirmam fidelidade ao catolicismo e o desejo de multiplicar o bem. A voz do santo do horto, cuja imagem reluz sob o sol da colina, continua a ecoar na vanguarda da dignidade da vida, das exigências da compaixão e dos preceitos religiosos. Não obstante as incompreensões assinaladas na história do citado sacerdote, pode-se observar, 90 anos depois de seu falecimento, a sintonia com os indicativos propostos pelo Papa Francisco de “uma Igreja em saída” que procura chegar perto dos necessitados.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Ciências da Complexidade e Educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Curitiba: Appris, 2017.

BASÍLICA SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DAS DORES. **Canto do Povo**. Juazeiro do Norte/CE. 2022 (Impresso).

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Trad. Ivo Storniolo. Edição Pastoral. São Paulo: Paullus, 1991.

BINGEMER, Maria Clara; YUNES, Eliana (Org.) **Profetas e Profecias**: numa visão interdisciplinar e contemporânea. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BOFF, Leonardo. Escatologia: o que isso tem a ver com as profecias? In: BINGEMER, Maria Clara; YUNES, Eliana (Org.) **Profetas e Profecias**: numa visão interdisciplinar e contemporânea. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/p2s2cap1\\_1210-1419\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html). Acesso em 03 jun. 2024.

DUARTE, Francisca Eugênia Gomes. **Educação e Devoção**: lições da memória e aprendizagens da Renovação no Sítio Miguiriba. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN: Natal, 2023.

DUMOULIN, Annette. **Uma boa conversa com Padre Cícero**. Juazeiro do Norte, 2011(no prelo).

DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero**: Santo dos Pobres, Santo da Igreja: Revisões Históricas e Conciliação. São Paulo: Paulinas, 2019.

GONZAGA, Luiz, **Viva Meu Padim**. Disponível em: <http://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1563872/>. Acesso em 01/06/2024.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio; MOTTA, Raúl. **Educar na era planetária**: pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2003.

PAPA FRANCISCO. **Evangelium Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2014.

PINHO, Maria de Fátima de Moraes. **Horto do Padim Ciço**: narrativas, imaginários, intervenções. Sobral/CE: Sertão Cult, 2023.

SANTOS, José Carlos dos. **Um santo sob o sol, uma formação permanente**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN. Natal: 2023.

STEINER, George. **Nostalgia do Absoluto**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2003.

VICENTE, Zé. **Pão em Todas as Mesas**. Disponível em: <http://www.letras.mus.br/ze-vicente/1419622/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

WEBER, José. **Sim, Eu quero**. Disponível em: [http:// Sim, Eu Quero – Padre José Weber - LETRAS.MUS.BR](http://Sim, Eu Quero – Padre José Weber - LETRAS.MUS.BR). Acesso em 05 jun. 2024.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

# Padre Cícero Romão Batista: uma pessoa para além de seu tempo. Será mesmo?

*Francilaide de Queiroz Ronsi<sup>1</sup>*

## Introdução

Existem muitos escritos sobre o padre Cícero Romão, desde várias perspectivas. Aqui decidimos enveredar por um caminho pouco discutido, motivados por uma pergunta: Será mesmo que o padre Cícero foi uma pessoa para além de seu tempo? Sabemos que a ação pastoral de padre Cícero Romão teve irradiações em várias áreas, como, por exemplo, educação, formação profissional e trabalho. O caminho pelo qual decidimos enveredar para responder à questão se dará a partir de um recorte dessa ação pastoral. Para isso, selecionamos a sua atuação como pastor diante dos clamores dos pobres sertanejos por causa da fome e da natureza, tão maltratados pelas secas. Nesse contexto, não nos é possível deixar de destacar que esses clamores estão associados a uma profunda reflexão socioambiental. Não faremos um estudo exaustivo sobre o aspecto escolhido do pastoreio de padre Cícero Romão, procuraremos apenas responder à questão que nos apresenta o título desse texto.

Em vista disso, faremos uma apresentação breve de aspectos bem conhecidos sobre o padre Cícero Romão, situando o que desejamos abordar de seu pastoreio. Em seguida, iremos conhecer um pouco sobre a região na qual o padre nasceu e em que depois exerceu o seu pastoreio até o fim de sua vida, o Cariri. Em seguida, descobriremos o quanto essa região influenciou e foi afetada pela forma como o padre

---

<sup>1</sup> Doutorado e Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Pós-Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. E-mail: [francilaide@puc-rio.br](mailto:francilaide@puc-rio.br). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2118947389116019> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4346-0472>.

Cícero Romão realizou sua pastoral. Depois conheceremos como o padre reagiu diante dos sofrimentos provocados pelas grandes estiagens. Veremos como ele se deixou afetar pelo clamor dos pobres sertanejos e da própria natureza à sua volta por causa das consequências das secas, e como toda essa realidade foi afetada por suas escolhas e orientações.

A perspectiva teológica escolhida para o percurso deste texto foi a da espiritualidade, resposta de sua experiência de fé, motivação para sua vida e para o exercício de seu ministério, até mesmo quando foi impedido de exercê-lo institucionalmente. Sem, no entanto, deixar de atuar como pastor de seu povo até o último suspiro. A partir dessa escolha, procuraremos entender que tipo de espiritualidade viveu o padre Cícero Romão, e o quanto essa experiência pode interferir na sua relação com a realidade à sua volta. Esse percurso escolhido pretenderá responder à questão que nos provocou o título deste artigo.

## 1. Padre Cícero Romão, em síntese

Cícero Romão Batista nasceu na cidade de Crato, município do estado do Ceará, no Cariri cearense, em 24 de março de 1844, filho caçula de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana e irmão de Maria Angélica Baptista e de Angélica Romana. Cícero cresce em estatura e adquire conhecimento em várias áreas do saber; muito jovem se descobre vocacionado ao sacerdócio; é marcado por grandes influências, como São Francisco Sales, Pe. Ibiapina e Pe. Rolim. No entanto, dos sonhos e projetos que alimentou para a sua vida, em nada se compara ao lugar e à missão que uma visão o levou.<sup>2</sup>

Depois de muitas dificuldades superadas com a sua família e depois na formação no Seminário, em Fortaleza, ele, após sua ordenação, em 30 de novembro 1870, voltou ao Crato, sua cidade natal, para presidir a primeira missa como padre. Enquanto aguardava a designação do bispo para assumir alguma paróquia ou capela, celebrava em várias capelas da região e lecionava latim no colégio Venerável

---

<sup>2</sup> Para mais informações sobre esse caminho percorrido por Padre Cícero Romão Batista e as influências que marcaram a sua vida, conferir: RONSI, F. de Q., Facetas de uma “santidade pecadora no sertão” nordestino, p. 75-103; DELLA CAVA, R., Milagre em Joazeiro.

Ibiapina, fundado por José Marrocos.<sup>3</sup> Nesse período foi convidado para celebrar a missa de Natal, em 1871, em um povoado muito simples, chamado “Tabuleiro Grande”, um local com três pés de Juazeiro e algumas pequenas casas.

Lira Neto assim descreve o local:

Era um oco do mundo. Das cerca de oitenta casas dali, bem poucas eram erguidas com telha e tijolo. A maioria dos quatrocentos habitantes se arranja em moradias de taipa, mistura rudimentar de argila e cascalho, com improvisada cobertura de palha. O povoado era composto de apenas duas ruas. A chamada rua Grande – de que grande mesmo apenas o nome – fazia esquina com a rua do Brejo. E só. Conhecido valhacouto de beberões e desordeiros, o arraial servia de pouso provisório para vaqueiros, tangedores de gado e caixeiros-viajantes a caminho do Crato, situado a três horas de distância, no lombo de bom cavalo.<sup>4</sup>

Nesse lugar lhe surpreendeu a acolhida que recebeu quando chegou. Como não havia um padre responsável pela capela Nossa Senhora das Dores, padre Cícero Romão ficou colaborando nas celebrações, nas confissões e no atendimento às pessoas. Ele não tinha a pretensão de ficar no povoado, acreditava estar somente de passagem.<sup>5</sup> No entanto, em um dos dias em que estava atendendo as pessoas, exercendo o seu ministério de pastoreio, depois de um dia intenso de confissão, aconteceu algo que marcou profundamente a sua vida, redirecionando seus projetos e planos, como narram Therezinha e Annette:

Em 1972, certa vez, após um dia cansativo de confissão, o padre se dirigiu à pequena escola do lugar, para descansar. No quarto contíguo à sala de aula, caiu no sono, e sonhou: treze homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se ao redor da mesa do professor numa disposição que lembrava a Última Ceia de Leonardo da Vinci. O padre, no sonho, acordou para espiar os visitantes. Os 12 apóstolos, nesse momento, viraram-se para olhar o Cristo que se apresentou na forma do Sagrado Coração de Jesus. Nesse mesmo momento, um bando de camponeses miseráveis entrou na escola. Davam a im-

<sup>3</sup> BARROS, L. O. C., *A terra da mãe de Deus*, p. 116.

<sup>4</sup> NETO, L., *Padre Cícero*, p. 47-48.

<sup>5</sup> COMBLIN, J., *Padre Cícero de Juazeiro*, p. 11.

pressão de virem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Jesus virou-se para os apóstolos e falou lamentando a ruindade do mundo [...]. Prometeu fazer um último esforço para salvar o mundo [...]. Naquele momento, o Cristo apontou para os pobres e, voltando-se para o jovem sacerdote, ordenou: “*Você, Pe. Cícero, tome conta deles*”. Com esta ordem, contou o padre a um amigo, anos depois, acordei e não vi mais nada; pensei um pouco e decidi, mesmo errado, a obedecer.<sup>6</sup>

Até esse momento, padre Cícero Romão celebrava somente aos domingos no povoado. Mas, depois dessa experiência, decidiu nela fixar residência com sua mãe, as duas irmãs e uma jovem escrava liberta, Teresinha. A mudança ocorreu em 11 de abril de 1872. Depois de cinco meses residindo no pequeno povoado, recebeu do bispo a designação de que seria o capelão da capela de Nossa Senhora das Dores. Agora era oficial. Padre Cícero Romão era o capelão da capela em ruínas do pequeno povoado Tabuleiro Grande. Foram 21 anos vividos como capelão, um ministério escondido, dedicado ao povo. Era um capelão peregrino, andava de sítio em sítio, em todos os lugares ele ia para alcançar as pessoas. Comblin nos lembra que ele

dedicou-se a corrigir os vícios e os abusos morais. Acabou com as bebedeiras, proibiu as danças e conseguiu que os homens parassem de bater nas mulheres e que as prostitutas confessassem seu pecado. Procurou alimentar a fé e animar a prática religiosa do povo. Para isso, escolheu três caminhos: a convivência com o povo, as visitas domiciliares pelos sítios, sempre andando a pé, e as pregações, orientando o povo, seja nas novenas e missas, seja nas diárias reuniões ao anoitecer diante de sua casa.<sup>7</sup>

O pastoreio realizado pelo padre Cícero Romão acontecia em silêncio, transformando a vida das pessoas sem alardes. Aos poucos ganhou espaço e confiança entre os moradores. Com uma vida simples, profundamente marcada pela oração, era um religioso de seu tempo,<sup>8</sup> dedicado a “salvar a alma das pessoas”. Viveu na pobreza com os po-

<sup>6</sup> GUIMARÃES, T. S.; DUMOULIN, A. (org.), O Padre Cícero por ele mesmo, p.101-102. Grifo nosso.

<sup>7</sup> COMBLIN, J., Padre Cícero de Juazeiro, p.13.

<sup>8</sup> Marcado pela implantação da romanização do catolicismo.

bres. Não recebia nada pelos sacramentos que administrava, viveu da esmola de quem podia ajudá-lo. Todos se identificavam com ele, com o seu modo de vida. A sua autoridade provinha da coerência de seu testemunho de vida, de alguém que vivia o ministério sacerdotal inteiramente dedicado ao povo; nele encontravam “um olhar penetrante e uma palavra forte, capaz de convencer os mais duros corações”.<sup>9</sup>

Padre Cícero Romão teve fortes influências de padre Ibiapina. Este viveu o seu apostolado a partir dos problemas humanos, encarnado na realidade de vida das pessoas. Não desenvolvia uma atividade assistencialista, mas de promoção das pessoas em sua dignidade humana, social, cultural e religiosa. Em suas pregações chamava o povo à conversão pessoal e social quando pedia também o fim das atitudes individualistas e egoístas; fundou uma nova ordem religiosa, a dos beatos e beatas, que cresceu em todo o Nordeste, formada por homens e mulheres que tornaram possível a sua missão tanto no aspecto religioso quanto social. Essa iniciativa antecipou o que mais tarde, no século XX, o Concílio Vaticano II afirma sobre o papel dos leigos e das leigas na Igreja e na sociedade.<sup>10</sup>

Padre Ibiapina possuía

a habilidade de aproveitar as tradições populares, incorporando a realidade do povo em suas ações. Todas as suas fundações contribuíram para o desenvolvimento humano, social e econômico do Nordeste, desde a sua inserção no social até o econômico colaborando na capacitação das pessoas para a realidade do trabalho formal. Logo, ele não se destacou no fortalecimento das paróquias a partir da doutrinação ou pela ministração dos sacramentos, mas pela formação de comunidades, promovendo as pessoas. Agindo dessa forma, ele foi o primeiro a realizar um trabalho de transformação social nas terras nordestinas, desde as diversas realidades presentes nessa região brasileira.<sup>11</sup>

Padre Cícero Romão, quando jovem, viu crescer ao seu redor a presença dos beatos e beatas e o quanto estes homens e mulheres ajudavam na transformação da vida das pessoas. Em seu pastoreio tam-

---

<sup>9</sup> COMBLIN, J., Padre Cícero de Juazeiro, p.14.

<sup>10</sup> RONSI, F. de Q., Facetas de uma “santidade pecadora no sertão” nordestino, p. 81.

<sup>11</sup> RONSI, F. de Q., Facetas de uma “santidade pecadora no sertão” nordestino, p. 80-81.

bém reuniu homens e mulheres, beatos e beatas, que estiveram com ele em seu ministério. Cheio de virtudes, com uma vida simples, um fato importante aconteceu entre o padre Cícero Romão e a Beata Maria de Araújo, quando esta recebeu a hóstia consagrada que logo se transformou em sangue (era 1º de março de 1889) e a suas vidas passaram por uma reviravolta.

A notícia do milagre se espalhou, mas Dom Joaquim só ficou sabendo meses depois, em novembro de 1889. Primeiro veio a proibição para tratar o ocorrido como um milagre, depois se organizou uma comissão de inquérito, que concluiu que se tratava de fatos sobrenaturais. Não acolhendo essa conclusão, e tendo desaparecido a urna que continha as hóstias e os panos manchados de sangue, Dom Joaquim se convence de que se tratava de um embuste, e baixa um decreto suspendendo padre Cícero Romão, privando-o das pregações, confissões e da orientação dos fiéis; no entanto, podendo presidir as missas. O bispo resolveu submeter o caso à Santa Sé e, em 04 de abril de 1894, foi tornado público o veredicto do Santo Ofício de Roma: a Santa Sé reprovava todos os fatos que movimentavam o povoado. Padre Cícero Romão ficou proibido de exercer o seu ministério, era o ano de 1896. Em 1916, veio a excomunhão, mas esta não foi aplicada.<sup>12</sup>

Toda essa reviravolta na vida de padre Cícero Romão não diminuiu a força de seu testemunho, de seu pastoreio. O que ouviu do Sagrado Coração de Jesus, no sonho que teve em 1872, para que cuidasse de uma “multidão de retirantes”, continuou ecoando em todas as suas escolhas e decisões. Com responsabilidade assumiu com a sua vida esse chamado e, por causa de sua decisão, acolheu com respeito, mesmo que não tenha deixado de lutar, a decisão da Igreja. Uma vida entregue à missão como pastor e padrinho. Seus últimos gestos, no leito de morte, foram traçar três cruzeiros no ar, dizendo: “no Céu, eu rogarei a Deus por todos vocês”.<sup>13</sup>

Retomemos a sua origem no Cariri para entendermos o quanto essa região, a partir de sua atenção para com os mais pobres, pode

---

<sup>12</sup> Para mais detalhes, conferir: DUMOULIN, A., Padre Cícero, santo dos pobres, santo da Igreja. Revisões históricas e reconciliação. p. 105-193; NETO, L., Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão, p.65-271; DELLA CAVA, R., Milagre em Joazeiro, p. 55-151.

<sup>13</sup> NETO, L., Padre Cícero, p. 505.

contribuir em sua ação pastoral e este em seu ministério.

## 2. Cariri cearense, o “*Oásis do Sertão*”

Como vimos, padre Cícero Romão nasceu na cidade de Crato, localizado no Cariri cearense, presente no meio da Caatinga. Essa região era conhecida popularmente como o “*Oásis do Sertão*” por causa da fertilidade de seu solo e da existência de fontes de água. Era cercado por montanhas (a Chapada do Araripe) em cujas entranhas se encontra água em abundância, com aproximadamente 348 fontes naturais.<sup>14</sup> Entretanto, encravado em pleno sertão nordestino, o Cariri, por conta de fontes naturais que formam vários riachos perenes e de seu solo fértil não estava ileso de sofrer com as prolongadas estiagens das chuvas.

Lembremos que no século XVI, quando os europeus chegaram, a região era habitada por uma das maiores etnias indígena do Nordeste brasileiro, os índios “kariris” que deram o nome “Vale do Cariri” ao local.<sup>15</sup> Para eles, o Vale era sagrado, era o lugar onde os seus rituais eram realizados e suas forças revigoradas. Muitos foram os conflitos entre os colonizadores e os povos originários. Ocorreu a dispersão, e esta também foi uma forma de resistência para os povos indígenas que se espalharam pelo sertão nordestino.

No século XVIII a região do Vale do Cariri foi povoada por criadores de gado provenientes da Bahia e de Pernambuco e pela agricultura, em especial da cana de açúcar, que forçou a migração das atividades pastoris para outras áreas menos férteis do Vale, em terras ressecadas, de mato raso. A cidade de Crato, por gerir um dos melhores solos da região, tornou-se o principal produtor e fornecedor de alimentos para o sertão árido, e foi o principal eixo das atividades comerciais do vale. Por conseguinte, a cidade se tornou o centro mais populoso e importante do Vale, vindo a receber o título de “Pérola do Cariri”.<sup>16</sup> O açúcar e o engenho foram os responsáveis pela formação da hierarquia social do vale.

---

<sup>14</sup> DUMOULIN, A., Padre Cícero, p. 43-44.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, A. X. de., O Padre Cícero que eu conheci, p. 23

<sup>16</sup> DELLA CAVA, R., Milagre em Joazeiro, p. 58-59.

Outro grande período de desenvolvimento/avanços para o Nordeste árido foi quando houve um grande crescimento na plantação de algodão para suprir uma demanda internacional. No entanto, essa prosperidade entra em declínio na segunda metade do século XIX, quando a forte seca de 1877 atingiu a região.

Em um único ano, o de 1878, a fome ceifou 57 mil vidas entre os flagelados, que haviam fugido do interior para os abrigos provisórios de Fortaleza; outros 55 mil foram vítimas de um programa financiado pelo governo e obrigados a embarcar para outros estados. Quando a seca terminou, em meados de 1880, cerca de 300 mil pessoas, mais de um terço da população do Ceará, tinham emigrado ou morrido de fome e doenças.<sup>17</sup>

Muitas secas se sucederam, como as de 1888, 1898, 1900 e 1915 que também foram desastrosas. Provocaram a emigração de aproximadamente meio milhão de sertanejos. Entretanto, essa perda de mão de obra não se deu apenas pelas secas, mas também por causa do advento das produções cafeeira, no Sul, e da borracha, no Norte do país. Por meio de um programa do governo federal, o governo cearense exportou a sua mão de obra para essas regiões e eclodiu no Ceará o esgotamento de seu capital humano. E, sem mão de obra, a sua produção agrícola e a pecuária ficaram ameaçadas.<sup>18</sup>

O povoado Tabuleiro Grande e a sua vizinhança surgem como um dos poucos lugares que mantiveram as pessoas em suas terras, em vez de perdê-las. Padre Cícero Romão e o povoado foram perpassados por tudo que marcou esse território, onde a religião fez parte de uma construção social necessária à sobrevivência das pessoas. E a experiência de fé vivida por padre Cícero Romão foi marcada pela realidade desse povo, pelas realidades sociopolíticas e religiosas da região do Vale do Cariri.

A capacidade de escuta e de conselheiro que possuía o padre Cícero Romão possibilitou mais tarde, aos romeiros, que o elegessem como defensor e guia. Por essa razão, quando estes visitam Juazeiro,

<sup>17</sup> DELLA CAVA, R., *Milagre em Joazeiro*, p. 162.

<sup>18</sup> DELLA CAVA, R., *Milagre em Joazeiro*, p. 163.

impregnados pela memória popular, também marcada pela cultura indígena, confessam:

meu padrinho sempre dizia: vocês podem percorrer o mundo inteiro, como uma mãe carregando o filho nos braços, sem encontrar uma colherada de farinha para alimentá-lo. Venham a Juazeiro e aqui encontrarão o que comer. Vocês podem percorrer o mundo inteiro, tendo-se evaporado as águas do mundo, sem encontrar um copo d'água para matar a sede. Venham a Juazeiro e aqui encontrarão o que beber.<sup>19</sup>

Podemos dizer que dois fatores contribuíram para que o povoado se tornasse um lugar de refúgio: as virtudes de padre Cícero Romão e o oásis que constituía o Vale do Cariri.

O Vale do Cariri se tornou um recôndito sagrado no sertão nordestino, lugar onde o padre Cícero Romão construiu sua história, onde ela foi lida, relida, contada e investigada por vários ângulos, sob várias perspectivas. No entanto, os olhares dos/as pesquisadores/a buscam outros fatos, conselhos e atitudes de padre Cícero Romão na tentativa, cada vez mais, de se aproximar do Padrinho do sertão nordestino. Será que podemos considerar o padre Cícero Romão uma pessoa para além de seu tempo? Vejamos apenas dois aspectos, a sua preocupação com a pobreza gerada pela seca e o seu cuidado com o meio ambiente na tentativa de responder essa questão.

### 3. Pobreza e meio ambiente: uma questão socioambiental

O *oásis do Cariri* enfrentou muitas secas. Infelizmente a riqueza de suas fontes não a impediu de sofrer com as consequências das grandes estiagens. No século XIX, com suas terras despovoadas, o Vale do Cariri se tornou o abrigo dos flagelados do sertão. Padre Cícero Romão, conhecendo o quanto a seca podia ser devastadora, incentivava as pessoas que o procuravam por ajuda, a cultivar o campo, enquanto procurava meios para lidar com as estiagens. Chegou a solicitar, junto ao bispo, contribuições para tentar reverter o problema das estiagens prolongadas, como podemos ver:

---

<sup>19</sup> DUMOULIN, A., Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja, p. 44.

Temos aqui bons lugares próprios para açudes que podem ser aproveitados e este pobre povo, tendo trabalho, possa escapar. Em Constantina, na Argélia, os poços artesianos têm remediado o mesmo mal que nós sofremos, e me parece que se é verdade o resultado que dão, será um remédio mais pronto e mais eficaz. Aí está uma companhia contatada pelo governo para este fim, alcance-nos um destes poços para o nosso Juazeiro, de proporções largas, que dê para irrigar as terras que eram irrigadas pela Batateira (rio) nos anos precedentes. A quantia que para cada um foi ajustado sobra, e o nosso terreno se presta do melhor modo e me parece que terá melhor resultado.<sup>20</sup>

O povoado, sob a liderança de padre Cícero, diferente do que ocorreu em outras cidades e em sua capital, com a exportação de mão de obra para o Sul e o Norte do país, começou a realizar um movimento de acolhida e de ajuda para que as pessoas permanecessem na cidade. Segundo Della Cava, “não há dúvida, porém, de que a fama de “santo”, de “milagreiro”, de padre Cícero contribuiu tanto quanto a fertilidade do vale para atrair alguns poucos trabalhadores para o Cariri”.<sup>21</sup>

Padre Cícero Romão fez desse povoado o refúgio dos pobres e dos desvalidos. Acolhendo muitas pessoas que o procuravam com fome e sem abrigo, ele ensinava: “cada casa deve ter um santuário, uma oficina, e em cada quintal, uma horta”<sup>22</sup> e, assim, trabalho e oração se constituíram nos pilares para o desenvolvimento da cidade e, até mesmo, da região. Ele compreendeu que a sua missão não estava restrita ao ensino da doutrina e na realização dos sacramentos, mas em uma evangelização marcada pelo cuidado. Uma vez que a memória e o coração de padre Cícero Romão estavam profundamente atingidos pelo que o Sagrado Coração de Jesus lhe havia dito no sonho: “*Você, Pe. Cícero, tome conta deles*”. Cuidar das pessoas e restaurar a sua dignidade foram, então, a sua missão. Desse modo, “todos que o procuravam, desiludidos dos poderosos, nele encontravam, invariavelmente, o carinho de uma palavra ou de um gesto amigo”.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> Carta a Dom Luís. CRA 03, 05:20 de fevereiro de 1878. In: GUIMARÃES, T. S., DUMOULIN, A., O Padre Cícero por ele mesmo, p. 94.

<sup>21</sup> DELLA CAVA, R., Milagre em Joazeiro, p. 164.

<sup>22</sup> BARRETO, F. M. de Sá., Padre Cícero, p. 33.

<sup>23</sup> AZARIAS, S., O Patriarca de Juazeiro, p. 384.

As pessoas vinham de várias cidades em busca de ajuda para combater a sua fome, também buscavam acolhida, orientação, escuta etc. Todas elas encontravam no padre Cícero Romão a atenção necessária. No desejo de devolver a esperança e a dignidade dessas pessoas, ajudando-as com uma possibilidade de trabalho, ele as encaminhava para terras próximas ao povoado e de cidades vizinhas. Logo, algumas terras perto de Barbalha, ocupadas por grupos de pessoas que recebiam a orientação de padre Cícero Romão, tiveram um aumento na produção de cana-de-açúcar e rapadura, e Barbalha chegou a desafiar a economia de Crato, a “Pérola do Cariri”.

Não demorou para que os espaços menos povoados da chapada, no vale do Cariri, a partir dos conselhos de padre Cícero Romão, fossem ocupados pelas pessoas que o procuravam. Muitas roças surgiram, e a serra do Araripe, perto do Crato, e a serra de São Pedro, a nordeste do povoado, começaram a produzir grandes quantidades de mandioca, o ‘trigo’ do sertanejo.

Dessa forma, com a orientação e ensinamento de padre Cícero Romão, as terras, até então abandonadas, foram responsáveis pela autonomia na produção de produtos básicos, como: arroz, feijão, milho, cana para rapadura, mandioca etc., e a região ficou conhecida como celeiro do Ceará<sup>24</sup>. E a produção de alimentos excedentes foi exportada para outras cidades do Ceará e para alguns estados vizinhos.

Além da agricultura, padre Cícero Romão também incentivou as produções de borracha de maniçoba e de algodão. A borracha foi introduzida na região por padre Cícero na primeira década do século XX. A compra de uma das primeiras máquinas de descaroçar algodão, movida a vapor, pelo padre, foi o incentivo para a retomada do cultivo do algodão<sup>25</sup>.

O desejo de padre Cícero Romão era transformar a situação de caos e de miséria que assolava o sertão nordestino por causa das fortes secas e da indiferença do poder público, em um cenário de fertilidade, de ordem e de progresso. É o que vemos em uma carta escrita, quatro décadas depois das grandes secas que marcaram o

---

<sup>24</sup> COMBLIN, J., Padre Cícero de Juazeiro, p. 42.

<sup>25</sup> DELLA CAVA, R., Milagre em Joazeiro, p. 166.

sertão nordestino, ao Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Mauro Brasil:

Como bem sabe a V. Ex<sup>a</sup>, a seca de 1877 e as outras que se seguiram cujos horrores por todos bem sabidos forçaram-me, para evitar a reprodução das lastimáveis cenas que infelizmente presenciei, a empreender o desenvolvimento do plantio da mandioca em grande escala em todo o Cariri e, principalmente, no Araripe. E para isso conseguir, a todas as pessoas que dos Estados vizinhos vieram e continuam a vir, obriguei-as a fazerem plantações em grande escala as auxiliando em tudo que estava ao meu alcance. De fato, o resultado tem sido o melhor possível, porque nunca mas faltaram os meios de subsistência nos tempos críticos, sendo para notar que o Araripe tem sido o centro produtor da farinha para todos os estados vizinhos, evitando assim os horrores da fome<sup>26</sup>.

Como pudemos ver, padre Cícero Romão tinha uma visão criativa e ampla sobre o valor do trabalho. O seu pastoreio não tinha fronteiras, não se restringia à prática dos sacramentos, às doutrinas e às orações, pelo contrário, estava tudo muito integrado para solucionar os graves problemas gerados pela seca.

Por conseguinte, apresentava propostas concretas e viáveis às pessoas, incentivando-as e direcionando-as para a agricultura. Para isso, comprou terras e tomou a iniciativa de ocupar terras devolutas, o que lhe permitiu espalhar os sertanejos pela chapada do Araripe, empregando-os em fazendas dos abastados, e iniciando um planejamento econômico para que fosse afastada a ameaça da fome, com o incentivo para o plantio da mandioca e de grande diversidade de culturas. Ele procurou dar, além do pão, condições sustentáveis de trabalho.

Hoje compreendemos que a seca gera um problema socioambiental. Mas esse termo não era conhecido pelo padre Cícero Romão. No entanto, ele tinha consciência que a seca, como fenômeno natural, gera, além dos problemas ambientais, a pobreza. Por sua vez, entendia que para as pessoas sertanejas a única opção para sobreviverem à seca e à fome não era fugir de sua terra. Para ele, entretanto, era evidente, estando onde estava, na região do Cariri, que era possível ter outra opção.

---

<sup>26</sup> Carta do arquivo do Padre Cícero, p. 155.

Nesse sentido, além de recorrer a políticos e ao bispo de Fortaleza para que tivessem uma maior atenção e cuidado com a prevenção dos efeitos das secas na vida das pessoas que sofriam as suas consequências, padre Cícero Romão também buscou em suas leituras alguma ajuda, e passou a ensinar o que chamamos de preceitos ecológicos, como “não derrubem o mato; não toquem fogo no roçado; deixem os animais viverem; não matem os passarinhos; utilizem as plantas medicinais”, também alertava para “plantar a mandioca-preta, conservar ela, porque, quando vier à seca, não acha o povo desprevenido”<sup>27</sup>.

A busca pelo conhecimento não era para o padre Cícero Romão por causa da vaidade, mas em função das realidades à sua volta, pelo que envolvia as pessoas e a natureza. Como nos relatou o botânico alemão Philipp Von Luetzelbug, depois de uma visita que fez ao padre quando estava à serviço da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, do Ministério da Aviação e Obra Públicas, em 1921. Assim ele relatou em um livro, registrado pela pesquisadora Luitgarde:

Naturalmente, para mim, se tornou de capital importância conhecer e falar com o padre Cícero e tive o prazer de, à minha chegada, ser recebido e ter animada palestra com o mesmo. Este velho, de real prestígio popular, deixou-me gratas recordações. Tratou-me com delicadeza e amabilidade. De fato, trata-se de um homem que dispõe de instrução e saber invulgares: aborda com igual facilidade a política e a história universal, ciências naturais, especialmente quando à agricultura. Os institutos científicos deviam entrar em contato com aquele homem que dispõe de conhecimentos excepcionais com relação à Paleontologia, Geografia e História, adquiridos parte por observações e estudos pessoais, parte pelas indicações que colhe de seus inúmeros fieis e romeiros, que das paragens mais longínquas trazem ao “Padrinho” tudo aquilo que encontram de esquisito e extraordinário [...] Poderia o leitor objetar que pouca importância se deve dar aos achados dos romeiros, geralmente sem instrução. Contudo, devo notar que tive a oportunidade de estudar a curiosa coleção do padre Cícero, onde encontrei material preciosíssimo<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> WALKER, D., Padre Cícero, p. 30-31.

<sup>28</sup> BARROS, L. O. C., Juazeiro do Padre Cícero, p. 193-194

Esse relato nos ajuda a perceber que o conhecimento de padre Cícero era amplo, oriundo das diversas leituras e da escuta atenciosa que tinha dos romeiros. Em seguida, a transmissão ocorria de forma cuidadosa, buscando uma linguagem simples para orientar os sertanejos no manejo tanto com a flora como com a fauna. Essas orientações ajudavam as pessoas a conviverem com o semiárido, pois proporcionavam práticas de preservação do meio ambiente, técnicas de trabalho à agropecuária e às áreas sujeitas à degradação e desertificação.

Dessas orientações temos os conhecidos preceitos ecológicos de padre Cícero Romão que foram organizados pelo ecologista brasileiro Vasconcelos Sobrinho. O ecologista organizou esses preceitos recolhendo-os dos conselhos que o padre dava aos sertanejos por meio de cartas e de suas pregações diárias na frente de sua casa. Estes se constituíram em onze preceitos ecológicos:<sup>29</sup>

1. Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau;
2. Não toque fogo no roçado nem na caatinga;
3. Não cace mais e deixe os bichos viverem;
4. Não crie o boi nem o bode solto; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer;
5. Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza;
6. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva;
7. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta;
8. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só;
9. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca;

---

<sup>29</sup> DUMOULIN, A., Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja, p. 95.

10. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer;
11. Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.

Percebe-se que padre Cícero Romão foi o precursor na atenção e preservação do meio ambiente. Ele havia compreendido que era necessária a harmonia entre as pessoas e o meio ambiente. Como nos diz Daniel Walker, referindo-se aos preceitos ecológicos de padre Cícero Romão:

No Cariri, há mais de cem anos, quando ninguém falava em ecologia, o padre Cícero - como extraordinário homem de vanguarda que foi -, se antecipava e ensinava preceitos ecológicos aosromeiros. Eram coisas simples, como “não derrubem o mato; não toquem fogo no roçado; deixem os animais viverem; não matem os passarinhos; utilizem as plantas medicinais”, mas que surti um grande efeito. Essa iniciativa de padre Cícero, hoje largamente disseminada no Nordeste, foi elogiada por ecologistas de renome, como o professor J. Vasconcellos Sobrinho, no seu livro *Catecismo de Ecologia* (Vozes, 1982) e Dr. Rubens Ricupero, ex-ministro do Meio Ambiente, o qual, em artigo publicado no jornal *O Globo* (19.01.94) disse que padre Cícero pregou em pleno sertão nordestino a palavra que hoje a consciência ambiental a duras penas começa a inscrever na nossa visão de mundo. Muito antes de que se realizasse a I Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, ele teve essa percepção aguda de algo que constitui antes de tudo um interesse legítimo, identificado por quem está próximo da realidade.<sup>30</sup>

Nesse sentido, lembra-nos Annette Dumoulin que esses ensinamentos tornaram o padre Cícero Romão modelo de ecologista e patrono das florestas pelo movimento Greenpeace, em 2010.<sup>31</sup>

Esses preceitos foram também fundamentais para a realização de trabalhos coletivos, comunidades agrícolas e mutirões. A orientação para que mantivessem a prática da oração e trabalho, somados ao tra-

<sup>30</sup> WALKER, D., *Padre Cícero*, p. 3.

<sup>31</sup> DUMOULIN, A., *Padre Cícero*, p. 94.

balho em mutirão, baseado nas ideias de padre Ibiapina e nos preceitos ecológicos que ensinava aos trabalhadores rurais, constituíram-se a base estrutural na qual os sertanejos passaram a desempenhar suas atividades produtivas em harmonia ecológica no ato de apropriação da natureza.<sup>32</sup>

Um importante exemplo da influência de padre Cícero Romão na organização das comunidades camponesas foi a experiência realizada no sítio Caldeirão, que teve como líder, indicado por ele, o Beato Zé Lourenço.

A experiência realizada no Caldeirão tinha como fundamento a oração, o trabalho e a preservação ambiental aconselhados pelo padre Cícero Romão. Nesta comunidade foram construídos açudes e represas no leito do riacho Caldeirão, foram intercaladas as culturas que possibilitavam maior diversidade biológica e foram preservadas as áreas íngremes do terreno etc. Como nos diz Araújo:

‘Como é possível sustentar toda uma comunidade dependendo de um solo que tem restrições agrícolas? O grande mérito do beato foi exatamente este: ele soube utilizar os recursos e os ecossistemas do semi-árido’, afirma o geógrafo Arlindo Siebra. Além do *modus vivendi* igualitário, o Caldeirão foi um exemplo ecológico para o nordeste. Segundo Siebra, a comunidade construiu várias microbarragens e dois açudes. Faziam também um tipo de cisterna, que cobriam para evitar a evaporação, armazenando a água no subsolo. Outra característica importante frisada por Siebra era o não-desmatamento da ‘coroa da serra’ - como são chamadas as partes mais altas da fazenda. Normalmente os agricultores trabalham com rotação de culturas, ou seja, queimam a vegetação para adubar o solo e depois plantam durante cerca de três anos. Posteriormente, abandonam a área - deixam a vegetação brotar de novo, o que chamam de ‘encapoeiramento’ - para repetir o processo após três ou cinco anos. A falta de espaço, porém, impedia José Lourenço de fazer as rotações. Segundo Siebra, o beato ‘só plantava abaixo da ‘coroa da serra’, e apenas em um trecho por ano, passando depois para outro. Como a cobertura vegetal da coroa permanecia intacta, quando chovia as sementes eram dispersadas de cima para baixo. Dessa maneira, utilizando a força da gravidade, a área encapoeirava mais rápido que um terreno plano’. Com esse

---

<sup>32</sup> SILVA, J. J. da, Caldeirão e Assentamento 10 de Abril, p. 54.

manejo agrícola, somado à criação de peixes e de gado, as quase 2 mil bocas da irmandade não sentiam falta de comida.<sup>33</sup>

Como é possível perceber, a comunidade de Caldeirão fez uso dos recursos naturais do ecossistema semiárido de forma harmônica. Dessa forma, conseguiu êxito em seu desenvolvimento, como afirma um depoimento de uma sobrevivente do massacre que a comunidade viveu:

Ali ninguém passava fome; não senhora! Era tudo irmão. Tudo trabalhando junto, rezando junto, ali era uma beleza! As mulé ou na roça ou fazendo pano, ou costurando, ou cuidando da casa, tudo vestida direito, no procedimento. Qualquer coisa que acontecia corria onde estava o Beato e ele resolvia. Era o céu... Eita povo bom! Era tanto do homem na roça, os paió tudo cheio, uma fartura que fazia gosto. Aquilo ali, tudo que colhiam era guardado junto. Depois ele dividia: tirava o que dar de comer àquele povão todo, separava pras obras de caridade, e aí mandava o respo pra feira. Ele era muito bom! Então com esse povinho miúdo! Ele amparava muita gente: viúva, menino órfão, velho doente.<sup>34</sup>

Esse testemunho evidencia a força da comunidade organizada a partir dos conselhos de padre Cícero Romão, sendo estes marcados pela oração e trabalho, este último em atenção aos ciclos da natureza, aos cuidados com a terra. Vejamos que trabalho, o respeito de uns pelos outros, a proteção e a hospitalidade com os que sofrem, a igualdade, o desprendimento do dinheiro, a boa convivência, a humildade, dentre outras atitudes de respeito e cuidado marcaram essa experiência.

Nesse sentido, a experiência religiosa que orienta a convivência na comunidade de Caldeirão revela o quanto é possível uma religião agir sobre o mundo, transformando a sua realidade. Como nos lembra Luitgarde: “o confronto entre duas sociedades: global – desigualitária e exploradora; a dos beatos – igualitária ordenadora e harmonizadora, desencadeia a forte reação da sociedade dominante, receosa do processo de conscientização negador de seu modo de produção que significa a existência dessas sociedades”.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> ARAÚJO, M. de L., *A Cidade do Padre Cícero*, p. 40.

<sup>34</sup> BARROS, L. O. C., *Juazeiro do Padre Cícero*, p. 165.

<sup>35</sup> BARROS, L. O. C., *Juazeiro do Padre Cícero*, p. 168.

A maneira como a comunidade de Caldeirão se organizava incomodou a estrutura dominante, até que, em 1938, ela foi destruída pelas forças do Governo. E, mais de oito décadas depois da destruição dessa comunidade, percebe-se que a forma como se organizava, a partir das orientações de padre Cícero Romão, que estavam baseadas nos pilares de oração, trabalho e nos preceitos ecológicos, assinalam uma alternativa para os dias atuais, nos quais são urgentes novos modos criativos de convivência harmônica entre as pessoas e com os ecossistemas e biomas, seja no sertão semiárido ou em qualquer outro.

Damo-nos conta de que a luta de padre Cícero Romão para que os sertanejos não sofressem com a fome e tivessem que migrar para outros estados, dentre outras consequências advindas das secas, levou-o a ser pioneiro na conscientização da proteção ambiental. As suas orientações com os preceitos ecológicos, movidos por questões sociais, revelam o quanto o meio ambiente e as causas da pobreza estão interligadas. Sobre essas questões, tempos depois, em 2015, alertou-nos o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato si'*:

Quando falamos de ‘meio ambiente’, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. [...] É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (nº139).

Como pudemos perceber, padre Cícero Romão já havia compreendido que a harmonia entre o meio ambiente, a ecologia, as pessoas e o local onde vivem, considerando a economia, o religioso e a cultura, presume uma atitude que considera também a dimensão social e, nesse sentido, antecipa-se ao Ensino Social da Igreja sobre essa questão.

#### 4. Será mesmo que padre Cícero Romão foi uma pessoa para além de seu tempo?

A partir de uma das experiências pastorais de padre Cícero Romão, abordadas anteriormente, em que ele revelou ser uma pessoa atenta às necessidades dos sertanejos pobres que o procuravam, é possível compreender que a sua ação pastoral integrava aspectos religiosos e sociais. Ele usava uma linguagem simples para melhor se comunicar, fazer-se entendido e aconselhar; sabia escutar, pois reconhecia que os pobres pedem uma palavra, que querem compartilhar a sua angústia e serem acolhidos com conselhos. Em sua ação pastoral se percebe que, no aspecto religioso, era entendido que cada uma dessas pessoas tinha corpo e alma, era imagem de Deus, e que não se poderia salvar a alma se o corpo fosse esquecido e desprezado na pobreza.

Padre Cícero não só administrava os sacramentos, mas orientava o povo, o aconselhava, disciplinava, educava, enfim, fazia-o sair do caos da miséria moral e material. Não faltam exemplos que ilustram essa reputação. Por exemplo, quando em 1877, ensinou às vítimas da seca, há haviam fugido do sertão e se refugiaram no Vale, a plantar mandioca na Serra do Araripe para se salvar da fome.<sup>36</sup>

Por conseguinte, sua relação com as pessoas não era superficial. Era um com o povo aflito, como é possível observar em uma de suas declarações sobre a seca, quando escreveu para Dom Joaquim, em 04 de julho de 1889, em um ano de grande seca: “angustiado com tanta aflição nem sei dizer o que sinto. O tremendo flagelo da fome apresenta-se diante dos meus olhos com todos os seus horrores, só um milagre nos poderá salvar”.<sup>37</sup>

Ele assumiu para si a pobreza de todos os sertanejos, ao mesmo tempo, agia para mudar essa situação, como nos diz Feitosa, “o padre Cícero não foi nenhum paternalista. [...] Não carregou ninguém às costas: descobriu aptidões e encaminhou na vida”.<sup>38</sup> Toda sua ação partia de uma experiência de fé, pois era um homem de profunda ora-

<sup>36</sup> GUIMARÃES, T. S., Padre Cícero e a nação romeira, p. 72.

<sup>37</sup> DUMOULIN, A., Padre Cícero, p. 75.

<sup>38</sup> FEITOSA, N., O Padre Cícero e a opção pelos pobres, p. 105.

ção.<sup>39</sup> Cultivava uma profunda vida interior de intimidade com Deus. Como nos diz Cava, era um “padre devoto” e “sacerdote piedoso”.<sup>40</sup>

Essa intimidade era refletida em todas as suas ações porque cultivava uma espiritualidade que significa, como nos diz Espeja, “um caminhar conforme o espírito de Jesus; espirituais, sob o ponto de vista cristão, são aqueles que estão cheios do espírito de Cristo e o estão de maneira viva e constatável, posto que a força e a vida do Espírito invadem sua pessoa toda e todo seu agir”.<sup>41</sup>

Logo, compreendemos por espiritualidade cristã viver segundo o espírito de Cristo, recriando e tornando concreto na própria existência, as motivações, as atitudes fundamentais e o comportamento de Jesus. Nessa perspectiva, o sonho que padre Cícero Romão teve, no qual ouviu de Jesus: “E, você padre Cícero, tome conta deles”, enquanto apontava para os pobres retirantes, ecoou em toda a sua vida, colocou-o em contato com quem sofre, deixando-o conduzir pelo Espírito.

Podemos perceber que a espiritualidade vivida por padre Cícero Romão não o retirou da realidade dos sertanejos, pelo contrário, colocou-o no coração dessas pessoas e da criação, tornando-o sensível aos problemas que afetavam os pobres e o meio ambiente por causa da escassez de chuva, tão frequente naquela região.

Assim sendo, é possível dizer que essa espiritualidade foi encarnada porque estava marcada pelas emergências históricas e constituiu o seu modo de viver, ajudou-o a fazer a leitura de seu contexto histórico a partir de sua experiência de fé e ajudou a descobrir que Deus se fazia presente no cotidiano da vida.

É importante destacar que padre Cícero Romão cultivou essa espiritualidade condicionada pelo seu contexto social e religioso, e por sua sensibilidade. No entanto, a forma como lidou com a realidade à sua volta, com o sentimento de compaixão e de solidariedade, de quem pensa não tanto em si, mas nos outros, em especial no mais pobre, é marca de uma espiritualidade encarnada, não importa o tempo. Isso porque na sua origem está o amor, está o gosto pelo que é bom e justo.

---

<sup>39</sup> SOBREIRA, A., O patriarca de Juazeiro, p. 57.

<sup>40</sup> DELLA CAVA, R., Milagre em Joazeiro, p. 37 e 52.

<sup>41</sup> JESÚS, E., Espiritualidade cristã, p. 54.

Padre Cícero Romão vivia uma fé que tinha por base o amor em sintonia pessoal com Deus, uma fé que incluía também afetividade e compromisso da pessoa toda; tinha confiança em Deus e um ardente entusiasmo pelo Reino de Deus.

Essa experiência determinou o seu modo de proceder, nutrido por um vínculo paternal com o povo, com aquela terra de uma forma muito intensa. Era como um pastor com as suas ovelhas, como um agricultor com a sua terra porque sabia reconhecer as necessidades imediatas dos fiéis e também cuidar da terra e esperar o tempo certo para a colheita. Por conseguinte, a maneira como padre Cícero Romão viveu, antecipou as palavras do Papa Francisco direcionadas aos missionários e pastores, quando disse:

com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, “tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro das ovelhas’, e estas escutam a sua voz.”<sup>42</sup>

Diante do exposto, é possível responder à questão: *padre Cícero, uma pessoa para além de seu tempo. Será mesmo?* Pode-se responder dizendo que sim, a partir da compreensão de que ele superou os limites do seu contexto histórico na busca por uma vida melhor para os sertanejos pobres.

No entanto, partindo de sua espiritualidade encarnada, atingida pela realidade a sua volta e por sua sensibilidade, munido do conhecimento que possuía sobre agricultura e natureza, podemos intuir que o que realizou foi porque se deixou afetar pelo clamor do pobre sertanejo, pelos desafios de seu contexto socioambiental; pelas exigências evangélicas. Como mais tarde, na Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribenha, realizada em Medellín, foi afirmado que “a pobreza de tantos irmãos clama por justiça, solidariedade, testemunho, compromisso, esforço e superação para o cumprimento pleno da missão salvífica de Cristo”<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> EG 24.

<sup>43</sup> CELAM. Conclusões da Conferência de Medellín, Pobreza, nº 7.

Ou seja, padre Cícero Romão foi uma pessoa inserida em seu tempo, profundamente marcado pelas devastações social e ambiental causadas pelas secas, soube articular fé e vida, em uma espiritualidade encarnada. Dessa forma, impulsionado por essa experiência, conseguiu contribuir para a transformação de seu contexto socioambiental. Logo, entendemos que não foi uma pessoa para além de seu tempo, mas, como alguém muito marcado por ele e aberto à ação de Deus, foi capaz de entender a realidade à sua volta e a trabalhar para transformá-la.

## Conclusão

Interpelados pela questão que envolve esse texto, o percurso escolhido procurou respondê-la a partir de um recorte na ação pastoral de padre Cícero Romão. Foram muitas as formas pelas quais o padre Cícero Romão realizou o seu ministério diante dos clamores dos pobres sertanejos e da natureza, tão marcados pelas severas secas. Neste texto foi realizado um recorte em sua ação pastoral, deixando como destaque a sua resposta à fome e aos problemas ambientais.

Foi realizada uma apresentação breve dos aspectos já conhecidos sobre o padre Cícero Romão, com destaque para a região do Cariri cearense e para o sonho, no qual ouviu do Sagrado Coração de Jesus, quando disse: “Você, padre Cícero, tome conta deles”. O Cariri, conhecido como o oásis do sertão, região na qual nasceu e morreu o padre Cícero Romão, foi também o local para a realização de seu ministério, e as palavras que ouviu do Sagrado Coração de Jesus, em sonho, deram sentido e razão para o seu pastoreio.

O Cariri cearense, rico em fontes de água, não deixou de sofrer com as consequências das grandes secas e, sendo uma terra fértil, foi abrigo para os flagelados da seca que vinham, de vários lugares do Nordeste para o povoado Tabuleiro Grande, buscar ajudar com o padre Cícero Romão. O clamor dos pobres sertanejos e da natureza, por causa das secas, não passou despercebido pelo padre e, chegando a ser um com os pobres, buscou transformar essa realidade.

Como vimos, o seu pastoreio se realizou a partir da realidade que afligia o sertanejo. A orientação dada pelo padre Cícero Romão

para que cultivassem a terra tinha como pilares: a oração, o trabalho e o cuidado com a natureza. Com a criação de várias comunidades agrícolas, tornaram a região uma grande produtora de alimento, chegando a exportar para Fortaleza e outras capitais do Nordeste. E, das várias comunidades agrícolas impulsionadas pelo padre, foi destacada a comunidade de Caldeirão. Uma experiência que evidenciou, como as orientações de padre Cícero Romão foram capazes de transformar as realidades social e ambiental. Nesse sentido, podemos perceber que o padre compreendeu que as questões que envolviam o social e a natureza precisavam ser tratadas em conjunto. Dessa compreensão, as suas orientações deram origem aos preceitos ecológicos.

Padre Cícero Romão respondeu à sua experiência de fé com uma espiritualidade marcada pela realidade a sua volta, o que denominamos espiritualidade encarnada, atingida por seu contexto social, religioso e ambiental. Vimos que dessa espiritualidade ele respondeu aos clamores das pessoas e da natureza.

Logo, padre Cícero Romão foi alguém que se deixou afetar por sua realidade, buscou responder às demandas à sua volta com estudo e a consciência de que a sua missão como um padre era ampla, para além do aspecto doutrinário e sacramental. Nesse sentido, entendemos que a sua vida teve um impacto para a sua época e que repercutiu até os nossos dias. No entanto, intuímos que não esteve para além de seu tempo, mas que, profundamente interpelado por ele, foi uma pessoa de seu momento histórico, conseguindo responder às suas urgências.

Talvez, nesse sentido, a sua capacidade de solidariedade, de se sentir afetado pelo sofrimento do outro, de sua espiritualidade encarnada à realidade, sejam para nós hoje algo que possa identificá-lo como alguém para além de seu tempo. Entretanto, esse seu modo de proceder diante das urgências socioambientais, integrando fé e vida, oração e trabalho, estudo e práxis significa que é possível uma vida que impacte outras vidas e realidades socioambientais.

## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Maria de Lourdes. **A Cidade do Padre Cícero: Trabalho e Fé**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Centro de Ciências Jurídicas e Aplicadas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- BARRETO, Francisco M. de S. **Padre Cícero**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BARROS, Luitgarde O. C. **Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2024.
- CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- CELAM. **Conclusões da Conferência de Medellín –1968**. Texto Oficial –Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 2010.
- COMBLIN, José. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Paulus, 2011.
- DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação**. São Paulo: Paulinas, 2017.
- FEITOSA, Neri. **O Padre Cícero e a opção pelos pobres**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Laudato Si'***. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GUIMARÃES, Therezinha S.; DUMOULIN, Anne. **O Padre Cícero por ele mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GUIMARÃES, Therezinha S. **Padre Cícero e a nação romeira: estudo psicológico da função de um “Santo” no catolicismo popular**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- JESÚS, Espeja. **Espiritualidade cristã**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- OLIVEIRA, Amália X. de. **O Padre Cícero que eu conheci**. Rio de Janeiro, 1969.
- RONSI, Francilaide de Q. Facetas de uma “santidade pecadora no sertão” nordestino In: GONZAGA, Waldecir; FERREIRA, Antonio L.; ANDRADE, Paulo F. **Um Padre e sua Fé: Cícero, História e Legado**. Editora PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2021.
- SILVA, Judson J. da. **Caldeirão e Assentamento 10 de Abril: passado e presente na luta por terra no Cariri cearense**. (Dissertação mestrado). Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências. Fortaleza, 2010.
- SOBREIRA, Azarias. **O patriarca de Juazeiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- WALKER, Daniel. **Padre Cícero: Coletânea de textos**. Editora livre: Juazeiro do Norte, 2006.

# Romarias e Padre Cícero: configurações do catolicismo

*Carlos Alberto Steil<sup>1</sup>*

## Introdução

O catolicismo no Brasil tem uma trajetória de mais de quinhentos anos que, em linhas gerais, confunde-se com a história e a cultura que deram origem à nação. As mudanças que são observadas no processo de formação da nação brasileira vão *pari passu* com aquelas que ocorrem no catolicismo. Este, no entanto, não apenas reflete estas mudanças, mas também oferece, em grande medida, os recursos simbólicos e discursivos para a produção da nação, assim como o suporte para a memória coletiva que lhe confere um sentido de unidade e continuidade no tempo. De modo que, ao voltar nosso olhar para os rituais e práticas de romarias, esperamos poder acessar uma parte significativa dos valores, estilos de vida e significados que conformaram a cultura do país até o final do século XX. Nesse sentido, nossa premissa interpretativa é que as romarias, especialmente as romarias do padre Cícero, no Juazeiro do Norte, atuam como um suporte simbólico e material para lidar com os desafios que decorrem das transformações inerentes aos processos históricos de modernização e reconfiguração da cultura e da sociedade.

As romarias estão presentes desde o início da conquista e da ocupação do território brasileiro por Portugal, constituindo-se num evento estruturante da religião católica até os dias de hoje. Elas são um locus privilegiado onde se pode observar as mudanças históricas pelas quais passa o catolicismo, na medida em que tornam visível o movimento dialético de resistência e incorporação do novo no seio da tradição,

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia pelo Museu Nacional/UFRJ, com pós-doutorado pela Universidade da Califórnia. Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Visitante na Universidade Federal de São Paulo. Pesquisador I do CNPq. Temas de interesse: catolicismo, peregrinação, turismo, Nova Era. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8796668741094021>.

assim como as tensões que demarcam a relação entre o catolicismo como um movimento religioso e a Igreja católica como instituição. Em todo o percurso histórico do catolicismo no Brasil, em momento algum, as romarias deixaram de ocupar um lugar central como prática da religião, vivida pelo povo, e como ritual, promovido e difundido pela instituição católica.

Mesmo no contexto atual, quando se constata a diminuição do número de católicos, o número de romeiros que se desloca anualmente no país para santuários e locais de culto e devoção tem aumentado significativamente. Um dado estatístico, produzido pela Empresa Brasileira de Turismo e citado por Silveira, registra um contingente de 15 milhões de brasileiros se deslocaram, em 2010, em peregrinação no país.<sup>2</sup> Este número, como mostram diversas reportagens recentes na imprensa sobre o tema, tem mostrado um crescimento significativo neste contingente.

Há, portanto, um peso significativo das romarias no conjunto das práticas do catolicismo no Brasil. Os bispos e dirigentes católicos, ao que tudo indica, não só têm consciência disto, mas, nos últimos anos, têm feito grandes investimentos para divulgar, incrementar e controlar estes eventos. Neste sentido, observa-se a promoção das romarias por parte de toda a Igreja Católica: da Conferência Nacional do Bispos do Brasil – CNBB, das dioceses, das paróquias, assim como de inúmeros agentes leigos que organizam, à margem da instituição, romarias para os santuários populares de devoção. Estes esforços institucionais e populares têm sido coadjuvados por políticas de Estado que, sob a rubrica de turismo religioso e cultural, tem dispensado recursos e incrementado as romarias em todo o país.

Esta ação da instituição católica e do Estado sobre as romarias, por sua vez, tem produzido tensões e conflitos entre o catolicismo vivido pela massa de devotos e romeiros populares e aquele que ocorre nas paróquias sob o controle do clero. Ou seja, ainda que se possam constatar tensões e conflitos entre o catolicismo popular tradicional e o catolicismo clerical e institucional no decorrer da história do catolicismo no país, estas tensões e estes conflitos ganham conotações e

---

<sup>2</sup> SILVEIRA, E. Turismo religioso no Brasil, p. 35.

dinâmicas diversas em cada momento e conjuntura político-religiosa. Assim, entendemos que as romarias, enquanto um ritual de longa duração, constituem um contexto histórico e empírico, no qual se pode observar, de uma forma bastante palpável, as continuidades e as rupturas entre a tradição popular e a modernização do catolicismo. Como observamos no estudo sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, os santuários e os lugares de romarias instauram verdadeiras arenas de disputas sobre diferentes compreensões do que é ser católico, na medida em que para eles convergem uma multidão de devotos, de turistas e viajantes que aportam concepções e valores que divergem entre si.<sup>3</sup>

Como nos lembra o antropólogo Marshall Sahlins: “quanto mais uma coisa permanece, mais ela muda.”<sup>4</sup> Sem dúvidas, as romarias são um dos eventos de mais longa duração que conhecemos na trajetória do catolicismo mundial, nacional e local. Ou seja, quando falamos de romarias estamos, necessariamente, fazendo referência a uma pluralidade de experiências e de configurações que têm se sobreposto ao longo da sua história. Mantendo nossa referência a Sahlins, podemos dizer que as romarias carregam em si diferentes estruturas de prática e de significados que lhes conferem densidade e heterogeneidade. Estas estruturas, no entanto, não se sucedem no tempo como pontos contíguos numa linha cronológica, mas convivem na contemporaneidade, colocando em disputa estilos e modos distintos de ser católico. Passamos, em seguida, a discorrer sobre algumas destas estruturas que emergem no presente das romarias como forças em disputa por sentidos, símbolos, valores e crenças que conformam a textura do catolicismo atual.

## 1. As romarias no contexto do catolicismo colonial

As peregrinações que surgem no início do período colonial no Brasil, se, por um lado, podem ser associadas ao projeto de conquista das Américas, por outro, resultam de um movimento de espiritualidade que coincide com a retomada da Península Ibérica do

<sup>3</sup> STEIL, C. A., *O sertão das romarias*, p. 58.

<sup>4</sup> SAHLINS, M., *Historical Metaphors*, p. 180.

domínio islâmico pelos reis católicos de Espanha e Portugal.<sup>5</sup> A expulsão dos mouros impulsionou um movimento devocional que levou muitos leigos e membros das ordens religiosas a deixar a Europa para, em nome da fé, rumar para o Novo Mundo, para a Ásia e para a África, territórios recém conquistados pela expansão do cristianismo europeu. Esta espiritualidade, em grande medida, tanto na Península Ibérica quanto nos continentes pagãos, teve como seu alicerce fundamental o culto às imagens da cruz, da Virgem Maria e dos santos. Descobertas em lugares ermos, junto à natureza, em ocos de árvores e em grutas, estas imagens, que estiveram ocultas durante a ocupação árabe, são descobertas, dando origem a santuários e a peregrinações.<sup>6</sup>

Este movimento, que esteve, inicialmente, localizado na Europa, chega ao Brasil, nos séculos XVI e XVIII, com a ocupação do seu território pelos portugueses. Ou seja, motivados pela espiritualidade devocional, leigos, religiosos e clérigos que haviam estabelecidos nas primeiras povoações no litoral, em atitude penitencial, embrenharam-se pelos sertões, em direção ao oeste. Surge, assim, um contingente expressivo de penitentes e devotos que empreendem verdadeiras jornadas de heróis, levando consigo imagens da Cruz, do Bom Jesus e de Nossa Senhora, trazidas da Europa, para o território inóspito dos sertões, habitado por indígenas.<sup>7</sup> Ao serem localizadas em pontos-chave dos sertões, estas imagens tornam-se objeto de culto e dão origem aos primeiros santuários, dirigidos por ermitães, monges ou beatos, para os quais acorrem romeiros e devotos. Instaura-se, assim, um processo de ocupação europeia do território indígena por meio da ação destes penitentes. Ao povoarem o espaço indígena, as imagens e os santuários tornam-se instrumentos privilegiados de enraizamento do catolicismo no Novo Mundo.

Embora as imagens que deram origem aos primeiros santuários no Brasil, na sua maioria, tenham sido trazidas de Portugal, as narrativas sobre sua origem reiteram o mesmo enredo que as envolve no contexto ibérico, após a reconquista católica. Por outro lado, as

<sup>5</sup> CHRISTIAN, W. J., *Local religion in Sixteenth Century Spain*, p. 75.

<sup>6</sup> TURNER, V.; TURNER, E., *Image and pilgrimage in Christian culture*, p. 46.

<sup>7</sup> AZZI, R., *Eremitas e irmãos*, p. 378.

histórias sobre estas imagens também mencionam, com frequência, a sua presença no local como anterior à conquista e a presença dos monges ou beatos. A narrativa sobre a imagem da cruz, que é descoberta no interior de uma gruta, no sertão da Bahia, por exemplo, é fundante da romaria ao Santuário de Bom Jesus da Lapa. Fundado em 1691, por Francisco de Mendonça Mar, migrante português, que deixa a cidade de Salvador, em direção ao sertão, o santuário de Bom Jesus da Lapa está associado à narrativa e à crença de que a cruz esteve escondida, no local, desde tempos imemoriáveis, muito antes do descobrimento do Brasil.<sup>8</sup> Narrativa semelhante sobre imagens encontradas em lugares inóspitos e naturais se repete nas histórias das origens de outros santuários que surgiram no mesmo período, os quais se constituem nos pilares da difusão e reprodução do catolicismo no país até os dias de hoje.<sup>9</sup>

A descoberta de imagem está também na origem do principal santuário brasileiro: o Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Localizado entre São Paulo e Rio de Janeiro, a história deste santuário remonta ao ano de 1717. No entanto, diferentemente do santuário de Bom Jesus da Lapa, Aparecida não se origina da peregrinação de um penitente ao sertão. Mas, tem como protagonistas três pescadores que, ao lançar as redes de pesca ao rio, retiram das águas a imagem de Nossa Senhora da Conceição, a qual se torna o objeto de culto local e, posteriormente um centro de romaria. Sua história, no entanto, assim como a de Bom Jesus da Lapa, reflete a trajetória do catolicismo brasileiro, com tensões e conflitos que demarcam as transformações numa tradição de longa duração.<sup>10</sup>

Em linhas gerais, em ambos os santuários, o percurso das romarias é bastante semelhante e reflete a forma de organização e configuração do catolicismo no período colonial. Inicialmente existindo como cultos locais, administrados por um monge, no caso de Bom Jesus da Lapa, e pela comunidade de pescadores, no caso de Aparecida, estes lugares projetam-se e ganham relevância com a afluência de um número cada vez maior de romeiros, o que passa a requerer

<sup>8</sup> STEIL, C. A., *O sertão das romarias*, p. 215.

<sup>9</sup> AZZI, R., *Romarias no Brasil*, p. 280.

<sup>10</sup> FERNANDES, R. C., *Os cavaleiros do Bom Jesus*, p. 34.

formas mais institucionalizadas de organização.<sup>11</sup> São criadas, assim, as Irmandades, constituídas por um colegiado de leigos, com um estatuto jurídico que estabelece uma hierarquia na direção do santuário e distribui tarefas e responsabilidades na organização das romarias. A atuação das Irmandades, no entanto, não está restrita aos santuários, mas se estende à direção dos templos católicos urbanos e das instituições que atuavam nas áreas da saúde, da assistência à infância e aos idosos.<sup>12</sup> Desse modo, em um contexto em que a presença do clero era incipiente, as Irmandades ocuparam um lugar central na organização e reprodução do catolicismo, consolidando uma estrutura de poder religiosa e política por fora do aparelho eclesiástico.

Esta situação vai mudar a partir da segunda metade do século XIX, com o avanço do movimento ultramontano do catolicismo mundial, que chega ao Brasil pela atuação das congregações religiosas, que retornam ao país depois de um longo período de banimento, determinado pelo Marques de Pombal, em 1759. Este movimento, que foi chamado pela primeira vez de romanização, pelo historiador, em sua pesquisa sobre padre Cícero e o Juazeiro, tinha como objetivo erradicar as formas tradicionais de culto e as crenças do catolicismo populares e implantar uma nova estrutura organizacional e doutrinária para a Igreja católica, sob o controle direto de Roma.<sup>13</sup> O que se impôs mediante uma estratégia bastante efetiva que tinha como seus pilares de sustentação: 1) o fortalecimento institucional da Igreja católica, por meio da criação de dioceses e paróquias; 2) a independência da instituição em relação ao poder do imperador, exercido mediante o Regime do Padroado; 3) a formação de um clero culto e disciplinado, por meio da criação de seminários, entregues às novas ordens e congregações religiosas; 4) a substituição das Irmandades pelo clero diocesano e religioso no controle dos templos e santuários; 5) a substituição das devoções tradicionais por devoções modernas, que representavam os valores e o modelo do catolicismo romanizado; 6) a criação de movimentos de leigos, ligados à vida paroquial, dirigidos pelo clero; 7) a ênfase na catequese das crianças e na prática sacramental dominical

<sup>11</sup> GODOY, A., *Cultivando a casa de Maria*, p. 154.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, P. R., *Religião e dominação de classe*, p. 279.

<sup>13</sup> DELLA CAVA, R., *Miracle at Joazeiro*, p. 175.

dos adultos; 8) o investimento na criação de escolas e universidades para a formação de um laicato escolarizado e educado segundo os princípios e valores cristãos.<sup>14</sup>

Este movimento romanizador, por sua vez, inscreve-se na história dos santuários de Bom Jesus da Lapa e de Aparecida de uma forma exemplar. No final do século XIX, os dois santuários passam a ser dirigidos pelos padres redentoristas. Esta passagem do controle das Irmandades para as congregações religiosas, que ocorre também noutros santuários, no entanto, não consegue extirpar o catolicismo popular tradicional da vida dos fiéis. Assim, longe de substituir um modelo de ser católico por outro, as práticas e crenças, próprias de cada um, convivem nos santuários e se interpenetram ao longo do tempo. Ou seja, o catolicismo torna-se mais plural, englobando, ainda que de forma tensa, a novidade trazida pelo movimento romanizador.

## 2. As romarias no contexto do catolicismo romanizado

Ao lançar um olhar sobre o final do século XIX e início do XX, vamos perceber que este momento histórico esteve marcado por uma profunda ruptura cultural, produzida pelo projeto de modernização que se impôs tanto no âmbito da sociedade brasileira quanto da Igreja Católica.<sup>15</sup> No âmbito da sociedade, consolida-se uma elite econômica, intelectual e republicana que passa a olhar para o povo e sua cultura como um obstáculo ao projeto liberal moderno. Já, no âmbito do catolicismo, o clero ultramontano vai olhar para as práticas devocionais populares, com suas rezas, festas e folias, como um legado histórico negativo a ser superado pela catequese, a vida paroquial e a disciplina moral. Assim, nesta conjuntura do final do império e início da república, o projeto moderno liberal das elites brasileiras e o movimento eclesial reformador convergiram em termos político-programáticos e estabeleceram uma aliança estratégica contra a cultura e o catolicismo populares. Ou seja, tanto as elites quanto o clero romanizado posicionam-se

<sup>14</sup> OLIVEIRA, P. R., *Religião e dominação de classe*, p. 296.

<sup>15</sup> STEIL, C. A., *Padre Cícero: reconciliação e modernidade*, p. 153.

externamente em relação ao povo: à sua cultura, à sua tradição e à sua religiosidade.<sup>16</sup>

Esta divisão, que conforma o imaginário da nação, compartilhado pelas elites e pelo clero romanizado, encontra, nos santuários e nas romarias realizadas, um *locus* privilegiado de compatibilização simbólica da ruptura entre povo e elites e de conciliação ritual entre o catolicismo popular e o romanizado. Ou seja, as romarias se tornam um lugar de convergência entre as práticas tradicionais do catolicismo popular e as do catolicismo moderno, ultramontano, que vinham sendo difundidas pelo clero romanizado. É justamente esta capacidade de compatibilizar discursos e práticas divergentes que imprime aos santuários e às romarias um caráter *universalista*, que os tornam capazes de “estabelecer um culto que incorpora e responde à pluralidade.”<sup>17</sup>

Esta dinâmica de compatibilização assume uma visibilidade especial e se potencializa na criação e na trajetória das romarias de Juazeiro. Diferentemente dos santuários das romarias, criados pelos monges e beatos nos séculos XVI até meados do XIX, que representam importantes pilares do catolicismo popular tradicional, as romarias de Juazeiro surgem no momento em que se agudiza a ruptura entre dois modelos de catolicismo e de consolidação do projeto moderno e liberal no Brasil. Ou seja, se os santuários de Bom Jesus da Lapa e Aparecida, para ficarmos com os exemplos referidos acima, foram criados no seio do catolicismo tradicional popular e reconfigurados pela ação dos padres redentoristas, que destituíram as Irmandades e assumiram o controle sobre o culto e a devoção popular; as romarias de Juazeiro surgem das próprias tensões e dos conflitos entre o popular e o institucional e entre a tradição e a modernidade, que marcaram o final do século XIX e início do XX no Brasil. O que aponta para a potência criadora e a força inventiva que as tensões entre o tradicional e o moderno assumem no processo de reprodução criativa das peregrinações e da configuração do catolicismo.

Ao contrário de seus pares da época, e embora tenha sido formado no rigor de um seminário ultramontano, padre Cícero recusa-se a

---

<sup>16</sup> CARVALHO, J. M., A formação das almas, p. 94.

<sup>17</sup> EADE, J.; SALLNOW, M., Contesting the sacred, p. 15.

assumir uma posição de externalidade em relação ao catolicismo popular, o que o distingue entre o clero romanizador.<sup>18</sup> Ou seja, as romarias de Juazeiro surgem da convicção de seu fundador de que qualquer projeto de modernização ou de reforma religiosa deveria partir da realidade do povo e ser tecido com os fios da sua cultura e religiosidade. Assim, sua atitude não era de recusa do catolicismo romanizado, mas de busca incessante de reconciliação entre dois modelos a partir de seu profundo respeito e amor aos pobres. Neste sentido, é preciso lembrar que sua ida para Juazeiro foi uma decisão pessoal, fundamentada sobre uma experiência onírica, que, ao mesmo tempo em que revela o viés místico de sua personalidade, também mostra sua força e coragem de posicionar-se ao lado dos pobres, desafiando a autoridade dos seus superiores eclesiásticos. Esta decisão pessoal – que será interpretada pela hierarquia como um ato de desobediência – torna-se particularmente contundente no contexto de confronto aberto entre os dois modelos de catolicismo em tensão na época.<sup>19</sup>

O relato do sonho, que respaldou sua escolha, narrado e repetido muitas vezes pelo próprio padre Cícero, é, para nós, a narrativa fundante das romarias de Juazeiro, a qual revela a opção inquestionável do padre Cícero pelos pobres, aos quais ele se sente ligado, por suas raízes e origem familiar. O relato, a seguir, portanto, deve ser visto como uma antecipação da opção pelos pobres que a Igreja Católica Latino-americana faria, muitos anos depois, nas Conferências de Medellín e de Puebla. Vamos ao relato:

Certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial, [Padre Cícero] atravessou, pesadamente, o pátio da capela, em direção ao prédio da pequenina escola onde estava provisoriamente alojado. Aí, no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono e a visão fatal se revelou: 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a Última Ceia, de Leonardo da Vinci. O Padre sonhou, então, que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viraram-se para olhar o Mestre. (...). No momento em que o

<sup>18</sup> STEIL, C. A., *Desafios da reconciliação*, p. 64.

<sup>19</sup> STEIL, C. A., *Padre Cícero: reconciliação e modernidade*, p. 156.

Cristo imaginário se levanta para dirigir a palavra a seus apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. Carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham. Davam a impressão de serem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. (...). Naquele momento ele [Cristo] apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: ‘E você, Padre Cícero, tome conta deles’. ‘Com essa ordem’, contou Padre Cícero a um amigo, anos depois, ‘acordei e não vi mais nada; mas pensei um pouco e decidi, mesmo errado, a obedecer’. Meses depois, naquele mesmo ano, Padre Cícero juntou os poucos os bens que tinha no Crato e mudou-se para Juazeiro, trazendo sua mãe e suas duas irmãs solteironas. Instalou-se numa pequena casa coberta de palha, defronte à Capela de Nossa Senhora das Dores, e começou sua vida de sacerdócio entre os pobres que lhe haviam sido confiados no sonho predestinado.”<sup>20</sup>

Esta decisão, que o leva a se fixar em Juazeiro, no entanto, não é repentina, como ele mesmo relata noutros testemunhos sobre sua missão em Juazeiro, mas havia sido amadurecida ao longo de sua formação presbiteral. E, se sua decisão é anterior, como acreditamos, a narrativa deste sonho foi fundamental para respaldar sua convicção de que Deus o chamava para uma missão junto aos pobres. Ou seja, sua opção por Juazeiro, que o levava a uma inserção junto aos pobres, não estava nas expectativas eclesiais de como deveriam viver e portar-se os novos padres, formados nos seminários romanizados. O que faz com que sua atitude de profundo respeito e defesa dos pobres: de sua religiosidade, de sua cultura de suas crenças e devoções seja interpretada como uma forma de desobediência pela hierarquia episcopal da época, diligentemente empenhada em erradicar o catolicismo tradicional popular, compartilhado pela população dos sertões.<sup>21</sup>

No entanto, como todas as opções fundamentais que fazemos em nossas vidas, a opção de padre Cícero por ficar em Juazeiro, na época, uma capela rural sem qualquer expressão ou importância política ou econômica, está marcada pela dúvida entre seguir o chamado de Deus, “de viver com e cuidar dos miseráveis do sertão”, ou submeter-se à au-

<sup>20</sup> DELLA CAVA, R., *Miracle at Joaseiro*, p. 26-27.

<sup>21</sup> STEIL, C. A., *Desafios da reconciliação*, p. 66.

toridade eclesiástica, que via em sua decisão um ato de desobediência. A referência a esta dúvida é explícita no texto: “Com essa ordem [afirma padre Cícero], acordei e não vi mais nada; mas pensei um pouco e decidi, mesmo errado, a obedecer”. O recurso ao sonho será usado, por padre Cícero, em outras situações de crise, para legitimar decisões que estão de acordo com sua consciência, embora não se adequem à estratégia do projeto reformador. Sua fidelidade ao evangelho e a coerência com sua consciência – que o levam a desobedecer à instituição – jamais serão traídas por ele, ainda que lhe causem inúmeras atribulações pessoais e punições disciplinares ao longo de toda sua vida.

### 3. As romarias no contexto do catolicismo da libertação

Esta vertente de respeito e acolhida do pobre, que tenciona o catolicismo romanizado, será um dos pilares da constituição do catolicismo de libertação no Brasil. Ou seja, na esteira deste movimento, a Igreja Católica assume, nas Conferências do Conselho Episcopal Latino-Americano (*CELAM*) em Medellín (1968) e em Puebla (1979), a “opção preferencial pelos pobres” como compromisso fundamental de sua atuação na América Latina. Sua formulação teórica, como sabemos, é a Teologia da Libertação. E, sua referência pastoral são as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e as pastorais sociais. O núcleo central do compromisso com os pobres está associado à ética social, incorporada no nível das consciências individuais e das estruturas políticas e econômicas do país.<sup>22</sup> Esta nova configuração do catolicismo, por sua vez, vai expressar-se, em termos rituais, nas romarias da terra, que reinventam e redesenham as romarias com os traços do catolicismo da libertação.<sup>23</sup>

Neste novo horizonte teológico e pastoral, o catolicismo popular tradicional deixa de ser visto como o indicador do atraso e passa a representar uma forma de resistência cultural ao projeto moderno excludente. O trabalho de conscientização e organização dos empobrecidos pelo sistema capitalista é assumido como tarefa e missão principal dos padres, religioso/as e leigo/as que se identificam com este novo modo

<sup>22</sup> STEIL, C. A., *A Igreja dos pobres*, p. 73.

<sup>23</sup> SOUZA, E. R., *Crônicas da morte revivida na luta*, p. 341.

de ser católico e cristão. Neste contexto de questionamento ao sistema capitalista e de lutas populares, as Romarias da Terra se tornam uma expressão ritual e simbólica do que é vivido no dia a dia das comunidades eclesiais de base e das pastorais sociais. Ou seja, a Romarias da Terra, enquanto deslocamento físico no espaço, torna-se a expressão mais acabada da caminhada do “povo de Deus” e antecipação ritual do “Reino de Deus” na história. Por outro lado, ao se inserir na estrutura institucional da Igreja católica, a Romaria da Terra articula as crenças e práticas do catolicismo popular com a institucionalidade do catolicismo romanizado e com o engajamento social e político do catolicismo da libertação.<sup>24</sup>

Promovidas pela Comissão Pastoral da Terra – CPT, a Romaria da Terra é geralmente realizada uma vez por ano, em cada uma das Regionais da CNBB, como um ritual político-religioso. Nas Romaria da Terra que acompanhamos na Bahia: Bom Jesus da Lapa, e em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, pudemos observar a articulação recorrente entre a luta política atual dos movimentos sociais por direitos dos trabalhadores do campo e da cidade, ambientais, indígenas, igualdade de gênero e raça com a cultura popular, o catolicismo tradicional e a memória dos movimentos de caráter milenarista, como Canudos, na Bahia e Contestado, em Santa Catarina e Paraná. A estas lutas populares, no Rio Grande do Sul, por exemplo, a Romaria da Terra tem incorporado a questão indígena, com referência ao herói regional, Sepé Tiaraju, que lutou pela autonomia dos Sete Povos da Missões, no século XVIII, contra espanhóis e portugueses.<sup>25</sup>

Romaria da Terra torna-se, assim, por meio de sua performance, uma mediação que traduz em termos da mística e da religiosidade a experiência de luta dos marginalizados e excluídos dos bens e direitos da sociedade capitalista moderna. Destituída de centro geográfico ou de um santuário, as Romarias da Terra têm como pauta central a construção de uma sociedade democrática, igualitária e inclusiva, que se expressa, na linguagem indígena guarani, num constante peregrinar em busca da utopia da “terra sem mal.”

---

<sup>24</sup> STEIL, C. A., O sertão das romarias, p. 272.

<sup>25</sup> STEIL, C. A., Catolicismo e memória no Rio Grande do Sul, p. 21.

## Conclusão

Ao longo de nossa exposição, buscamos chamar a atenção tanto para aquilo que permanece quanto para o que vem mudando no catolicismo brasileiro na sua história. Neste sentido, procuramos perceber estruturas históricas de longa duração que se fazem presentes nas sucessivas conjunturas que configuraram modelos distintos de catolicismo. Para isto, tomamos como ponto de ancoragem as romarias em três configurações: o catolicismo tradicional, o catolicismo romanizado e o catolicismo da libertação. Ao realizar este exercício, esperamos ter demonstrado a potencialidade das romarias em nos oferecer uma gramática ritual e dispositivos discursivos para compreender o catolicismo como movimento e instituição em sua expressão pública em diversos contextos políticos e sociais que marcaram a história do país. Neste sentido, as diferentes configurações históricas que identificamos e nomeamos ao longo da exposição, longe de se apresentarem como a sobrevivência do passado no presente, são, na verdade, contemporâneas e estruturantes de uma determinada visão de mundo e de um *ethos* cultural e religioso, compartilhados por um numeroso coletivo de pessoas que se identifica como católico no Brasil.

Nossa referência aos santuários e festas religiosas, portanto, não pretendeu fazer uma descrição fenomenológica deste tipo de culto no país. Mesmo porque, sabemos que, por mais que estendêssemos nossa lista, seria impossível dar conta do vasto elenco de romarias que compõe o calendário católico. Assim, as romarias, a que nos referimos em nossa apresentação, tiveram um caráter eminentemente ilustrativo, na medida em que elas permitiram evocar uma série de elementos que apontam para aquilo que estamos compreendendo como uma estrutura de significados que se atualiza nos santuários e nas romarias. Assim, atentos às convergências e aos mal-entendidos que dão consistência ao pluralismo católico, procuramos jogar um pouco de luz sobre o emaranhado de práticas e sentidos que se fazem presentes, de forma contraditória e polifônica, nas romarias.

Os modelos históricos de catolicismo, que abordamos ao longo do texto, não pairam no ar. Eles estão associados a lugares e eventos que permanecem como suportes para as memórias do vivido. E,

entre estes lugares e eventos, como procuramos mostrar, as romarias são a principal base material para a invenção e reinvenção de uma identidade católica plural, que carrega, em sua tessitura, temporalidades diversas e vivências contraditórias. Elas operam, portanto, como um dispositivo permanente, que atravessa gerações, tecendo laços de sociabilidade e solidariedade entre aqueles que se reconhecem como católicos. A profusão de notícias e imagens publicadas na mídia e nas redes sociais, de santuários e romarias católicas, por onde transitam, anualmente, mais de vinte milhões de pessoas por todo o território nacional, são um testemunho público da vitalidade do catolicismo no país, ainda que as estatísticas mostrem uma diminuição constante do número daqueles que se reconhecem como católicos diante do crescimento numérico dos evangélicos e dos “sem religião”, como têm mostrado os últimos censos nacionais.

## Referências bibliográficas

- AZZI, R. As romarias no Brasil. **Convergência**, v. 73, n. 1, p. 279-294, jan./fev. 1979.
- AZZI, R. Eremitas e irmãos: uma forma de vida religiosa no Brasil. **Convergência**, v. 89, n. 1, p. 370-383, jan./fev. 1976.
- CARVALHO, J. M. **A formação das almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CELAM. **Medelín**: a evangelização no presente e no futuro da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CELAM. **Puebla**: a evangelização no presente e no futuro da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1979.
- DELLA CAVA, R. **Miracle at Joazeiro**. New York; London: Columbia University Press, 1970.
- EADE, J.; SALLNOW, M. **Contesting the sacred**. The Anthropology of Christian pilgrimage. Princeton: London; New York: Routledge, 1991.
- FERNANDES, R. C. **Os cavaleiros do Bom Jesus**. Uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GODOY, A. **Cultivando a Casa de Maria**: Materialidades da Basílica Nacional de Aparecida. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas. 2020.
- OLIVEIRA, P. R. **Religião e dominação de classe**. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

- SAHLINS, M. **Historical Metaphors and Mythical Realities**: Structure in the early history of the Sandwich Islands Kingdom. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1981.
- SILVERIA, E. Turismo religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Turismo em análise**, v. 18, n. 1, p. 33-51, mai./jul. 2007.
- SOUZA, E. R. Crônicas da morte revivida na luta: uma etnografia da Romaria dos Mártires da Caminhada em Ribeirão Cascalheira (MT), Brasil. **Etnográfica**, v. 20, n. 2, p. 339-362, jun./set. 2016.
- STEIL, C. A. A Igreja dos pobres: da secularização à mística. **Religião e Sociedade**, v. 19, n. 2, 1999, p. 61-76.
- STEIL, C. A. Catolicismo e memória no Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, v. 5, n. 5, p. 09-30, jan./jun. 2004.
- STEIL, C. A. **O sertão das romarias**. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.
- STEIL, C. A. Desafios da reconciliação entre tradição e modernidade na ação pastoral e política do Padre Cícero Romão Batista. In: GONZAGA, W.; FERREIRA, A. L.; ANDRADE, P. F. C. (Orgs.). **Um Padre e sua fé**. Cícero, história e legado. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021, p. 59-73.
- STEIL, C.A. Padre Cícero: reconciliação e modernidade. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, n. 1, p. 149-169, jan./abr. 2021.
- TURNER, V.; TURNER, E. **Image and pilgrimage in Christian culture**. Oxford: Basil Blackwell, 1978.

# O Padre Cícero entre a religião e a política: estilo de liderança e pacto sociorreligioso do Juazeiro

*Marcelo Ayres Camurça<sup>1</sup>*

## Introdução

Tentativas de enquadramento da figura do Pe. Cícero sempre colidem com a complexidade do fenômeno que envolve sua pessoa e o contexto que o cercou. Para tentarmos aproximar deste fenômeno multifacetado vamos procurar contemplar dois grandes campos por onde se pode detectar as *tensões* e *articulações* que marcam o itinerário biográfico que o colocou em relação com classes sociais distintas e com visões de mundo antagônicas: o campo da *política* na sua configuração oligárquica e na sua modalidade de presença popular e o campo da *religião* na sua dimensão hierárquica/institucional e nas suas práticas populares.

Referenciado em nossos estudos<sup>2</sup> de alguns anos acerca do papel do Pe. Cícero por meio de um enfoque histórico, antropológico, social, religioso e político, gostaríamos de refletir sobre julgamentos definitivos que se consolidaram a partir de uma vasta literatura produzida sobre o padre e o Juazeiro dentro de uma ótica do “contra ou a favor”, o que redundou numa visão reducionista da questão. Dentro dessas visões parciais, de um lado concluiu-se que ele descartou sua condição de homem religioso ao ingressar no mundo da política, tornando-se um “coronel”, ou um “chefe oligárquico” e de outro, desconsiderou-se a liderança política que ele exerceu, destacando apenas sua faceta de “sacerdote rigoroso” ou “beato”. Todos estes enfoques

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor convidado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8167313163411799>.

<sup>2</sup> CAMURÇA, M. A., ‘Sedição do Juazeiro’, p. 11-34; 287-294; CAMURÇA, M. A., Marretas, Molambudos e Rabelistas, p. 314; CAMURÇA, M. A., Breve Política do Juazeiro, p. 36-62.

unilaterais não contribuem para uma visão mais amplificada de todo o fenômeno.

O que vamos procurar enfatizar neste texto é a capacidade de o padre articular de forma até inédita para a época, os polos sociais e de classe do sertão nordestino (trabalhadores rurais, pequenos artesãos com proprietários de terras e comércio), que tiveram na sua existência social e cultural uma relação de hierarquia e subalternidade, entrecortados por episódios de conflitos. O Pe. Cícero numa condição do que hoje poderia ser chamado de “dupla pertença”, ou seja, mantendo uma relação tanto com as camadas dominantes, quanto com a população pobre da sua região, soube compor-se com as regras desta política oligárquica, mas sempre norteado pela cosmovisão católico-sertaneja da solidariedade que organizava sua postura e ética de vida. Não ter em conta esse aspecto crucial de sua personalidade e do movimento que liderou, pode levar a equívocos de compreensão do rico, complexo e ambíguo processo sociocultural-religioso em que esteve envolvido.

Os eventos que são comumente apresentados para avaliar no plano social e político uma descaracterização da *persona* do Pe. Cícero de homem religioso para homem do poder promotor de violência política, são a sua convivência com jagunços e cangaceiros, como também o seu grau de envolvimento na chamada “guerra de 14”, a chamada “sedição do Juazeiro”. Na apreciação de certos cronistas da história do Ceará há uma ênfase no papel do padre enquanto “político” e “revolucionário”<sup>3</sup> apoiada em registros de sua vida pública, quando foi prefeito, deputado eleito, vice-governador e membro do Partido Republicano Conservador; assim como pelas acusações dele ter se empenhado ativamente no episódio da sublevação dos coronéis aciologistas que depôs o governo Franco Rabelo em 1914, promovendo uma série de violências, mortes, saques e roubos no Ceará.

A frase atribuída ao Pe. Cícero no seu testamento, “nunca desejei ser político”<sup>4</sup> foi muitas vezes utilizada por seus adversários e desafetos, não como um testemunho sincero de sua não ambição política, mas como *prova* de um *subterfúgio*, de quem diz não desejar a vida

<sup>3</sup> ANSELMO, O., Padre Cícero, p. 391

<sup>4</sup> MOREL, E., Padre Cícero do Juazeiro, p. 218

política, mas ocupar tantos distintos cargos de acentuado prestígio político. Acreditamos que o Pe. Cícero parece ter se sentido compelido a entrar para a política por motivos que não implicavam numa lógica de exercício de poder, e sim pelo que numa linguagem de hoje, poderia ser classificada como uma postura “pastoral-social”. E foi esta a versão de si mesmo que ele quis passar para a posteridade no seu testamento, não de alguém que se vangloriava por sua notoriedade política, mas, ao contrário, de quem *justifica* sua inserção na política dentro de um ideal maior, pelo qual gostaria de ser lembrado: de um homem inserido no seu meio social do sertão cearense participando do jogo político, mas imbuído dos valores religiosos na defesa dos empobrecidos, doentes e carentes.

Buscamos estruturar este texto de forma a examinar detidamente os julgamentos cristalizados sobre o Pe. Cícero ter sido um personagem da elite proprietária de terras e do mando político na região do Cariri e no Ceará. Diante disto, oferecemos uma alternativa mais nuancada das relações dele com estas elites, com ele funcionando diante destas, como um porta voz dos setores populares de roceiros, meeiros, pequenos proprietários de glebas, artesãos etc., tudo isto articulado com a cosmovisão do catolicismo popular que o ligava a estes grupos.

Como procedimento argumentativo e de organização/distribuição do texto, buscaremos traçar, a partir de uma abordagem histórico-cultural-simbólica, o estilo de liderança exercido por Pe. Cícero, discutindo com os juízos desqualificadores de sua imagem pública, numa perspectiva de historicizar, contextualizar e desconstruir a unilateralidade destas afirmações. Antes, porém de traçar o perfil sócio-histórico da figura do Pe. Cícero, problematizando as noções pejorativas difundidas sobre ele, apresentamos um sucinto quadro tanto da religiosidade católico-popular no Nordeste e no Ceará quanto do esquema oligárquico latifundiário da região que funcionam como um pano de fundo para o debate que tenciono apresentar.

## 1. O catolicismo popular no Nordeste e no Ceará

Diante do catolicismo institucional e hierárquico implementado no Brasil pela Igreja Católica, foi-se gestando ao longo da história

do país, desde o período colonial um “catolicismo popular” ou “religiosidade popular” que se organizava através das festas dos santos, romarias, promessas, festeiros, benzedeadas e irmandades, revelando padrões de moralidade e sociabilidade regidos pela reciprocidade ritual entre devotos e santos católicos. Aqui destaca-se a importância destes rituais (das festas e imagens dos Santos com suas procissões, novenas, cânticos, encenações) e a “efervescência” que estes produziam como dinâmica constitutiva do social. Esta revalorização de um catolicismo subalternizado e até então considerado pelas elites bem pensantes católicas e leigas como lugar de superstição, deu-se através pesquisas realizadas por sociólogos com formação de pós-graduação na Universidade Católica de Louvain, como Pedro Ribeiro de Oliveira<sup>5</sup> e historiadores ligados à Comissão de Estudos de História da Igreja da América Latina (CEHILA), como Eduardo Hoonart<sup>6</sup>, Oscar Beozzo<sup>7</sup> e Riolando Azzi<sup>8</sup>. Estes destacaram o caráter de “resistência” e de “autoprodução religiosa” da “religião popular” em relação à estrutura hierárquica da Igreja e seus esforços domesticadores e disciplinarizadores.

Além desta, uma outra perspectiva de análise do “catolicismo popular” foi a que trouxe Luitgarde Oliveira Barros<sup>9</sup> ao incorporar a teoria do filósofo marxista italiano Antonio Gramsci para interpretar o fenômeno do catolicismo popular no Juazeiro como expressão de um projeto sociopolítico das massas sertanejas. Movimentos como os do Padre-Mestre Ibiapina em todo o Nordeste e Antônio Conselheiro em Canudos, que influenciaram o padre Cícero com os beatos e beatas do Juazeiro, que por sua vez foi sucedido pelo do Beato José Lourenço no Caldeirão, tiveram, a despeito de suas diferenças e descontinuidades, em comum a ideia e concretização de um projeto socioreligioso envolvendo os excluídos do Nordeste. A partir do instrumental teórico gramsciano, na contramão de um marxismo esquemático que defendia o primado determinista da infraestrutura por sobre a superestrutura da

<sup>5</sup> OLIVEIRA, P. R., *Religião e Dominação de Classe*, p. 9-357.

<sup>6</sup> HOORNAERT, E., *O catolicismo popular numa perspectiva de libertação*, p. 3-31.

<sup>7</sup> BEOZZO, J. O., *Irmandades, santuários e capelinhas*, p. 741-758.

<sup>8</sup> AZZI, R., *Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica*, p. 125-149.

<sup>9</sup> BARROS, L. O. C., *A terra da mãe de Deus*, p. 329.

sociedade, Barros vai destacar o papel da religião popular funcionando para as camadas populares nordestinas como uma “*ideologia orgânica*” constitutiva das comunidades alternativas do Nordeste, como Canudos, Juazeiro e Caldeirão. Ideologia porque permitia às camadas até então dominadas pelo latifúndio, uma autoconsciência de sua posição. Orgânica porque referida às classes definidas na sua posição dentro da estrutura econômica. Para ela, os “*intelectuais orgânicos*” das massas despossuídas do sertão foram os *beatos*, intelectuais, porque “aos olhos do seu povo dominam a tradição” e orgânicos, “porque procuram mudar radicalmente o universo social em que viviam, ligados diretamente à produção material.”<sup>10</sup> Dentro deste contexto histórico, Barros vê a preeminência da religião católica na formação da cultura e sociedade nordestina, assim como constata as apropriações distintas da simbologia religiosa católica: a do clero e hierarquia eclesiástica que reafirmava a tradição e o *status quo* e a dos beatos potencialmente articuladora de uma religião popular autônoma. Desta forma, será pela decodificação operada pelos beatos na teologia católica, interpretando-a como conjunto de máximas para conduta prática, que se formarão as comunidades igualitárias de Canudos, Caldeirão e a do Juazeiro, esta atravessada por contradições. No último caso, pelo fato do líder do Juazeiro viver uma situação ambígua, como um “nativo” que era, formado nos códigos culturais da religião sertaneja dos beatos, mas também como um sacerdote funcionário do aparelho eclesiástico e intelectual da instituição, a comunidade do Juazeiro pelas suas mãos fará um pacto com as oligarquias, e assim, ao contrário das outras, sobreviverá ao extermínio que os governos oligárquicos infligiram nas duas outras, mas distanciando-se, em muitas de suas facetas, de “religião popular” igualitária.

## 2. Política oligárquica no sertão do Nordeste e Ceará

A República Velha (1889-1930) dotou os municípios de grande autonomia, com poder decisivo nas prerrogativas fiscais e controle de cargos do aparato de poder (política, justiça etc.). Fato este, que levou as elites econômicas de fazendeiros pecuaristas, grandes comerciantes

---

<sup>10</sup> BARROS, L. O. C., A terra da mãe de Deus, p. 30.

e latifundiários de produtos para exportação e suas respectivas facções políticas a um processo de controle do *poder local* que se desdobrou em nível estadual. Toda a história política deste período pode ser resumida numa dinâmica de acordos e conflitos, que correspondiam a estrutura do sistema oligárquico, o que pode sucintamente ser descrito desta maneira: as variadas facções das elites políticas, em cada localidade, tinham menos uma visão programático-política e visavam tão somente à conquista de posições do *poder local* através de acordo político entre elas ou (quando se polarizavam, geralmente em dois campos) pelo emprego da força armada. As eleições eram mera formalidade, resolvidas pelo “rolo compressor” da “máquina” governamental: pressão sobre funcionários públicos, agregados e afilhados, o “voto de cabresto”, fraude e voto no “bico de pena”<sup>11</sup>. De posse do poder negocia-se, através da “barganha política” com as instâncias estaduais e nacional, benefícios tributários, fiscais e jurídicos para o município, em troca de apoio e base de sustentação às esferas superiores. Para a facção política (local/estadual) derrotada restava o ostracismo político, quando procura reunir forças em condições desfavoráveis (porque fora do poder de “barganha” perde seu cacife político), para uma tentativa de “golpe” sobre as forças vencedoras consolidadas, para recuperar o poder e por sua vez, estabelecer novo consenso entre vitoriosos, alijando do poder as outrora facções dominantes. A “Política dos Governadores” é o modelo e matriz do esquema oligárquico regional e local, pois como afirma Victor Nunes Leal “o compromisso (...) entre governos estaduais e municipais [se encontra] à semelhança do compromisso político que se estabeleceu entre a União e os Estados”<sup>12</sup>.

Neste particular, a história da política do Cariri e do Ceará replica o mesmo esquema de apoios mútuos estabelecidos entre as esferas federal, estadual e municipal na República Velha representadas pelas suas elites. E da mesma forma, quando os conchavos não contentam todas as frações destes grupos, ocorrem as guerras e deposições armadas até que novo pacto de vencedores se estabeleça. No que diz respeito as tratativas para um equilíbrio de forças, pactos são firmados, onde

<sup>11</sup> QUEIROZ, M. I. P., *O mandonismo local na vida política brasileira*, p. 230; LEAL, V. N., *Coronelismo, enxada e voto*, p. 276.

<sup>12</sup> LEAL, V. N., *Coronelismo, enxada e voto*, p. 102.

as forças da elite da região são acomodadas nas diversas instâncias municipais de uma região, evitando os conflitos abertos entre os ‘coronéis’. E no que se refere às conflagrações, estas eclodem produzindo invasões entre municípios para deposição de governos locais ou de coligações de forças regionais para deposição de governos estaduais, sempre através de exércitos de “cabras” do serviço dos ‘coronéis’ das facções adversárias.

Foi dentro desta lógica oligárquica que o Juazeiro irá se envolver na deposição do então governador Franco Rabelo em 1914, numa sublevação armada sob a coordenação do coronel da região Antonio Luiz, do comendador Acioly antigo governador e oligarca durante anos do Ceará e do médico Floro Bartholomeu que tinha granjeado a confiança do Pe. Cícero, passando a representar o Juazeiro. O padre dentro do seu perfil de líder religioso-popular, mas com participação em cargos políticos, vai aquiescer e legitimar a sublevação por julgar que o governo Rabelo era hostil ao Juazeiro. A vitória da sublevação e conquista do poder estadual pelas forças oligárquicas lideradas pelo Juazeiro em 1914 pode ser vista como um *alargamento* da sua influência político-social a partir do vale do Cariri para o cenário cearense e até nacional.

O Juazeiro, enquanto *constructo* econômico-social e político, atravessado por contradições: incubador de religiosidades e formas de sociabilidade populares, mas também expressão de estruturas oligárquicas e do latifúndio, passa a exercer - devido à sua liderança na “guerra de 1914” e também por sua capacidade de possuir decisivo reduto eleitoral cativo às orientações do padre Cícero – o papel de “fiel da balança” na política do estado do Ceará até 1930.

### 3. O Pacto sociorreligioso do Juazeiro na liderança Patriarcal do Pe. Cícero

O conglomerado urbano-rural que se transformou o Juazeiro foi adensado a partir do evento do “milagre” em 1889 da transformação da hóstia comungada pela Beata Maria de Araújo supostamente em sangue de Cristo através das comunhões ministradas pelo Pe. Cícero<sup>13</sup>. Atraídos por estes “fatos extraordinários” - certificados pelo Pe. Cíce-

---

<sup>13</sup> DELLA CAVA, R., Milagre em Juazeiro, p. 40.

ro junto com outros sacerdotes próximos a ele e seu grupo de beatos e beatas - centenas de homens e mulheres pobres do Nordeste se deslocarão até a pequena vila do Juazeiro transformando-a num crescente polo do ponto de vista populacional e econômico. De uma forma geral para os sertões nordestinos, é possível formular que as religiosidades ou religiões populares se constituíram como produtoras de alternativas sociais ao esquema totalizante do latifúndio que imperava na região<sup>14</sup>. Estimulados por esta religiosidade de matriz católica popular, populações de agregados ao latifúndio decidem abandonar essa sujeição e vão constituir comunidades socioreligiosas avulsas e autônomas a este esquema imperante. No caso, este catolicismo popular se constituiria numa releitura da doutrina católica como uma resposta no presente as agruras de sua vida cotidiana, ainda que embaladas com um grau visionário de um futuro reino milenarista. Era a forma como as populações do sertão concebiam um sentido para enfrentar as vicissitudes a que eram submetidos: a falta de terra, os problemas climáticos, de doenças, de violência dos bandos armados do latifúndio e avulsos. Então esse foi o grande apelo simbólico social das chamadas “Cidades Santas”. As populações acorriam para elas atraídas por “milagres”, “revelações”, “sinais dos tempos”. Através da constituição destes núcleos e a partir do chamado de suas lideranças santas, se organiza neste espaço uma outra forma de sociabilidade, como no caso de Canudos onde a “Lei de Deus” se contrapunha ao que consideravam a “Lei do Cão”, a lógica profana da sociedade envolvente da época funcionar. Aqui cabe então um breve comentário de comparação entre Canudos, o Caldeirão e Juazeiro, formas mais emblemáticas destes redutos sagrados no Nordeste brasileiro. Enquanto que as duas primeiras representaram uma ruptura mais radical com o esquema ideológico, político e simbólico da dominação oligárquica, o Juazeiro irá sobreviver pela mediação decisiva de seu líder maior, o Pe. Cícero, por meio da barganha característica das relações sociais do compadrio dos sertões, a que me referi acima, irá acomodar os interesses distintos de roceiros, pequenos artesãos e trabalhadores avulsos com os grandes proprietários de terra, grandes comerciantes e chefes políticos da região.

---

<sup>14</sup> FACÓ, R., Cangaceiros e Fanáticos, p. 36-37.

Portanto, faz-se mister interpretar a personalidade e o estilo de liderança do padre, o (re)fundador do Juazeiro enquanto centro socior-religioso e político do Nordeste e sua figura simbólica principal, para compreendermos a dinâmica social e política da cidade.

O Pe. Cícero formou sua personalidade por meio de duas matrizes sociais-culturais marcantes. De um lado, ele era um homem do sertão, identificado com os códigos culturais/simbólicos/religiosos do seu povo. Por isso, será influenciado na sua reivindicação da existência de um “milagre” em Juazeiro, em uma reinterpretação da doutrina eucarística católica nos marcos do “catolicismo popular”. Exemplos desta sua inserção, estão nas revelações que ele recebe em sonho, onde Cristo confia a ele a missão de cuidar do povo pobre do Juazeiro<sup>15</sup>. De outro lado, ele é um sacerdote, formado no Seminário dos padres Lazaristas em Fortaleza, nos cânones da teologia oficial da época, marcada pelo Concílio Vaticano I, com sua ordenação patrocinada pelo mais importante coronel do Cariri, logo um homem ligado às elites do Ceará. Na sociedade da época, padres se encontravam afinados com estas elites e participavam da política dominante, como o provam a eleição para o governo do Ceará de dois padres, o Senador Pompeu e Martiniano de Alencar, padre e pai do escritor José de Alencar. Portanto, Pe. Cícero vivia esta *tensão* permanente em sua personalidade: ser um sacerdote, homem letrado ligado às elites políticas do estado e ser também um “beato”, vinculado aos códigos culturais religiosos de sua terra, que confluíam para a religião, que funcionava como guia e aplicação para as práticas sociais de sobrevivência do povo.

Foi dentro desta ambiguidade constitutiva de seu estilo de liderança, que determinadas análises selecionaram e segmentaram partes de sua atividade pública, de acordo com os interesses, juízos de valor e antagonismos que moviam estes escritos. Não nos cabe aqui fazer uma historiografia ou uma análise de discurso das produções literárias sobre o padre e o Juazeiro, isto está apreciado em capítulo de nosso livro acerca do tema<sup>16</sup>, mas de analisar determinadas categorias pelas quais sua presença pública foi classificada.

<sup>15</sup> DELLA CAVA, Milagre em Juazeiro.

<sup>16</sup> CAMURÇA, M. A., Marretas, Molambudos e Rabelistas, p. 31-121.

Em meio a este quadro, o papel exercido pelo padre no Juazeiro e Cariri junto a seus seguidores foi tipificado como equivalente aquele dos chefes políticos, os “coronéis” grandes proprietários de terra do Nordeste. Rui Facó, por exemplo, afirmou na sua obra “que nada diferenciava o padre de qualquer dos [coronéis] da região”<sup>17</sup>.

No entanto, o entendimento que firmamos desta problemática, foi que o padre construiu uma *liderança* de abrangência regional, estadual e até nacional, de fato, como sustentam seus críticos, quando o classificam como líder iminentemente político. Contudo, sua liderança não estava vocacionada para o exercício do *poder*, seja aquele auferido por um acúmulo pecuniário em cima da exploração econômica de roceiros e trabalhadores do campo e pelo comando discricionário dos destinos da sociedade local através do controle de uma milícia armada como base de sustentação desse poder, como era do estilo dos coronéis da época. A liderança que atribuímos ao Pe. Cícero em nossas pesquisas foi de cunho *patriarcal*<sup>18</sup> porque, de acordo com Ralph Della Cava, ela “exprime com propriedade a autoridade *paternal e religiosa* que padre Cícero exerceu sobre seus adeptos.”<sup>19</sup> O Pe. Cícero era de fato, um “conselheiro” e um “padrinho” para o povo sertanejo, aconselhando centenas de homens e mulheres em todos os aspectos de sua vida cotidiana: social, econômico, terapêutico, afetivo, moral etc. Esta sua prática era reconhecida pelo povo como um *apostolado* e um *serviço* e não como um *exercício de mando* e exigência de subserviência, que geravam o temor e o respeito que este mesmo povo nutria pelos coronéis.<sup>20</sup>

Quanto a acusação do padre ter ficado rico às custas de sua fama de “milagreiro”, de fato ele recebeu muitos recursos de testamentos em reconhecimento às suas práticas de caridade, cuidado e orações ao povo, como aliás tem ocorrido com a própria Igreja Católica. Entretanto isto não modificou seu modo de vida austero e pobre. De fato, todos os bens recebidos por ele foram canalizados para sua extensa *obra social*: aos pobres, aos flagelados das secas, assim como em doa-

<sup>17</sup> FACÓ, R., Cangaceiros e Fanáticos, p. 162.

<sup>18</sup> CAMURÇA, M. A., Marretas, Molambudos e Rabelistas, p. 143-146.

<sup>19</sup> DELLA CAVA, R., Milagre em Juazeiro, p. 122.

<sup>20</sup> CAMURÇA, M. A., Marretas, Molambudos e Rabelistas, p. 143-145.

ções para a Diocese do Crato, de Fortaleza e ainda para Roma, como expressão de seu engajamento de sacerdote em relação à Igreja que pertencia.

No que concerne à atuação política do padre, o próprio Facó que o caracterizara como um “coronel”, reconhece a sua indiferença por questões de exercício político quando ressalta que ele nunca se deslocou para a Fortaleza para tomar posse do cargo de Vice-Presidente de Estado e que nunca exerceu de fato o mandato de deputado federal para o qual fora eleito<sup>21</sup>. Fica demonstrado então, que ele nunca fez uso dos cargos políticos obtidos ou oferecidos a ele, (afora o de prefeito do Juazeiro). Dentre estes notadamente os situados no âmbito federal, longe do Juazeiro e do Cariri. No que tange, a alegada importância do seu cargo de vice-governador do Ceará, de fato, o seu posto era o de 3º vice-governador, que ele ocupou de maneira formal. Portanto, avaliamos que sua participação política se restringia a emprestar seu prestigioso nome às forças oligárquicas políticas do Ceará para articular as alianças do Juazeiro e do Cariri com as demais forças políticas do estado, entretanto sem se envolver no centro do poder político.

Avaliamos que o padre, apesar de não estar no centro do poder decisório, de fato *negociou* e *articulou-se* com o campo político oligárquico regional e estadual do Ceará, visando resguardar o seu projeto maior: a *comunidade sociorreligiosa do Juazeiro*. Neste sentido, também aqui a percepção de Rui Facó parece indicar uma trilha para o esclarecimento da questão, quando ele afirma que, apesar de não possuir “interesses políticos gerais”, havia no padre “uma ambição voltada para o meio em que vivia”<sup>22</sup>. Se, como indica o historiador, o interesse do padre era *local*: o *Juazeiro*, poder-se-ia perguntar, porque ele não se valeu de sua autoridade religiosa para tal, tendo que ceder a dimensão da política? Se contemplarmos a historiografia do Juazeiro na época, vamos encontrar uma transição da “questão religiosa” para a “questão política”<sup>23</sup>. Naquela conjuntura o movimento liderado pelo padre, em torno do “milagre” da transformação da hóstia em “sangue de Cristo” havia sido silenciado pela hierarquia católica, ele se encon-

<sup>21</sup> FACÓ, R., Cangaceiros e Fanáticos, p. 162.

<sup>22</sup> FACÓ, R., Cangaceiros e Fanáticos, p. 162.

<sup>23</sup> DELLA CAVA, R., Milagre em Juazeiro, p. 279.

trava suspenso de suas ordens sacerdotais e até sob risco ser removido do Juazeiro. Desta forma, ele vai procurar outro recurso, o de legitimar o seu projeto sociorreligioso no Juazeiro junto ao poder laico das elites regionais, naquele estilo da barganha consolidado nas estruturas sociopolíticas da época.

Todavia, ele vai entabular essas articulações políticas a partir do pressuposto de sua *visão religiosa do mundo*, que vai se manifestar nos valores da *caridade* e da *pacificação*, por meio dos quais ele vai conduzir sua ação no meio social do Cariri e do Nordeste. Estas suas características vão influir decisivamente no formato social, econômico, religioso e político que se forjará no Juazeiro. A resultante do modo como conduziu sua liderança no Juazeiro, *locus* dos chamados milagres da transformação da hóstia em sangue, foi a atração para a vila de centenas de roceiros pobres, mas também artesãos e até fazendeiros, inclusive os que já estavam estabelecidos de há muito no lugar. E a possibilidade de convivência conflituosa entre os polos da sociedade hierárquica do sertão foi conjurada por uma política de *conciliação* imprimida pelo padre. Aqui, de fato, pode-se sublinhar uma potente *liderança* dele, na qualidade de *referência* e *autoridade moral* com influência nestes dois polos da sociedade sertaneja, os ricos e os pobres. Desta maneira, servindo-se do seu prestígio nestas camadas sociais ele vai moldar um *pacto de acomodação* que vai assegurar um modo de existência pacífico entre poderosos e humildes dentro do Juazeiro”.

#### 4. Pe. Cícero como um fator de paz e conciliação em contexto de violência política

Foi imputado ao padre o *protagonismo* da rebelião oligárquica que depôs em 1914, num processo sangrento o governo legal de Franco Rabelo. Esta imputação foi derivada de uma afirmação do historiador Otacílio Anselmo, que afirmou, sem apresentá-los, que “documentos irretorquíveis comprovam a responsabilidade direta e absoluta (do padre Cícero no movimento armado contra o governo Franco Rabelo).”<sup>24</sup> Todavia, o Dr. Irineu Pinheiro, insuspeito historiador da “revolução de 1914”, por suas relações familiares com ex-governador Acioli, um

<sup>24</sup> ANSELMO, O., Padre Cícero, p. 391

dos vencedores da conflagração, entende que a origem da sublevação se deu na conspiração tramada entre os chefes políticos do Cariri. Assim Pinheiro se refere a autoria do levante armado na sua obra: “Estou convencido de que notavelmente contribuíram para a realização do movimento revolucionário aquelas conversações entre o Coronel Antônio Luiz e o Dr. Floro Bartholomeu.”<sup>25</sup> O próprio Dr. Floro em conhecido discurso na Câmara Federal, chamou para si a autoria da sublevação do Juazeiro: “Será possível que não se saiba ainda hoje que fui eu o chefe da revolução do Joaseiro e único responsável por ela?”<sup>26</sup> Baseado na correspondência trocada entre os conspiradores - o Dr. Floro, o ex-governador deposto Acioli, o Senador Pinheiro Machado no Rio de Janeiro e o padre Cícero isolado em Juazeiro – chega-se à conclusão que a atitude de busca de uma solução pacífica pelo padre para as desavenças com o governo Rabelo desagradaram profundamente e até puseram em risco a conspiração em marcha.<sup>27</sup>

Por fim, o padre só acede e autoriza o combate devido as violências perpetradas pelas tropas policiais do governo Rabelo contra romeiros na Cerca de Pedra e a ameaça iminente de invasão à cidade pelo comandante das tropas, o Cel. Alípio Lopes, que afirmou - a exemplo do que se fizera muito recentemente em Canudos - que invadiria, “por[ia] querosene e tocar[ia] fogo no covil.”<sup>28</sup> Diante da inevitabilidade da guerra, as prédicas de padre Cícero aos combatentes do Juazeiro (dentre estes, sem dúvida, jagunços e “cabras” dos coronéis aciologistas) são marcadas pela ética cristã e por zelo contra qualquer outra violência desnecessária: “sigam meus conselhos: não bebam cachaça, não persigam de maneira nenhuma os fugitivos ... não tirem o alheio ... não procurem destruir as casas e muito menos matar pessoas fora do combate.”<sup>29</sup> Um registro de sua situação pessoal aflitiva diante da perspectiva de violência, mortes e sofrimentos advindos da guerra, é feito por Celso Gomes de Mattos em um artigo. Diz este autor que na hora da batalha o padre “se trancara no quarto e a Beata Mocinha

<sup>25</sup> PINHEIRO, I., O Juazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914, p. 31.

<sup>26</sup> COSTA, F. B., Juazeiro e o Padre Cícero, p. 89.

<sup>27</sup> CAMURÇA, M. A., Marretas, Molambudos e Rabelistas, p. 50-51.

<sup>28</sup> CARVALHO, C. L., A tomada do Crato, p. 122.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, A. X., O Padre Cícero que eu conheci, p. 166.

(...) contava que olhando pelo buraco da fechadura, o vira de pé a rezar fervorosamente, traçando no ar com um crucifixo uma cruz na direção” dos combates.<sup>30</sup>

Apesar dos conselhos e advertências do Pe. Cícero aos combatentes - que irromperam do Juazeiro em campanha militar até Fortaleza, onde depuseram o governo - o saldo da chamada “sedição do Juazeiro de 14” foi de saques, depredações, violências e mortes. De fato, esse pode ser mais um indicador da pouca influência do Pe. Cícero quando a questão era a *política* da guerra. Para este caso, o comando estava com os coronéis, particularmente com Floro Bartholomeu: “Enquanto o padre Cícero insistia em dizer respeitem o que é alheio, tirem só o que precisarem para matar a fome, o Dr. Floro não se cansava de classificar como ‘escrúpulos infantis’ e dizia ‘o vencedor tem direito ao que é do vencido.’”<sup>31</sup>

Quanto as imputações do Pe. Cícero ter sido “coiteiro de cangaiceiros”, esta má notoriedade se deveu ao fato de presença de Lampião e seu bando em Juazeiro no ano de 1926. Mas a explicação histórica para o fato, é cristalina. A presença do célebre bandido no Juazeiro foi motivada pela convocação feita por Floro Bartholomeu em nome do Governo Federal para que seu grupo compusesse o “Batalhão Patriótico” que estava sendo mobilizado para dar combate a Coluna Prestes. Portanto, o indulto concedido à Lampião e seu grupo foi concedido pelas autoridades federais e não por complacência do padre. E no que se refere a existência de jagunços e “cabras” em Juazeiro, faz-se mister dizer que eles não ficavam apenas no Juazeiro, mas se distribuíam por todo o Cariri, Ceará e Nordeste, pois compunham o braço armado de “coronéis” e grandes proprietários de terra da estrutura agrária e social da região. Da mesma maneira, explica-se a presença no Juazeiro de bandos e criminosos avulsos que alugavam seus préstimos aos grupos oligárquicos nos seus conflitos internos. O padre, ao contrário colocava a alternativa do arrependimento. Em relação ao pecador e ao mais horrendo criminoso, sua reação sempre foi a do perdão da doutrina cristã, que pode ser sintetizada na sua prédica: “quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais!”.

<sup>30</sup> MATTOS, C. G., Padre Cícero, o incompreendido, p. 87.

<sup>31</sup> OLIVEIRA, A. X., O Padre Cícero que eu conheci, p. 166.

Como imitação do Cristo, a atitude do Pe. Cícero o levava a circular entre os marginais e estigmatizados, desprovido de preconceitos e esperançoso da capacidade de regeneração de quem quer que fosse, alcançou não apenas os bandoleiros e cangaceiros do sertão, mas os “subversivos” da Coluna Prestes, a quem em correspondência considerava “moços valentes soldados do Brasil, impulsionados em corajoso tentame por um ideal, irrefletido embora (...) passando perante a maioria de vossos compatriotas por celerados comuns, já se vos tendo comparado na imprensa das capitais, aos mais perigosos facínoras.”<sup>32</sup> A Luís Carlos Prestes e seus comandados, o padre conclama à rendição, oferecendo-lhes “garantias legais” e se comprometendo a ser seu “advogado perante os poderes constitucionais da República.”<sup>33</sup> Morel anota ainda a opinião do secretário da Coluna, Lourenço Moreira Lima, que, no seu livro “*Marchas e Combates*”, testemunhou que o comando da Coluna teve “a oportunidade de ler essa carta, escrita com uma grande ingenuidade”. Ainda aqui, como sublinhamos antes, prevalece a lógica da não-política, distanciada do seu cálculo de eficácia, que fundamentava muitas das ações de Pe. Cícero, mas da qual, segundo este comentarista, “ressaltava o desejo íntimo e sincero do padre no sentido de conseguir fazer a paz.”<sup>34</sup> Nenhuma outra frase poderia finalizar melhor uma avaliação da postura do padre, que viveu dentro de um espaço de intensa violência política e social, e que muitas vezes até *ingenuamente* julgava persuadir os interesses das esferas do poder na sua busca de pacificação em prol dos segmentos injustiçados.

## Conclusão

Se a realidade da política oligárquica do Cariri/Juazeiro limitou as ações do Pe. Cícero, impelindo-o a transitar e se articular com estas esferas de poder para atingir seus objetivos comunitários-religiosos; por outro lado, alguma coisa de fecundo, enquanto experiência social, cultural e simbólica resultou também desse controverso processo histórico.

---

<sup>32</sup> MOREL, E., Padre Cícero do Juazeiro, p. 106.

<sup>33</sup> MOREL, E., Padre Cícero do Juazeiro, p. 107.

<sup>34</sup> MOREL, E., Padre Cícero do Juazeiro, p. 108.

Estamos nos referindo a constituição social/cultural do Juazeiro como “Cidade Santa”. Nela, valores e costumes da religião popular dos beatos/beatas e romeiros relativamente autônomos em relação às estruturas institucionais do catolicismo tridentino puderam conviver com esta lógica religiosa dominante e com a lógica laica da civilidade imperante. A resultante disto foi o engendramento de uma organização social baseada não apenas nas doutrinas e instituições da época, como: o positivismo, o republicanismo, o liberalismo ou mesmo a monarquia e a Igreja Católica, mas em *códigos culturais sedimentados* há séculos nesta terra sertaneja.

Um dos mais importantes destes códigos, o *apadrinhamento*, neste caso, constituído na relação do “Padim Ciço” com suas centenas de afilhados, roceiros e artesãos pobres, logrou produzir modalidades sociais e culturais extremamente criativas e alternativas à cultura letrada e formal da época. Pode-se enumerar várias destas iniciativas nas ladainhas, benditos, cordéis, xilogravuras e nas formas econômicas dos roçados, plantações, pequenos engenhos e empreendimento artesanais, todos com alto grau de produtividade.

Configurações muitas vezes invisibilizadas pelo sistema imperante das oligarquias latifundiárias. E quando irrompiam à luz, resultavam em experiências efêmeras, sufocadas impiedosamente pelo braço secularizante de um Floro Bartholomeu quando mandou matar o “sagrado” boi Mansinho, esquartejá-lo e vender sua carne no mercado. Ou ainda, a repressão imposta à “reforma agrária” popular realizada pela “Irmandade da Santa Cruz” do Beato José Lourenço aniquilada no Caldeirão pelas forças da “ordem e do progresso” dos governos estadual e federal.<sup>35</sup> No entanto, muitas delas permaneceram, mesmo que no formato de acomodação e composição com os esquemas dominantes, favorecendo de fato os segmentos mais pobres e despossuídos.

O legado histórico destes tempos primevos do Juazeiro e do chamamento místico-religioso do seu pai-fundador aos roceiros e romeiros do Nordeste engendrou a possibilidade de construção de um espaço social e acolhida destes “deserdados da terra” para a viabilização de um projeto onde lograram se inserir.

---

<sup>35</sup> CORDEIRO, D. S. A., Um beato líder, p. 92-111

Um instigante texto contemporâneo dos anos 2000, de autoria do antropólogo Pierre Sanchis<sup>36</sup> chamou atenção para as possíveis “releituras” da figura do Pe. Cícero que o aproximam, devido as suas ações no Juazeiro e no Nordeste, com questões contemporâneas da cultura e da sociedade brasileira. Nele, Sanchis se indaga sobre a afinidade entre as preocupações atuais com a “pobreza”, a “ecologia” e a “cultura da paz” e aquilo fez, de modo pioneiro, o padre. Também Carlos Steil, em artigo mais recente dos anos 2020,<sup>37</sup> aponta que realizar o resgate da figura do Pe. Cícero significa produzir uma *reconciliação* com as massas do nordeste praticantes do catolicismo popular, excluídas por uma modernidade elitista e conservadora.

As modalidades de arranjos sociais e econômicos do “pacto social” engendrado pelo padre no Juazeiro descritos acima, podem inspirar um modelo genuíno, guardadas suas distâncias históricas, para as atividades de crescimento econômico autossustentado e de combate à miséria, empreendidas pela sociedade civil e governos progressistas do Ceará (e Nordeste) contemporâneos.

Um dos maiores êxitos desta experiência no campo da imaginação social e política foi o de situar - no mesmo plano de agentes sociais como os “coronéis”, os sacerdotes e os bacharéis já legitimados socialmente pela sociedade da época - a figura do *romeiro*. Este passa da condição de assujeitado a um indivíduo com identidade própria, a do “romeiro do meu padim” e, somente enquanto tal, portador de visibilidade e reconhecimento social.

## Referências bibliográficas

ANSELMO, O. **Padre Cícero**: mito e realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

AZZI, R. Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. In: **Religião e Sociedade**, v. 1, n. 1, 1977, p. 125-149.

BARROS, L. O. C. **A terra da mãe de Deus**: um estudo do movimento religioso do Juazeiro do Norte. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.

BARROS, L. O. C. **Juazeiro do Padre Cícero**: a terra da mãe de Deus. Fortaleza: IMEPH, 2008.

---

<sup>36</sup> SANCHIS, P., Desponta novo ator no campo religioso brasileiro, p. 11-29

<sup>37</sup> STEIL, C. A., Padre Cícero, p. 149.

- BEOZZO, J. O. Irmandades, santuários e capelinhas à beira de estrada. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, v. 37, n.148, 1977, p. 741-758.
- CAMURÇA, M. A. ‘Sedição do Juazeiro’, movimento reacionário ou progressista? In: **Revista do Instituto Cultural do Vale Caririense**, n. 11, 1984, p.11-34.
- CAMURÇA, M. A. ‘A Sedição do Juazeiro’ e a Guerra Civil no Ceará. In SOUZA, S. (Org.) **História do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC; Fundação Demócrito Rocha, 1989, p. 287-294.
- CAMURÇA, M. A. **Marretas, Molambudos e Rabelistas. A revolta de 1914 no Juazeiro**. São Paulo: Editora Maltese, 1994.
- CAMURÇA, M. A. Breve História Política do Juazeiro: do processo de autonomia municipal ao protagonismo regional-nacional a partir de 1914. In: BARROS, L.O.C. (Org.). **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joazeiro: autonomia política-administrativa**. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012, p. 36-62.
- CARVALHO, C. L. A tomada do Crato. In: **Revista do Instituto do Ceará**, v. 46, 1932, p. 119-136.
- CORDEIRO, D. S. A. **Um beato líder: narrações memoráveis do Caldeirão**. Fortaleza: Imprensa Universitária; UFC, 2004.
- COSTA, F. B. **Juazeiro e o Padre Cícero**. Depoimento para a História. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923.
- DELLA CAVA, R. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FACÓ, R. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- HOORNAERT, E. O catolicismo popular numa perspectiva de libertação. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, v. 36, n. 141, 1976, p. 3-31.
- LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Alfa Ômega, 1978.
- MATTOS, C. G. Padre Cícero, o incompreendido. In: **Revista Itaytera**, v. 35, 1955.
- MOREL, E. **Padre Cícero do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- OLIVEIRA, A. X. **O Padre Cícero que eu conheci**. (Verdadeira História do Juazeiro) Rio de Janeiro: s/s, 1969.
- OLIVEIRA, P. R. **Religião e Dominação de Classe**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PINHEIRO, I. **O Juazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**. Rio de Janeiro: Editora Irmãos Pongetti, 1938.
- QUEIROZ, M. I. P. **O mandonismo local na vida política brasileira**. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.
- SANCHIS, P. Desponta novo ator no campo religioso brasileiro? O Padre Cícero Romão Batista. In: *Religião e Sociedade*, v. 27, n.2, 2007, p. 11-29.
- STEIL, C. A. Padre Cícero: reconciliação e modernidade. In: **Revista de Sociologia e Antropologia**, v.11, p. 149-169, 2021.

# Padre Cicero e a ecologia integral

*Cieusa Maria Calou e Pereira<sup>1</sup>*

## Introdução

O Servo de Deus padre Cícero representa o nordestino nas suas desditas, pois é o Padrinho que ensina, aconselha e acolhe. No início do século XIX, era o jovem sacerdote que veio para Juazeiro ser o capelão do pequeno povoado, no entanto, foram muitos os desafios: o padre Cicero lutou em defesa da comunidade, cuidou do povo, ensinou o sertanejo a enfrentar a seca, aconselhou a construir cisternas, a não desmatar e a preservar a caatinga, assim, trilhando esse caminho, integrava os aspectos ambientais e sociais.

Justifica-se que, a ecologia integral era viva nas práticas de padre Cicero, em virtude de sua disposição de se unir ao povo, lutar por uma vida digna para o pobre que chegava ao povoado, cuidar e ensinar a valorizar o ambiente. Portanto, apresenta-se o padre Cicero, o educador ambiental e social.

A partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o padre Cicero, vida sacerdotal e ação na comunidade, ressalta-se sua adesão a ecologia, expressa nos Preceitos Ecológicos. Realizou-se também um paralelo para identificar pontos comuns entre os conselhos do padre Cicero, conforme Silva<sup>2</sup> e os ensinamentos do Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si* sobre o Cuidado com a Casa Comum, segundo Francisco.<sup>3</sup>

Nesse contexto, esse capítulo apresenta o padre Cicero como Pioneiro da Ecologia no Cariri, sua vida e o cenário da época e a decisão de lutar em favor do povo e ensinar a preservar o ambiente sustentável na perspectiva de uma vida melhor.

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia pela UNESP. Professora Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia- IFCE - Campus Juazeiro do Norte – CE. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7754012034816130>.

<sup>2</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o padrinho.

<sup>3</sup> FRANCISCO, PP., Carta Encíclica *Laudato Si*’.

## 1. Padre Cícero: Pioneiro da Ecologia no Cariri

Padre Cícero Romão Batista chegou em Juazeiro no ano de 1872, jovem sacerdote, assumiu como capelão na capela de Nossa Senhora das Dores, hoje, Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores.

A chegada do padre transformou o lugar aos poucos, porque em virtude da sua inteligência aconselhava quem o procurava, dando orientação em assuntos sobre comércio, agricultura, cuidado com os animais, uso do solo, educação, dentre outros. Pereira<sup>4</sup> afirma que o fato inusitado, ocorrido em 1889 com a Beata Maria de Araújo, conhecido como o “milagre da hóstia”, deu início às romarias, atraindo indivíduos de todas as redondezas, de todas as regiões, sendo este milagre interpretado pelo sertanejo como um sinal de que aquela terra seria destinada ao alento para seu sofrimento.

Portanto, a evolução da população de Juazeiro se deve às romarias. Autores como Barros e Della Cava comentam sobre as peregrinações realizadas ao longo dos anos em Juazeiro. Para Barros, “após o suposto milagre, a vila santuário passou a receber em média 400 romeiros diariamente, o que confirma que a ocupação demográfica do povoado está imbricada com a expansão econômica e os fenômenos religiosos”<sup>5</sup>. De acordo com Cava<sup>6</sup>, entre os anos de 1890 e 1898 a população do povoado Joazeiro, assim denominado na época, obteve um aumento significativo estimado em torno de 5 mil habitantes; em 1905, um patamar de 12 mil habitantes; e, em 1909, aproximadamente 15 mil pessoas.

Segundo Pereira<sup>7</sup>, analisando os 70 anos passados do início do Censo oficial em 1940, com 38.145 habitantes, e a população de 2010, com 249.939, obtém-se um crescimento populacional de Juazeiro de 211.794, um aumento de 455,23%. Atualizando os dados, conforme

---

<sup>4</sup> PEREIRA, C. M. C., *Análise da Problemática do Lixo nas Romarias em Juazeiro do Norte*, p. 53

<sup>5</sup> BARROS, L. O. C., *Juazeiro do Padre Cícero*, p. 384.

<sup>6</sup> CAVA, R. D., *cariri*, p.139.

<sup>7</sup> PEREIRA, C. M. C., *Análise socioambiental da cidade de Juazeiro do Norte*, p. 90

IBGE<sup>8</sup>, Juazeiro do Norte apresenta uma população de 286.120 mil/habitantes, o que representa um aumento de 14,4% em comparação com o Censo de 2010.

Assim, a partir da chegada de mais habitantes, a cidade ia crescendo sob a direção do padre Cícero, que, em 1911, com a formação do município, foi indicado como primeiro prefeito. É evidente a influência do padre Cícero no desenvolvimento da cidade, contribuindo para sua organização geográfica, ambiental, bem como utilizando seu prestígio com as elites locais para cuidar do setor social, beneficiando os pobres que se fixavam cada vez mais na cidade.

Vale lembrar citações que trazem testemunhos sobre a atuação do padre Cícero, seja na área política, ambiental ou social. O depoimento do botânico alemão Philipp Von Luetzelburg<sup>9</sup> que, a serviço da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, esteve em Juazeiro em 1921, registrou:

Se tornou de capital importância conhecer e falar com o padre Cícero e tive o prazer de, à minha chegada, ser recebido e ter uma animada palestra com ele. Este velho, de real prestígio popular, deixou-me gratas recordações. Tratou-me com delicadeza e amabilidade. De fato, trata-se de um homem que dispõe de instrução e saber invulgares: aborda com igual facilidade a política, a história universal, as ciências naturais, especialmente quanto à agricultura. Os institutos científicos deveriam entrar em contato com aquele homem que dispõe de conhecimentos excepcionais com relação à Paleontologia, Geologia e História, adquiridos parte por observação e estudos pessoais, parte pelas indicações que colhe de seus inúmeros fiéis e romeiros, que, das paragens mais longínquas, trazem ao “Padrinho” tudo aquilo que encontram de esquisito e extraordinário... Poderia o leitor objetar que pouca importância se deve dar aos achados dos romeiros, geralmente sem instrução. Contudo, devo notar que tive oportunidade de estudar a curiosa coleção do padre Cícero, onde encontrei material preciosíssimo.

Ressalta-se que, quando o homem sertanejo chegava a Juazeiro procurava o padre Cícero para esclarecimento, conselho, por isso ele

<sup>8</sup> IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estado.

<sup>9</sup> LUETZELBERG, P. V., Estudo Botânico do Nordeste. p. 59

passou a ser chamado o Conselheiro do sertão, pois aconselhava a favor do ambiente e para a ordem social. Não só aconselhava, mas participava e sugeria ações, como cita Araújo:<sup>10</sup>

Certa vez um artesão passava por dificuldades e não tinha como vender sua produção de candeieiros. Procurou o padre Cícero para aconselhá-lo, escutando do padre que produzisse mais, este ficou a se perguntar como poderia? Porém obedeceu. Na festa de Nossa Senhora das Candeias o padre Cícero realizou uma campanha instruindo o povo a usar os candeieiros na procissão, facilitando a venda do produto para o artesão que inclusive teve que aumentar a produção para atender a demanda. Atualmente a tradição continua no uso da luz na procissão, segundo o canto popular: “Bendito, louvado seja, a Luz que mais alumia, Valei-me meu Padim Cíço e a Mãe de Deus das Candeias”.

O padre Cícero ensinava os Preceitos Ecológicos, orientava sobre a agricultura, na preservação das plantas e do cuidado em conservar a mata, armazenar água, cuidar dos animais, aproveitar as plantas da caatinga. Essa iniciativa de padre Cícero, hoje largamente disseminada no Nordeste, foi ressaltada por Dr. Rubens Ricupero, ex-ministro do Meio Ambiente, o qual, em artigo publicado no jornal O Globo (19.01.94) registrou:

O padre Cícero pregou em pleno sertão nordestino a palavra que hoje a consciência ambiental a duras penas começa a inscrever na nossa visão de mundo. Muito antes de que se realizasse a I Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, ele teve essa percepção aguda de algo que constitui antes de tudo um interesse legítimo, identificado por quem está próximo da realidade.<sup>11</sup>

Segundo Marques<sup>12</sup>, no Cariri, há mais de cem anos, quando ninguém falava em Ecologia, o padre Cícero, como extraordinário homem de vanguarda que foi, antecipava-se e ensinava os Preceitos Ecológicos aos romeiros, utilizando a linguagem do povo simples e sertanejo, falava da terra, da natureza, das plantas e do cuidado que

---

<sup>10</sup> ARAUJO, M. L. D., A Cidade do Padre Cícero, p. 72.

<sup>11</sup> MARQUES, D. W., Padre Cícero e a Ecologia.

<sup>12</sup> MARQUES, D. W., Padre Cícero e a Ecologia.

deveríamos ter em não derrubar o mato, não toquem fogo no roçado, armazenem água em cisternas, cuidar dos animais, plantar e cuidar dos alimentos.

Sabe-se que o preceito ecológico hoje apresentado na forma de decálogo ecológico foi organizado pelo falecido ecologista, engenheiro agrônomo J. Vasconcelos Sobrinho, que teve a iniciativa de ordenar os conselhos do padre Cicero quando pela janela da sua casa se dirigia aos romeiros, e os conselhos escritos via cartas.

## 2. Preceitos Ecológicos do Padre Cicero

Apresenta-se a seguir os Preceitos Ecológicos do padre Cicero e as respectivas defesas para cada um, entendendo-os como proposta de formação para o sertanejo que passava por Juazeiro ou para aqueles que ali viviam, abrindo caminho para a Educação Ambiental. Marques<sup>13</sup> expõe os Preceitos do padre Cícero, comprovando o seu saber à frente da sua época:

### 2.1. Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau

De forma simples, padre Cicero ensinava a preservação dos recursos naturais, nesse caso o cuidado com a vegetação nativa, porque com a criação de gado e o aumento nas plantações, precisavam ser orientadas, para que não houvesse desmatamento. Por outro lado, fazia uma chamada para a valorização das plantas e da sua função ambiental, inclusive na questão do clima.

### 2.2. Não toque fogo no roçado nem na caatinga

A Caatinga é uma vegetação exclusiva da região nordeste, seu poder de se refazer justifica a vivência no clima seco, com poucas chuvas. As queimadas são uma técnica muito antiga que até hoje ainda perdura, servindo para preparar o terreno para o plantio, porém a queimada compromete o solo por matar os microrganismos, diminuindo a fertilidade da terra, que terá que se refazer. Chama a atenção os conhecimentos de agricultura que o padre Cicero possuía, auxiliando

---

<sup>13</sup> MARQUES, D. W., A Sabedoria do Padre Cícero, p. 67.

o homem da terra a cuidar da plantação de forma correta, com ações em prol do meio ambiente.

### 2.3. Não cace mais e deixe os bichos viverem

Segundo a Lei nº 5.197/1967,<sup>14</sup> Art. 1º: Os animais de quaisquer espécies em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais são propriedades do Estado, sendo proibida a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha. Observa-se o caminho correto trilhado pelo padre Cicero quando nos primeiros anos de 1900, bem antes da lei, já aplicava a ecologia nos seus ensinamentos para o povo nordestino.

### 2.4. Não crie o boi nem o bode solto; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer

As técnicas conservacionistas garantem a recuperação da fertilidade do solo arenoso, acrescenta-se o aumento da lavoura e a diminuição dos custos na produção, trazendo sustentabilidade ambiental para a atividade. A questão dos animais soltos prejudica o terreno, eles andam, pisoteiam e ainda, alimentam-se da produção cultivada. Animais soltos são motivos de desentendimentos entre vizinhos, o que provavelmente na época, o padre Cicero precisava conciliar.

### 2.5. Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza

Veja que esses são conhecimentos sobre erosão, cuidar para o solo não ser carregado, até mesmo menciona conceitos de curvas de níveis, que orienta as plantações em terrenos inclinados.

---

<sup>14</sup> BRASIL, Lei Nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967.

## 2.6. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva

A escassez de água é vinculada a desigualdade social e ao manejo e uso sustentável do recurso natural. Na região nordeste a escassez da água é uma realidade para os estados e municípios, inclusive alguns municípios são abastecidos via carros pipas. No início do século de 1900, era expressiva a falta de abastecimento de água nas casas. padre Cicero, como andava a frente do seu tempo, já sugeria a construção de cisternas. Ainda hoje há regiões que sofrem a escassez de água e vários projetos foram realizados para a construção de cisternas no semiárido brasileiro.

## 2.7. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta

Percebe-se que os preceitos apresentam intercessões ou até se complementam, como é o caso desse item, 2.7 e o anterior, 2.6. As cisternas, como também o ato de represar os riachos são ações para enfrentar a escassez d'água. Padre Cicero nesses dois últimos preceitos ensina ações que trabalham o desperdício da água e o armazenamento de água para os moradores da região.

## 2.8. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.

Os conselhos do padre Cicero eram de acordo com a necessidade por ele percebida, inclusive no caso de uma região que mesmo sendo considerada uma região privilegiada por estar em um vale, arrodada pela Chapada do Araripe, precisava tanto ser preservada suas arvores, como preocupar-se em plantar arvores frutíferas ou outras espécies. Portanto, os ensinamentos revestiam-se de uma verdadeira educação ambiental, na qual apontava para uma vivência ecológica para um povo de pouco saber, sem recursos, porém de respeito para a escuta do padre que eles acreditavam.

2.9. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca.

Complementando os ensinamentos ecológicos, padre Cícero falava das plantas que resistiam à seca em tempos difíceis para o sertanejo, como a maniçoba (*Manihot sp*), favela (*Cnidoscolus phyeacanthus*) e a jurema (*Mimosa tenuiflora*) normalmente utilizadas como forrageiras para bovinos, caprinos e ovinos e suínos, além de servir para fabricação de cerca, lenha e carvão.<sup>15</sup>

2.10. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer, mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai viver um deserto só.

A advertência do padre Cícero, demonstra sua visão ecológica, ressaltando que, se o homem cuida do ambiente em que vive, poderá ter uma convivência melhor com a seca, caso não respeite o ambiente, terá como resultado o desgaste do solo, o que se constata atualmente, áreas de desertificação na região Nordeste.

### 3. Padre Cícero, e o Aspecto Socioambiental à luz da Carta Encíclica *Laudato Si'* do Santo padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum.

Os Preceitos Ecológicos do padre Cícero são conselhos para uma vivência ecológica de forma integral. Segundo Francisco<sup>16</sup>, a ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social<sup>17</sup>. É “o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição”.<sup>18</sup> Pretende-se apresentar os ensinamentos do padre Cícero, vivenciados em Juazeiro do Norte

<sup>15</sup> LIMA, J. L. S., Plantas forrageiras das caatingas. p. 1-38

<sup>16</sup> FRANCISCO, PP., Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS).

<sup>17</sup> LS 156

<sup>18</sup> PAULO IV, PP. Constituição pastoral *Gaudium et spes* (GS).

nos anos de 1872 a 1934, à luz da Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS) do Papa Francisco.

A Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, lançada em 24 de maio de 2015, é a primeira encíclica social do Papa, tendo na sua essência a discussão das questões ambientais, integrando, portanto, as dimensões ambiental e social, desenvolvendo o pensamento de uma Ecologia Integral, que envolve as dimensões da Ecologia ambiental, econômica e social; da Ecologia cultural e da Ecologia da vida quotidiana; a *Laudato Si'* nos ensina que “tudo está interligado”.<sup>19</sup> Lembrando a relação com o bem comum, por isso o subtítulo da encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. No planeta habitam os seres humanos e todo o conjunto da criação em profunda relação com o ser humano: “O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos”.<sup>20</sup> A *Laudato Si'* é dirigida a “toda pessoa que habita este planeta”.<sup>21</sup>

#### Segundo a Encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si'*:

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.<sup>22</sup>

Complementa que o integral requer a valorização do humano e de suas relações entre si, com o outro e com o ambiente:

Mas, ao mesmo tempo, torna-se atual a necessidade imperiosa do humanismo, que faz apelo aos distintos saberes, incluindo o econômico, para uma visão mais integral e integradora. Hoje, a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo

---

<sup>19</sup> LS 91

<sup>20</sup> LS 2

<sup>21</sup> LS 3

<sup>22</sup> LS 39

mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente.<sup>23</sup>

Padre Cícero Romão Batista, implantou uma personalidade de liderança no povoado de Juazeiro, conquistou o povo com seus conselhos e ensinamentos, pregava com austeridade e era manso para ajudar cada fiel. Ensinou deste o cuidado com a terra, a vivência com a seca, a importância da educação, a defesa da família. Registro de frases do padre Cícero: “Todo aquele que ensina é portador de luz para os que não sabem”. “Sem educação religiosa perfeita, não há agremiação que progrida e que seja útil a si, à família, à sociedade e à Pátria”.<sup>24</sup>

Apresenta-se nos itens a seguir, os ensinamentos do padre Cícero, conforme Silva<sup>25</sup>, dialogando com o documento Nossa casa Comum<sup>26</sup>, identificando saberes comuns. São expostos primeiro os conselhos do padre Cícero, depois, a citação do documento *Laudato Si'*, identificado com LS e numerados, em seguida, a análise de ambas as citações.

3.1. Padre Cícero: Tu não vês nem um pé de árvore florir e depois ficar cheios de frutas? Não vês as coisas nascendo umas das outras? É por que não pensar que isso tem um autor? O autor disso é Deus.<sup>27</sup>

Habitualmente também não se faz objeto de adequada análise a substituição da flora silvestre por áreas florestais com árvores, que geralmente são monoculturas. É que pode afetar gravemente uma biodiversidade que não é albergada pelas novas espécies que se implantam.<sup>28</sup>

Percebe-se na expressão do padre Cícero: Não vês as coisas nascendo umas das outras? Há uma sintonia com a Ecologia Integral, pois segundo o Papa Francisco, tudo está interligado. Uma ação com alguma espécie pode afetar a biodiversidade, que é tão rica no Brasil. No entanto, tão explorada e necessária a sua preservação.

---

<sup>23</sup> LS

<sup>24</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho.

<sup>25</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho

<sup>26</sup> FRANCISCO, PP., Carta Encíclica *Laudato Si'*.

<sup>27</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho

<sup>28</sup> LS 39

### 3.2. Padre Cícero: Que horror é a guerra! Não há dúvida, é o começo do fim.<sup>29</sup>

É previsível que, perante o esgotamento de alguns recursos, se vá criando um cenário favorável para novas guerras, disfarçadas sob nobres reivindicações. A guerra causa sempre danos graves ao meio ambiente e à riqueza cultural dos povos, e os riscos avolumam-se quando se pensa na energia nuclear e nas armas biológicas.<sup>30</sup>

As citações do padre Cícero e do Papa Francisco, complementam-se; a guerra é um horror porque afeta gravemente o meio ambiente e a cultura dos povos e o que agrava, mais ainda, é a questão do desenvolvimento armamentista que ainda é permitido.

### 3.3. Padre Cícero: O tremendo flagelo da fome apresenta-se diante dos meus olhos com todos os seus horrores; só um milagre nos pode salvar.<sup>31</sup>

Uma maior escassez de água provocará o aumento do custo dos alimentos e de vários produtos que dependem do seu uso. Alguns estudos assinalaram o risco de sofrer uma aguda escassez de água dentro de poucas décadas, se não forem tomadas medidas urgentes.<sup>32</sup>

A Citação do padre Cícero fala da fome, que pode ser interligada com o tema da escassez de água, tão comum no sertão nordestino. O contexto das secas vivenciadas pelo padre Cícero predominava ambiente degradado, sem produção e além da falta de alimento, uma pobreza acentuada, forçando o sertanejo deixar sua terra e ir em busca de trabalho para sustento da família em outras regiões.

---

<sup>29</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho

<sup>30</sup> LS 57

<sup>31</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho

<sup>32</sup> LS 31

3.4. Padre Cícero: Por aqui não temos revolução, estamos em paz. O que está fazendo horrores é a fome e a seca que amedrontam tudo.<sup>33</sup>

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.<sup>34</sup>

Percebe-se a repetição dos temas da fome e da seca, tão comum nas regiões Nordeste e a preocupação do padre Cícero com temas como a fome tão presente no cotidiano do povo pobre da região. A Carta do Papa Francisco chama a atenção para os temas ambientais e sociais estarem interligados, anunciando que as soluções devem considerar que ações ambientais refletem na vida das pessoas e da sociedade e portando, faz-se necessário o combate à pobreza e ao mesmo tempo o cuidado com natureza.

3.5. Padre Cícero: Temos aqui bons lugares próprios para açudes que podem ser aproveitados e este pobre povo, tendo trabalho possa escapar.<sup>35</sup>

Não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres.<sup>36</sup>

Padre Cícero, nesta citação, apresenta uma preocupação com a situação do povo, o desemprego e a possibilidade de trabalho, bem como a construção de açudes que é a alternativa para represar a água para o uso das atividades humanas. Segundo Marques<sup>37</sup>, o professor e pesquisador Ariosto Holanda esclarece que padre Cícero inicia a cons-

---

<sup>33</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho

<sup>34</sup> LS 139

<sup>35</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho.

<sup>36</sup> LS 49

<sup>37</sup> MARQUES, D. W., Depoimentos sobre Padre Cícero.

trução de diversos açudes com a ajuda de mão-de-obra dos romeiros, e depois vem atuar de maneira decisiva na criação e estruturação da antiga Inspeção Federal de Obras Contra as Secas junto com Arrojado Lisboa. Ressaltamos, também, a personagem de líder e político do padre que procura integrar o social junto ao ambiental, em diálogo com a justiça.

### 3.6. Padre Cícero: Cada terra tem seu uso.<sup>38</sup>

O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos. A nível global, é um sistema complexo, que tem a ver com muitas condições essenciais para a vida humana... E incidiu também a prática crescente de mudar a utilização do solo, principalmente o desflorestamento para finalidade agrícola.<sup>39</sup>

Padre Cícero era o líder e sacerdote que, acolhendo os que chegavam à cidade, incentiva ao trabalho, especialmente a plantação de lavouras para a garantia de alimentação, em uma linguagem atualizada, aplicava a agricultura familiar, considerada um sistema sustentável. Segundo depoimento do naturalista, Phillip Von Luetzelberg: “padre Cícero é um homem que dispõe de instrução e saber invulgares. Aborda com igual facilidade a política e a história brasileira; tem conhecimentos profundos de história universal, ciências naturais, especialmente quanto à agricultura”.<sup>40</sup>

3.7. Padre Cícero: Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau; Não cace mais e deixe os bichos viverem; Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercado e deixe o pasto descansar para se refazer; Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não arraste e não se perca a sua riqueza; Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva; Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta; Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até

<sup>38</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho.

<sup>39</sup> LS 23

<sup>40</sup> MARQUES, D. W., Padre Cícero e a Ecologia.

que o sertão todo seja uma mata só. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como maniçoba, a favela e jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca.<sup>41</sup>

Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas – como procurei mostrar na exortação apostólica *Evangelii gaudium* [123] – exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum.<sup>42</sup>

Padre Cícero, diante dos seus conselhos, organizados em preceitos ecológicos, fez uma opção preferencial pelos mais pobres, numa atitude de solidariedade, que hoje comunga com as convicções de fé e a realização do bem comum da exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, bem como a Carta *Laudado Si*. Ressalta-se a defesa do padre Cícero na proteção dos recursos naturais, inclusive ele termina os preceitos dizendo: “Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer. Mas se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só”.

3.8. Padre Cícero: Que em cada casa haja uma oficina e um oratório.<sup>43</sup>

Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir duma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade... no que diz res-

---

<sup>41</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho.

<sup>42</sup> LS 158

<sup>43</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho.

peito às questões sociais, pode-se constatar isto mesmo no desenvolvimento da doutrina social da Igreja, chamada a enriquecer-se cada vez mais a partir dos novos desafios.<sup>44</sup>

Padre Cicero, assumindo a missão de sacerdote e preocupado com seus fiéis, ensinava e aconselhava, pois conhecia as necessidades do povo e as condições de pobreza da maioria da população. Assim, incentivava o trabalho do artesanato, atividade manual com palhas, confeccionando chapéus, esteiras e outros utensílios, atividades de flandeiros e as fabricas de sapados e, mais adiante, as ourivesarias, contribuindo para transformar aquela realidade. Também aconselhava a oração, fazendo de sua sala da frente, uma sala do santo, inclusive ensinou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, recomendando as famílias que rezasse a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus e de Maria. Hoje ainda é alta a prática do seguimento às recomendações do padre Cicero, e são muitas as casas que na sala tem um oratório e no quintal, uma oficina.

3.9. Padre Cicero: Em nome de Deus e da Santíssima Virgem, venho nos trazer São Francisco para Juazeiro, fundando aqui sua casa para salvar almas e um colégio para ensinar a santa doutrina no meio de uma grande população que tem a melhor boa vontade para as coisas de Deus.<sup>45</sup>

Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa. Isto exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepende-se de coração, mudar a partir de dentro.<sup>46</sup>

Padre Cícero estava sempre fazendo planos para o povo e para Juazeiro e a perspectiva de vinda dos capuchinhos para Juazeiro, com os ensinamentos de São Francisco das Chagas sobre a natureza e cuidado com os irmãos, aconteceu com a chegada dos frades em 1949.

---

<sup>44</sup> LS 63

<sup>45</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho.

<sup>46</sup> LS 218

Em 1950 a diocese do Crato fez a doação do terreno, inclusive terreno doado pelo padre Cicero para a construção do Santuário de São Francisco das Chagas, que hoje comporta cerca de 30 mil peregrinos em época de romaria. Os Franciscanos também construíram o Colégio e o Convento que participam da educação da cidade, bem como encaminham para novas vocações sacerdotais.

3.10 Padre Cicero: Ao Colégio (Salesianos), nesta terra, para todo e sempre, serão a maior tranquilidade para a minha alma na outra vida. E rogo a esses bons e veneráveis servos de Deus, os padres Salesianos, que me façam esta grande caridade, instituindo nesta terra uma obra completa.<sup>47</sup>

Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer? Esta pergunta não toca apenas o meio ambiente de maneira isolada, porque não se pode pôr a questão de forma fragmentária. Quando nos interrogamos acerca do mundo que queremos deixar, referimo-nos sobretudo à sua orientação geral, ao seu sentido, aos seus valores. Se não pulsa nelas esta pergunta de fundo, não creio que as nossas preocupações ecológicas possam alcançar efeitos importantes. Mas, se esta pergunta é posta com coragem, leva-nos inexoravelmente a outras questões muito diretas: Com que finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?<sup>48</sup>

Padre Cicero, quando viajou a Roma para defender-se, conheceu a obra de São João Bosco e se encantou com o trabalho que realizavam com os jovens, por isso em seu testamento deixou a maior parte do seu patrimônio para os Salesianos. Contou com os salesianos para educar o povo de Juazeiro, e em 1942 os Salesianos chegaram a Juazeiro. Construíram a igreja no Sagrado Coração de Jesus e fundaram o Colégio Salesiano São João Bosco que desenvolve uma educação diferenciada, transmitindo uma educação religiosa. O Horto é propriedade dos Salesianos herdado de padre Cicero, inclusive era o seu espaço de oração e hoje, onde se encontra a sua estátua, é local de visitaçãõ,

<sup>47</sup> SILVA, C. J., 366 dias com o Padrinho.

<sup>48</sup> LS 160

principalmente, pelos romeiros. Vale lembrar que, recentemente, foi inaugurado em 03 de fevereiro de 2024, o Santuário do Bom Jesus do Horto, com a presença do Reitor-Mor Cardeal Ángel Fernandez Ártime com capacidade para 10 mil pessoas.<sup>49</sup>

Dessa forma, os Salesianos corresponderam a vontade do padre Cicero em educar o povo pobre e dar novas oportunidades para melhorar de vida. Segundo Carvalho<sup>50</sup>, o Horto é um Geosítio pertencente ao Geopark da Chapada do Araripe, tendo o mirante a 2.650 metros, compondo a estátua do padre Cicero de 27m de altura, o Museu Vivo do padre Cícero, a Igreja do Senhor Bom Jesus do Horto e ainda duas pequenas capelas, onde os romeiros vem rezar e pagar suas promessas. A colina oferece visão panorâmica de todo o Vale do Cariri e da Chapada do Araripe.

## Conclusão

O Servo de Deus, padre Cicero Romão Batista com seu saber guiou o povo do Juazeiro do Norte e de quem chegavam à cidade para o trabalho e para a conservação da família, reconhecendo que o cuidado com o ambiente e a comunidade proporcionariam uma melhoria na vida de cada habitante.

Nesse contexto, constata-se a importância de estudos e pesquisa sobre os conhecimentos divulgados pelo padre Cicero que oportuniza a sociedade, romeiros e devotos acesso a seus conselhos na área ambiental e social, favorecendo uma mudança de atitudes nas práticas ambientais e na compreensão dos desafios sociais que contribuem para a transformação de algumas realidades atuais.

No que diz respeito aos conselhos do Servo de Deus padre Cicero e a Encíclica *Laudato Si'*, identificou-se pontos comuns, podendo-se enfatizar o desejo do respeito ao meio ambiente e à dignidade do ser humano se encontraram, expressando a Ecologia Integral, além do reconhecimento da necessidade de defesa dos pobres que ressoam nos conselhos do padre Cícero e no coração do Papa Francisco, autor da Encíclica *Laudato Si'*.

---

<sup>49</sup> SANTOS, C. M., Padre Cícero.

<sup>50</sup> CARVALHO, C., Geoparque Araripe.

Vale lembrar a importância da espiritualidade na vida do Servo de Deus padre Cícero, inclusive era no Horto que ele subia ao monte para fazer suas orações, chegar mais perto de Deus. Quando ele conviveu com o povo pobre do Juazeiro foi buscar nos Franciscanos, de São Francisco de Assis, Santo do amor e da Ecologia e também os Salesianos de São Francisco de Sales e de Dom Bosco, ensinamentos que proporcionassem meios para a melhoria da vida do pobre.

Papa Francisco, também, na Encíclica *Laudado Si'*, vai buscar em São Francisco louvar a Deus e encontrar seu reflexo em toda sua criação, anunciando que, Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior. *LAUDATO SI', mi' Signore* – Louvado sejas, meu Senhor», cantava São Francisco de Assis.<sup>51</sup>

## Referências bibliográficas

ARAUJO, M.L.D. **A Cidade do Padre Cícero**: Trabalho e Fé. 1º Ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

BARROS, Luitgarde O. C. **Juazeiro do Padre Cícero**: a terra da mãe de Deus, 2 ed. Fortaleza: Editora: IMEPH. 2008

BRASIL - Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos LEI Nº 5.197, DE 3 DE JANEIRO DE 1967. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5197.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5197.htm)>. Acesso em: 21 mar. 2024

CARVALHO, Cleide. **Geoparque Araripe**: conheça os principais pontos de visita-ção da terra dos fósseis no Ceará. O Globo, 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/06/geoparque-araripe-conheca-os-principais-pontos-de-visitacao-da-terra-dos-fosseis-no-ceara.ghtml>> Acesso: 13 mar.2024

CAVA, Ralph Della. Cariri: o impacto do desenvolvimento regional. In: ARAÚJO, R. **Juazeiro do Padre Cícero**: antologia. Juazeiro do Norte: Impressão Gráfica Mascote, 1994. 143p.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estado. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/juazeiro-do-norte.html>> Aces- so:15 jun.2024

---

<sup>51</sup> LS 10

LIMA, J.L.S. Plantas forrageiras das caatingas. EMBRAPA/CPATSA/PNE/RBG-KEW, 38p. 1996. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/132354/plantas-forrageiras-das-caatingas-usos-e-potencialidades>>. Acesso em: 25 mar. 2024

LUETZELBERG, Phillip Von. **Estudo Botânico do Nordeste**, Rio de Janeiro, Ministério da Viação e Obras Públicas, 1923, p. 59.

MARQUES, Daniel Walker. **A Sabedoria do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Os Juazeiros Editora, 2004. 112p.

MARQUES, Daniel Walker- Padre Cícero e a Ecologia. Blog do Padre Cícero. Disponível em: <<http://www.padrecicero.net/p/preceitos-ecologicos.html>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

PAULO IV, PP. Constituição pastoral *Gaudium et spes*: sobre a igreja no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 1998.

PEREIRA, Cieusa Maria. C. **Análise da Problemática do Lixo nas Romarias em Juazeiro do Norte**. Universidade Federal do Ceará – UFC. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento e meio Ambiente- PRODEMA. 2005, 139p.

PEREIRA, Cieusa Maria C. **Análise socioambiental da cidade de Juazeiro do Norte**: Subsídios para a Construção da Agenda 21 Local. 2013. 160f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. UNESP, Rio Claro: 2013.

SILVA, Padre Cícero José da. **366 Dias com o Padrinho**. São Paulo: Paulinas, 2021.

SANTOS Cristiane Maria — **Padre Cícero: salesiano cooperador póstumo!** Salesianos Cooperadores. Disponível: <<https://sscregiaobrasil.com.br/noticias/pe-cicero-romao-batista-padim-cico-salesiano-cooperador-postumo-em-juazeiro-do-norte>> Acesso em : 25/04/2024.

# Padre Cícero e a Teologia da Enxada: afirmação do Cristianismo Místico Beato

*Artur Peregrino<sup>1</sup>*

## Introdução

Não deveria haver mais razões para se marginalizar a mística beata, nem o santo que fez o que podia, no seu contexto, para cuidar dos pobres (Gilbraz de Souza Aragão).

O padre Cícero Romão Batista (24/03/1844 – 20/07/1934), “o Patriarca do Nordeste”, tem sido objeto de muitos estudos. Livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, cordéis etc. já foram escritos e continuam atraindo cada vez mais interessados que procuram aprofundar e entender o fenômeno do Juazeiro.

A figura de padre Cícero Romão tem impactos diretos na realidade cultural, política, social e econômica na região do Cariri cearense. A sociedade brasileira, na segunda metade do século XIX, passava por progressivas e rápidas mudanças.

As romarias, desde cedo, tinham um caráter de protesto simbólico, mesmo sem ser consciente. A linguagem simbólica está sempre presente e é usada para expressar uma afirmação de resistência. As romarias ocultam um significado vigoroso, em que o símbolo aproxima o divino do humano, é a ponte que os liga.

O fenômeno das romarias do Juazeiro lança uma reflexão sobre a religiosidade contemporânea. A influência da religião nos novos contextos vividos pela sociedade é inegável. Até porque no nosso substrato social, historicamente convivemos com uma “cultura católica”, na medida que se encontra difundida na população. Sabemos que a

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela UNICAP e mestre em Antropologia pela UFPE. Professor do Curso de Teologia na UNICAP e membro do Instituto Humanitas - IHU UNICAP; pesquisador do Grupo de pesquisa UNICAP/CNPq Religiões, identidades e diálogos, na linha de pesquisa Diálogos inter-religiosos; membro do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7211033121825699>. E-mail: [artur.peregrino@unicap.br](mailto:artur.peregrino@unicap.br).

dimensão religiosa é marcada e condicionada por razões psicológicas, sociológicas ou culturais. Convivemos com expressões religiosas novas a partir do que se convencionou chamar de novos movimentos religiosos. As interpretações são variadas sobre cada um, mas podemos diagnosticar elementos comuns.

A Teologia da Enxada surgiu no coração do Nordeste brasileiro. Surgiu no ano de 1969 e tem como base a reflexão a partir da realidade do povo do campo. Surgiu a partir de um grupo de 09 estudantes de Teologia que se reuniram para estudar e ensinar teologia por meio de diálogos com os camponeses. Para isto, viveram três anos no interior, dedicando-se ao trabalho no campo e ao estudo teológico a partir da imersão nesta realidade<sup>2</sup>. O expoente principal é o teólogo José Comblin.

Chamamos de cristianismo místico beato a um movimento em torno das romarias do padre Cícero Romão, que faz parte de um universo religioso e simbólico mais amplo, para além de Juazeiro do Norte, marcado pela inclusão do pobre e pela comunhão solidária.

Queremos mostrar uma realidade histórica que só pode ser compreendida a partir de um cenário mais amplo, onde também estão inseridos os acontecimentos históricos no campo político, econômico e social, somados ao trabalho missionário do padre Ibiapina, os quais nos oferecem uma base consistente para a compreensão do fenômeno em questão. Canudos com o beato Antônio Conselheiro, Juazeiro com padre Cícero e Caldeirão com o beato José Lourenço podem ser compreendidos a partir de um mesmo vetor.

## 1. Movimento Popular de Juazeiro expresso nas Romarias

A história dos oprimidos não possui outros registros senão a memória oral de sua gente, as páginas policiais de nossos jornais, os arquivos criminais de nossa justiça (*Diatahy Bezerra de Menezes*).

Primeiro de tudo, recordamos que na história do cristianismo sempre tivemos movimentos populares que se firmaram a partir de

---

<sup>2</sup> COMBLIN, José. Teologia da enxada.

uma grande resistência. Ainda na idade média recordamos o movimento popular da época.

Os movimentos dos pobres medievais representaram uma contestação ao regime de cristandade que se estabeleceu desde a idade antiga ainda sob o domínio do imperador Constantino (272 – 337). Fazendo uma linha do tempo histórica podemos perceber que a Idade Média foi marcada pelo que se denominou chamar de cristandade. A cristandade era um regime onde houve um casamento do trono e do altar<sup>3</sup>. Claramente uma época marcada pelo teocentrismo, onde o elemento religioso perpassava todos os poros da sociedade. O professor Alder Júlio Calado, João Pessoa – PB, fala que a Idade Média foi um período “grávido de alternativas”.

É bem verdade que não se aceita mais, na historiografia, chamar a Idade Média de “Idade das Trevas”. A Idade Média guardou o conhecimento da Idade Antiga. As universidades são filhas desse período com o Movimento Escolástico (1100). Vejamos o que diz a feliz reflexão do professor Alder Júlio Calado:

Ainda hoje ressoam, embora em menor grau, traços do injusto rótulo por vezes atribuído à Idade Média como uma era estritamente obscurantista – a famigerada ‘noite de mil anos’ [...] Pesquisas históricas mais recentes vêm ajudando a desconstruir e a reparar esse viés reducionista. Com efeito, notadamente os últimos séculos da Idade Média – a chamada baixa Idade Média – se apresentam, antes, como um tempo ‘novidoso’, grávido de alternativa; comportam traços surpreendentes, no que diz respeito ao multiforme protagonismo e inventividade então testemunhados por diferentes sujeitos (coletivos e individuais), dentre os quais aqui sublinhamos o protagonismo das mulheres orientadas por sua fé libertária<sup>4</sup>.

Muitas mudanças econômicas, religiosas, políticas e culturais ocorrem nesta fase. Nesse período podemos perceber a presença de elementos que se antecipam a períodos posteriores. Séculos de reconhecida inventividade, fazendo aparecer “fatos e situações que pre-

<sup>3</sup> AZZI, Riolando. O altar unido ao trono.

<sup>4</sup> CALADO, Alder Júlio Ferreira. Memória histórica e movimentos sociais, p. 4.

cedem, em séculos, a irrupção da Reforma Protestante” e de outros traços característicos da Modernidade.

Podemos detectar, nesse momento, várias Reformas antes da chamada Reforma Protestante<sup>5</sup>. Os movimentos pauperísticos (de pobreza) eram protagonizados, portanto, por vastas massas do povo dos pobres, animadas por lideranças proféticas, a buscarem afirmar sua fé cristã por horizonte e caminhos opostos aos seguidos e impostos pela religião eclesiástica, tão distante do espírito do Evangelho. Fazendo um paralelo com o contexto do final do século XIX e início do XX no Nordeste do Brasil veremos elementos comuns.

Na realidade, os movimentos dos pobres opunham sua vida de simplicidade e de pobreza; aos complicados códigos canônicos, preferiam a transparência do Evangelho; à voracidade e avidez pelo acúmulo de bens materiais, preferiam a partilha fraterna dos bens e de sua própria vida em mutirão.

Tanto no contexto medieval como no Nordeste do Brasil, naquela época, na origem desses movimentos havia uma radicalidade que denunciava o escândalo reinante dos donos de terra, senhor feudal – coronéis e barões. Esses movimentos criticavam as honrarias e privilégios diante de situações de abandono e miséria em que vivia o povo.

É importante lembrar uma figura importantíssima surgida no século XII. Trata-se de Francisco de Assis (1182-1226), um jovem italiano, de origem rica, que descobriu o caminho dos pobres. Fez uma opção radical de vida vivendo como pobre no meio dos pobres da época. Seguiu quase literalmente o evangelho de Jesus de Nazaré.

O movimento franciscano nas origens foi um marco. Foi uma maneira de ser cristão tendo no centro a figura do pobre. Foi um movimento de contestação a partir do testemunho. Podemos dizer que questionou profundamente o estilo de igreja medieval reinante como também uma sociedade baseada nos privilégios dos grandes.

De maneira muito sutil, como já falamos, o movimento das romarias ao Juazeiro do Norte surge e vai se impondo. Segundo Rui Facó: “ardiam ainda as chamas de Canudos (1897) quando o nome do padre

---

<sup>5</sup> PEREGRINO, Artur. Herança das reformas, p. 21

Cícero Romão Batista correu o país inteiro”<sup>6</sup>. Por isso, não há registros de alguma fala do padre Cícero Romão sobre Antônio Conselheiro e Canudos.

Em uma linha histórica do tempo percebemos que, por causa das severas perseguições dos últimos séculos, esse movimento popular de expressão religiosa foi se escondendo sob a imagem de uma inocente religiosidade popular, no cultivo devocional aos santos que se manifestou no sincretismo.

Sendo assim, a dinâmica místico-popular foi ficando em dificuldade de identificação<sup>7</sup>. Nesse sentido, a Igreja católica demonstrou sempre um poder muito grande de cooptação das expressões e do vigor popular através de associações leigas, como também dos oficialmente reconhecidos santuários de devoção sob sua administração.

Percebemos que há muitos casos de santuários populares, e Juazeiro não fugiu a essa regra, que na origem são marginalizados e desautorizados pelos bispos, mas depois são assumidos oficialmente. Em toda a América Latina temos vários casos assim, sendo os mais famosos os de Guadalupe, no México, e Aparecida do Norte, no Brasil. Constatamos que, no caso do Juazeiro, este não foi só desautorizado, mas perseguido duramente.

Na América Latina, as romarias do povo em busca dos lugares sagrados tiveram um número considerável. Enfatiza-se o caráter de penitência juntamente com o de conversão, que posteriormente se vinculou ao voto da promessa, que pela tradição e mentalidade indígena ganhou maior força. Na introdução, ao estudo comparado das religiões, Aldo Natale Terrin faz ver que “no mundo cristão temos toda uma tipologia das peregrinações que se define a partir do lugar sagrado e, ao mesmo tempo, é marcada pelo tempo em que o lugar se constituiu e pela devoção que o inspirou”<sup>8</sup>.

No Brasil, as romarias surgiram a partir de peregrinações do povo a santuários que, ao menos no início, e como já dissemos, não eram compreendidos pelos bispos e padres. Muitas destas igrejas surgiram a partir de milagres que não foram acreditados pelos bispos e até hoje

<sup>6</sup> FACÓ, RUI. Cangaceiros e fanáticos, p. 21.

<sup>7</sup> HOORNAERT, Eduardo. Os anjos de Canudos.

<sup>8</sup> TERRIN, Aldo Natale. Antropologia e horizontes do sagrado, p. 263.

são pouco aceitos ou não reconhecidos pelos meios oficiais das Igrejas. No caso do Juazeiro, é o fenômeno do milagre ocorrido com a Beata Maria de Araújo<sup>9</sup>.

Em todo o Brasil, vários dos santuários mais queridos do povo começaram a existir por movimentos e devoções que, com o tempo, passaram a receber peregrinos e peregrinas vindos de lugares cada vez mais distantes. Tornaram-se centros regionais e até nacionais. “Através das romarias a esses locais que as pessoas mais simples e pobres proclamaram como sagrados, o povo toma posse de uma terra santa, uma terra de milagre”<sup>10</sup>.

É a partir desse chão que se plasma, por meio das romarias, uma prática religiosa que expressa um tipo de cristianismo, longe dos grandes centros urbanos, que se afirma pela mística e carisma de pessoas reconhecidas como beatos e beatas.

## 2. Cristianismo Místico Beato

A tenacidade da religiosidade popular comporta um “mínimo de Igreja” e o máximo de mística aliada à ética. Eis o que nos parece ser o imperativo categórico do cristianismo místico beato (*Eduardo Hoor-naert*).

Ao fazer o discurso de abertura do III Simpósio Internacional sobre padre Cícero, o padre Murilo definiu quem são o romeiro e romeira, dizendo que

é preocupação para interpretarmos e não interpelarmos. O romeiro sai para o Juazeiro. Quer celebrar, participar, ser agente de um ritual que se iniciou bem longe e tem seu momento especial aqui. A comunidade local, na igreja ou nos outros lugares, deve tomar consciência do papel dela: acolher o romeiro, não atrapalhar o romeiro, não escravizar suas expressões, como se fosse proprietária do Santuário, castrando a liberdade e criatividade da liturgia da espacialidade. Características da fé romeira clamam por uma atitude pastoral de respeito de atenção e de carinho. A fé romeira é mais afeto que intelectualização, é mais leiga que clerical. Sua celebração quer o padre, mas é o leigo que é

<sup>9</sup> FORTI, Maria do Carmo Pagan. Maria do Juazeiro.

<sup>10</sup> BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. A festa dos pequenos, p. 21.

o romeiro. E quando um padre se larga a caminho, pode atropelar os passos do peregrino, a não ser, quando se faz um deles. Quem são os romeiros – também nos remete ao papel das lideranças da comunidade. Queremos caracterizar Juazeiro no Norte como um santuário, todo ele. Aberto para, pelo menos, não espantar os devotos da Mãe de Deus, a quem o padre Cícero ensinou a invocar como Mãe, Soberana. Romeiros simples, piedosos, que têm direito ao que lhes deve Juazeiro: acolhida, segurança, tratamento, distinção <sup>11</sup>.

Em muitos aspectos deduzimos que há pontos em comum entre o cristianismo místico beato e a tradição judaico-cristã. Primeiro de tudo, trata-se de um cristianismo extremamente simples, pode ser praticado a qualquer momento e em qualquer lugar, uma vez que sua teologia é mais colada à vida. Passa a ser primordial viver a aproximação ao pobre concreto, na vida cotidiana, de forma prática, gratuita e criativa. Este cristianismo popular foi quase sempre menosprezado, submetendo seus praticantes às doutrinas e aos ritos do corpo clerical. É impactante a frase dita por um hierarca europeu, ex-reitor do seminário da Prainha, onde estudou padre Cícero Romão, em relação ao milagre da Beata Maria de Araújo: “Nosso Senhor não iria deixar a Europa para fazer milagres no Brasil” <sup>12</sup>.

O cristianismo místico beato tem uma alma que se chama hospitalidade. Isso porque a centralidade é a boa convivência, das virtudes pessoais e familiares, do seguimento de Jesus, geralmente do Crucificado no qual os fiéis veem sua própria situação crucificada, por serem gente trabalhadora e sofrida. Esse cristianismo não deixa de ser festeiro, acompanhado de santos e santas protetores, cheios de cores, danças, comidas e bebidas. Acolher o outro não é algo accidental, mas é a alma de tudo.

Importante registrar que: Ibiapina, Antônio Conselheiro, Cícero Romão e José Lourenço eram pessoas normais. Não encontramos relato dessas figuras tendo visões ou aparições, vozes misteriosas ou momentos de êxtase, mas de momentos de união simples e intensa com Deus na conflitividade da história. Não seguiram tanto o caminho da

---

<sup>11</sup> SÁ BARRETO, Murilo de. Testemunho, serviço e fidelidade, p. 26.

<sup>12</sup> LIRA NETO. Poder, fé e guerra no sertão, p. 108.

ascese, que era muito comum na época, sobretudo da culpabilização e da culpabilidade, mas procuravam a espiritualidade da vida e da graça, seguindo sua consciência, sendo avessos à obediência “cega”.

A dimensão revolucionária do cristianismo místico beato faz parte de uma larga história de mulheres e homens. Captamos que fica abafada por uma incessante interferência por parte da burocracia eclesiástica. A história nos revela que as místicas e místicos sempre tiveram muitas dificuldades de lidar com o burocratismo institucional. É expressivo, nesse sentido, o que escreveu Eduardo Hoornaert:

Um cristianismo bem vivido comporta um “mínimo de Igreja” e um máximo de mística e sectarismo, evidentemente no bom sentido da palavra, aquele sectarismo que se fundamenta em exigências éticas. Eis o que nos parece ser o imperativo categórico do cristianismo beato<sup>13</sup>.

O dizer e o fazer estão profundamente ligados. Isso porque se faz o casamento entre o conhecimento (saber) popular e as experiências feitas com o saber letrado no intuito de minorar o sofrimento das pessoas no mundo. Mas o que seria o ‘catolicismo sertanejo’? Segundo Hoornaert, com o qual concordamos plenamente, é necessário ainda fazer uma sistematização desse tema. Sérios pesquisadores reconhecem que esse tema não deve ser reduzido a uma forma periférica e imperfeita da doutrina ortodoxa pregada por sacerdotes.

Surge, então, um tipo de cristianismo com uma aguda sensibilidade social. Nesse sentido, mesmo dentro da tradição ritual, esse cristianismo, na sua origem era formado por camponeses e camponeses. Surgia uma vertente de um catolicismo sertanejo, leigo, autônomo. E nessa característica temos lideranças ligadas com o que acontece no mundo. É daí que surge a lucidez que possibilita o profetismo.

É preciso analisar com muita calma o que aconteceu e acontece nesse campo do que chamamos de religião popular que tem sua forte expressão no catolicismo popular. Segundo Hoornaert, essa expressão do catolicismo

---

<sup>13</sup> HOORNAERT, Eduardo. Os anjos de Canudos, p. 133.

encontrou nos últimos dois séculos dois adversários ferrenhos. De um lado a Igreja, que sobretudo a partir do século XVI tanto persegue qualquer forma de devoção autônoma quanto demonstra uma grande habilidade em construir seu próprio edifício sobre a dinâmica devota e de outro lado a ciência moderna que – até bem recentemente – a identificava com atraso e ignorância<sup>14</sup>.

O cimento unificador do Cristianismo Místico Beato é o resultado de uma confluência entre valores ancestrais (tradição dos antigos) e valores cristãos, com destacada ênfase no cuidado e solidariedade. A mística é o fio condutor de todo caminho. Uma mística que se aproxima do pobre concreto e leva em conta seus sonhos e desejos. E aqui, segundo Rubem Alvez, a religião passa a ser uma “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza”<sup>15</sup>. Ele relaciona o surgimento das religiões à percepção das ausências e dos desejos, esperanças e utopias por uma realidade ideal, livre da opressão. A religião, estaria, assim, relacionada à ânsia por liberdade.

A mística vivida por este cristianismo popular, por meio das romarias, distancia-se do penitencialismo dos frades capuchinhos italianos, os primeiros e principais emissores do movimento da redução do Brasil à ‘obediência romana’<sup>16</sup>, como já discutimos alhures. No Nordeste, um exemplo foram as missões de frei Damião de Bozzano, acontecidas de 1931 a 1997, nas quais a culpabilização e a culpabilidade eram temas recorrentes.

O povo romeiro é um povo que reza e luta. Por isso, o rosário e o chapéu de palha. O chapéu de palha é um símbolo muito sugestivo que expressa o povo trabalhador, o povo romeiro e povo roceiro<sup>17</sup>. Quando pensamos e refletimos sobre a educação popular logo nos deparamos com a Teologia da Libertação. Ora, a Teologia da Enxada é a expressão mais nordestina da Teologia da Libertação.

---

<sup>14</sup> HOORNAERT, Eduardo. Os anjos de Canudos, p. 127.

<sup>15</sup> ALVES, Rubem. O que é religião, p. 24.

<sup>16</sup> AZZI, Riolando. A cristandade colonial: mito e ideologia; HOORNAERT, Eduardo. O cristianismo moreno no Brasil.

<sup>17</sup> DUMOULIN, Annette. A romaria em Juazeiro do Norte.

### 3. Teologia da enxada, uma experiência formativa libertária

O passado é capaz de estimular novas experiências para uma formação adequada para o dia de hoje (*José Comblin*).

Quem é esse povo romeiro? Annette Dumoulin fez uma formulação bem real para responder essa questão quando falava de sua condição social, dizendo que são quatro vezes marginalizados por uma boa parte da sociedade brasileira: “porque são pobres, porque são nordestinos, porque são romeiros e, pior ainda, porque são romeiros do padre Cícero”<sup>18</sup>, e acrescentamos uma quinta: é ainda em boa parte, povo roceiro, “do mato”.

É exatamente para esse povo roceiro que se cria uma experiência de formação teológica com os pés no chão. Foi em torno da segunda metade da década de 1960, que nasceu, no Nordeste brasileiro, simultaneamente em Pernambuco e na Paraíba, a experiência voltada para a formação missionária de e com jovens cristãos do meio popular rural. Era uma experiência com jovens então, seminaristas do então Seminário Regional do Nordeste, em Camaragibe, na área metropolitana de Recife, com a orientação de vários padres que se dedicavam à formação, sobretudo, padres estrangeiros trazidos por Dom Helder Camara. A marca forte dessa formação era a formação presbiteral especialmente voltada aos valores e aspirações dos pobres do meio rural. Uma formação que correspondesse melhor ao espírito e aos desafios da época. Vale lembrar que o Concílio Vaticano II era a grande motivação para trabalhar na perspectiva dos apelos da Igreja dos Pobres, tão fortemente acenada pela recente Conferência de Medellín (1968) que denunciava o pecado social estrutural e institucionalizado na América Latina.

Havia uma grande agitação política na metade do século XX. A efervescência da década de 1960 atingiu todos os setores da vida social e afetou a religião, a política, a organização da sociedade, a economia e a cultura. Na América Latina, um pouco antes, em 1º de janeiro de 1959, a revolução comandada por Fidel Castro,

---

<sup>18</sup> DUMOULIN, Annette. Padre Cícero, p. 11.

em Cuba, “esquenta” a “guerra fria”, trazendo a atenção para este continente.

Os ditos anos de chumbo da ditadura militar colocou de um lado quem era a favor da justiça e dos direitos humanos e do outro lado aqueles que exploravam e praticavam violência e tortura. Isso tudo levou a uma nova maneira de pensar e agir na relação entre Igreja e Estado. A partir de todo esse contexto da Igreja e do Estado se tonifica um movimento de militância de cristãos e lideranças religiosas, assim surgia uma nova teologia, a Teologia da Libertação. É dentro desse guarda-chuva que surge a Teologia da Enxada.

No período de 1964 a 1968 muitos acontecimentos no campo acirraram a perseguição aos trabalhadores. Os protestos e as greves rurais na agroindústria açucareira de Pernambuco, no período compreendido, levantam algumas questões sobre o processo de reestruturação do movimento sindical rural após a instauração da ditadura militar no Brasil. Desde antes de 1964 o campo estava marcado por um movimento que se tornou nacionalmente conhecido como Ligas Camponesas, que se iniciou, de fato, no engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão, nos limites da região do Agreste com a Zona da Mata de Pernambuco.

Com o golpe militar de 1964 houve a desagregação do movimento. Eliminou as organizações, mas não desarticulou suas reivindicações básicas, que seriam incorporadas pelos sindicatos rurais no período seguinte (1965-1983). Era um turbilhão de acontecimentos e o campo tinha uma participação muito importante nesse contexto.

Passadas várias décadas, houve uma diversificação dessa experiência formativa para jovens do campo. Com o passar do tempo, a experiência foi sendo enriquecida, sob vários aspectos. Um deles foi a diversificação da proposta, em razão da diversidade de perfis de formandos. Uns sentiam-se chamados à vida contemplativa; outros aspiravam ser missionárias num contexto de família, optando pelo casamento; outros desejavam a vida itinerante de peregrinos.

Da fecunda experiência vivida foram igualmente criadas várias associações, com o objetivo de conferir àquelas experiências um cunho de relativa autonomia perante as constantes alterações de humor, conforme a linha do vigário ou do bispo da ocasião. Vale salientar

que essas experiências contavam com o acompanhamento direto do padre José Comblin e uma equipe de professores e professoras. Essa rica experiência continua, na medida em que todos que passaram por ela, continuam sua ação no mundo. O padre José Comblin, na década de 1970, assim conclui sua sistematização intitulada Teologia da Enxada: uma experiência da Igreja no Nordeste: “ainda que ligados a uma instituição, a nossa missão é estar a serviço do Reino, a serviço das pessoas. A instituição deve ser um instrumento de trabalho”<sup>19</sup>.

A Teologia da Enxada não ignora as genuínas expressões da fé popular, pelo contrário, assume-as. Por isso, o cristianismo místico beato participa dessa rica experiência. No catolicismo brasileiro anterior à romanização da segunda parte do século XIX, há o misticismo de beatos e beatas, dentro do “guarda-chuva” da assim chamada religiosidade popular, das romarias e da devoção aos santos. Essa tenacidade impressionante podemos verificar nas expressões coletivas fomentadas por padre Ibiapina e seguidas por Canudos, Caldeirão e Juazeiro.

## Conclusão

Uma corrente inspirada pela etnologia e pela análise sociológica da ‘Teologia da Libertação’ procura descobrir os valores que vivem no povo e são fundamentais da sua cultura. Segundo esta corrente, o catolicismo legítimo e verdadeiro é o catolicismo popular que é desconhecido e alienado pelo catolicismo dominante. O catolicismo oficial, dominante – dizem os protagonistas desta corrente – sempre foi o catolicismo dos dominadores. Segundo isto, agora se trata de “restituir à tradição popular a sua força performativa (Paulo Süss).

O cristianismo místico beato desenvolvido em Juazeiro e em suas romarias teve um cimento unificador na dimensão da comunhão solidária. A comunhão humana e a solidariedade presentes nas romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão, como elementos estruturantes de toda espiritualidade romeira, constituem um ponto de vista antropológico, uma referência importante para os estudos de religião. Nos discursos dos romeiros e romeiras há elementos indígenas que são

---

<sup>19</sup> COMBLIN, José. Teologia da enxada, p. 115.

incorporados na tradição religiosa católica, demonstrando que o popular é constituído por processos híbridos e complexos. A romaria é um acontecimento popular e como tal tem uma mística peculiar que se baseia na experiência cotidiana. A própria romaria desenvolve uma espiritualidade que tem os pés no chão.

Uma teologia que se presa assume um lugar e um rosto. Nas palavras de Gutiérrez, esse olhar para o outro, “o pobre não é, portanto, somente uma pauta pastoral e uma perspectiva de reflexão teológica; é também, em primeiro lugar, um movimento espiritual no sentido forte da expressão”<sup>20</sup>. Nesse sentido, o rosto do pobre é provocação e juízo, por sua simples revelação. E “a opção pelos excluídos e excluídas da globalização neoliberal é, antes de uma atitude ética, uma verdade teológica, pois está arraigada no mistério de Deus, que se revela na história como Deus dos pobres”<sup>21</sup>.

A própria experiência da romaria chega até nós, vem-nos como manifestação, epifania de um rosto que nos desafia porque subverte todo e qualquer esforço de constituição categorial. Os discursos, os relatos de vida do povo romeiro, abrem-se como um apelo do pobre, da viúva, da criança e do estrangeiro, para um outro mundo em que se cultiva a suprema lei do sonho e da esperança, da emoção e da poesia.

O cristianismo místico beato espelha uma “prática religiosa que tem Deus mais na vida do que no nome”<sup>22</sup>.

No processo de burocratização da Igreja Católica no Brasil, pensou-se que fosse fácil passar um pano por cima da história anterior da vida mística no Brasil, ao concentrar o povo em paróquias e dioceses, casas paroquiais e cúrias diocesanas, seminários e centros pastorais. Mas a tenacidade da religiosidade popular não deixa dúvidas: o cristianismo místico beato resiste.

---

<sup>20</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard. *Ao lado dos pobres*, p. 119.

<sup>21</sup> SUSIN, Luis Carlos. *Teologia para outro mundo possível*, p. 450.

<sup>22</sup> BEZERRA, Benedito Gomes (org.). *A palavra de Deus na palavra dos pobres*, p. 127.

## Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- AZZI, Riolando. **O altar unido ao trono: um projeto conservador**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- AZZI, Riolando. **A cristandade colonial: mito e ideologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. **A festa dos pequenos: as romarias da terra no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1996.
- BEZERRA, Benedito Gomes (org.). **A palavra de Deus na palavra dos pobres: reflexão a partir da periferia**. Olinda: AGN Gráfica, 2007.
- CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Memória histórica e movimentos sociais: ecos libertários de heresias**. João Pessoa: Ideias Editora, 2012.
- COMBLIN, José. **Teologia da enxada: uma experiência da Igreja no Nordeste**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- DUMOULIN, Annette. A romaria em Juazeiro do Norte. **Romeiros de ontem e de hoje: peregrinação e romaria na bíblia**, Petrópolis, n. 28, p. 42-53, jan./jun., 1990.
- DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero: santo dos pobres, santo da igreja**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FACÓ, RUI. **Cangaceiros e fanáticos**. 6. ed. Fortaleza: UFC: Civilização Brasileira, 1980.
- FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro**. São Paulo: Annablume, 1999.
- GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard. **Ao lado dos pobres**. A teologia da libertação é uma teologia da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2014.
- HOORNAERT, Eduardo. **O cristianismo moreno no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- HOORNAERT, Eduardo. **Os anjos de Canudos: uma revisão histórica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LIRA NETO. **Poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PEREGRINO, Artur. **Herança das reformas: papel de mulheres e homens em 500 anos de história**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- PEREGRINO, Artur. Lula o andarilho. In: LOPES, Mauro (org.). **Lula e a espiritualidade: oração, meditação e militância**. Curitiba: Kottter Editorial, 2019.
- SÁ BARRETO, Murilo de. **Testemunho, serviço e fidelidade**. Juazeiro do Norte: Gráfica Mãe das Dores, 1998.
- SUSIN, Luis Carlos. **Teologia para outro mundo possível**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões**. São Paulo: Paulus, 2004.

# Maria de Araújo: A Santa preta violentada

*Carlos Alberto Tolovi<sup>1</sup>*

## Introdução

Se tomarmos como base a ideia de que o milagre se caracteriza por um acontecimento inexplicável racionalmente, cientificamente, envolvendo a fé que liga o ser humano ao transcendente, podemos nos perguntar: o sangramento da hóstia na boca da Beata Maria de Araújo foi explicado pela ciência? As acusações de embuste foram amparadas em fundamentações comprobatórias, ou em hipóteses levantadas para justificar a guerra ideológica na relação de poder entre a Igreja Católica hierárquica e a religiosidade popular? A quem interessava a negação do “milagre”? A quem o milagre gerava empoderamento? Enfim, o suposto “milagre da hóstia” acabou se transformando no epicentro de uma relação política que envolvia três seguimentos: a Igreja Católica, o Estado e o movimento da religiosidade popular. Isso tomando como referência a ideia de que o “coração” da política se constitui por relações de poder que envolve uma determinada coletividade.

Mas, como se deu mesmo essa manifestação extraordinária tendo Maria de Araújo como a personagem central?

Uma das obras que se tornou fonte de pesquisa importante na área acadêmica traz justamente este tema “*Milagre em Joaseiro*”. Ela retrata esse acontecimento.

No dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela do Joaseiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam todas as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri - URCA – CE. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5568312499773865>.

branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da paixão até o dia da festa da ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer diariamente.<sup>2</sup>

Esse fato se transformou em um evento extraordinário, que deu origem a diversas narrativas e que, por sua vez, fomentou o início das romarias ao Joazeiro.<sup>3</sup> Depois desse fenômeno aquele lugar jamais seria o mesmo. E a vida de Maria de Araújo também se transformaria. Ela deixaria de ser apenas uma dentre as diversas beatas de padre Cícero. Passaria a ocupar um lugar de destaque em um embate histórico que culminou na construção de um santo: padre Cícero. Mas, afinal, se o milagre da hóstia aconteceu na boca da Beata Maria de Araújo, então, por que padre Cícero foi quem se tornou santo para o povo? Por que a Beata praticamente desapareceu do cenário religioso? Por que não há indignação popular – nem mesmo entre os romeiro e romeiras – diante do fato de que Maria de Araújo continua sem túmulo?<sup>4</sup> A quem interessava – e ainda interessa – a ausência de um “lugar” para a Beata?

Nosso intuito aqui é justamente problematizar para gerar reflexão e debate. Proporcionar tensão dialógica que nos possibilite sair do senso comum que nos acomoda na aceitação passiva de acontecimentos históricos que refletem contradições e injustiça.

Em um determinado momento histórico, a figura de Maria de Araújo foi colocada no centro de um conflito que envolvia a política e a religião. Politicamente, o fenômeno que mobiliza multidões em romarias e que vai aumentando o número de residentes em Juazeiro do Norte, gera empoderamento à figura de padre Cícero. E nesse campo, Maria de Araújo desaparece. E o que aparentemente surge como um conflito teológico, no fundo se desdobra como um embate ideológico, tendo também como base a definição de relações de poder – política.

<sup>2</sup> CAVA, Ralph Della., Milagre em Juazeiro, p. 40.

<sup>3</sup> Forma escrita reproduzida dos primeiros registros sobre o povoado originário que irá posteriormente se transformar na grande Juazeiro do Norte.

<sup>4</sup> Sobre este assunto temos uma obra muito interessante que levanta a pergunta que pouca gente faz: “Onde está Maria de Araújo”? Sobre este assunto SILVA, Nilze Costa e., *A Mulher Sem Túmulo*.

Portanto, a mesma mulher que desencadeia todos os embates, conflitos em todos os campos, aos poucos vai sendo invisibilizada.<sup>5</sup> Teologicamente ela foi condenada. O que justificava o fato de ser violentada. Politicamente ela se tornou insignificante – à sombra do Patriarca do Juazeiro do Norte. Porém, no campo da ciência da Religião e da sociedade civil organizada ela ainda continua nos provocando. Assim, provocados por ela, queremos gerar o “desconforto” necessário para reflexões mais profundas.

## 1. Maria de Araújo: a Beata que abalou as estruturas

Antes de sua morte ela foi interrogada por diversas vezes. Primeiro por uma comissão que apenas tinha como missão o esclarecimento dos fatos para serem relatados ao bispo. Como o primeiro relatório foi favorável ao “milagre”, essa comissão foi destituída. A conclusão das investigações colocava o fato no campo do extraordinário, envolvendo o sacramento mais importante da Igreja católica: a eucaristia. O problema era que essa conclusão não afirmava apenas um acontecimento milagroso, mas, por tabela, estaria santificando uma mulher preta e analfabeta, com perfil e identidade ligada à religiosidade popular. E quando isso se somava ao fenômeno Canudos, com a manifestação de “rebeldia” de outro beato – o teimoso e temido Conselheiro –, então para a Igreja uma “luz vermelha” se acendia. Afinal, como uma mulher simples do povo poderia ousar assumir um lugar de protagonismo sem que esse fosse oferecido pela própria Igreja? Como poderia o povo decretar um milagre sem que esse fosse antes aprovado pela instituição? Como Deus ousaria se manifestar fora das estruturas hierárquicas milenarmente constituídas? Se sua hierarquia se constitui pelo masculino, se sua estrutura de poder se constitui pela centralização, se sua sobrevivência depende da obediência de seus fiéis, então o fenômeno da hóstia não era apenas um simples acontecimento. Abria “portas e janelas” para que os fiéis pudessem “olhar para fora” das estruturas constituídas, com relações de poder bem delimitadas.

Portanto, a decisão de negar o “milagre” era muito mais política do que teológica. A teologia poderia servir de tentativa de justificação,

---

<sup>5</sup> DINIZ, Priscila R. Jeronimo., *Eu não estou aqui... Aliás, eu estou aqui!*

mas a política se constituía como a principal motivação. Por isso o Bispo D. Joaquim determina:

A única coisa que eu imponho é que não se publiquem quaisquer factos, dando-se lhes carácter miraculoso, de sorte que faça abalo no povo. Si Maria de Araújo recebe realmente poderes do céu, que os vá gozando só, sem perturbar a boa ordem da Diocese.<sup>6</sup>

A “boa ordem da Diocese” é a ordem da hierarquia, clerical, masculinizada, legitimada por valores morais definidos pelos vencedores, nas relações de poder que estabelecem a hegemonia. Ordem essa que pode ser comparada à dos escribas e fariseus em conflito com as ações de Jesus, norteadas pela ética. O que justificava a morte física do Grande Mestre, determinava também a morte moral da Beata Maria de Araújo.

Como podemos perceber, o Bispo bem sabia que a repercussão do referido milagre poderia desencadear uma onda de fortalecimento da religiosidade popular, com todos os aspectos que estavam sendo combatidos pela hierarquia, com o rótulo de fanatismo. Neste contexto, o Prelado resolveu emitir documentos oficiais, sob o título de Cartas Pastorais. Foram quatro documentos oficiais – 1893, 1894, 1897, 1898 – todos com posicionamentos claros contra o suposto milagre. As cartas definiam a Beata como inimiga da Igreja e padre Cícero como rebelde e desobediente. Na primeira carta, o Bispo já deixava explícita a sua opinião e seu posicionamento: o sangue na hóstia não era de Cristo, mas da Beata. As causas do fenômeno seriam naturais e não sobrenaturais. Esse posicionamento colocava como embuste<sup>7</sup> aquilo que era compreendido como milagre pelos romeiros e romeiras. Colocava os dois principais personagens envolvidos diretamente no acontecimento, considerados pelo povo simples como agraciados por Deus, agora como condenados pela Igreja.

<sup>6</sup> CASIMIRO, Antônio R. Soares de., Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joazeiro, p. 500.

<sup>7</sup> “Embuste”, neste caso, refere-se a uma forma de enganação ou falsificação. Havia a suspeita de que aquele fenômeno estava sendo produzido intencionalmente, na tentativa de se usufruir dos resultados impactantes produzidos pelo mesmo.

Porém, Maria de Araújo resistia em seus posicionamentos, reafirmando suas convicções. O que irritava profundamente as autoridades da Igreja. Em uma carta de D. Joaquim José Vieira destinada ao padre Antônio Alexandrino de Alencar, essa irritação se manifesta claramente. “Si, a despeito de tudo, continuar a resistência por parte de Araújo ou de sua família, deverá intimá-la a deixar o hábito religioso de que usa ficando a mesma além disso privada dos Sacramentos.”<sup>8</sup>

Se de um lado Maria de Araújo começa a ser vista como a “santa do milagre”, de outro ela passa a ser atacada abertamente a partir da liderança e do lugar de poder que ocupa o próprio bispo. Em meio a essa guerra ideológica, em nome do sagrado, a Beata será duramente perseguida até o dia de sua morte.

Porém, não bastava a perseguição à Beata. Para a Igreja Católica, naquele momento, era preciso barrar o movimento que se fortalecia a cada dia em torno dessa manifestação. As pequenas capelas da zona rural da região começam a ganhar vida, a partir de lideranças das próprias comunidades. Com a ausência dos padres – que eram poucos para atender uma imensa demanda – esses espaços passaram a ser um ponto de encontro de grupos que se reuniam para rezar, cantar e dialogar sobre o que estava acontecendo em Juazeiro do Norte. Tomavam o fenômeno do sangramento da hóstia na boca de Maria de Araújo como sinal da presença e manifestação concreta de Deus no meio do povo simples e sertanejo, que passava a se perceber como participante de um milagre, mesmo que de forma indireta. Diante disso, o Bispo não teve dúvidas: na publicação da Pastoral Coletiva, de 1915, o artigo 823 traz a seguinte afirmação:

Sendo comuns em nossas dioceses abusos no funcionamento e na administração das capelinhas de estradas e até mesmo de bairros que circundam as localidades principais, queremos que os Rvds. Párcos mantenham-nas fechadas a todo e qualquer serviço religioso, a menos que não sejam observadas as seguintes cláusulas: 1ª – cada uma terá um zelador nomeado pelo pároco, com a obrigação rigorosa de não consentir que se façam nela festas, terços, ladainhas, rezas etc.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> CASIMIRO, Antônio R. Soares de., Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joazeiro, p. 645.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Pedro A. R. de, *Religião e Dominação de Classe*, p. 290.

Dessa forma, a Igreja pretendia retomar o controle das capelas, evitando autonomia e emancipação dos leigos. E Maria de Araújo, portanto, passou a ser considerada uma Beata perigosa, pois se transformara na representação simbólica que colocava em xeque uma teologia justificadora da centralidade do poder da Igreja como instituição hierárquica legitimada pela própria vontade divina. Portanto, se Deus não precisasse mais das autoridades dessa mesma Igreja para se manifestar, esse poder não teria mais razão de ser. O que indicava a gravidade do que vinha acontecendo em Canudos, Juazeiro do Norte e Caldeirão. Contudo, para combater Conselheiro e Zé Lourenço, bastou uma narrativa para justificar a ação interventora do Estado, agressiva e destrutiva, para dizimar experiências de autonomia, emancipação e protagonismo que nasciam ali. Mas com Maria de Araújo, sob a proteção de padre Cícero, que também desfrutava do fenômeno das romarias para a manutenção de seu próprio poder político, as coisas tiveram de tomar outro rumo. Por conta do “milagre”, defendido por padre Cícero, as romarias se tornavam cada vez mais volumosas, participativas e representativas do ponto de vista das relações de poder. A partir das romarias, as narrativas sobre o “lugar sagrado” se tornam mais fortes.

Acreditava-se que Juazeiro era um espaço de comunicação entre a Terra e o Céu. A transformação da hóstia em sangue anunciava que o remoto povoado era um território de purificação e salvação da alma. O milagre significava um aviso de Deus para converter os desviados e alimentar a fé dos devotos.<sup>10</sup>

E para defender esse “lugar”<sup>11</sup>, os romeiros e romeiras que vinham por conta do Milagre e eram acolhidos por padre Cícero não mediriam esforços.

Portanto, um embate teológico, ideológico e político já estava estabelecido. E uma Beata preta, analfabeta e tímida era personagem central. Sem ela não haveria romarias. Sem as romarias os conflitos

---

<sup>10</sup> RAMOS, Francisco R. L., *O Meio do Mundo*, p. 165.

<sup>11</sup> Esse “lugar” não se refere apenas a um espaço geográfico. É um lugar presente nas representações simbólicas da religiosidade popular que assume a narrativa de que estaria nascendo ali a “Nova Jerusalém”.

não se estabeleceriam. Sem os conflitos, a história de Juazeiro do Norte e de padre Cícero seriam completamente diferentes.

### 1.1 Maria de Araújo Abalou as estruturas da Igreja Católica

Internamente a Igreja percebeu que enfrentava um problema: padre Ibiapina, com as Casas de Caridade, fortalecia o movimento de empoderamento dos leigos em torno da figura das Beatas. E padre Cícero, como seguidor e admirador de Ibiapina, herdava essa demanda e dava continuidade a essa mesma concepção de seu mestre. Portanto, dois movimentos internos se faziam necessários: o isolamento da figura e influência de Ibiapina com o fechamento ou apropriação das Casas de Caridade, retirando-as das mãos dos “leigos”,<sup>12</sup> e a retirada de padre Cícero da cena do Milagre, afastando-o da Beata. No caso de padre Cícero, contudo, fazia-se necessário envolver até o Vaticano. Para castigar o padre desobediente se fazia necessário a aprovação da Santa Sé. E para que essa aprovação fosse possível foi criada toda uma narrativa justificando a necessidade de atitudes enérgicas para barrar o fluxo migratória para o Juazeiro do Norte e o empoderamento de mais um Movimento da Religiosidade popular. Neste contexto, Cícero foi intimado a negar publicamente o milagre nos seguintes termos:

Ordenamos ainda ao Reverendo Cícero se desdiga no púlpito da proposição que avançou afirmando que o sangue aparecido nas sagradas partículas era o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo; pois que não o é e nem pode ser, segundo os ensinamentos da Theologia Catholica.<sup>13</sup>

É importante percebermos o contexto em que se dá esse conflito. Por parte da Igreja, um processo de romanização em busca de maior centralização do poder. Por outro lado, a religiosidade popular gerando uma grande mobilização de “fiéis” em torno de lideranças leigas, como as de Antônio Conselheiro e Beato José Lourenço, possibilitando autonomia nos campos político, econômico e religioso. E o fenômeno

---

<sup>12</sup> Na Igreja católica a denominação “leigos” indica cristãos que não fazem parte do clero ou da hierarquia. Portanto, não são “ordenados”. Apesar de poderem participar ativamente das atividades da Igreja.

<sup>13</sup> CASIMIRO, Antônio R. Soares de., *Padre Cícero Romão Batista e os fatos de Joazeiro*, p. 29.

da hóstia em torno de Maria de Araújo se dava em meio a essa tensão no campo das relações de poder.

Contudo, o que levava os fiéis a acreditarem no fenômeno da hóstia que sangrava e nos estigmas que Maria de Araújo apresentava em seu próprio corpo?

Essa adesão coletiva não se encontrava fora de contexto. O discurso era carregado de símbolos e signos, que produziam significados que, por sua vez, extrapolavam os limites da objetividade, fazendo sentido em meio aos interlocutores (teofania).<sup>14</sup> Jesus estava se manifestando pela boca de uma Beata, orientada espiritualmente por um padre que acolhia o fenômeno na perspectiva de um milagre. Os relatos em torno desse acontecimento representavam narrativas de esperança para milhares de desesperançados.

O “lugar” – Juazeiro do Norte – estava sendo consagrado pelas romarias que se multiplicavam, motivadas pelo fenômeno do sangramento da hóstia na boca de uma Beata. Uma mulher simples e analfabeta, um lugarejo insignificante política e economicamente, porém, na ótica da religiosidade popular, uma santa em um lugar santo. Uma santificação escolhida por Deus para se manifestar entre os seres humanos de forma mais visível e concreta.

Através das Cartas Pastorais, do fechamento da Capela onde ocorrera o milagre e da retirada das Ordens Sacerdotais de padre Cícero, o Bispo pretendia acabar com as romarias, pois, para ele estas representavam manifestações de fanatismo, de um povo ignorante que não conhecia a teologia e nem estava disposto a obedecer a Igreja. Em uma carta datada de 16 de junho de 1891, padre Antônio Fernandes da Silva Távora narra a D. Joaquim o que percebera em Juazeiro do Norte: “O povo chegou a um ponto tal, que me parece inútil qualquer passo dado pela autoridade eclesiástica relativamente àqueles acontecimentos.”<sup>15</sup>

No ano seguinte, aos 18 de junho de 1892, padre Antônio Alexandrino escreve a D. Joaquim:

---

<sup>14</sup> Refere-se a uma forma de manifestação de Deus.

<sup>15</sup> CASIMIRO, Antônio R. Soares de., *Padre Cícero Romão Batista e os fatos de Joazeiro*, p. 503.

Cumpr-me comunicar à VEx. os últimos factos ocorridos no Joazeiro. As romarias para este lugar nunca foram tão numerosas, digo, estão sendo tão numerosas que causam espanto. Parece impossível acabar com a afluência do povo naquela Capela. Tem vindo de Alagoas, Escada, Pernambuco, Terezina, Bahia, Amazonas e até das fronteiras do Peru.<sup>16</sup>

As cartas relatam ao Bispo uma situação incontrolável, do ponto de vista da hierarquia, algo que para a Igreja Oficial se caracterizava como uma forma de “anarquia.” A rebeldia de Maria de Araújo, não aceitando se curvar diante das autoridades hierárquicas, representava a manifestação de autonomia da religiosidade popular da época.

### 3. A gritante violência contra a Beata Maria de Araújo

Foram muitas as formas de violência registradas contra a Beata Maria de Araújo. Por parte da Igreja, a primeira grande violência se enquadra no campo étnico racial.

Uma obra de 1913, denominada “*Joazeiro do Cariry*”, descreve Maria de Araújo expressando toda a carga de preconceitos e rejeição, refletidos nas expressões da época.

Maria de Araújo que deve orçar hoje pelos seus cinquenta anos, é de estatura regular; produzia, triste, vagarosa, entanguida, essencialmente cachetica, porque tem ela uma série ascendente de cacheticos ou tuberculosos. [...] O nariz irrompe d’entre os olhos, sem base, e, levantando-se, a pouco e pouco, alarga-se de azas chatas até os ossos malares, achamboirados, estupidos, nas gelhentas bochechas cavas. [...] Eis, meu amigo, em ligeiros traços, o transumpto d’essa cacodemoniaca criatura que deve de ser mulher, que assim o indica a penula, a murça, a bata, o vestuário, sobretal, de beata.<sup>17</sup>

Uma Igreja, com estrutura de poder eurocêntrica, com supremacia branca, com hegemonia masculina, ao se manifestar sobre esse fenômeno, revela a sua face preconceituosa e discriminatória.

<sup>16</sup> CASIMIRO, Antônio R. Soares de., *Padre Cícero Romão Batista e os fatos de Joazeiro*, p. 566.

<sup>17</sup> PEIXOTO, Alencar., *O Joazeiro do Cariry*, p. 42 – 43.

A outra forma de violência se dá no campo do gênero. Depois que Maria de Araújo passou por diversas formas de humilhação e constrangimento, depois que enfrentou diversos interrogatórios, tendo já a reprovação como foco da segunda comissão constituída pelo Bispo, ela ainda foi aprisionada no Crato. Local onde sofre o seu maior constrangimento, tendo de ficar com a boca aberta por 15 minutos diante de uma comissão, ao tomar a comunhão. Lugar também onde recebe uma agressão física narrada com aprovação por um representante da Igreja. Enfim, a imposição da autoridade masculina e clerical sobre a figura do feminino era tal que Otacílio Anselmo chega ao descrever com ares de normalidade essa agressão física sofrida por Maria de Araújo. O que se deu pelas mãos de padre Alexandrino, coordenador da segunda comissão, que mantinha a Beata como prisioneira na Casa de Caridade do Crato, com a função de produzir o relatório solicitado pelo Bispo. Este se irritou ao ficar sabendo que a Beata havia dito que o milagre não acontecia na frente dos padres da segunda comissão, diante das testemunhas convidadas por estes, pelo fato de os mesmos estarem em pecado mortal. “Naquele instante, movido por injustificada indignação, o Comissário Diocesano munuiu-se de uma palmatória, aplicou doze bolos<sup>18</sup> na solerte embusteira e mandou-a de volta para o Juazeiro.”<sup>19</sup>

Por parte da hierarquia não havia dúvida: o “milagre” deveria ser negado. Contudo, para que este fosse negado fazia-se necessário ocultar as narrativas e a figura de Maria de Araújo. O que não parecia tão difícil, afinal,

Maria de Araújo faz parte daqueles ‘sem-lugar’, ‘sem-poder’, dos leigos, ou ainda mais, de acordo com o código de Direito Canônico vigente na época, abaixo dos leigos, pois era mulher. Ou ainda mais: abaixo do status de mulher, pois era negra: “raça infecta” pelas constituições do arcebispado da Bahia. E podemos ir mais longe na desqualificação de Maria de Araújo: era analfabeta. Ela, portanto, fazia parte daqueles que não constroem a história.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> “Bolos”: uma expressão nordestina que significa batidas na palma da mão se utilizando de um instrumento “disciplinador” chamado palmatória.

<sup>19</sup> ANSELMO, Otacílio., Padre *Cícero*, p. 160.

<sup>20</sup> FORTI, Maria do Carmo P., Maria de Araújo, p. 109.

Por isso, as agressões poderiam ser explícitas, tanto nos discursos quanto nos escritos em notícias de jornal, artigos e livros. Neste contexto, uma das citações mais agressivas veio de Alencar Peixoto, antes mesmo do conflito armado envolvendo Juazeiro e as forças do Governo.

Uma cabra de cabelo ulotricho e mastigado que servia fora de casa, mas muitas vezes não podia trabalhar e se ficava de cama por causa das sovas que amiudamente lhe dava o macho, o marido. [...] Quanto á hibridez moral d'essa candorça diabólica a quem se ligara pela lei das moléculas afins, e com quem concertara o padre Cícero aquele super satânico embuste iterativo da hóstia em sangue transformada, quem poderá debuxá-la? <sup>21</sup>

É nesse contexto que a história registra a última forma de agressão sofrida por Maria de Araújo – a violação de seu túmulo. O que poderia revelar essa violação? Por que a Beata continuaria sendo temida pela Igreja? Por que a necessidade de combater a sua memória?

A Igreja percebe que a decisão de padre Cícero de construir o túmulo da Beata dentro da capela favoreceria visitas dos romeiros e romeiras. O que manteria viva a memória da mulher que enfrentou a hierarquia Católica e desencadeou toda a revolução histórica envolvendo Juazeiro do Norte. O que incomodava profundamente os mantenedores da ordem institucional que tinha como objetivo combater as romarias, no contexto do embate às manifestações e o fortalecimento da religiosidade popular.

O falecimento da Beata ocorre aos 17 de janeiro de 1914. Ano do grande conflito histórico conhecido como a “Sedição de Juazeiro”, que colocava a liderança religiosa de padre Cícero à serviço da liderança política de Floro Bartolomeu, que, por sua vez, colocava-se à serviço das oligarquias cearenses.

Após sua morte, imediatamente padre Cícero ordena a construção de seu túmulo dentro da capela do Socorro. Onde ficou até 1930, quando ocorreu a violação do local, com o desaparecimento de seus restos mortais. Atualmente, em 2024, quase 100 anos após esse ocor-

---

<sup>21</sup> PEIXOTO, Alencar., *O Joazeiro do Cariry*, p. 41; 44.

rido, a Igreja Católica, a partir de sua hierarquia, se mantém em completo silêncio. Ninguém respondeu ou responde à pergunta feita pela Sociedade Civil Organizada e pela comunidade romeira: onde estão os restos mortais de Maria de Araújo?

Visitando a mesma capela, tendo ao fundo o principal cemitério da cidade, com túmulos que se destacam revelando poder político e econômico das famílias, não se encontra referência à Maria de Araújo. E o mais gritante simbolicamente: quem quiser visitar a sua lápide, que faz menção a sua morte, precisa se dirigir ao lado externo da capela, em um lugar que não possibilita acúmulo de pessoas, discretamente situado – na parede da mesma. É a representação da tentativa de ocultação da história e memória dessa mulher que esteve na base do processo revolucionário pelo qual passou Juazeiro do Norte. Sem Maria de Araújo não haveria o “milagre da hóstia”. Sem esse “milagre” não haveria romarias. Sem as romarias a história de Juazeiro seria completamente diferente.

Com a Beata Maria de Araújo, o sangue derramado e o sofrimento de Cristo “se encontrava” com o sofrimento dos sertanejos nordes-tinos. O simbolismo do inferno e do purgatório estava muito próximo do sofrimento dos que eram penalizados pelas longas estiagens ou pela exploração dos coronéis. O céu era a possibilidade de transcendência que alimentava a esperança de todos. Portanto, não havia problema em se utilizar do simbolismo oferecido pela Igreja Oficial. O que importava era a narrativa que dava sentido a este simbolismo, dentro da realidade vivida.

Nessa mesma época o Beato Conselheiro – Canudos –, a Beata Maria de Araújo – Juazeiro – e o Beato José Lourenço – Caldeirão –, utilizando-se desse simbolismo, tiveram a coragem de propor uma nova forma de relações de poder. Porém, a reação da Igreja Católica e do Estado foi constituída de muita violência. A destruição de Canudos – com o massacre legitimado pelas duas instituições; a tentativa de destruição de Juazeiro – na guerra de 14 – e a completa destruição de Caldeirão, revelam o quanto experiências como essas, de autonomia e empoderamento popular, assombrava o poder hegemonicamente constituído pelos mantenedores de uma ordem social estratificada em suas bases e composição.

## Conclusão

Podemos dizer que o Juazeiro do Norte que conhecemos hoje começa a nascer no ano de 1889, quando se dá pela primeira vez o “milagre da hóstia” na boca de Maria de Araújo. A partir daquele momento o lugar geográfico começa a se transformar no “lugar” de manifestação divina, desencadeando narrativas em torno de um imaginário coletivo que favorecia e fortalecia numerosas e volumosas romarias. As romarias somaram-se às migrações, multiplicando, em pouco tempo, o número de residentes. Com o fluxo de pessoas o comércio se fortalece. Com grande número de residentes e comércio forte a emancipação se torna possível. Mas para se emancipar essa gente precisou enfrentar uma guerra – Sedição de Juazeiro –, 1914. Porém, fortalecidos pela fé – incentivados por padre Cícero – e mobilizados estrategicamente por Floro Bartolomeu, foi possível vencer o conflito. Vencendo o conflito e assumindo a emancipação, Juazeiro do Norte se transforma em um espaço geográfico não somente sagrado para os romeiros e romeiras, mas em um município de destaque no campo da geopolítica do Ceará.

Contudo, mesmo que façamos esse itinerário de forma mais prolongada uma coisa é certa: tudo começa na boca de Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo – a Beata do milagre. Com ela se dá o acontecimento fundante. E a partir desse acontecimento é que se definem as relações de poder que definem a história do Juazeiro do Norte.

E se nesse processo destacou-se muito o sofrimento de padre Cícero, destaque maior deveria se dar à violência sofrida por Maria de Araújo. O racismo, o machismo e a misoginia mostram sua “cara” nas agressões destinadas à pessoa da Beata. Uma personagem que ainda clama por justiça e reconhecimento. Uma mulher que foi colocada à sombra do Patriarcado,<sup>22</sup> e às margens da história local. Uma figura temida e perseguida até após a sua morte, com a profanação de seu túmulo e a violação de seus restos mortais - que até o momento não se sabe onde se encontram. Mas nós, pesquisadores e pesquisadoras, temos o dever de denunciar essa situação e contribuir para que essa memória não seja eliminada de nossa história. Afinal, a violência sofrida

---

<sup>22</sup> Não é por acaso que Padre Cícero é conhecido e reconhecido como o “Patriarca do Juazeiro”.

por Maria de Araújo representa a violência sofrida pelas mulheres em nossa cultura estruturalmente machista. O processo de colonialidade que fundamenta a visão de mundo de nossa sociedade, que por sua vez legitima essa violência contra a mulher, potencializa a mesma quando esta for preta. Essa realidade não é “coisa do passado”. Ela se manifesta concretamente nas favelas e periferias do nosso país. Ela está presente nas formas de preconceito naturalizado pela nossa sociedade estratificada; nas oportunidades de emprego; nas instituições hierarquicamente organizadas. A igreja católica se constitui como uma das representações mais claras dessa desigualdade nas relações de poder entre homens e mulheres. A mesma instituição que prega amor e igualdade não consegue incluir o feminino em sua estrutura hierárquica. Não oferece à mulher os mesmos direitos na relação com o “sagrado” que ela mesma institui, sacralizando uma relação machista e desigual.

Nesse contexto, com poderes para “sacralizar” e determinar o que é profano, é que os milagres são definidos. Afinal, quando um fenômeno não explicado pela ciência recebe da Igreja católica o “selo” de milagre? Quando a virgindade feminina foi sacralizada, como essa definição se enquadrava no processo de colonialidade, definidora das relações de poder? Nesse contexto, quantas mulheres pretas foram consideradas santas pela igreja?

Na Europa, diversos fenômenos envolvendo a hóstia consagrada foram legitimados como milagres. Afinal, esses acontecimentos fortaleciam a fé em um sacramento que é característico da igreja católica e, por sua vez, colocava nas mãos do homem o poder de mediação para a transubstanciação. Mesmo porque, só o padre pode consagrar a eucaristia. Portanto, havia um interesse ideológico bem claro. Sendo assim podemos perguntar: quem determina um milagre? O que determina o milagre? O fenômeno ou as relações de poder que envolvem os acontecimentos em torno do mesmo?

A história concreta de Maria de Araújo denuncia as fragilidades da Igreja católica no campo da ética. Para sustentar a sua postura de reprodução das desigualdades entre homens e mulheres ela recorreu à discursos e interpretações com fundamentos morais. Onde valores culturais se transformam em argumentos morais que normatizam, normalizam e naturalizam as relações de poder estabelecida na desigualdade,

sem enfrentar problemas de contestação social. Nesse tema, a Igreja não consegue abrir suas “portas” para a reflexão ética. Afinal, teria de levar em conta princípios includentes, dentro de uma lógica racional, que comprometeria toda a sua organização hierárquica, por ser estruturalmente masculina. E se em sua época Maria de Araújo foi vítima dessa estrutura, atualmente, na mesma cultura cristã, certamente temos outras “Marias” enfrentando a mesma visão hegemonicamente moralista, que se transforma em preconceitos e xenofobia. Haja visto as perseguições que estão enfrentando as religiões de matrizes africanas no Brasil.

E nós, da comunidade acadêmica, que contribuições podemos dar? De que forma podemos colaborar para ampliar esse debate? O resgate da reflexão em torno de Maria de Araújo não seria um caminho para colocarmos em destaque essas contradições?

Nos últimos anos, na Diocese do Crato e na Igreja Católica como um todo, a “reabilitação” de padre Cícero e sua Beatificação é assunto em destaque, aceito com naturalidade. Contudo, Maria de Araújo ainda não ocupa o seu devido “lugar”<sup>23</sup> nessa história, que resgata, parcialmente, a memória do Juazeiro do Norte. Este assunto ainda é visto como um tabu. Afinal, quem terá de responder sobre o desaparecimento dos restos mortais da mesma se não a Igreja Católica Apostólica Romana? E como esta responderá a profanação do túmulo sem retomar as contradições históricas evidenciadas por essa mulher? Enfim, haveria hoje lugar no altar para uma Santa Preta, pobre, e que por ser analfabeta não sabia nem ao menos ler a bíblia? Ou esse “lugar” poderia ser ocupado somente por uma estátua encontrada nas águas de um rio, manchada pelo tempo e despersonalizada?

## Referências bibliográficas

ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero** – Mito e Realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CASIMIRO, Antônio Renato Soares de (Org.). **Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Juazeiro**. A Questão Religiosa, Fortaleza: SENAC, 2012.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

---

<sup>23</sup> “Lugar” – levando em conta um caráter ideológico.

DINIZ, Priscila R. Jeronimo. **Eu não estou aqui... Aliás, eu estou aqui!:** o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte – CE. João Pessoa, 2021. Tese. Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

FORTI, Maria do Carmo P. **Maria de Araújo:** a beata do Milagre. São Paulo: Anamblume, 1999.

OLIVEIRA, Pedro A. R. de. **Religião e Dominação de Classe:** Gênese, Estrutura, e Função do Catolicismo Romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEIXOTO, Alencar. **O Joazeiro do Cariry.** Edição provisória. S/ Local: S/ Ed. 1913.

RAMOS, Francisco R. L. **O Meio do Mundo:** Territórios de Sagrado em Juazeiro do Norte do padre Cícero. São Paulo: Tese de Doutorado em História na PUC – SP, 2000.

SILVA, Nilze Costa e. **A Mulher Sem Túmulo** – Vida Romanceada da Beata Maria de Araújo, protagonista dos “Milagres de Juazeiro, Ceará, em 1889. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010.

## 90 anos da morte do Padre Cícero Romão Batista

“Deus nunca deixou trabalho sem recompensa,  
nem lágrimas sem consolação”

*Dom Magnus Henrique Lopes, OFM Cap<sup>1</sup>*

“**E**is o meu servo, que escolhi; [...] porei nele o meu Espírito e ele anunciará às nações o direito”. Olhou com amor para o povo sertanejo e sensibilidade para todos aqueles que aqui chegavam em busca de uma fonte para saciar a sua sede e aliviar os sofrimentos das agruras que imperavam neste torrão nordestino e apresentou-lhes o Cristo, fonte de água viva que sacia toda sede.

Se a seca imperava levantando a aspereza da terra, o coração era regado com o orvalho do olhar e das palavras de esperança e amor deste grande sacerdote, Padre Cícero Romão Batista. Ninguém esquecerá o homem incansável, caridoso, cheio de fé e obediente nas circunstâncias sombrias do seu tempo. Esforçou-se em fazer a vontade de Deus e confiou como o salmista: “*O Senhor não esquece do clamor dos aflitos*” (Sl 9). Em preces, Padre Cícero apresentava a Deus aqueles que lhe foram confiados: “Vós, porém, vedes a dor e o sofrimento, vós olhais e tomais tudo em vossas mãos! A vós o pobre se abandona confiante, sois, dos órfãos, vigilante protetor” (Sl 9,14).

Padre Cícero assumiu a paternidade do Bom Pastor para com os que dele se achegavam como órfãos do mundo, esquecidos e entregues à aspereza da seca, da fome e do abandono miserável. Tornou-se pai, amigo, irmão, pastor e padrinho com o coração movido pela misericórdia do Senhor.

Era 20 de julho de 1934. E naquele dia, um humilde sacerdote encerrava sua passagem por esta terra, entregando com confiança a sua alma a Deus pela proteção de Nossa Senhora das Dores. A memória e

---

<sup>1</sup> Bispo de Crato/Ce. Homilia realizada na Celebração de 90 anos da morte de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte/Ce.

herança espiritual do Padre Cícero permanecem vivas no coração das novas gerações. Noventa anos depois da sua morte, multidões continuam a visitar Juazeiro para reverenciar aquele a quem chamam carinhosamente de “Meu Padim”.

O Grande Patriarca do Nordeste, o Padrinho dos romeiros e o sacerdote virtuoso e obediente, ocupa um lugar especial no altar do coração e no aconchego de cada lar. Padre Cícero permanece vivo e amado, como bem canta nossa gente, *“olha lá no alto do Horto, ele está vivo, o padre não está morto.”* Afinal, foi o próprio Senhor que prometera vida imortal àqueles que a Ele permanecessem unidos, como o fez Padre Cícero.

Assim como no Horto das oliveiras, Cristo suou sangue, Padre Cícero se compadeceu do suor do povo nordestino e fez desse horto lugar do encontro com a compaixão.

Padre Cícero, em toda a sua vida, sempre expressou o desejo de ser, cada vez mais, um discípulo e seguidor do Cristo Jesus. Ele foi um mensageiro incansável do Evangelho. O centro de sua pregação e de sua vivência pastoral, sempre foi o testemunho da misericórdia infinita de Deus. Acolhia e aconselhava milhares de “pecadores arrependidos”. Ele mesmo constatou (e escreveu) que “Juazeiro tornara-se – pela graça de Deus – um refúgio para os naufragos da vida”.

A sua fé católica e romana foi inabalável! E, ainda até hoje, serve de modelo para o povo. No seu testamento, Padre Cícero declarou: “Sou filho da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, em cuja Fé e Obediência sempre vivi e na qual quero morrer”.

Foi incansável defensor dos filhos e filhas prediletos de Deus, que o procuravam em suas aflições, gemendo e chorando no vale de lágrimas das veredas do duro sertão nordestino. Conduzia todos a encontrarem alívio, consolação e fortaleza nas doces e fartas torrentes dos sacramentos. Restaurava lhes, com o óleo da caridade, a dignidade perdida indicando-lhes, como bom pastor, o caminho do trabalho e da oração para uma vida digna de filhos e filhas de Deus.

Soube e ensinou a encontrar os remédios que o Médico dos médicos espalhou em sua criação, mesmo nas terras áridas e quentes do nosso chão sertanejo, estão ao acesso de todos para sanar as feridas do corpo sofrido de nosso povo forte e cheio de fé.

Centenas de famílias de retirantes, oriundas de vários Estados do Nordeste conseguiram sobreviver ao chegarem em Juazeiro e serem abrigadas pelo Padre Cícero, nas terras devolutas e desabitadas da extensa Chapada do Araripe.

Louvamos e agradecemos a Deus por este exímio sacerdote, que estava além do seu tempo. Sonhou e Sonhou! Seu sonho foi se espraiando nos corações e nas vidas dos mais necessitados, pois Padre Cícero não permaneceu indiferente à manifestação do amor de Deus. Acalentou, acolheu, partilhou o que recebia, foi sensível e obediente à vontade de Deus: “Tomou conta dos filhos de Deus”, foi incansável e abnegado. A visão do seu coração contemplava “particularmente sertanejos, malvestidos e quase todos descalços”. Eis o grande sonho do coração de Jesus, eis o grande sonho do Padre Cícero. O Pão de cada dia, o pão da misericórdia e do amor de Deus, precisam ser oferecidos a esta multidão faminta, que já não consegue mais sonhar.

Foi por causa desse sonho que o Padre Cícero entregou a sua vida e o seu ministério para aquela pequena e pobre aldeia de Juazeiro. Aquela gente humilde e necessitada viria a ser – nos anos seguintes – o grande número dos romeiros que passaram a visitar a Juazeiro do Norte e a fazer desta terra sua casa.

Queridos filhos, quão precioso legado recebemos do ministério deste fiel sacerdote. Inspirado pela beleza do Evangelho nos ensina a gastar a vida por aqueles que nos são confiados. Sejamos fiéis ao testemunho do Padre Cícero Romão e de tantos outros sacerdotes da nossa diocese que ontem e hoje consomem seus dias, no anonimato do serviço generoso ao anúncio de Cristo, como bons samaritanos, suavizando o jugo e aliviando o fardo que tantas vezes pesa sobre os ombros de nossa pobre gente. Aqui recordamos com um coração exultante de alegria a coragem, a bravura e o amor com que o Padre Murilo consumiu a sua vida pela evangelização e pela causa do Padre Cícero, Deus o recompense com a coroa imperecível.

O Bom Pastor continue a inspirar-nos e a atrair-nos, como clero da Diocese de Crato, como leigos, consagrados, para que exalemos o perfume de Cristo por onde passarmos. O odor de uma diocese romeira e missionária. Queridos romeiros, nós nos confiamos às vossas orações que são preciosas ao coração de Deus.

Aos Romeiros e Romeiras que mantiveram no “altar do coração” o nosso “Padim”, Deus vos recompense!

Uma palavra memorável a todos que ao longo dos anos, doaram a sua vida nas romarias e ficaram no anonimato. Somente Deus nunca esqueceu a sua bondade.

Nossas preces e gratidão as Irmãs Anete e Ana Tereza, Deus vos recompense por tamanho legado que semearam com as vossas vidas, nestas terras nordestinas. Deixaram tudo e aqui fizeram da pátria dos romeiros a sua pátria. Hoje contemplam lá do céu este novo tempo.

Nossos sentimentos de gratidão por todo o bem que o Padre Cícero fez em vida a partir da sombra do Juazeiro. Nunca esquecendo a vontade de Deus: “Padre Cícero, tome conta deles!”, nunca deixou que a dor e o desespero armasse a tenda no coração de todos que aqui chegavam. “Pois Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação”.

# Posfácio

*Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros<sup>1</sup>*

Chegando nos próximos três meses aos oitenta e três anos de Cidade, sou surpreendida pelo convite de uma professora da PUC-Rio, para escrever o posfácio do livro *O Testemunho e o legado de padre Cícero Romão Batista*, organizado pelos professores Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio, e Dr. José Carlos dos Santos, Professor da Universidade do Cariri

Nascendo no alto sertão de Alagoas, e sendo criada nas regras dos seguidores do Mundo Beato, sou tomada pela emoção que os santos dos nordestinos, padre mestre Ibiapina e padre Cícero Romão Batista, sempre me despertaram e despertam.

Na mais tenra infância, quando os romeiros do padre Cícero passavam pelo povoado onde vivia, dirigindo-se a pé para o Juazeiro, corria com os irmãos e primos e seguíamos cantando com eles, até a romaria desaparecer nas estradas de barro.

Agora, depois de me dedicar durante 61 anos ao estudo, à compreensão e à divulgação do mais importante movimento social do povo nordestino, desfruto neste livro o prazer da leitura de trabalhos dos maiores especialistas sobre a temática, justamente quando o Papa Francisco propõe a Beatificação desses dois sacerdotes.

Reencontro nessa obra muitos companheiros de congressos no Juazeiro e em vários Estados Brasileiros, como Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O surgimento da Sociologia da Religião, com destacados especialistas como o professor Cândido Procópio Ferreira de Camargo na PUCSP, foi um grande avanço nos estudos sobre a História do Brasil, principalmente na análise de muitos movimentos libertários do Nordeste, nos quais muitos sacerdotes foram fuzilados nas lutas pela in-

---

<sup>1</sup> Antropóloga com Doutorado e Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Aposentada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ.

dependência do domínio de Portugal, sobretudo em Pernambuco e no Ceará.

A temática trabalhada neste livro está também por novas interpretações, e a própria adesão do Cardeal Dom Orani e da PUC-Rio à causa dos dois santos do Nordeste, é um milagre.

A primeira tentativa do Vaticano de revisão dos processos contra o padre Cícero, em inícios da década de 1970, deveu-se ao Cardeal Ratzinger, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e futuro Papa Bento XVI (2005), enviando para o bispado do Crato, Dom Fernando Panico, de cidadania italiana, que escreveu uma bela página na resistência que lhe foi imposta pelos então “ainda vivos inimigos do padre Cícero”.

A leitura deste livro agora publicado representa uma nova interpretação dos “fatos do Juazeiro”, com a união do importante Bispado do Rio de Janeiro, além da “ida para outra vida” de muitos dos “acusadores do padre Cícero”.

# Nominata

Antonio Luiz Catelan Ferreira  
Carlos Frederico Barbosa de Souza  
Anderson Batista Monteiro  
Diogo Marangon Pessotto  
Fernanda Lemos  
Gilbraz de Souza Aragão  
Jair Rodrigues Melo  
Lúcia Pedrosa de Pádua  
Maria Jeane dos Santos Alves  
Newton Darwin de Andrade Cabral  
Nubia Ferreira de Almeida  
Rita Maria Gomes  
Tiago de Fraga Gomes  
Umberto de Araújo Medeiros  
Zuleica Dantas Pereira Campos

A presente obra, intitulada “O Testemunho e o Legado de Padre Cícero Romão Batista”, sob a organização da Profa. Francilaide de Queiroz Ronsi (PUC-Rio) e do Prof. José Carlos dos Santos (URCA), conta com a participação de pesquisadores de diferentes PPGs, com colaborações e textos inéditos. Ela surge no contexto da celebração dos 180 anos do nascimento (1844 – 2024) e 90 anos de morte (1934 – 2024) do Padre Cícero, “o Patriarca do Nordeste”. Recolhe textos e colaborações de diversas conferências do “II Simpósio Padre Cícero Romão Batista” (11 a 13/11/2024); o primeiro deu-se em 2020, por ocasião dos 150 anos de ordenação sacerdotal do Pe. Cícero (1870 – 2020), e os resultados foram igualmente publicados e disponibilizados ao público. Pelas contribuições, o leitor e a leitora terão ainda mais condições de aproximar-se da pessoa e do ministério do Pe. Cícero Romão Baptista, o qual, na religiosidade e devoção populares, é carinhosamente conhecido como Padre Cícero, *Padim Ciço* ou simplesmente *Padim*. Muitas obras já foram escritas (livros, artigos, cantigas, cordéis etc.) e muitas músicas já foram e são cantadas em honra a esta que é uma das figuras mais emblemáticas do catolicismo popular brasileiro, e que continua atraindo a atenção de muitos estudiosos, como é o caso concreto aqui, com excelentes textos. Com certeza, a novidade destes estudos encontra-se na atualização das últimas pesquisas. Ou seja, vale a pena ter esta obra em nossas bibliotecas, lê-la e consultá-la sempre, almejando que venham novas e que avancemos nas pesquisas sobre este grande personagem, o *Padim*.

**Prof. Dr. Waldecir Gonzaga**

Diretor do Departamento de Teologia da PUC-Rio



LETRACAPITAL

ISBN 978-65-5252-327-3 3



9 786552 152327 3